



Ana Carolina Rodrigues da Silva

# Os sentidos do passado ou o passado sentido

*mecanismos da memória nos  
escritos de padre Mendes Lira*

**u**  
Imprensa  
Universitária  
UFC



**Os sentidos do passado ou o  
passado sentido**  
mecanismos da memória nos  
escritos de padre Mendes Lira

Presidente da República  
**Michel Miguel Elias Temer Lulia**

Ministro da Educação  
**Rossieli Soares da Silva**

**Universidade Federal do Ceará - UFC**

Reitor  
**Prof. Henry de Holanda Campos**

Vice-Reitor  
**Prof. Custódio Luís Silva de Almeida**

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação  
**Prof. Antônio Gomes de Souza Filho**

Pró-Reitor de Planejamento e Administração  
**Prof. Almir Bittencourt da Silva**

Imprensa Universitária  
Diretor  
**Joaquim Melo de Albuquerque**

Conselho Editorial  
Presidente  
**Prof. Antônio Cláudio Lima Guimarães**

Conselheiros  
**Prof.<sup>a</sup> Angela Maria R. Mota Gutiérrez**  
**Prof. Ítalo Gurgel**  
**Prof. José Edmar da Silva Ribeiro**

**Os sentidos do passado ou o  
passado sentido**  
mecanismos da memória nos  
escritos de padre Mendes Lira

Ana Carolina Rodrigues da Silva



Fortaleza  
2018

**Os sentidos do passado ou o passado sentido: mecanismos da memória nos escritos de padre Mendes Lira**

Copyright © 2018 by Ana Carolina Rodrigues da Silva

Todos os direitos reservados

**IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL**

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Av. da Universidade, 2932, fundos - Benfica - Fortaleza - Ceará

Coordenação editorial

**Ivanaldo Maciel de Lima**

Revisão de texto

**Yvantelmack Dantas**

Normalização bibliográfica

**Marilzete Melo Nascimento**

Projeto visual

**Sandro Vasconcellos**

Diagramação

**Frank Bezerra**

Capa

**Heron Cruz**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Bibliotecária Marilzete Melo Nascimento CRB 3/1135

---

S586s Silva, Ana Carolina Rodrigues da.  
Os sentidos do passado ou o passado sentido [livro eletrônico] : mecanismos da memória nos escritos de Padre Mendes Lira / Ana Carolina Rodrigues da Silva. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018.  
8786 Kb : il. color. ; PDF - (Coleção de Humanidades - UFC)

ISBN: 978-85-7485-343-7

1. Biografia. 2. História. 3. Sobral. I. Título.

---

CDD 920

# Valores

Uma vez, um homem desenterrou em seu campo uma estátua de mármore de grande beleza. E levou-a a um colecionador que amava todas as coisas belas, e o colecionador comprou-a por um alto preço. E separaram-se.

E enquanto o homem voltava para casa com seu dinheiro, pensou e disse consigo mesmo: “Quanta vida este dinheiro representa! Como pode alguém dá-lo por uma simples pedra esculpida, morta e ignorada no seio da terra por um milhar de anos?”.

Entretanto, o colecionador estava olhando para a sua estátua e pensando, e disse consigo mesmo: “Que beleza! Que vida! Que sonho de grande alma! - e fresca com o suave dormir de um milhar de anos. Como pode alguém dar tudo isso por dinheiro, morto e sem sonhos?”.

(Gibran Khalil Gibran)



# Sumário

PREFÁCIO 8

OS CAMINHOS DE UMA PESQUISA HISTÓRICA 11

A TRAJETÓRIA DE PADRE JOÃO Mendes Lira 28

Escrita Ressentida 28

Padre Lira e o Bispo Dom José 49

Escrita Defensiva 61

MECANISMOS DA MEMÓRIA NOS ESCRITOS DE PADRE LIRA 74

Comemorar para rememorar 74

Monumentalizar e personificar a cidade de Sobral 83

Comparar para legitimar: “Sobral na História do Ceará” 104

Educar as “forças vivas” da futura Sobral: “Sobral dentro da área dos Estudos Sociais” 114

OS SENTIDOS DO PASSADO OU O PASSADO SENTIDO 141

Uma missão contra a ruptura do passado 141

Sobralenses, sobralenses ilustres e estranhos 149

O sangue, o corpo e o túmulo 170

A importância do sangue e da virtude 171

A presença numinosa e o monumento exemplar 177

O amor à antiguidade e o apetite oral pelo passado 187

É PRECISO ENXERGAR CRITICAMENTE AS CIDADES 191

BIBLIOGRAFIA 197



# Prefácio

## Os sentidos do passado sentido e a História sentida

*A Memória é um conservatório de combates  
Mais ou menos arrumados  
Mais ou menos diferidos [...]*  
Ana Hatherly

**É** um convite: enfrentar o passado, desarrumar documentos, des-trinchar velhos papéis, alguns avulsos, outros em série, deambular pelos arquivos, respirar a poeira de acervos em combustão, quase acesos em prateleiras, em caixas, em computadores, em jornais, em livros, páginas, folhas... E, tantas vezes também, virar as costas ao passado e viver primeiro, desfazer os nós da realidade possível e concebida, viver politicamente a vida. Em tudo isso respira parte do trabalho do historiador, que arma as peças de um imenso quebra cabeças sobre o chão rachado e às vezes rochoso das memórias em luta.

Este trabalho trata dos mecanismos da memória nos escritos de um padre de nome João Mendes Lira, nascido em Sobral, que conjugou em sua obra o passado com o presente, e acreditou até o fim de sua vida que o passado da cidade, entendido por ele como redentor, era o elemento fundamental do laço social e da coesão entre os homens. Não se tratava apenas de relembrar o passado já vivido por outros, mas de tentar ressuscitá-lo entre os escombros da existência e do próprio passado. Essa é a tarefa construída e sentida por Ana Carolina. Uma tarefa árdua e prazerosa, cheia de encontros e surpresas. Uma tarefa medida pela beleza do texto e densidade da pesquisa.

Mas o que pensava Padre Lira, como era conhecido na cidade, sobre História, sobre Passado, sobre Memória? Lira tomou para si a missão, e a palavra é essa mesma, *missão*, quase uma cruzada, que objetivava salvar o passado do esquecimento, logo, salvar a própria história da cidade e seus “vultos” importantes, que formavam em sua visão, um todo harmônico. Lira tenta, e Ana Carolina é muito sagaz com relação a isso, juntar literalmente os cacos do passado, dando um novo sentido a cada “estranha xícara sem uso”, e ele mesmo cola peça por peça, ponto a ponto. Assim também faz a autora, tecendo os fios do passado, costurando os pontos de uma história cheia de manhas e artimanhas. Ana Carolina vai percorrendo os caminhos da obra do padre que se fez historiador no dia a dia da sala de aula, procurando a partir de vasta documentação encontrar “outras intenções” do autor, o que no fundo também demonstrou os caminhos e descaminhos da própria pesquisa.

Escrever, para Lira, tornou-se um meio necessário de vigiância, de uma construção epistêmica e de arquivamento do eu e do passado da cidade de Sobral. Sua relação com essa temporalidade esvaída é obsessiva. Talvez o padre tenha tomado para si a tarefa mais do que legítima de viver o luto, mas a sua tristeza parece não ter fim e por isso mesmo faz questão de velar ininterruptamente esse *morto digno*, a que chamamos passado. Ana Carolina sabe disso e de certa forma também vive o luto do autor, mas faz questão de não fazer da história velha carpideira. Suas análises firmes e claras representam uma significativa contribuição para a Historiografia Cearense, não temos dúvidas.

O que faz o historiador para compreender a passagem do tempo? Lira busca ruminar e reanimar certa memória vista por ele como declinante, por isso mesmo encontramos em sua obra uma constatação substancial já apontada por Paul Ricoeur, entre o que ele nomeia de “Rememoração” e “Comemoração”, ambas mediadas, segundo o filósofo, pela construção do que seria uma identidade narrativa. A Rememoração seria a construção de um processo elaborado individualmente, enquanto a Comemoração seria o trabalho de construção de uma memória coletiva. Lira rememora e comemora, buscando assim, ainda segundo Ricoeur, o “mundo dos predecessores”, que o padre nomeia ao longo de praticamente toda sua obra: Dom

José, o primeiro bispo da cidade, o escritor Domingos Olímpio, entre outros personagens da *encenação* do padre.

Lira é, na perspectiva de Ana Carolina, um “respondente”, tendo “uma atitude responsiva ativa” e reativa, diríamos nós. Essa perspectiva de análise é uma das mais sensíveis da autora e mais pródigas em seu trabalho. É um encanto para todos nós perceber a sua relação com os conceitos e com as chaves de entendimento dos sentidos do passado e do passado sentido pelo padre historiador. Esse Lira, esse padre historiador, ao defender a cidade contra a “ignorância dos outros”, contra os estrangeiros, os forasteiros, se transfigura numa espécie de São João Batista, mas ao contrário do São João Batista bíblico, Lira não anuncia *aquele* que virá, mas aquilo que passou e que de algum modo não vingou no presente. Sua atitude, portanto, é de compaixão, como veremos.

É um convite.

*Francisco Dênis Melo*  
*Professor do Departamento de História*  
*da Universidade Estadual Vale do Acaraú*

# Os caminhos de uma pesquisa histórica

*Os cacos de vida, colados, formam uma estranha xícara.  
Sem uso, ela nos espia do aparador.<sup>1</sup>*

**A** lembrança mais antiga que tenho sobre Sobral é de quando era criança. Viajava com minha madrinha do município de Groaíras-CE para o município de Graça-CE numa pampa velha. Era início do mês de agosto da década de 1990, íamos à festa de Nossa Senhora das Graças, padroeira do município de Graça-CE. No caminho passamos por Sobral, e o carro caminhava devagar, o que me possibilitou olhar para o contorno da Virgem Maria no alto do Arco do Triunfo. O sol ofuscou minha visão. Lembro-me de ficar transtornada por não poder ver os detalhes e de me perguntar o porquê de colocar uma santinha tão alta de modo que não conseguíssemos vê-la direito.

Cheia de contrastes e beleza, Sobral é uma cidade situada no estado do Ceará, mais especificamente a 230,8km da capital Fortaleza. Tem uma área territorial de 2.122,897km<sup>2</sup>, com uma população estimada em 188.233 pessoas em 2014.<sup>2</sup> Quem vive em Sobral, ou mesmo a visita, é convidado a conviver com o louco trânsito de motos, a sesta (sono depois do almoço que obriga praticamente toda a cidade a parar) e o calor descomunal. Sobral foi contemplada pelo

---

<sup>1</sup> ANDRADE, C. D. de. Cerâmica. In: ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2010a. p. 288.

<sup>2</sup> Dados do IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=231290&idtema=16&search=ceara|sobral|sintese-das-informacoes>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

IPHAN – Instituto do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional – e teve seu centro histórico tombado no ano de 1999. É uma das cidades do interior do Ceará em que melhor pode se encontrar exemplares arquitetônicos de outros tempos. Em contraposição, Sobral é a cidade que mais tenta se adequar às modernidades, dividindo assim opiniões. De tão singular, Sobral é uma cidade que se pode amar ou odiar, mas ela nunca está à mercê da indiferença.

O caminho que percorri para chegar a esta pesquisa foi cheio de outras intenções. Formada conservadora de acervos museológicos pela Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, meu desejo era ser profissional de um museu histórico. Tive o prazer de aprender em algumas “casas”, como a própria Escola de Artes, o Sobrado Dr. José Lourenço e o Museu do Ceará. Esta última instituição me acolheu por mais de três anos e durante esse tempo pude desenvolver um projeto de pesquisa tímido problematizando a ocupação dos prédios que sediaram o museu histórico e as concepções históricas e museológicas de cada período que definiam a produção do espaço.<sup>3</sup> Mas, seguindo a orientação do professor Régis Lopes, ainda durante a graduação em História pela Universidade Federal do Ceará, eu tentei iniciar a pesquisa sobre outros museus do Ceará. Visitei alguns em Fortaleza, Crato, Aracati e um deles foi o Museu Diocesano Dom José, em Sobral. Percorri todas as 22 salas de exposição, acompanhada por uma educadora do museu e nossa conversa foi longa e produtiva. Assustei-me com a possibilidade de analisar todo o acervo, pela sua diversidade e pela riqueza do que estava exposto. Simpatizei com a ideia de problematizar a construção da memória de Dom José através do museu e comecei a estudar sobre a instituição. Coletei a maior parte de informações sobre as atividades do Museu Diocesano, desde sua fundação até a participação da Semana Nacional de Museus organizada pelo IBRAM. Havia poucos arquivos sobre a instituição, restringindo-se a balanço de gastos, relatórios anuais, comemorações. Nada substancial a meu ver.

Então, Dona Angélica, a gentil e experiente funcionária que me acompanhava, perguntou-me se eu não queria ver o jornal *Correio da Semana*. Sem muitas escolhas, aceitei e ela trouxe encadernações

---

<sup>3</sup> SILVA, A. C. R. da. Espaço para um museu nômade: discursos no Museu do Ceará. *Embormal: Revista Eletrônica da Associação Nacional de História, Fortaleza*, v. 1, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 2010. Disponível em: <[http://www.ce.anpuh.org/embornal2/Ana\\_Carolina.pdf](http://www.ce.anpuh.org/embornal2/Ana_Carolina.pdf)>. Acesso em: 9 maio 2015.

grandes, com capa dura, que protegiam um feixe de jornais cronologicamente bem organizados que datavam da década de 1970. Fiz uma busca através de leitura mecânica nesses jornais, utilizando-me do pior jeito de analisar um arquivo: a maneira insensível que o historiador inexperiente possui de buscar apenas aquilo que se encaixe em suas pressuposições. Sem sombra de dúvida é a forma mais fácil e confortável, porém, é “perigosa, [...] porque esse jogo de espelhos bloqueia a imaginação, imobiliza a inteligência e a curiosidade, permanecendo confinado em caminhos estritos e sufocantes” (FARGE, 2009, p. 72). E era assim que me sentia, sem rumo e sem perspectivas. Com o olhar viciado e ansioso por encontrar notícias sobre a instituição museológica, deparei-me com o capítulo 340 da *coluna Nossa História*, escrita por um padre chamado João Mendes Lira e intitulava-se *O Museu Diocesano de Sobral*.

Nunca tinha ouvido falar desse padre, mas a leitura inicial causou-me espanto pela veemência com que o autor defendia o museu e o significado que o acervo possuía para a história de Sobral e do Brasil. Voltei à Fortaleza com menos certezas do que antes. Senti-me confusa com a gama de material coletado que não me inspiravam nenhuma discussão. Porém, sentia que aquela única coluna era como uma dinamite em minha mão. Ela me instigava mais do que todas as outras fontes juntas. Desejei ler mais textos assinados pelo mesmo padre. A partir daí, foi a curiosidade que me guiou novamente ao Museu Diocesano Dom José, mas desta vez, estava munida de perguntas para vasculhar os arquivos e a sala de exposição dedicada ao padre. Desde então, o museu não foi mais o centro de minhas inquietações.

A pesquisa nos arquivos de Sobral não foi tranquila, pode-se dizer que foi no mínimo instigante. Extremamente longe da frieza e do silêncio sepulcral dos arquivos descritos por Arlette Farge, os arquivos de Sobral definitivamente nos reservam o contrário. Se nos arquivos franceses com os quais ela trabalhou “verão ou inverno, é sempre gelado” (FARGE, 2009, p. 9), podemos facilmente afirmar que nos arquivos sobralenses, verão ou inverno, é sempre quente. Lá “a poeira sobe e o suor desce”<sup>4</sup> falando sem exageros e de forma literal.

---

<sup>4</sup> Expressão de Antônio Barros Silva presente em sua famosa música *É proibido cochilar*, de 1974. Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/antonio-barros/dados-artisticos>>. Acesso em: 7 jan. 2015.

A falta de ar-condicionado nas salas de consulta afeta consideravelmente a leitura dos documentos. O cansaço chega mais rapidamente e as letras se embaralham. Sabendo das dificuldades vividas, os funcionários gentilmente tentam sanar o “sofrimento” dos pesquisadores abrindo janelas e ligando ventiladores. Alívio que infelizmente dura mínima fração de tempo, uma vez que o sol invade a sala, esticando seus claros raios sobre a mesa e o vento vira indevidamente as páginas a ponto de desorganizá-las ou mesmo rasgá-las. É preciso escolher os horários de visita a cada arquivo a fim de evitar transtornos maiores à saúde do pesquisador, caso não tenha resistência térmica suficiente e se quiser ajudar na conservação dos documentos não abrindo janelas ou ligando ventiladores. “De manhã é ideal que se vá ao arquivo A, pois o clima é mais ameno”, já que pela tarde a sala fica “do lado do sol”, eram os conselhos dados aos pesquisadores.

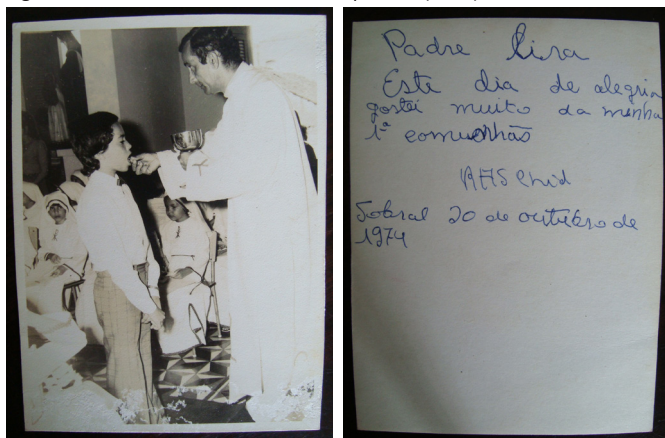
A organização nos arquivos sobralenses é boa, diante das dificuldades enfrentadas pelos responsáveis desses locais. Não são poucas as instituições que por falta de espaço concedem locais improvisados para o acondicionamento dos documentos e para a consulta dos mesmos. Os projetos de adaptação arquitetônica, acondicionamento, catalogação, restauro etc., normalmente são deixados em segundo ou terceiro plano, engavetados, com promessas de resolução “para o próximo ano”. Enquanto isso, funcionários e pesquisadores “se ajeitam” como podem, pois “as pesquisas não podem esperar”, existem prazos a serem cumpridos. Grande parte do trabalho de organização dos arquivos é realizada por bolsistas de graduação, sob a orientação de professores, sem os materiais e as condições de trabalho adequadas. Realidade possível de ser constatada em muitas instituições vivenciadas por nós em vários arquivos e museus do Ceará.

É necessário adaptar-se aos horários dos arquivos, mas também à rotina da instituição. Os funcionários vêm e vão preocupados com os afazeres do cotidiano. Vez por outra param e perguntam se precisamos de algo. Os movimentos e as vozes podem tirar a atenção da leitura, mas contraditoriamente podem nos ajudar a “tomar fôlego” depois de tanto tempo submersos no oceano de informações em que mergulhamos: “O que você tanto estuda mesmo?”. Pausa para um café e para responder ao questionamento. É impossível deixar de lembrar as inúmeras histórias ouvidas nas salas dos arquivos por nós visitados que descortinaram inúmeras visões sobre a figura de Padre Lira.

“Ah! O Padre Lira! Eu já fui aluno(a) dele!” ou “Foi o Padre Lira quem celebrou meu casamento”. Escutamos essas frases frequentemente. Interessante mesmo foi tentar justificar o porquê da escolha “desse padre”, já que Sobral é conhecida pela grande “safra” de sacerdotes intelectuais. No processo de procura de fontes, encontramos muitos “especialistas” que sem cautela alguma tentavam incentivar os rumos da pesquisa: “Minha filha, existem outros padres sobralenses muito mais inteligentes e importantes... Não se pode acreditar nas coisas escritas por Lira!”. Os arquivos são lugares de sociabilidade interessantes, pois o objeto de análise pode ser encontrado em conversas que não dizem respeito diretamente a questões da pesquisa, mas que provam sua complexidade e seu caráter multifacetado.

Padre Lira é lembrado de diversas formas, daí afirmarmos que sua figura é multifacetada. Percebemos através das conversas com sobralenses de diversas formações e classes sociais que a lembrança de Lira está muito ligada a momentos relacionados à vida social como padre, sempre presente em casamentos, batismos, momentos de confissões, nas escolas, na universidade etc. Mesmo timidamente, em seus arquivos é possível encontrar fontes que comprovam a intimidade que muitas pessoas tinham com ele. São cartas, postais e fotos de ex-alunos, fotografias de batizado, 1ª eucaristia e casamento com dedicatórias amistosas e carinhosas ofertadas ao sacerdote.

Figura 1 – Primeira comunhão realizada por Lira (1974)



Fonte: Acervo do Museu Diocesano de Sobral.



Mas, apesar disso acreditamos que o padre sentia a necessidade de ser lembrado principalmente por seu legado intelectual e por seu trabalho como pesquisador. Isso se explica, pois Padre Lira demorou bastante tempo para escrever seu primeiro texto autobiográfico, o que lhe garantiu algo extremamente importante para o discurso autobiográfico que é o *signo de realidade* - produção anterior de textos *não autobiográficos*. Antes, ele procurou se afirmar intelectualmente no processo de pesquisa, escrita e publicação, mas, além disso, no processo de *arquivamento do eu* (ARTIÈRES, 1998, p. 29). Existem diversas formas de arquivar o eu. Lira optou por arquivar sua vida a partir do trabalho como intelectual, privilegiando a produção histórica, os livros e os documentos que coletou e guardou durante décadas. Podemos visualizar a falta de equilíbrio existente nos arquivos de Lira entre o homem, o padre, o professor e o intelectual.

Em seus arquivos não se obtêm facilmente informações sobre a intimidade do Eduardo, como era tratado familiarmente. Segundo sua sobrinha, Ceci Terezinha Ponte de Almeida, Eduardo era o nome que Dona Jacy Mendes, mãe de Lira, desejava pôr no filho. Mas o pai, Seu José de Lira Pessoa, deu o nome de João na hora do batismo. Não se contentando, a mãe sempre o chamou de Eduardo, como ficou sendo conhecido entre os familiares até sua morte.<sup>5</sup> O álbum fotográfico do padre presente no Museu Diocesano Dom José é o melhor exemplo que temos de onde se pode “enxergar” os outros lados de Padre Lira. Nas fotografias de suas viagens, com seus colegas de batina na época do seminário, vemos um jovem aparentemente feliz, mesmo com sorriso contido. Também há a presença forte de registros de eventos sociais, missas, casamentos, batismos; homenagem em eventos culturais na escola, o padre ministrando aulas e na maturidade buscando pinturas rupestres em cidades do interior do Ceará. Mesmo com a diversidade, no entanto, quase não se encontra informação sobre as pessoas na maioria das fotos, senão poucas indicações de lugar ou data. Padre Lira não parecia muito à vontade em expor-se, sempre aparentando ser um homem reservado no que diz

---

<sup>5</sup> Ver depoimento de Ceci: *A vida familiar de Padre Lira* e depoimento de Fernando Almeida Júnior: *Pe. Lira – o tio Eduardo* (SOARES, 2005a, p. 52-58).

respeito à vida pessoal.<sup>6</sup> Em contrapartida é o estudioso que impera em seus arquivos através de sua biblioteca, suas anotações, seus textos datilografados, suas obras e documentos históricos. É o homem de letras que possui maior visibilidade.

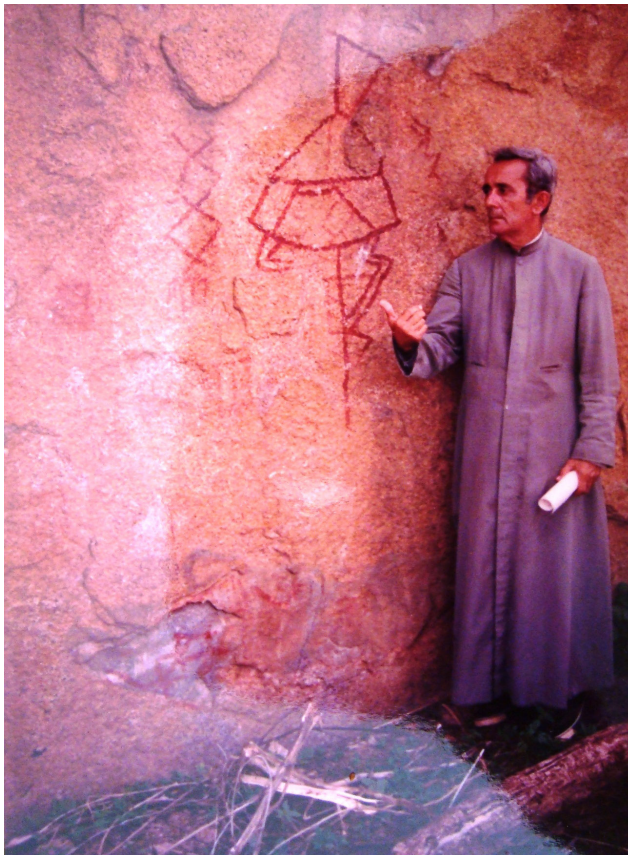
Figura 2 – Lira, de braços cruzados, sorrindo com seus colegas de seminário (s. d.)



Fonte: Acervo Museu Diocesano de Sobral.

<sup>6</sup> Ver depoimentos sobre a pessoa de Padre Lira no livro póstumo *Padre Lira: eternamente sacerdote* (SOARES, 2005a). Padre Lira é homenageado em suas diferentes funções, mas todos os adjetivos permanecem em sintonia: homem humilde, simples, silencioso, discreto, curioso, “figura doce, meio arisca, mas sempre disponível a servir”, no dizer do Pe. José Linhares Ponte (SOARES, 2005a, p. 16).

Figura 3 – Lira visitando sítios arqueológicos no interior do Ceará (s. d.)



Fonte: Acervo Museu Diocesano de Sobral.

Ele foi generoso consigo ao encadernar e organizar seus próprios artigos, fruto do trabalho de pesquisa, fonte para futuras pesquisas. Podemos inferir que disponibilizar esse material seria uma possível contribuição ao conhecimento. A coleção de documentos deve ser entendida como um ato autobiográfico: “A coleção privada, com efeito, é a forma, senão exclusiva, pelo menos dominante, pela qual objetos pessoais, em nossa sociedade, expõem-se à esfera pública” (MENESES, 1998, p. 96). A construção de um arquivo passa pela necessidade de autorrepresentação em relação aos outros. Como um suporte de interação, essa

coleção será constantemente apresentada como possuindo uma inclinação para representar o “espaço público” (MENESES, 1998, p. 97).

Como Philippe Artières bem diz, o arquivamento do eu é uma prática íntima, mas por vezes possui uma função pública: “pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte” (ARTIÈRES, 1998, p. 29). As práticas de arquivamento realizadas por Padre Lira são também uma forma de tornar público o seu esforço e, nesse sentido, a construção de seu arquivo era uma maneira de “ver sua identidade reconhecida” e conseqüentemente continuar a existir no cotidiano (ARTIÈRES, 1998, p. 7).

Para garantir que seus arquivos não fossem destruídos pelo tempo e pela insensibilidade humana, ele tratou de adiantar em seu testamento o desejo de ver seus preciosos pertences doados ao Museu Diocesano Dom José. Em abril de 2006, nove meses depois do falecimento de Padre Lira, a família realizou seu desejo, respeitando o que estava previsto em testamento. Infelizmente o acervo foi desmembrado em dois e possui registro no Livro de Tombo do museu e do Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS) da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. O desmembramento de qualquer acervo sempre será uma violência a sua constituição, pois toda separação traz consigo perdas que quase sempre são impossíveis de sanar.

Hoje podemos encontrar, à disposição no Museu Diocesano Dom José, as edições do jornal *Correio da Semana*, encadernadas com o cuidado cronológico que abrange parte do período de produção de Lira, mais especificamente de 1973 a 1979. O acervo possui 239 itens dos quais a maioria é composta por livros (alguns são exemplares dos livros do próprio autor), livros didáticos, religiosos e revistas. Mais 83 itens são compostos por documentos relativos à história de Sobral, genealogia de famílias, documentos de paróquias, cartas, manuscritos do autor e cópias de documentos datilografados. É possível encontrar ainda centenas de fotografias, de cartões postais e de objetos pessoais do autor como esculturas e um Cristo Crucificado.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Acervo Bibliográfico e Documental – Pe. João Mendes Lira. Museu Dom José.

A parte do acervo de Padre Lira que ficou sob a tutela do NEDHIS foi organizada e catalogada pelos(as) alunos(as) do Curso de História da UVA, sob a coordenação dos professores Raimundo N. Rodrigues e Edvanir Silveira. Está incluída na coleção de documentos relativos a acervo privado.<sup>8</sup> O conteúdo é dividido em caixas que possuem mais de 340 itens como livros, jornais, documentos da Câmara de Sobral, títulos do IBGE e do Instituto do Ceará - Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico, Livros de Atas da ASEL - Academia Sobralense de Estudos e Letras, revistas, catálogos, cartas, bíblias, manuscritos do séc. XVIII etc. A diversidade de temas da biblioteca particular de Lira é gigantesca e vai desde religião, psicologia, passando pela história local, do Brasil e geral, geografia, economia, política, incluindo literatura e obras internacionais. Atualmente, estudantes do Programa de Educação Tutorial - PET do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA,<sup>9</sup> contando com a orientação do professor da própria instituição, Francisco Dênis Melo, desenvolvem como parte de seus trabalhos o *Projeto Padre João Mendes Lira*. O projeto tem por finalidade analisar e organizar o acervo do padre no que diz respeito às possibilidades de leitura deixadas por Lira através das marcações nos livros que compõem a sua biblioteca pessoal.<sup>10</sup>

A importância do acervo coletado por Padre Lira é inquestionável e tem potencial para o desenvolvimento de diversos temas de pesquisa não somente na área da História, mas também da Literatura, Geografia, Educação, Arqueologia etc. A própria história da UVA e da Academia Sobralense de Estudos e Letras pode ser encontrada nos arquivos de Padre Lira.<sup>11</sup> O potencial é enorme não somente para a

---

<sup>8</sup> No acervo privado do NEDHIS podemos encontrar, além da coleção de Padre Lira, os documentos de firmas comerciais do município de Granja/CE, de Dom José e Pimentel Gomes.

<sup>9</sup> O PET teve início na universidade no ano de 2010 e já desenvolveu outros trabalhos na UVA.

<sup>10</sup> MELO, F. D. et al. Livros, leituras e produção de significados do historiador Padre João Mendes Lira. *Cadernos de Resumos do XIII Enepet*, Campina Grande, 2014. Disponível em: <[http://www.portalpet.feis.unesp.br/media/grupos/pet-computacaoufcg-campinagrande/atividades/xiii-enepet/artigos/Resumo 2Enepet.pdf](http://www.portalpet.feis.unesp.br/media/grupos/pet-computacaoufcg-campinagrande/atividades/xiii-enepet/artigos/Resumo%20Enepet.pdf)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

<sup>11</sup> “A Academia não guarda praticamente nada, salvo alguns livros remanescentes de sua fundação em 1943, o livro de atas datado de 1943 a 1953 que, diga-se de passagem, não pertencia ao acervo da ASEL, mas ao acervo do padre João Mendes Lira” (MELO, 2013, p. 414).

história de Sobral, mas para entender questões acerca da região norte do Ceará, pois o padre não se limitou a coletar documentos e obras somente a respeito de Sobral.

Outro acervo que merece total atenção é o arquivo do jornal *Correio da Semana*, presente em sua sede que fica na Cúria Diocesana de Sobral, jornal em atividade há 96 anos, de grande importância para a região norte cearense. É possível encontrar em seu acervo desde os primeiros exemplares até os atuais em bom estado de conservação, organizados cronologicamente e encadernados. Uma das grandes vantagens é que na página *on-line* do jornal é possível encontrar os exemplares, digitalizados para *download* em *pdf* desde o ano de 2013 até agora<sup>12</sup>. O ambiente disponibilizado para os pesquisadores é agradável, mas não esqueçamos que o local é a redação de um jornal, portanto é constante o movimento de pessoas, conversas e o tocar de telefones. Para quem gosta de notícias “quentinhas”, saber dos assuntos em primeira mão é satisfatório e compensa o esforço.

Os jornais que são disponibilizados na sede do *Correio da Semana* são mais completos, diferente do acervo de Lira presente no NEDHIS da UVA, que possui muitos recortes da coluna *Nossa História*, o que dificulta consideravelmente o trabalho do pesquisador, pois priva de detalhes importantes como a data do jornal, a página e a localização da coluna na diagramação do periódico. Foi de nosso interesse para esse trabalho realizar uma catalogação da coluna *Nossa História* e ajudar outros pesquisadores que porventura se interessem pelos escritos de Padre Lira. Cruzamos os textos encontrados tanto em recortes como em jornais completos presentes nos três arquivos sobralenses a fim de pelo menos indicar a data e a numeração de página, bem como a ordem de publicação das colunas, já que essas são numeradas primeiramente em algarismos romanos e posteriormente em numerais arábicos. As trinta primeiras colunas podem também ser encontradas no livro publicado em 1971 que leva o mesmo nome.<sup>13</sup> Encontramos a coluna distribuída entre os anos de 1971 e 1982.

---

<sup>12</sup> Os jornais *Correio da Semana* estão disponíveis em: <<http://www.jornalcorreiodasemana.com.br/6/>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

<sup>13</sup> LIRA, J. M. *Nossa História*. 1971b.

Apesar de todos os problemas enfrentados, esses arquivos são repletos de vida. Não somente a vida daqueles de quem falam as páginas dos jornais, ofícios, cartas, diários, rabiscos e dedicatórias. O arquivo “respira” a cada nova proposta de pesquisa, a cada nova indagação e problematização. Sacudimos a poeira não somente para melhor enxergar as palavras, mas para permitir que o arquivo possa “respirar”: “Uma pilha intacta é fácil de reconhecer” (FARGE, 2009, p. 9), pois normalmente está encoberta por camadas de poeira que supõem sua falta de utilização. Portanto, tirar a poeira é mais do que um exercício maquinal. O esforço que temos em manter esses arquivos ganha novas significações e passa a valer a pena quando realizamos um exercício de reflexão, que é feito também fora do arquivo, onde repensamos o que foi analisado, retirando o manto do “efeito de verdade” que o recobre. Esse “efeito de verdade” seduz e absorve o pesquisador que deve ter cuidado para não se deixar prender nas armadilhas do arquivo. Por isso, o “retorno do arquivo” é de fato penoso. É nesse momento em que toda a excitação da busca e a euforia do encontro, aquela sensação reconfortante e ilusória de ter resolvido todas as questões da pesquisa, se transforma em confusão, insegurança e por fim, necessariamente, em desapego. É somente quando a fonte é colocada frente a frente com uma série de interrogações que o trabalho do historiador se mostra em toda sua excelência.

Tentou-se articular o material encontrado nesses arquivos, que buscamos analisar, às formas de representação de Sobral nos escritos do Padre João Mendes Lira, problematizando a cidade e as formas como ela foi traduzida. Que posicionamento Lira escolheu diante das mudanças vividas na cidade? Em que consiste seu discurso e qual o intuito de sua escrita? Lira escreveu de 1970 a 1988, produziu diversos livros, escreveu no jornal *Correio da Semana* durante 11 anos e lecionou em alguns colégios e na UVA. Sem sombra de dúvida, era um militante a favor de Sobral. Tomaremos para reflexão o material produzido pelo padre e por outros sujeitos, durante a década de 1970, período de grandes transformações no país. Sobral vivia um crescimento industrial e várias mudanças estéticas na cidade. Os hábitos sociais também estavam sendo alterados e o crescimento populacional era fato verificado em praticamente todos os municípios do país. Os tempos mudavam e traziam o novo. Era necessário apontar

os riscos escondidos nas mudanças. Padre Lira, como um bom pastor, resolveu guiar as ovelhas através do caminho que leva ao conhecimento da história e ao amor à terra natal.

Dessa forma, realizamos a divisão de nossa problematização em três capítulos nos quais objetivamos fazer um estudo a partir do jornal *Correio da Semana*, pois entendemos a importância do papel da Igreja Católica no esboço dessa forma de escrita sobre a cidade, já que a Diocese de Sobral mantém o jornal *Correio da Semana* desde 1918, o qual foi fundado pelo então Bispo Dom José Tupinambá da Frota. Portanto, não enxergamos esse periódico como um repositório de neutralidade e fonte da verdade, mas sim como um instrumento ideológico e de manipulação de interesses, que interferia fortemente na vida social dos sobralenses. Não esqueçamos que a imprensa periódica é responsável por selecionar, ordenar, estruturar e narrar da forma como ela julga ser mais adequado, o que é eleito como digno para ser apresentado ao público. Ou seja, o que resta ao pesquisador é o que foi destacado, bem como a forma como foi destacado (letras garrafais ou não, em primeira página ou na última, ocupando grande espaço ou pequena nota etc.). Utilizaremos a coluna *Nossa História* bem como outras notícias, colunas e textos publicados no semanário, fazendo relação com os livros assinados pelo sacerdote, buscando realizar uma análise crítica sobre os discursos expostos.

Acreditamos ser interessante no primeiro capítulo *Escrita ressentida - a trajetória de Padre Mendes Lira*, analisar o sujeito social ao qual nos referimos: quem foi João Mendes Lira? De que forma ele faz uma escrita de si quando escreve sobre a memória de Sobral e de Dom José? Para entendermos um pouco sobre os escritos de Padre Lira, faz-se necessário compreender antes a sua trajetória de vida. Para tanto, utilizaremos como fonte a autobiografia *O meu encontro com a vida e com a morte*. Isso será importante no sentido de reconhecer as escolhas realizadas em seus escritos, entender os mecanismos de produção da memória de Sobral e em certo ponto da *produção de si* como um intelectual que se julgava - assim como era julgado pelos outros - como profissional capacitado para produzir e reproduzir uma memória específica. *Produção de si* que estava diretamente ligada à figura do bispo de Sobral, já que as referências relacionais entre o bispo e o padre são constantemente encontradas



nas fontes autobiográficas. Dessa maneira, percebemos Lira através da noção de trajetória de vida em que ele próprio ocupa uma série de posições, sendo, portanto, um agente “sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 2002, p. 189). Figura controversa na cidade de Sobral, amado por muitos e desdenhado por tantos, Padre Lira construiu-se como intelectual e pesquisador a muito custo por seu próprio esforço. Chamamos de “escrita ressentida”, pois este é o sentimento mais evidenciado em sua autobiografia. Texto que contém memórias boas de sua família, a descoberta da vocação e a vida no seminário, as aventuras nas viagens, dificuldades e decepções de um jovem padre que tentava ganhar o seu lugar no meio de tantos outros. A sensação é a de que essa obra é também um desabafo de um homem que durante muitos anos guardou diversos segredos que nem mesmo dele eram. O peso dessa cruz, como ele mesmo define, é sentido em seu relato memorialístico que indica o quanto guardar sentimentos por tanto tempo o fez desenvolver uma angústia e disabor relativo a determinados fatos e pessoas que o vilipendiaram em sua carreira. Não podemos deixar de levar em consideração que sua “escrita ressentida” foi realizada já em idade avançada, o que nos faz acreditar que as “feridas” ainda não haviam cicatrizado totalmente. E que, nesse sentido, a escrita também podia configurar uma “escrita de redenção” desses sentimentos, um verdadeiro encontro com a vida e com a morte.

Padre Lira sabia que a vida é feita de lutas constantes. É nesse sentido que discutimos a sua “escrita defensiva” através da coluna *Nossa História*. Qual era a missão desse sacerdote? O que ele defendia em seus escritos? Ele se utilizava do jornal *Correio da Semana* para enviar seu recado para os sobralenses que segundo ele gradativamente esqueciam o passado e os costumes que os definiam como “diferenciados”. Era preciso retomar o prestígio da Princesa do Norte, era preciso reagir, defender-se e defender o que a diferenciava. Replicando os discursos anteriores que legitimavam a história sobralense, Lira acrescenta características próprias de sua escrita, motivado por acontecimentos presentes para reforçar seu discurso. Aliás, sua escrita tinha uma preocupação pedagógica forte, o que permitia uma rápida assimilação dos assuntos tratados. Portanto, analisaremos a construção estrutural das colunas a fim de desvendar

os *códigos culturais*, as escolhas e as intenções discursivas presentes nesse gênero textual.

No segundo capítulo, que tem por título *Mecanismos da memória nos escritos de Padre Lira*, procuramos fazer uma análise das traduções da cidade e as formas de escrita sobre ela. De que forma Sobral é mostrada no jornal *Correio da Semana*? Como a expressão *Princesa do Norte* ajuda para formalizar a idealização da cidade? Quais são as metáforas utilizadas sobre a urbe? A diferenciação de Sobral com relação a outras cidades do estado do Ceará é importante para esse trabalho. Quais são esses mecanismos de diferenciação? O livro *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina* será de suma relevância para entender os mecanismos utilizados pelo padre na diferenciação de Sobral na história do Ceará. Pretendemos analisar a construção imagética da cidade de Sobral e refletir sobre suas transformações através dos escritos de Padre Lira e de forma geral através de outros textos do jornal. Para tanto utilizaremos como fontes alguns textos do autor publicados na coluna *Nossa História* do jornal *Correio da Semana*, e seus livros *De Caiçara a Sobral* (1971), *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina* (1976). É através do cruzamento dessas fontes que entenderemos o quanto Sobral na década de 1970 era uma cidade altamente diversa, em constantes disputas pelo espaço citadino e problemas provenientes do “inchaço” populacional. Perceberemos o tom dessas disputas nos discursos sobre a cidade: naqueles que cantam a sempre impecável e intelectual Princesa; e naqueles que denunciam a sua real face cheia de problemas estruturais e tensões sociais. Dialogando com as exigências de uma educação moral e cívica, Lira pretendia lutar pela proteção dos monumentos que “falassem mais alto ao coração dos sobralenses”, rememorando os dias de glória e progresso da Princesa do Norte. Era preciso preservar os monumentos históricos e construir tantos quanto fossem necessários para perpetuar o passado de glórias e os feitos dos ilustres. Nesse sentido, tentaremos entender o que era monumento para Lira? Como o conceito de progresso aparece em seu discurso? Que embates de memória existiam sobre a cidade? O jornal *Correio da Semana* nos mostrará que as disputas sobre o que se deve ou não preservar na cidade eram latentes e nem sempre as visões eram compatíveis. Prédios antigos davam lugar

aos prédios novos e modernos, para permitir a entrada do progresso. Mas, para Lira o caminho a seguir devia ser contrário: não se pode destruir em nome do progresso.

No capítulo 3, *Os sentidos do passado ou o passado sentido*, intentamos analisar os diversos sentidos, usos e significados que o tempo pretérito pode ter, bem como refletir sobre as formas como esse tempo pode ser sentido, visto e apreendido. Então, esses sentidos e sentimentos sobre o passado podem ser entendidos como mecanismos utilizados pelo padre para consolidar e justificar seu discurso. Acreditamos que a discussão sobre a ruptura temporal dialoga de forma adequada com a discussão que se propõe sobre os sujeitos colocados na escrita de Padre Lira. Focaremos também na diferenciação que era feita sobre as pessoas, através de uma reflexão sobre a distinção colocada por Lira entre sobralenses, sobralenses natos ou ilustres e estranhos. Principalmente tentando enfrentar os percalços da interpretação histórica sobre a escrita do autor, com relação ao sentido que cada uma dessas pessoas tem e de que forma cada uma delas é manuseada no jogo da memória, indicando sempre os interesses e medos do presente vivido pelo autor. Qual o significado deles na continuação de uma memória edificante ou na configuração física da cidade?

A demarcação dos sujeitos é importante para entendermos os usos que eles faziam da cidade, que pareciam alarmantes na visão do padre. Sua missão consistia em alertar sobre a destruição e o abandono dos monumentos que faziam referência a um passado eleito como glorioso. No trabalho de Padre Lira podemos indicar também uma necessidade pedagógica que estava intimamente relacionada com a defesa desse passado. Portanto, havia também uma intenção mais peculiar que passava pela sensibilidade dos concidadãos, na tentativa de aguçar os sentidos dos mesmos para questões mais abstratas de amor pelo passado, permitindo um reforço dos laços com a terra natal. Porém, atentamos que o sacerdote era ciente das exigências práticas para tais devaneios cívicos: a materialidade ocupava importante instrumento para os empreendimentos memorialísticos, mas a sensibilidade era fator preponderante para obter sucesso.

Nesse sentido, pretendemos com este trabalho contribuir para os estudos sobre essa cidade tão controversa quanto encantadora.

Mas, além disso, é uma tentativa de reflexão sobre os escritos desse memorialista sobralense. Como bem sabemos, existe uma falha em dar pouca importância a esses memorialistas que produziram bastante e que ainda são reproduzidos sem análise crítica. Padre Lira foi um dos escritores mais ativos de Sobral. Dedicou grande parte de sua vida a um projeto missionário de levar o conhecimento da história local a todos, adultos e crianças, pois acreditava piamente que era esse o caminho do amor que constrói bons filhos da terra e bons cidadãos. Realizar essa análise crítica, a nosso ver, é fazer jus ao trabalho desse ávido e incansável pesquisador. Refletir sobre a memória de Sobral nos escritos desse padre é entender como os mecanismos de construção dessa memória eleita foram reconfigurados através de suas obras e como, em contrapartida, ele pôde influenciar os rumos da escrita sobre a história da sua cidade.

Sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização desse trabalho. À CAPES, por financiar o desenvolvimento desta pesquisa. Às instituições: Universidade Federal do Ceará, Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, Museu do Ceará e Museu Diocesano Dom José. Aos professores, amigos e familiares.

# A trajetória de padre João Mendes Lira

## Escrita Ressentida

*São fiéis, as coisas do teu escritório. [...] Certas manchas na mesa, que não sabes se o tempo, se a madeira, se o pó trouxeram consigo. Bem a conheces, tua mesa. Cartas, artigos, poemas saíram dela, de ti. Da dura substância, do calmo, da floresta partida elas vieram, as palavras que achaste e juntaste, distribuindo-as. A mão passa na aspereza. O verniz que se foi. [...]*<sup>14</sup>

**D**ebuçado sobre uma mesa de madeira simples um padre escreve com sua letra grande e expressiva, utilizando como suporte o verso dos trabalhos recebidos dos alunos. As palavras são pesadamente repassadas para o papel. A caneta sente o peso dessas palavras. O momento exige a escrita. Ele recolhe alguns papéis avulsos e envelopes de carta que foram aproveitados para copiar os apontamentos e informações colhidas em fontes. Ele organiza as informações para que elas deem credibilidade ao seu texto. E, enquanto a noite cai, cercado de empoeirados papéis, livros e materiais “de grande valor histórico”, o padre olha para o Cristo crucificado posi-

---

<sup>14</sup> ANDRADE, C. D. de. Indicações. In: ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2010b. p. 45.

cionado acima de sua mesa e pensa: será que o peso de minhas palavras terá alguma repercussão?

A partir dos escritos autobiográficos de Padre Lira podemos tentar entender um pouco de sua personalidade já que este é o único livro publicado por ele onde pela primeira vez é colocada de forma privilegiada a história de sua vida. *Meu encontro com a vida e com a morte* trata-se de um livro modesto de 63 páginas, sem prefácio ou prólogo, mas de grande expressividade. Lira publicou-o ainda em vida, como um esforço por explicar seu desaparecimento das atividades da escrita e da pesquisa. Foi impressa pela Sobral Gráfica Ltda. fundada em 1995 e teve apenas 500 exemplares que não passaram da primeira edição lançada em 2002.

Fazemos aqui um adendo para tratar de uma questão que nos intriga que é a quase inteira semelhança entre o que há no livro de memórias e no conteúdo de uma entrevista transcrita no livro de homenagens póstumas, quase um mês depois do seu falecimento. Esta obra intitulada *Padre Lira: eternamente sacerdote* reúne vários textos de familiares, ex-alunos, amigos de sacerdócio e da profissão de professor, organizados pelo então reitor da UVA, José Teodoro Soares, e foi lançada pelas Edições UVA em 2005. No livro é informado que a entrevista foi realizada com Padre Lira: “Em sua homenagem transcrevemos a entrevista que ele nos concedeu em julho [de] 2004” (SOARES, 2005a, p. 60) e que foi publicada no jornal Expresso do Norte, em Sobral na edição de 30 de julho a 05 de agosto de 2005, ano III, nº 145.

A entrevista transcrita, a que tivemos acesso através do livro póstumo, possui respostas para algumas perguntas que foram feitas pelo Expresso explanando sobre a vida do padre. A entrevista é composta por 10 perguntas que tratam sobre a infância, a preparação para o sacerdócio, a vida no seminário entre 1939 e 1951, bem como no Seminário de João Pessoa, o momento mais importante da vida sacerdotal, a estada em Roma, a receptividade dos sobralenses no retorno da viagem, o momento de realização como sacerdote, a vida como professor e escritor. Percebemos que o conteúdo exposto nos dois livros é idêntico e foi quase imperioso fazer uma comparação página por página. O livro de memórias de Lira indica que a escrita foi realizada em 1999, mas a publicação da obra é de 2002. É informado

que a entrevista foi cedida ao Expresso do Norte em 2004 e foi publicada no livro de homenagens em 2005 após a morte do padre. Como explicar a igualdade de conteúdos?

É descartada a ideia de que o livro de memórias tenha surgido a partir das indagações de alguma entrevista, não somente pela questão da indicação temporal (pois a data de publicação é consideravelmente anterior), mas principalmente porque as memórias escritas não parecem ser ordenadas respeitando uma ordem de indagações. Mais plausível é pensar que a “entrevista” tenha sido baseada no livro de memórias, pois algumas frases são acrescentadas para fazer ligação com as perguntas, como uma edição das memórias a fim de “encaixá-las” melhor como respostas para as perguntas feitas. Há um respeito inclusive na organização cronológica presente no livro de memórias, no qual “tudo começa pela infância”. Outra curiosidade que deve ser considerada é que a “entrevista” não possui nenhuma referência à relação de Lira com Dom José e o caso da briga com Padre Palhano. Questão que é umas das centrais no livro de memórias. Talvez fosse polêmica demais para ser expressa num veículo de maior circulação como é um periódico. No próprio livro de homenagens, esse espírito combativo e machucado de Lira não é tratado senão em um único depoimento: o de Padre Manuel Valdery da Rocha que foi aluno de Lira e posteriormente colega de sacerdócio. Ele é o único a citar o livro de memórias de Lira e a tratar sobre sentimentos menos amistosos como o ciúme e a raiva, bem como a sensação de perseguição sentida por Lira.<sup>15</sup> Essas questões nos dão uma perspectiva, mesmo que mínima, do potencial das memórias de Padre Lira e o que foi selecionado sobre sua pessoa para ser memorado no livro de homenagens. Lembremos sempre que o papel da história é “revelar as complexidades da conduta humana, as conformidades e as divergências, os ajustamentos e as desarmonias, as rotinas e as originalidades, os acomodamentos e irregularidades” (RODRIGUES, 1981, p. 41). É por esse viés que pretendemos analisar as memórias de Padre Lira, bem como sua personalidade como escritor, pois nossa função não é a de santificar ou demonizar ninguém, mas mostrar as

---

<sup>15</sup> Ver depoimento de Pe. Valdery da Rocha: *Quem parte leva saudade* (SOARES, 2005a, p. 37-46).

fissuras próprias das relações humanas, as disputas e os sentimentos que animam as ações humanas.

Como trataremos de uma obra biográfica, acreditamos ser relevante realizar uma reflexão sobre a história desse gênero a fim de entender que existiram várias formas de pensar e de realizar o entendimento biográfico. A antiga arte biográfica tem uma vitalidade incontestável, pois consegue chegar facilmente a uma grande variedade de público. Há quem adore e há quem deteste, mas sem sombra de dúvida ninguém pode negar que essas obras nunca passarão despercebidas. Isso porque o gênero biográfico enfrentou um verdadeiro carrossel de altos e baixos no decorrer de sua história. “A biografia aparece juntamente com o gênero histórico no século V a.C.” (DOSSE, 2009, p. 125). Desde então ela carregava uma característica de identidade e exemplaridade muito forte, relatando a vida social das personagens e deixando na penumbra a privacidade de suas vidas. A escrita biográfica que narra a vida exemplar foi difundida principalmente quando a história passou a ser pensada como *historia magistra* e muitos biógrafos foram aclamados como escritores de história.

Prestou-se ao discurso das virtudes e serviu de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras. O gênero biográfico participa, pois de um regime de historicidade no qual o futuro é a reprodução dos modelos existentes, que devem perpetuar-se (DOSSE, 2009, p. 123).

A figura do herói possuiu grande privilégio nessas obras, primeiramente valorizando a vida dos santos em seus sacrifícios pelo coletivo nos escritos hagiográficos, posteriormente as provas de bravura dos cavaleiros nos séculos XIII-XV. No século XVI os relatos biográficos retornaram à fórmula utilizada na Antiguidade: “Exuma-se o heroísmo à antiga, que busca a imortalidade no reconhecimento público” (DOSSE, 2009, p. 154). No século XVII, testemunhou-se um acordo velado entre biógrafos e os grandes reis, que pretendiam expandir as “boas novas” de seus reinados para além do esquecimento: “Expelindo de seu relato toda a adjetivação apologética ou panegírica, o biógrafo permite ao leitor acreditar ver e consegue assim um ‘faz de conta’ que o induz a participar do simulacro do poder” (DOSSE, 2009, p. 159).



Mas, com o abandono do pensamento que interpretava a história como mestra da vida, entre meados do século XVIII e primeira metade do século XIX, a biografia perdeu um pouco do *status* de exemplaridade e conseqüentemente o caráter de evidência que cultivou durante séculos (REVEL, 2010, p. 239-241). No período das Luzes, o tão valorizado herói caiu de seu pedestal, não passando de uma “simples personagem” numa narrativa. Com a crise do herói, as biografias passaram a relatar a vida dos grandes homens, aqueles que através de seus méritos pessoais, associavam a luta de sua vida a projetos universalizantes e coletivos – “valores humanitários, de moderação no desempenho das responsabilidades, de criatividade no ofício” (DOSSE, 2009, p. 167). Mesmo com as mudanças ocorridas, a biografia sofreu fortemente, pois era considerada como gênero inferior e desprezado. Esse desdém perdurou até o século XX, no qual se desenvolveram diversas alterações de pensamento dentro da academia, principalmente com o surgimento das ciências sociais e da Escola dos *Annales*, que mudaram drasticamente a forma como os historiadores viam seu próprio ofício e também suas fontes (DOSSE, 2009, p. 195-197). Esse movimento crítico foi crucial para modificar a forma como e sobre quem se produziram as biografias. Foram integrados os conhecimentos adquiridos pelos estudos da história social e cultural, examinando os atores biográficos como reflexos de uma época: “A biografia não era mais a de um indivíduo isolado, mas, a história de uma época vista através de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos” (PRIORE, 2009, p. 9). Com isso, nos anos 1980, há um processo de revalidação da legitimidade científica do trabalho biográfico e uma conseqüente reaproximação entre a biografia e a história.<sup>16</sup>

Nos tempos atuais, o gênero passou a ser mais apreciado pela singularidade que carrega ao explicitar a vida de determinadas pessoas – transformando-se em obras de caráter mais reflexivo e existencialista num retorno ao sujeito – e pela capacidade de analisar os biografados como indivíduos fundamentalmente plurais – “a identi-

---

<sup>16</sup> No ano de 1989, Marc Ferro escreveu um artigo em que se pergunta sobre os reais motivos de ter o gênero biográfico que foi transformado em tabu nos estudos históricos ou mesmo o que há de deficiente neles. FERRO, M. La biographie, cette handicapée de l'histoire. *Le Magazine Littéraire*, França, n. 264, abril, 1989.

dade biográfica já não é considerada como congelada à maneira de uma estátua, mas sempre às voltas com as mutações” (DOSSE, 2009, p. 406). O olhar biográfico foi reorientado e pessoas comuns passaram a ter espaço nas obras do gênero que sofreu forte influência dos *relatos de vida* trabalhados nas ciências sociais e dos estudos em *micro-história*. Não podemos deixar de levar em consideração que a biografia, atualmente, também é um gênero que carrega um pouco do interesse pelos escândalos, segredos e fofocas da vida íntima de celebridades, expostas em biografias não autorizadas que são vendidas aos milhares.

É importante refletir que apesar de todas as críticas e as diversas mutações sofridas, o gênero biográfico não deixou de fazer sucesso. Em qualquer livraria é possível encontrar biografias sobre políticos, criminosos, intelectuais, artistas etc., numa infinidade de construções e desconstruções de mitos, biografias autorizadas e não autorizadas que são tema central de vários processos judiciais. Existe uma fascinação pelo gênero que carrega a possibilidade de esmiuçar a intimidade dos biografados. Como bem explica Revel, o que torna única uma obra biográfica é a vontade que o público tem de apreciar a singularidade de uma trajetória de vida:

O que está doravante no coração do projeto biográfico é a importância de uma experiência singular mais que a de uma exemplaridade destinada a encarar uma verdade ou um valor geral, ou ainda a convergir com um destino comum (REVEL, 2010, p. 242).

Esse caráter, que fascina milhares de leitores até hoje, é fruto da busca por essa singularidade e tem sido redescoberto pelos historiadores a partir dos anos 1980, num movimento de “revalorização da biografia graças aos deslocamentos do olhar do historiador” (DOSSE, 2009, p. 105). O que pretendemos a seguir é analisar a obra autobiográfica de Padre Lira a fim de compreender como ele se utilizou dos mecanismos próprios da escrita biográfica, imprimindo junto a isso o sentimento que o movia no momento da escrita. Entendemos, como Mary Del Priore que nenhum indivíduo vive aquém da sociedade, ele não existe só, mas sim numa “rede de relações sociais diversificadas”: “Na vida de um indivíduo, convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo,

suas ideias, representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence” (PRIORE, 2009, p. 10). Dito isso, é importante analisar as relações desse indivíduo nos grupos de que ele fez parte no decorrer de sua vida e entender a maneira como essas relações afetaram sua pessoa. Podemos compreender assim um pouco de sua personalidade narrada através do trabalho de escrita, pois a identidade não passa de uma identidade narrativa, já que “a história contada diz o *quem* da ação” (RICOEUR, 1985 apud DOSSE, 2009, p. 407, grifo nosso).

Segundo Felipe Lejeune, um autor não é uma pessoa simplesmente, mas alguém que, além de escrever, faz publicar o que escreve e dessa forma torna-se a linha de contato entre o texto e o extratexto, pois o nome próprio é um denominador comum. Ou seja, ele é uma pessoa real e ao mesmo tempo produtora de um discurso. Pierre Bourdieu define o nome próprio como “designador rígido”: “é a forma por excelência da imposição arbitrária que operam os ritos de instituição”. Porém, Bourdieu adverte que, para atestar a “identidade da personalidade como individualidade socialmente constituída” é necessária uma dose de abstração para descobrir de quem se está falando, daí a importância de signos no texto que definem a personagem (BOURDIEU, 2002, p. 187).

Para que possamos caracterizar um texto como autobiográfico, Lejeune nos orienta que sejam respeitadas determinadas exigências que fazem parte do que ele chama de pacto autobiográfico. Se a autobiografia pressupõe que haja identidade entre o autor, o narrador e a personagem do texto, o pacto autobiográfico nada mais será do que a confirmação dessa identidade, com a intenção de *honrar a assinatura* (LEJEUNE, 2008, p. 24-28). Analisando o livro de memórias de Padre Lira podemos detectar marcas do pacto entre autor e leitor no qual a identidade de nome se estabelece através do uso de títulos. A obra em questão assinada por Padre Lira chama-se *O meu encontro com a vida e com a morte*, título que já estabelece ligação com o autor.

Além disso, ao longo do texto, afirmações confirmam um compromisso com os leitores de explicar sobre a que pessoa a obra se refere. No primeiro capítulo que tem por título *O meu nascimento*, Lira escreve o seguinte:

Depois do sétimo filho veio outro que recebeu o nome de João. Todos em casa esperavam a morte prematura desta criança como era tradição “Morria um e nascia outro”. Este oitavo filho é o atual Padre Lira. Fui, portanto uma exceção (LIRA, 2002, p. 5).

Podemos dizer que o narrador-personagem é colocado de modo patente atestando que a história a ser contada é sobre o autor que escreve. No início do trecho, o narrador parece se distanciar do personagem: o menino João que posteriormente se torna o Padre Lira. Mas, logo em seguida o autor estabelece a ligação do narrador-personagem quando diz: “Fui, portanto uma exceção”. Aquela criança fadada à morte é “o atual Padre Lira”, quem vos fala: assim retira qualquer dúvida sobre a referência do biografado.

A reflexão de Lejeune é construída a partir da perspectiva do leitor, e, portanto, ele define como importante o estabelecimento desses contratos entre autor-leitor, pois “o gênero autobiográfico é um gênero contratual” (LEJEUNE, 2008, p. 45) e são esses contratos que definem a oposição entre biografia ou autobiografias e qualquer outra obra de ficção. O pacto referencial visa uma semelhança com o verdadeiro, relacionando-se diretamente com o pacto autobiográfico, estabelece *formas de juramento* sobre as informações prestadas a fim de autenticá-las como verdadeiras. Pudemos identificar o pacto referencial na sentença: “Quem quiser acreditar neste memorável acontecimento, acredite. [...] Tudo o que escrevi e vou escrever é a expressão da pura verdade” (LIRA, 2002, p. 44-45). O tema da verdade em textos desse tipo está ligado diretamente com a individualidade e subjetividade do autor, o que ele viveu constitui “a sua verdade”, dessa maneira, concordamos que a escrita de si deve ser analisada como documento de “produção do eu” que busca um “efeito de verdade”, pois “a narrativa se faz de forma introspectiva, de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua autoridade, sua legitimidade como ‘prova’” (GOMES, 2004, p. 15).

Angela de Castro Gomes utiliza a metáfora do “teatro da memória” para refletir sobre a ambiguidade do narrador-personagem. O narrador ao realizar esse tipo de escrita, cria uma personagem de si mesmo, pois o texto seria uma forma de representação ou invenção de si. Portanto, é plausível pensar a escrita de si como “*editores* e não

autores propriamente ditos” (GOMES, 2004, p. 16). Pois, é através do esforço de reordenamento das memórias que organiza o trajeto de vida, dando-lhe significado e dessa maneira, criando finalmente um narrador e uma narrativa. É importante frisar que esse trabalho está relacionado com a intenção de construir uma identidade pautada numa organização da vida como uma história cronológica, que segue uma linha lógica e racional. Esse é um dos cânones que postulam a arte biográfica: *princípio de continuidade* como afirma Jacques Revel (REVEL, 2010, p. 246), identificado por François Dosse como *ordem cronológica* (DOSSE, 2009, p. 56) e que Pierre Bourdieu chamou de *ilusão biográfica* (BOURDIEU, 2002, p. 184). Essa ilusão de linearidade é posta à prova, está sempre sujeita a críticas, pois a vida não é linear e o real é descontínuo.

Nesse sentido, é plausível perguntarmos quais características de personalidade mais marcaram o perfil de Padre Lira? O homem simples e humilde que não negava nenhum pedido para rezar missa, batizar e abençoar casamentos? O militante inquieto dos motivos de se ter orgulho de Sobral? O pesquisador proclamado historiador? O pontual professor de história e geografia que gostava de encher o quadro-negro com mapas e datas? O escritor intelectualmente provocativo? O confessor paciente e compreensivo? O vulto atento a correr pelas ruas de Sobral, que em vez de carregar a velha batina, parecia ser carregado por ela? O homem incompreendido, injustiçado e rancoroso? Ou o padre louco?

É possível realmente definir uma pessoa?

João Mendes Lira nasceu em Sobral a 23 de janeiro de 1925. Foi padre, professor de História e Geografia do Seminário São José e Faculdade de Filosofia, diretor do Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas, um departamento da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e escritor, sendo reconhecido por isso como historiador. Também foi membro da Academia Sobralense de Estudos e Letras - ASEL. Lira transitava entre as principais instituições de produção de saber em Sobral: diocese, universidade, grupos intelectuais, colégios tradicionais, além da imprensa. Dessa forma podemos refletir sobre sua escrita como produto dessas instituições e reprodutora de ideias provenientes delas. O lugar social de Lira pode nos apontar alguns indícios sobre sua escrita. Certeau nos ajuda a pensar

as relações existentes entre as *personalidades notáveis* produzidas pelas instituições do saber e a definição de um saber específico, que se transformou em *modelo originário* a ser replicado (CERTEAU, 1995, p. 20-21). Portanto, entendemos que a escrita de Lira está repleta de *não ditos* que podem ser melhor entendidos pelo seu lugar social. É extremamente relevante para nosso trabalho entender como Lira, em sua trajetória de vida, inseriu-se no campo da produção escrita, ao vincular-se às principais instituições do saber em Sobral, locais que eram vistos como verdadeiros campos de poder. Mas como aconteceu a inserção de Lira nesses espaços de poder?

O menino Eduardo, como era chamado pela família, estava dividido entre a paixão pelo futebol e pela Igreja. Era apaixonado pelo time do coração, o Guarani de Sobral, onde jogou até no Guarani dos Menores. Mas, também participava da Congregação Mariana-Secção dos Menores em Sobral, frequentando missas todos os domingos na Igreja do Menino Deus e indo às reuniões no sobrado que hoje abriga o Museu Diocesano Dom José. Nesse grupo eram realizados passeios mensais com as crianças. Possivelmente foi o envolvimento nas atividades desse grupo infantil que fez nascer a vontade de ingressar no sacerdócio. Segundo Lira: “Parece-me que foi no ano de 1937 e começo de 1938 que se caracterizou em mim a vocação de ser Padre” (LIRA, 2002, p. 10). O menino foi levado pelo pai à presença do bispo Dom José, para uma entrevista pessoal. Depois de acertados os pormenores com relação aos custos que seriam supridos por uma bolsa de estudos, a preparação do enxoval por parte da família, os estudos para o teste de admissão foram realizados. Em 1939, ele ingressou no Seminário de Sobral, aos 14 anos de idade. O menino Eduardo passaria a ser conhecido apenas como João, distanciando-se da vida que levava:

Lembro-me ainda muito bem que, durante o percurso de minha casa para a nova moradia, eu olhei para fora do carro e disse para mim mesmo: “Adeus, mundo, adeus, mundo!”. Deste momento em diante uma força enorme apoderou-se de mim. Eu me vi quase um Padre (LIRA, 2002, p. 12).

Lira demonstra sua intenção em esclarecer que sua vocação vem muito antes de sua entrada para o sacerdócio. Sua vocação é

colocada em foco, confirmando desta maneira uma firmeza mais que perfeita do destino que devia seguir. Como se ele tivesse nascido para o sacerdócio, sua carreira é apresentada através do prisma da predestinação que inevitavelmente ajuda na construção de sua biografia, pois reforça o caráter coerente da história e dá consistência ao caminho empreendido.

No ano de 1944, ingressou no Seminário da Prainha em Fortaleza para cursar Filosofia, finalizando os estudos em 1946. Mas, o inquieto jovem sentia a vontade de tornar-se um Padre Carmelita-Descalço e depois de realizar os contatos necessários, viajou a Roma para ingressar na Ordem Carmelitana Descalça. Porém, Lira não se “encaixou” nessa comunidade. Em seu texto autobiográfico, ele reclama de falta de atenção por parte dos companheiros da Ordem em Roma.

Ficava sozinho na cela dia e noite. Comecei, então a pensar que não era este o tratamento que devia receber. [...] Não tive a acolhida de um candidato vindo da América do Sul, do Nordeste, do Brasil, que desejava muito pertencer a uma Comunidade Religiosa contemplativa. Neste momento Deus me tocou o coração. “Volta, meu filho para tua terra” (LIRA, 2002, p. 22-23).

Lira não sabia falar italiano, mas desconsiderava que o motivo tenha sido por causa das dificuldades de comunicação. Ele se limitou apenas a considerar que o comportamento daqueles padres era muito “estranho”. Considerando a “falta de trato” dos companheiros, ele resolveu voltar para sua terra. No entanto, voltar era o mesmo que atestar o próprio fracasso e Lira sabia o que lhe esperava:

Voltar para o mesmo Seminário que eu saí, ouvir perguntas indiscretas, interpretações maldosas, olhares indiscretos, conversas maliciosas, tudo isto vinha à minha cabeça com um turbilhão de imagens que às vezes me sufocava e me fazia sofrer terrivelmente (LIRA, 2002, p. 24-25).

A decisão de voltar, claramente o afetou, pois é perceptível a expressão de dor em seu discurso. Ele próprio se sentia humilhado com a possibilidade do julgamento. “O humilhado se vê e se sente diminuído, espoliado de sua autonomia, na impossibilidade de elaborar uma resposta” (ANSART, 2005, p. 15). A impotência o consumia quando se perguntava como poderia responder aos julgamentos

vindos tanto da família (que lhe ajudou financeiramente para a viagem) quanto dos colegas de seminário. O jovem sentia antecipadamente a vergonha sobre seus ombros, tanto que cogitou a possibilidade de ficar no Seminário Maior do Rio de Janeiro, isto é, voltar para o Brasil, mas não para Sobral, pois não sabia como enfrentar os comentários maliciosos que o esperavam. “Era Cristo me provando, tirando as raízes do meu orgulho, da minha vaidade, de tudo que me ligava à Terra” (LIRA, 2002, p. 25). Nessa passagem, ele destaca a palavra Terra ao iniciá-la com letra maiúscula. Como veremos nos capítulos posteriores, essa palavra tinha um sentido forte na escrita de Padre Lira e tinha normalmente o significado de local de origem, terra natal. Mas, Terra (com T maiúsculo) significava o mundo material que alimenta sentimentos vis como a vaidade e o orgulho.

Seguindo os conselhos de Dom José e Monsenhor Helder Câmara, o jovem resolveu voltar ao Ceará. Mas ficou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde foi vítima de críticas pelo insucesso na congregação romana. Sentindo-se humilhado, concordou em assistir as aulas de Teologia mesmo sabendo que não poderia ser aceito para realizar os exames finais em 1947, por medo de voltar a Sobral. Sem o diploma de Teologia, Lira pediu a Dom José para cursá-lo no Seminário de Olinda, em Pernambuco. Porém, o pedido foi negado pelo Monsenhor Mousinho, então reitor do seminário de Pernambuco. No telegrama enviado a Dom José, a explicação foi a de que não seria aceito “seminarista fracassado”. Lira expõe o ocorrido da seguinte forma: “O orgulhoso, altivo e pretencioso Mons. Mousinho dizia: ‘Não posso receber em meu Seminário seminarista fracassado em outro seminário’” (LIRA, 2002, p. 28). Os adjetivos pejorativos indicam claramente o rancor que o padre ainda sentia, mesmo depois de 52 anos. Ser reconhecido como “seminarista fracassado” era uma ofensa grave demais para ser esquecida facilmente: “Só angústia e dissabor enchiam minha alma. Às vezes, pensava: Por que esse povo não me compreende?” (LIRA, 2002, p. 28). Parece que a ofensa tocou também o orgulho do Bispo Dom José, já que o seminarista estava sob sua tutela e saía de seu seminário: “O astuto Mons. Mousinho não sabia que estava ferindo os melindres do nosso querido Dom José” (LIRA, 2002, p. 28). Era questão de honra para Dom José desfazer o ocorrido. Então, utilizando-se de sua influência encaminhou o jovem



para o Seminário de João Pessoa, na Paraíba, bastando apenas uma carta ao amigo Dom Moisés, arcebispo de João Pessoa. A estada de Lira nesse seminário foi das melhores. Ele não comenta em seus escritos se essa comunidade sabia das experiências malsucedidas dele na Ordem Carmelitana Descalça, no Seminário da Prainha e da recusa no Seminário de Olinda. Porém, enfatiza que o tratamento dispensado para ele foi inteiramente diferente: “Eu assistia a toda esta mudança de amor, de compreensão, de amabilidade e carinho guardando-a profundamente em minha alma. [...] Foi lá que eu me reconstitui de tudo o que passou” (LIRA, 2002, p. 29-30).

Só retornou a Sobral em 1951 para ordenação. No mesmo ano tomou posse como pároco da Paróquia de Frecheirinha, a 56,4km de Sobral, na qual permaneceu por dois anos até sofrer um “parativo”,<sup>17</sup> como ele diz. Em 1953 pediu renúncia do cargo e foi morar no Palácio Episcopal,<sup>18</sup> na companhia do então Bispo de Sobral Dom José e seu protegido e filho adotivo, Padre Palhano. Nesse mesmo ano Dom José o nomeou professor do Seminário, confessor dos seminaristas e das Irmãs do Colégio Sant’Ana (LIRA, 2002, p. 36). No entanto, a vida de Padre Lira ganharia outra reviravolta.

A convivência fez com que Lira tivesse um desentendimento sério com Padre Palhano que estava envolvido em escândalos não especificados por Lira em sua autobiografia. Apesar de Lira não explicitar o motivo, é evidente a importância que o mesmo dá ao fato ocorrido, pois ele se manifestou muito sobre esse assunto. Em sua convivência íntima no Palácio Episcopal, ele se julgava detentor de informações preciosas:

Eu via tudo, analisava tudo, guardava tudo na minha lembrança. Nada se passava despercebido. Guardava tudo que se passava desde a portaria até o portão do quintal. [...] Às vezes penso: porque Deus me fez testemunha de tanta coisa? Isso me fazia sofrer muito (LIRA, 2002, p. 38).

---

<sup>17</sup> Segundo o depoimento de Padre José Linhares Ponte o “parativo” foi devido a uma “irremediável doença pulmonar” (SOARES, 2005a, p. 16).

<sup>18</sup> O prédio que pertence à Diocese de Sobral, hoje abriga o Museu Diocesano Dom José, situado na Avenida Dom José, nº 878, Sobral/CE.

Não podemos deixar de problematizar o caso dos dois padres, pois acreditamos que havia uma disputa por prestígio e pela preferência de Dom José.

Lira demonstra, por vezes, desprezo pela figura de Palhano, desqualificando-o e desconfiando de sua integridade moral e intelectual, afirmando que o “apadrinhado pelo Bispo não era muito solícito na oração, nos estudos. Começou a desobedecer o regulamento e causar mal-estar entre os colegas do Seminário. Chegou a ser expulso do Seminário” (LIRA, 2002, p. 41). Mas, como a vontade do Bispo imperava, Padre Palhano foi readmitido, concluiu o seminário e depois da ordenação foi nomeado por Dom José como Secretário do Bispado, importante cargo dentro da Diocese. Segundo Lira, as ações do Padre Palhano eram de consciência de todo o clero, que inclusive se reunia secretamente para encontrar um “sacerdote que tivesse coragem de dizer a Dom José os grandes escândalos que o seu Secretário dava” (LIRA, 2002, p. 43). Um dia, o bispo perguntou a Lira o motivo das tais reuniões e este lhe confiou os “segredos”. A revelação feita foi o estopim da “grande desavença” (como Lira coloca em sua autobiografia). Palhano tinha poderes sobre o Bispo e exigiu a expulsão de Padre Lira da Residência Episcopal, marginalizando-o com relação ao clero sobralense. A partir das memórias escritas de Lira podemos perceber a força da desavença que se diluía nas linhas da autobiografia como um ressentimento.

Pierre Ansart realiza uma reflexão interessante sobre o dever da memória muito valorizado depois da Segunda Guerra Mundial e afirma que a memória dos ressentimentos é diferente, pois desenvolve questões mais delicadas sobre o assunto. Afinal de contas, a memória conserva ressentimentos daqueles de que fomos vítimas? Que memória conserva um indivíduo ou um grupo sobre seus ressentimentos? O que o poder público pode fazer diante dessas memórias alimentadas tão fortemente por ressentimentos? (ANSART, 2001, p. 30). Para o nosso trabalho será relevante a seguinte questão: que memória Padre Lira conservou de seus próprios ressentimentos? O que ele guardou durante anos e veio a desabafar somente na velhice?

Acreditamos que esse ranço era o que munia Lira de vontade de vencer e mostrar o seu valor diante dos outros. Ele considerava o ocorrido como uma provação, “uma grande cruz” pela qual Deus pre-

tendia testá-lo (LIRA, 2002, p. 37). O ressentimento ainda dominava o coração do velho padre quando em 1999, aos 74 anos de idade, resolveu escrever suas memórias:

Muitas pessoas me dizem que ninguém deve falar, ninguém deve escrever sobre pessoas que já morreram. Por outro lado, eu pensei, como poderei contar minha história tão entrelaçada com centenas de pessoas que me pararam, que me denunciaram, que me causaram tanto sofrimento, que me injuriaram? (LIRA, 2002, p. 45).

Segundo Marc Ferro, aquele que se julga vítima de uma injustiça, ruma a vingança até chegar ao ponto de não mais aguentar o tormento do rancor que finalmente pode se materializar de alguma forma. Por mais que Padre Lira fosse aconselhado da indelicadeza de citar falecidos, que não possuíam chance de defesa, ele sentia necessidade de divulgar suas mágoas, mesmo que citando nomes como uma maneira de alcançar justiça. Pois, “a revivescência da ferida passada é mais forte do que toda vontade de esquecimento” (FERRO, 2009, p. 14). Todo ressentimento tem em sua origem um trauma, uma ferida, uma humilhação ou afronta, que exterioriza a impotência da vítima. O ressentimento pode ser desenvolvido individualmente e coletivamente, podendo deflagrar vinganças, guerras, revoltas, atentados e revoluções como bem mostram as pesquisas de Marc Ferro. Não podíamos deixar de levar em consideração esse lado sombrio dos escritos do sacerdote, pois acreditamos ser de extrema importância em suas memórias que possuem diversos sentimentos como a saudade das brincadeiras de infância, o carinho pelos amigos e o tempo do seminário em Sobral e João Pessoa, a emoção vivida em suas viagens etc. Mas, é o ressentimento que retorna a cada falta de confiança, a cada acusação e desdém sofrido por Lira. É preciso sim considerar esses sentimentos que fazem parte das ações humanas: “os rancores, as invejas, os desejos de vingança e os fantasmas da morte, pois são exatamente estes os sentimentos e representações designados pelo termo ressentimento” (ANSART, 2001, p. 15). Aos 74 anos, João Mendes Lira ainda necessitava provar que não era um “seminarista fracassado”.

Mas, pelo visto, Palhano era o único que realmente conseguia tirar Lira do sério. Há um trecho que nos chamou a atenção presente no livro *Padre Lira: eternamente sacerdote*, em que Padre Manuel

Valdery da Rocha, ex-aluno e colega de sacerdócio, disserta sobre os momentos vividos com Padre Lira e sobre sua personalidade:

Parece que só uma vez se zangou de verdade. Quando morava no Palácio do Bispo, com Dom José, cujas autoritárias transferências de padres, no estilo da época, eram obedecidas por todos, “sem tossir nem mugir”. Ele mesmo me contou: indisposto com o secretário do Bispado, o qual o queria muito e muito longe mesmo daquele Palácio, levou-lhe o Padre Palhano um recado oral, nestes termos: “Dom José mandou dizer que amanhã cedo você tomasse o trem e fosse para Ipu, pois foi nomeado coadjutor daquela Paróquia”. Zangado, e com o dedo em riste, Padre Lira fuzilou: “Pois diga a ele, que eu não vou não”. “Brabo”, sim, mas não desobediente, pois percebeu que aquilo era mentira do portador (SOARES, 2005a, p. 43-44).

Padre Palhano queria Padre Lira longe, “muito e muito longe mesmo” do Palácio. O exagero expressivo dessa frase demonstra que a relação entre os dois padres realmente não era das melhores. Apesar da forte presença do nome de Palhano no texto autobiográfico de Lira, este praticamente não o cita em seus artigos históricos. Esse detalhe é interessante, pois, Palhano foi uma figura famosa na cidade, tendo sido inclusive prefeito de Sobral.

Apontamos para a possibilidade de cada um dos padres ver no outro uma ameaça, já que os dois estavam convivendo com Dom José e tentando agradá-lo como podiam, acirrando mais ainda uma disputa. Mas, convenhamos: existia muita diferença entre os dois padres. Eram como água e fogo. Padre Lira era o típico padre tradicional que não abria mão do uso da batina, despindo-se de todas as “vai-dades do vestir, do comer, do poder”, segundo depoimento de Padre Valdery da Rocha (SOARES, 2005a, p. 43). Essas eram qualidades admiradas pelo Bispo. Ao contrário, Padre Palhano era descolado, moderno, ligado à tecnologia, tinha uma rádio, gostava de carros e pilotava um avião. Segundo Lustosa da Costa, a relação de Palhano e Dom José era repleta de admiração e entrega:

Pai-avô, Dom José só enxergava encantos e virtudes no guri, de forma que, vida afora acumulou-o de mimos, dinheiro, possantes motos e velozes automóveis, com os quais o jovem percorria ruidosamente a cidade. Até avião tinha esse Julien Sorel sobralense. Imagine-se o escândalo, há trinta e tantos anos, numa conservadora e tradicionalista cidade do interior nordestino! (COSTA, 1982, p. 89).

Entrecruzando as memórias de Padre Lira com os escritos do memorialista e jornalista Lustosa da Costa, podemos visualizar a ponta do iceberg que pode não explicar todo o caso, mas insinua um rastro que reforça o ressentimento de Padre Lira. No livro *Sobral: cidade de cenas fortes*, Costa reproduz o que se dizia sobre os motivos da briga dos padres: Lira teria surpreendido Palhano, no térreo do prédio do Palácio, a se “recrear” com uma mulher de apelido Maria Cabeluda. O “seminarista galante”, como era conhecido Padre Palhano, depois de convencer Dom José de que tudo era uma mentira, propôs que Lira fosse internado, pois segundo ele, herdara a loucura da família Lira. Dias depois do ocorrido, cuecas com as iniciais de Padre Lira apareceram em casas de prostitutas (COSTA, 2003, p. 43-47).

Depois da expulsão da Casa do Bispo, com a ajuda de alguns padres, Lira conseguiu continuar lecionando, confessando e trabalhando na Capela da Saúde em Sobral. Nesse período resolveu se resguardar e dedicar mais tempo aos estudos de História e Geografia, matérias que lecionava, o que o ajudou a retomar o prestígio entre os colegas posteriormente. Padre Lira se esforçava intelectualmente para ter seu lugar garantido.

No ano de 1960, foi encarregado pelo reitor do Seminário de organizar o Novenário da Missa Solene do Preciosíssimo Sangue. Pelo trabalho recebeu uma recompensa em dinheiro que lhe permitiu investir numa viagem para participar do Congresso Eucarístico Internacional ocorrido em Munique, Alemanha. Essa experiência foi importante em sua carreira, pois permitiu que ele aprofundasse os estudos que fazia sobre História mundial visitando os principais locais históricos da Europa e circulando por 16 países. Como ele mesmo afirmou: “Foram quase três meses de peregrinação [...] de muito proveito espiritual e intelectual”.<sup>19</sup>

A viagem rendeu bons frutos: em 1961, Lira deixou as funções na Capela da Saúde, em 1962 foi nomeado Capelão do tradicional Colégio Sant’Anna e em 1964 começou a lecionar na Faculdade de Filosofia da Diocese de Sobral, que posteriormente viria a

---

<sup>19</sup> Lira descreveu suas memórias de viagem, informando os locais e a emoção de estar neles, locais que em seu discurso foram “testemunhos” da história mundial (LIRA, 2002, p. 50-57).

ser incorporada à Universidade Estadual Vale do Acaraú.<sup>20</sup> No entanto, Padre Lira demonstra muita mágoa em suas memórias também com relação ao início de seus trabalhos como professor do Seminário. Sobre o assunto ele escreveu o seguinte:

Na primeira reunião do corpo docente do Seminário, foram escolhidos os professores para ensinarem em todas as disciplinas. “E o Padre Lira, qual a matéria que daremos para ele?” Imediatamente o santo Padre Edson Frota, crítico ao extremo, respondeu: “Ele não sabe de nada, dê umas aulas de Religião”. Para mim foi uma tremenda facada. Calei-me e nada disse. Não sei se era inveja que existia dentro dele ou era o medo da minha presença naquele casarão (LIRA, 2002, p. 37).

Especializar-se no estudo de História e Geografia parece ter sido a forma encontrada por Lira para afirmar ao “santo padre” crítico que seu potencial ia mais além do que ministrar aulas de religião, tanto que na primeira oportunidade, assumiu as cadeiras de História e Geografia. Lira afirma que Padre Edson Frota “era tido e reconhecido como um santo...” (LIRA, 2002, p. 37), no entanto, parece-nos que há algum sarcasmo quando Lira o chama de “santo padre”, já que essa é uma expressão que designa aquele que está no mais alto escalão da Igreja Católica, o papado. Talvez fosse uma forma de mostrar ironicamente que Padre Edson Frota quisesse ser o dono da razão e que sua palavra era ordem. Mas que principalmente, o padre que não sabia de nada agora trilhava o caminho da ilustração, contrariando as palavras de desdém.

Foi nesse período (início da década de 60) que Lira demonstrou a necessidade de escrever motivado pela preocupação com a falta de conhecimento sobre a história local. A narração de um episódio pitoresco chama a atenção:

Outro fato que me impulsionou a publicar livros apropriados à aprendizagem da história de nossa terra foi a descoberta de uma casa velha,

---

<sup>20</sup> A Universidade Vale do Acaraú foi criada no ano de 1968, através da Lei Municipal nº 214 de 23-10-1968. Mas a Faculdade de Filosofia da Diocese só foi incorporada em 1984, através da Lei nº 10.933 de 10-10-1984. Na ocasião mudou-se a sigla da universidade para Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, afirmando o vínculo direto com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Ver site da Universidade Estadual Vale do Acaraú: Disponível em: <[http://www.uvanet.br/textos.php?id\\_texto=1](http://www.uvanet.br/textos.php?id_texto=1)>. Acesso em: 23 abr. 2015.

quase toda arruinada no quarteirão mais antigo de Sobral. Passando casualmente naquela área, entrei nesta quase demolida choupana e me surpreendi quando avistei muitos livros antiquíssimos no chão, em cima de alguns bancos e dentro de móveis estragados. Rapidamente fui buscar meu carro e coloquei todas estas relíquias do nosso passado no meu veículo e os levei para a UVA! Estes livros, uns do século passado, outros do início deste século, me deram um incentivo muito grande de trazer para meus conterrâneos a história de nossos antepassados (LIRA, 2002, p. 58).

Esse episódio nos diz muito sobre outro sentimento que Lira tinha ao escrever sobre a memória de Sobral: a compaixão diante do abandono do passado. O padre, mediante a narração, procurava legitimar o afincado dedicado por ele na missão de apontar o que deveria ser preservado do cruel esquecimento. Para Lira o resgate desse passado devia ser urgente, pois a possibilidade da ruína do passado seria a destruição da própria cidade e dos próprios sobralenses. Segundo princípio das regras que postulam o empreendimento biográfico, o princípio de coerência (REVEL, 2010, p. 246), ou seja, a necessidade de tornar o discurso coerente e significativo:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis (BOURDIEU, 2002, p. 184).

Ou seja, Lira precisava explicar suas ações de “resgate do passado” de forma que pudesse ser compreendido e ganhar aceitação. Dessa forma ele selecionou essa experiência, que para ele era um acontecimento *significativo*, e realizou uma conexão com uma intenção maior, que era o resgate da memória sobralense. Portanto, o sacerdote insinuava que a memória de Sobral, assim como os livros da choupana, estava à mercê e precisava ser preservada.

Padre Lira despontou como escritor em 1971 através da coluna *Nossa História* do jornal *Correio da Semana*, que pertencia à Diocese de Sobral, publicando posteriormente diversos livros. A partir disso veio o reconhecimento como historiador e sua posição foi mais fincada nas instituições com as quais tinha ligação (Igreja e Universidade), e se articulava a partir desses lugares científicos

(CERTEAU, 2011, p. 69). A carreira do Padre Mendes Lira foi crescente nas instituições intelectuais e, mesmo com as desavenças ocorridas, sua posição foi garantida graças à sua inserção intelectual como professor e como escritor.

Seu esforço em construir uma *representação de si* parece ter se efetivado quando houve em 1987 o processo de plenificação dos Cursos de Ciências da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, ano em que o padre ainda lecionava. Na organização do corpo docente, Lira não poderia continuar no cargo de professor pela falta de diploma nas áreas às quais era indicado para lecionar (Sociologia, Filosofia e Psicologia da Educação). Apesar de não ser o único a enfrentar esse problema, seu caso foi analisado como excepcional. A defesa da permanência de Lira no quadro de professores não ocorreu somente diante do extenso tempo de serviço prestado (22 anos, contando de 1964 a 1986), mas principalmente pelo “critério do notório saber”. Pautado na Resolução nº 192/83 do Conselho de Educação do Ceará, o seguinte artigo acertava que:

Art. 7º – O critério do notório saber pode ser adotado pelo Conselho, em caráter de rigorosa excepcionalidade, para a dispensa da exigência de titulação, na aprovação de professor responsável para qualquer modalidade de curso superior.<sup>21</sup>

Diante da reprodução do extenso currículo de Lira, com indicação de Padre Manoel Valdery da Rocha, ex-aluno de Lira e então Diretor da UVA, o Conselho não se recusou em aceitar a dispensa do diploma acadêmico de grau superior, por considerá-lo “possuidor de notório saber, quanto mais o professor em referência com curso superior de Filosofia e experiência de tantos anos de magistério”.<sup>22</sup> A aceitação do velho professor está diretamente envolvida com o espaço social no qual ele estava inserido. As representações e interesses dos indivíduos variam conforme a sua posição e seu *habitus* que produz práticas e representações que são decodificadas somente por

<sup>21</sup> CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. Conselho Estadual de Educação do Ceará. *Parecer nº 337/87 do Conselho de Educação do Ceará*.

<sup>22</sup> CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. Conselho Estadual de Educação do Ceará. *Parecer nº 337/87 do Conselho de Educação do Ceará*.



outros agentes que igualmente possuem o poder de compreensão desses códigos que definem o sentido social do grupo, pois os próprios agentes se auto classificam (BOURDIEU, 2004, p. 158-159). Os membros que compunham a instituição universitária detinham normas comuns àquele grupo, ou seja, eram dotados das categorias de percepção e de avaliação que os tornava capazes de perceber, conhecer e reconhecer os esforços de Lira como importantes e eficientes para a comunidade acadêmica (BOURDIEU, 1996, p. 170). O diploma é um signo distintivo, um capital simbólico de reconhecimento universal e indiscutível que Lira não possuía, porém, o grupo acadêmico identificou outros signos de distinção (os livros publicados e a experiência) que tinham a mesma função positiva e de crédito do capital simbólico que permitiu suprir a falta do que era exigido (BOURDIEU, 2004, p. 160-164). O respeito e reconhecimento foram alcançados, mas não sem algum drama.

O próprio Padre Manoel Valdery relata outro episódio parecido que ocorreu no processo de reconhecimento da Faculdade de Filosofia Dom José a ser encampada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú em 1984:

Quando da apresentação ao Conselho Federal de Educação de nomes de professores a serem aceitos como responsáveis por determinadas disciplinas no processo de reconhecimento da Faculdade de Filosofia Dom José, o seu nome não foi enviado. Mesmo não lhe faltando a comprovada competência, faltava-lhe o diploma oficial de curso superior. Foi enviado para História, ao lado de disciplinas da área de Letras, o renomado professor Pethrus Van Ool (Padre Pedro). Para esta indicação, a resposta do CFE veio assim redigida: “Pode ser aceito para Língua Portuguesa e sua Literatura: Língua Inglesa e sua Literatura”. Em face dos termos da resposta do Conselho, Padre Lira costumava a ela se referir, citando-a, numa leitura toda sua, e martelando as palavras, como se assim tivesse vindo redigida: “Pedro... não pode... não pode... ensinar História”... Era um justificável e santo “ciúme”. Foi assim que com bom humor e brincando com o Padre Lira, contava o cônego Joviniano Loiola, diretor da Faculdade (SOARES, 2005, p. 43).

Padre Valdery julga como justificável a reação, pois durante muitos anos Lira dedicara sua vida à pesquisa e aos estudos em História, dessa maneira, o “santo ciúme” o consumia a repetir que ninguém poderia ensinar História melhor do que ele. Padre Lira nesses

episódios experimentou sentimentos de ameaça (HAROCHE, 2001, p. 340): a experiência da *humilhação* com a possibilidade de ser “dispensado” do serviço, mesmo depois de anos, pelo fato de não possuir o diploma; e a experiência do *medo* de perder o posto que conquistou a muito custo, enfrentando tantos obstáculos, vê-lo ser entregue a outrem.

Padre Lira viveu 80 anos, vindo a falecer em 23 de julho de 2005. Já não escrevia há alguns anos, pois em 1996 sofreu um atropelamento atrás do Teatro São João e em 2003, já tinha passado por dois AVCs. Todas as doenças o deixaram debilitado e foi obrigado a parar de andar de lambreta, de viajar e de escrever, pois “as ideias não saíam com facilidade” (LIRA, 2002, p. 63). A necessidade de repouso constante o afastou das atividades às quais tinha paixão, no entanto, ainda exercia suas obrigações sacerdotais, celebrando e confessando.

## **Padre Lira e o Bispo Dom José**

*É digna do deus, e de ti, a atitude de tirar o morto do esquecimento.*<sup>23</sup>

João Mendes Lira era muito dedicado e fiel a Dom José que, como vimos, foi quem o ajudou em vários momentos de dificuldade em sua conturbada vida religiosa entre o Seminário da Betânia em Sobral, o Seminário da Prainha em Fortaleza, a Ordem Carmelitana Descalça em Roma e o Seminário Superior de João Pessoa. Essa ligação de favores devidos a Dom José foi evidenciada não somente em sua autobiografia (que explica muito da reverência constante que o padre fez ao “eterno bispo”), mas também na construção de duas biografias controversas dedicadas a ele.

A primeira biografia foi lançada no ano de 1975, intitulada *Sobral, sua História Documental e a Personalidade de Dom José*.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> SÓFOCLES. *Édipo Rei-Antígona*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p. 31.

<sup>24</sup> LIRA, J. M. *Sobral, sua história documental e a personalidade de Dom José*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

A segunda publicação do mesmo gênero saiu em 1982, *A Vida e a Obra de Dom José Tupinambá da Frota – 1º Bispo de Sobral*.<sup>25</sup>

Outras duas publicações do mesmo autor merecem atenção nessa análise: *História do Abrigo Sagrado Coração de Jesus – Construído por D. José Tupinambá da Frota para a Velhice Desamparada (uma outra face de D. José Tupinambá da Frota)*, de 1988 e *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota – 1º Bispo de Sobral*, de 1991.<sup>26</sup>

Todas essas publicações parecem ter sido inspiradas no acervo de documentos, manuscritos e cartas, deixado por Dom José sob a guarda de Padre Lira. Em todos esses livros o autor recorre à transcrição de parte desse material. São poucas as inserções de escrita do padre, embora significativas, mas ele organizou os documentos com o fim de realizar uma meta de publicação: “O plano era publicar uma série de livros sobre a Vida, sobre as Obras e finalmente sobre o relacionamento dele com seus paroquianos e seus diocesanos. Esta foi a promessa que fiz a ele [Dom José]” (LIRA, 1988, p. 4).

Os dois primeiros livros tratam de toda a carreira do bispo, bem como de algumas obras; o terceiro trata especificamente da construção do Abrigo Sagrado Coração de Jesus, com telegramas e cartas que explanam o esforço do bispo em conseguir doações para realização do abrigo. Lira não lançou nenhum livro que realizasse a última proposta. O quarto livro é uma coletânea de manuscritos, notas de jornal e documentos diversos, que pelo visto foram coletados pelo próprio bispo a julgar pela carta de apresentação do material datada de 1947 e assinada por Dom José: “Quis apenas apresentar ao público a série de documentos que por si falarão e se em certos assuntos descii a algumas particularidades, o fiz para melhor salientar a má fé dos meus acusadores” (LIRA, 1991, p. 7).

É um livro em que o bispo tenta explicar para os leitores a discórdia ocorrida entre ele e o juiz José de Sabóia, devido às disputas eleitorais de 1945: “o conflito se deu por oposições políticas, chegando o Bispo a associar José de Sabóia aos comunistas” (FERREIRA,

---

<sup>25</sup> LIRA, J. M. *A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota – 1º Bispo de Sobral*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

<sup>26</sup> As duas obras citadas foram lançadas pela Companhia Brasileira de Artes Gráficas do Rio de Janeiro, a qual Lira chamava de “minha Editora” (LIRA, 2002, p. 60).

2010, p. 36). Dom José se utilizava do jornal *Correio da Semana* para realizar sua batalha contra o juiz. Inclusive a obra que Lira intitulou de *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota - 1º Bispo de Sobral* é recheada de textos do jornal *Correio da Semana* que foram publicados na época da disputa, incluindo alguns textos contra o bispo e outros em que este tenta se defender: “Ora, segundo a hermenêutica do Dr. José Sabóia, eu sou o único responsável por tudo o que o *Correio da Semana* publica, ainda mesmo pelos artigos assinados pelos seus autores” (LIRA, 1991, p. 20). É uma obra que parece ter sido escrita no “calor dos acontecimentos”, em que o bispo direciona o discurso ao Dr. José Sabóia. Enfim, não entraremos nos pormenores da disputa entre o bispo e o juiz, pois o que nos interessa é a importância da ação realizada por Dom José em confiar a Lira a responsabilidade de cuidar desse material (que perceptivelmente era de grande valia para o bispo) e oportunamente o tornar público.

A segunda biografia escrita por Lira foi: *A Vida e a Obra de Dom José Tupinambá da Frota - 1º Bispo de Sobral*, lançada em 1982, em decorrência das comemorações de centenário de nascimento de José Tupinambá da Frota. Em comparação com as outras obras, nessa é possível encontrar a opinião de Lira de maneira mais constante. Reproduzindo alguns documentos pessoais, artigos de jornais, cartas e telegramas do acervo sob sua guarda, Lira pretendeu, pela primeira vez mostrar as diversas faces do bispo de Sobral, desde sua infância até seu falecimento. Empreendimento deveras audacioso e extremamente arriscado, Lira já demonstra na apresentação o intuito em produzir essa obra:

Não é fácil escrever-se a vida de um homem, fazer-se um retrato de um homem que muitas vezes se mostrava profundamente humano e bondoso como Cristo, duvidoso e disfarçado como Pilatos, impetuoso como um César, intrigante como um Fouché, amigo leal como Richilieu, temido como Napoleão Bonaparte, amante de si próprio como os ditadores (LIRA, 1982, p. 7).

Sem sombra de dúvidas, essa obra é desconcertante e inovadora diante do que se tinha costume sobre a escrita de Lira, pois ele fez algumas considerações que causaram uma desagradável “surpresa” a seus leitores. Na primeira biografia, o padre dissertou sobre

a construção do mito de Dom José: ao explicar sobre o bom desenvolvimento do jovem aluno José Tupinambá da Frota no Colégio Pio Latino Americano e na Universidade Gregoriana de Roma, numerou ano após ano os prêmios e as homenagens por distinção recebidas pelo jovem. Lira afirmou que “não era, portanto, de admirar que fosse criado em torno dele um mito de aluno prodígio que deveria conservar, embora sem poder algumas vezes, até o fim da sua vida” (LIRA, 1975, p. 69). Ele tentou analisar o motivo pelo qual Dom José, mesmo dispondo de todas as condições para galgar postos elevados na hierarquia eclesiástica, preferiu recusar os convites para morar na região sul do Brasil, considerando o perigo que o aceite ofertaria a sua própria imagem:

D. José jamais poderia deixar fugir de sua personalidade esta auréola que conquistou na cidade Eterna, com tanto esforço. [...] Em Sobral era fácil a conservação da sua auréola de aluno prodígio adquirido na Pontifícia Universidade Gregoriana. Como Júlio Cesar preferia ser o primeiro em sua terra a ser o segundo em qualquer outra parte (LIRA, 1975, p. 69-70).

Para o padre estava claro que a recusa era uma espécie de medo que o bispo sentia em ser somente “mais um” em outras terras, pois, em Sobral as circunstâncias eram favoráveis para a realização de suas obras: era uma chance de deixar sua marca eterna. Já que tinha sido o primeiro em praticamente todas as atividades exercidas durante os estudos em Roma, deveria carregar a insígnia de primeiro bispo de Sobral, ajudando assim a administrar o mito sobre si próprio:

Como Vigário e como Bispo procurou atingir outros setores que lhe conquistassem a mesma auréola do seu querido Pio Latino Americano. Sem suportar competidor – sempre o primus inter pares – consequência normal para aqueles que foram expoentes como alunos – anulava sistematicamente todos aqueles que começavam a aparecer no cenário político, social e religioso de Sobral (LIRA, 1975, p. 70).

A estranheza foi sentida pelos sobralenses, que começaram a criticar o Padre Lira e a justificativa dele para esse desconforto sobre a personalidade de Dom José exposta em suas obras, é a de que, por ter residido no Salão Episcopal e ter se aproximado do bispo nesse

período, ele conhecia-o de um jeito que ninguém mais conhecia. Proximidade que, na visão de Lira, pôde ser confirmada quando Dom José entregou-lhe (e não a Padre Palhano) seus manuscritos com a exigência de que fossem publicados após o falecimento de todas as pessoas citadas. Segundo Padre Lira, o bispo já muito debilitado pelas doenças e velhice, chamou-o ao Palácio e informou-lhe onde se encontravam os arquivos. Isso ocorreu vinte dias antes da morte de Dom José, em 1959 (LIRA, 1982, p. 80). O padre ainda comenta que o acervo jornalístico foi organizado pelo próprio bispo, com cuidado religioso, no qual rendeu mais de 15 livros com recortes de jornais que citavam o nome do bispo sobralense (LIRA, 1982, p. 84). Mesmo com a grande confiança e apreço depositados em Palhano, o bispo escolheu Lira para a missão: “Ele não deixou esses originais com o Padre Palhano porque com ele seria difícil a publicação. Preferiu entregar-me fazendo-lhe prometer que os publicaria. Adiei a sua publicação por 32 anos” (LIRA, 1991, p. 6).

A “preferência” presumida através dessa ação de confiança, não foi a única justificativa. Lira tenta explicar a escolha do bispo colocando-se como a companhia leal e paciente, que ajudou o então idoso e doente Dom José a atravessar os momentos de solidão:

Por que D. José me fez depositário de todos os seus preciosos manuscritos? Será porque eu ficava religiosamente com ele todas as horas sem me angustiar, sobretudo durante as longas tardes? O meu tipo de dedicação a sua pessoa ao lado da fidelidade absoluta que lhe devotava – aliás testada por ele várias vezes – teriam levado S. Excia. a me fazer depositário de todo seu acervo histórico? (LIRA, 1988a, p. 4).

Claramente, há uma afirmação de si e uma comparação velada com as atitudes de Padre Palhano, quando Lira afirma: “o meu tipo de dedicação”, pois denota a diferença de tratamento consagrada ao velho bispo. Toda a atenção dispensada e os “testes de lealdade” pelos quais o padre passou, transformaram-se, na visão de Lira, em uma “dívida”:

O fato é que D. José tinha uma dívida para comigo. Eu sabia plenamente que ele achava que a razão estava do meu lado quando tive que sair do Palácio, de sua companhia, às pressas em 1945, onde lhe fazia companhia nas prolongadas tardes e noites sombrias. Mesmo assim, minha conduta para com S. Excia. continuou a mesma. Ele conheceu

muito bem o meu modo correto de agir. Isto, sem dúvida, foi o motivo que o levou a entregar-me estes manuscritos que são verdadeiros tesouros (LIRA, 1982, p. 80).

Segundo Padre Lira, a biografia de Dom José “causou surpresas em alguns sobralenses que ainda não conheciam de modo mais real e mais íntimo a vida deste homem extraordinário” (LIRA, 2002, p. 59). “No campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados fundamentalmente a partir de construções póstumas”, ou seja, elas têm a capacidade de recriar a pessoa no templo da memória (ABREU, 1996, p. 67). Portanto, não é de se espantar que a imagem proposta por Lira fosse negada como uma representação real do que foi a personalidade de um homem que se construiu como um mito. Não podemos esquecer que Dom José é uma pessoa-símbolo e foi imortalizado pela população e pelas constantes homenagens.

Mas o que parece estranho para alguns sobralenses poderia ser o fato de Lira, ao mesmo tempo em que mostra a superioridade intelectual e empreendedora do bispo, complementando a gama de homenagens póstumas, também mostra o lado humano, em todas as suas falhas e medos. É que há uma estreita relação hierárquica entre público e privado que serve como fio condutor à fabricação do imortal: “o privado encontra-se subordinado ao público” (ABREU, 1996, p. 89). E o que Lira faz em sua obra é mostrar abertamente os segredos, a intimidade que demonstra fragilidade: o oposto do que era conhecido sobre o bispo. O padre afirma que Dom José: “Podia ter deixado muita coisa escrita, mas certamente temia que o seu conceito de admirável estudante fosse abalado” por uma publicação malfadada; e, demonstrando compreensão, Lira lamenta o fato de que “nem sempre é agradável uma pessoa ter sido considerada *aluno extraordinário*”, deixando a entender que a responsabilidade intelectual recaía sobre Dom José de maneira mais devastadora (LIRA, 1975, p. 70). Talvez, já no final da vida, o bispo tenha reconhecido que já não tinha mais forças para vestir o manto de “mito” que devia pesar mais do que a iminência da morte.

Sobre *O livro inédito de Dom José*, Padre Lira manifesta a seguinte impressão sobre a leitura que fez das anotações deixadas pelo bispo:

Nesta Autobiografia vemos um D. José altaneiro, pairando acima das confusões, ora o encontramos alquebrado pelos grandes sofrimentos que se abateram sobre sua pessoa, um D. José humilde diferente do majestoso. Os grandes homens têm também os seus momentos trágicos, quando eles são forçados a raciocinarem e serem eles mesmos.<sup>27</sup>

Isso deve ter sido de fato surpreendente para alguns, pois muitos descrevem Dom José, mas poucos tiveram a coragem de narrar o bispo através de seus defeitos e fraquezas. Nas memórias de Lira, ele divulga inclusive, informações íntimas sobre Dom José, sobre o seu estado de saúde, incluindo crises de pressão alta e o tratamento de sangria, os momentos de tristeza, o sentimento de abandono e de fúria. O padre acreditava que os anos de convivência no Palácio permitiram-lhe observar de maneira minuciosa o espírito do bispo, que se mostrava “ora extremamente nervoso, algumas vezes incontrolável, em determinadas ocasiões muito paternal, frequentemente vaidoso, muito inclinado para as elevações” (LIRA, 1982, p. 3).

A fragilidade do bispo é apresentada, principalmente no caso do pedido de desculpas que Dom José fez ao Padre Lira:

Um certo dia, durante o seu longo interrogatório (Dom José que tinha uma confiança ilimitada no Sr. Valdemar Teixeira que morava no Palácio), querendo me convencer que eu tinha errado, disse bem alto da sala onde atendia aos visitantes: “não foi assim, Sr. Valdemar?”. Ele respondeu imediatamente e bem alto: “Não foi não, Sr. Bispo. Foi o Mons. Osmar e não o Padre Lira”. Neste momento, eu vi uma coisa quase inacreditável. Dom José levanta-se de sua cadeira de balanço e ajoelhou-se a meus pés pedindo perdão.

– Padre Lira, me perdoe, me perdoe, Padre Lira.

Neste momento senti a profunda humildade do meu Bispo (LIRA, 2002, p. 44).

Humildade que superava as exigências hierárquicas, Padre Lira mostra um Bispo de carne e osso, que erra e por vezes admite os erros, mas ao mesmo tempo, um Bispo que tem a justiça como dádiva em suas ações. No entanto, podemos imaginar que fosse de difícil

---

<sup>27</sup> O LIVRO inédito de D. José (sua autobiografia). *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 184, p. 2, 7 dez. 1974. Coluna Nossa História, p. 2.



entendimento para os sobralenses ver um simples padre como detentor de todos os “segredos” da figura que representava o mais alto poder em Sobral no início do século XX. Mais difícil era imaginar o Bispo Conde Dom José ajoelhado perante um padre.

No livro de comemoração do centenário de nascimento do bispo, Padre Lira expôs sua opinião sobre algumas ações de Dom José que podem ter causado a revolta em alguns defensores do bispo. Ele explana sobre as possíveis “facilidades” encontradas por Dom José na carreira, por ser sobrinho de Dom Jerônimo Tomé da Silva, então Bispo da Bahia e Arcebispo Primaz do Brasil, que o ajudou em toda sua jornada na Igreja. Comentou sobre a “duvidosa manifestação de entusiasmo” em decorrência das comemorações das Bodas de Ouro Sacerdotais do bispo, ricamente organizada por Padre Palhano em 1955, contraindo dívidas altíssimas que foram assumidas posteriormente pelo próprio bispo causando-lhe, segundo Lira, muita dor. As opiniões do padre escritor é que Dom José perdeu seu prestígio quando se envolveu em brigas sem sentido contra a maçonaria em Sobral,<sup>28</sup> bem como em disputas políticas que diminuíram a confiança da população no líder religioso. Lira não mediu as palavras ao falar sobre os excessos de Dom José.

A ideia de grandeza sempre dominou o espírito de D. José. Sem esta megalomania ele não podia viver. E para a realização desta sua fantasmagoria ele sacrificava amigos, correligionários (políticos) e tudo o que se constituísse em obstáculo [...]. Cada prédio novo que edificava era, sem dúvida, mais um ornamento para a cidade e mais uma pedra preciosa que incrustava na sua já reluzente coroa. Ele se auto-estimava e necessitava de alimento constante para esta auto-estima, esta auto-valorização (LIRA, 1982, p. 67).

O padre afirmou que dessa maneira Dom José afastou as pessoas. A ânsia por realizar seus projetos e a “auto-valorização” excessiva aumentaram o desprestígio e foram capazes de evitar que seu

---

<sup>28</sup> Lira acreditava que a troca de insultos entre José Tupinambá e os maçons em Sobral na década de 1910, teria causado o início do desmoronamento do pedestal onde se encontrava o bispo, além de ser episódio sem necessidade. Na troca de panfletos agressivos, a Maçonaria acusava Dom José de ter pistolão, ser retrógrado e possuir pouca ilustração, o que feria consideravelmente o orgulho do bispo (LIRA, 1982, p. 58-60).

nome fosse mais benquisto fora de Sobral, por valorizar em demasia as “lutas incompreensíveis” que se constituíam como represálias a pessoas que podiam indicar algum perigo para sua figura. E sem pena, o veredicto final de padre Lira foi espantoso e devastador:

D. José poderia ter entrado para a História como um dos maiores cearenses, como uma dimensão maior do que do Patriarca do Juazeiro. A história o vê como um homem que muito fez, mas para servir a seus interesses (LIRA, 1982, p. 70).

Não interpretamos o que foi escrito por Lira como um desrespeito à memória de Dom José, pelo contrário, ele se posicionou durante toda a sua carreira de escritor a favor da manutenção da memória do bispo, reconhecendo o empreendimento religioso, educacional e cultural operado por Dom José na cidade. No entanto, consideramos que tenha sido essa nova “visão” sobre o bispo apresentada por Lira que causou o alvoroço entre seus leitores. A recepção dessas obras foi das mais polêmicas, pois feria a imagem imaculada do bispo, transformava-o em gente, sem todo o aparato de Conde, sem o brilho tão fortemente propagado até hoje, por exemplo, no Museu Diocesano Dom José. Pelo visto, a má aceitação parece ter sido muito marcante, pelo menos para o padre que retomou o mesmo assunto repetidas vezes em várias outras obras publicadas durante toda a década de 1980. Depois da publicação das biografias sobre o bispo, Padre Lira retomava as justificativas em outras obras, como tentando defender-se de alguma acusação. Segundo Nilson Almino de Freitas, a biografia de Dom José escrita por Lira foi ferozmente criticada por Cleiton Medeiros, pois, na opinião deste, era “degradadora da personalidade do Bispo” (FREITAS, 2005, p. 261).

Lira afirmava que “os agentes da História muitas vezes se transformam em “mitos intocáveis” e que muita gente acredita que falar a verdade sobre eles é uma “estupidez”.<sup>29</sup> Ele chegou a prometer que o leitor, através de sua obra, vislumbraria “outra face” do Bispo: “Aqui o leitor encontra um D. José natural, sem ‘super-ego’”, capaz de expressar uma linguagem simples, mais próxima do povo,

---

<sup>29</sup> LIRA, J. M. *Subsídios para a história política e eclesiástica do Ceará*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1984. p. 8.

“sem trajes de ‘Príncipe’, sem ‘arminho branco’, sem batina vermelha de calda, sem púrpura e sem báculo dourado”.<sup>30</sup>

Nesse sentido, é interessante perguntar que críticas o padre recebeu e de quem? Acusado de escrever movido por sentimentos de revolta ou recalques, contradizendo-se constantemente sobre a posição tomada em relação à imagem do bispo (defesa ou acusação), Lira desagradou tanto familiares de Dom José, como seus colegas de profissão. Para defender-se, o padre afirmou que a História não pode estar à mercê de interesses familiares, definidos por ele como “mentalidade emocional de família”. Para Lira, a História estava acima dessas questões, já que, quando um indivíduo entra para a História, sua figura deixa a restrição do lar e passa a se tornar um “patrimônio da humanidade” e por isso deve estar sujeito a questionamentos, que o permitirão estar mais próximo do presente e dessa forma tornar-se mais autêntico e dinâmico lançando-se para o futuro. Segundo Lira, “só os pseudo-historiadores podem cercear a busca da verdade histórica com medo de que a pesquisa possa afetar o brilho do ‘Mito’” (LIRA, 1988a, p. 5). O lançamento da segunda biografia em 1982 parece ter complicado ainda mais a carreira do padre, visto que ele obteve problemas também com outros intelectuais:

Quando publiquei a Biografia de Dom José, por ocasião do centenário de seu nascimento, a pedido dele e do modo como ele desejava, quiseram me “lançar 4 processos”. Eu teria cometido quatro crimes. Até colegas respeitáveis optaram por esta sentença (LIRA, 1986, p. 5).

Infelizmente, para este trabalho não conseguimos encontrar, nos arquivos por nós analisados, o discurso direto daqueles que acusaram e criticaram Padre Lira pelo que ele escreveu nas biografias. Porém, mesmo que não apresentemos o diálogo completo entre as partes, os ataques podem ser depreendidos do discurso de defesa do padre, ou seja, as críticas existiram e não foram leves.

Curiosamente, Padre Lira encerrou a coluna *Nossa História* sem despedidas em 22 de maio de 1982, mesmo ano de publicação da

---

<sup>30</sup> LIRA, J. M. *História do abrigo Sagrado Coração de Jesus – Construído por D. José Tupinambá da Frota para a Velhice Desamparada (uma outra face de D. José Tupinambá da Frota)*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1988a. p. 4.

mal aceita *A Vida e Obra de Dom José Tupinambá da Frota – 1º Bispo de Sobral*. Acreditamos que o fato de sempre tocar no assunto em todas as obras lançadas depois de 1982, demonstra que Lira não concordava com as críticas e que essa constante defesa de si, foi a forma encontrada por ele para expor seu lado, admitindo que: “Realmente é difícil furar o bloqueio daqueles que se julgam detentores da História, da Cultura e do saber. E aqueles que ousam fazê-lo sofrerão represálias de todos os modos” (LIRA, 1988a, p. 5). Analisamos a expressão “furar o bloqueio” como “pensar, agir diferente”, recebendo punição por isso. Devemos levar em consideração que Lira fazia parte de um *campo de produção cultural* ou mais especificamente um *campo literário*. Como qualquer outro campo social, configura-se por um conjunto de regras de poder e de capital simbólico em que as relações de força estão em constante disputa (BOURDIEU, 2004, p. 170). Quando as regras não são respeitadas, os danos à carreira do indivíduo são desastrosos.

Padre Lira estava inserido num universo social de produção cultural através do *campo literário* em que a “lei do interesse econômico é suspensa”, ou seja, o desinteresse é visto como algo virtuoso ou mesmo como uma paixão incondicional pela atividade exercida. Mas, como avalia Pierre Bourdieu, mesmo nos universos sociais que valorizam o desinteresse, existem interesses escusos:

Por trás da aparência piedosa e virtuosa do desinteresse, há interesses sutis, camuflados [...] Não se vive impunemente sob a invocação permanente da virtude, já que somos apanhados pelos mecanismos e pelas sanções que existem para relembrar a obrigação do desinteresse (BOURDIEU, 1996, p. 152).

Desejamos aqui esclarecer que, para Pierre Bourdieu, esse pensamento não está ligado à visão reducionista de que o interesse é uma ação prioritariamente consciente e movida pelo lucro econômico. O interesse pode ser visto como *illusio*, ou seja, estar preso a um jogo que no caso é um jogo social: “*Interesse* é ‘estar em’, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos” (BOURDIEU, 1996, p. 139). É correto afirmar que, para se inserir no campo intelectual,

Padre Lira precisou primeiro inserir-se no jogo, não sendo indiferente às regras e aos rituais que constroem esse universo social. Portanto, para entrar nesse meio, é preciso provar que domina os *signos* e as regras, pois as relações de força se impõem a todos os agentes que desejam ingressar no campo. Todavia, para permanecer no campo é necessário continuar defendendo os mesmos interesses do grupo, com o risco de sofrer retaliações, por isso o campo literário também é um campo de lutas, pois sempre haverá alguma discordância entre os agentes.

Parte dos manuscritos de Dom José foi transcrita por Lira em algumas de suas colunas do jornal em dezembro de 1974<sup>31</sup> (quando decidiu tomar para si a missão de escrever a biografia de D. José) e de início de 1975.<sup>32</sup> O material que compõe esses textos é basicamente o que compõe o livro *Sobral, sua História Documental e a Personalidade de Dom José* (1975). Embora admitindo a grande dificuldade que enfrentaria: “escrever-se uma autêntica biografia deste homem será um trabalho muito complexo”, considerou ser relevante conhecer a história do mito Dom José:

Estudar a personalidade de D. José é fazer o passado sobralense vivo, candente: é abrir novas perspectivas para o presente e dimensionar o futuro. Com suas monumentais construções fez de Sobral uma ideia, um símbolo, e por esta razão jamais desaparecerá da memória de seus compatriotas.<sup>33</sup>

Sem dúvida, Lira admirava Dom José e acreditava que suas ações definiam o equilíbrio entre a tradição e o progresso citadino, no entanto, entendemos que o padre também se beneficiou bastante ao vincular sua imagem à figura já sacralizada de Dom José. As críticas que o padre fez às ações do bispo não refletem revolta contra Dom José,

---

<sup>31</sup>O LIVRO inédito de D. José (sua autobiografia). *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 184, 7 dez. 1974. Coluna Nossa História, p. 2. MINHA PROMOÇÃO ao episcopado (extraído da autobiografia de D. José). *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 187, 28 dez. 1974. Coluna Nossa História, p. 3.

<sup>32</sup>A VIDA de D. José no Colégio Pio Americano e na Universidade Gregoriana de Roma. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 203, 17 maio 1975. Coluna Nossa História, p. 3; D. JOSÉ e a História. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 206, 21 jun. 1975. Coluna Nossa História, p. 3. C.

<sup>33</sup>D. JOSÉ e a História. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 206, 21 jun. 1975. p. 3. Coluna Nossa História, p. 3.

antes pode refletir a maneira encontrada para imprimir sua individualidade perante os outros sobralenses que não conheciam o bispo como ele conhecia. Segundo Pierre Bourdieu, o nome próprio indica o principal meio para impor os ritos de instituição da personalidade social que pode como *designador rígido*, ser o mesmo objeto em vários universos possíveis (BOURDIEU, 2002, p. 186-187). Os ritos de instituição são percebidos através do uso do nome próprio, que não só designa, mas reforça uma identidade (BOURDIEU, 2002, p. 189). Ter o nome ligado ao de Dom José parecia uma maneira de angariar atenções para si, ou seja, um esforço de *produção de si* a partir do nome do bispo.

## Escrita Defensiva

*A vida de Pe. João Mendes Lira é de um sacerdote que fez do magistério a realização de sua missão sacerdotal e do cultivo da história da Cidade e de seus vultos a sua atividade intelectual maior, optando por uma intervenção social através de uma militância jornalística exercida, anos a fio, no jornal da Diocese.*<sup>34</sup>

A participação de Lira como escritor da coluna *Nossa História* foi intensa e durou bastante tempo. Sua coluna apareceu pela primeira vez no jornal no ano de 1971 e foi a partir da criação da coluna que começou a publicar livros. As últimas colunas encontradas por nós datam de 1982. Com a pretensão de escrever sobre o passado de Sobral, Lira evidenciava determinadas famílias e principalmente alguns nomes e fatos que, segundo ele, tiveram importância. As suas escolhas eram pautadas em eventos de grande visibilidade pública, com a citação de intelectuais renomados. Interessante perceber que os seus textos tinham a intenção de “dar um recado” em pouco tempo, como se fossem pequenas aulas. Mas, para entender um pouco sobre as escolhas de Lira no tocante ao passado da cidade, recorreremos à análise do texto intitulado *História de Sobral em 10 minutos*.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> SOARES, J. T. (Org.). *Padre Lira: eternamente sacerdote*. Sobral: Edições UVA, 2005a.

<sup>35</sup> HISTÓRIA DE Sobral em 10 minutos. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. XLVIII, 5 fev. 1972. Coluna Nossa História.

No ano de 1972, houve uma gincana promovida pela Rádio Educadora para os estudantes sobralenses. Lira curiosamente escreveu sobre si na terceira pessoa, talvez na intenção de imprimir a importância de sua participação na tal gincana, já que não dissertou no texto sobre as outras atividades que foram cumpridas: “Uma das tarefas era convidar o Padre Lira para contar em 10 minutos a História de Sobral”. Isentamo-nos do papel de comentar essa estranha tarefa, pois o que nos importa é entender o que foi selecionado por Lira para ser contado em 10 minutos. O texto para o jornal parece ter sido composto a partir dos apontamentos do padre para participação no programa de rádio. Foram indicados 11 pontos que tratavam sobre a expansão de Sobral, os grandes nomes, o desenvolvimento dos jornais, das empresas e escolas, além de uma conclusão.

O destaque foi dado principalmente a datas, fatos e nomes: a história de Sobral em seus primórdios, passando pela elevação à vila, posteriormente à cidade; construção das primeiras ruas, dos templos católicos. No que se diz respeito aos acontecimentos importantes, o padre cita aqueles que projetaram “Sobral no Brasil e no mundo”.<sup>36</sup> Os nomes são citados em uma lista de dez sobralenses incluindo o escritor Domingos Olímpio, o Barão de Sobral José Júlio de Albuquerque, o Bispo Dom José, a abolicionista Maria Tomásia etc. Além disso, são evidenciados os nomes que Sobral já possuiu e seus significados. Ao citar as fábricas, as escolas, o teatro, Lira buscava demonstrar a evolução da cidade, esbanjando o que se tinha para se ter orgulho: a integração com a vida industrial, intelectual e artística. Na conclusão Lira condensa tudo o que disse indicando onde pode ser encontrado o resumo da história de Sobral: “a História viva está relatada através do Grande Museu Diocesano”.

Os temas que constaram nos 10 minutos da Gincana da Rádio Educadora não podem ser tratados como uma simples tarefa escolar. O significado da escolha dos temas é de grande importância para entendermos os escritos de Lira durante praticamente toda a sua carreira. Percebemos a repetição desses mesmos temas em vários

---

<sup>36</sup> O eclipse solar de 1919, que confirmou a Teoria da Relatividade de Einstein, a descoberta do Calazar e a Rebelião de 1840.

outros textos do padre, ele mantinha essas escolhas aperfeiçoando-as e fazendo algumas modificações no decorrer dos anos.

Temos o título da coluna *Nossa História* como algo bastante sugestivo para evidenciar o principal objetivo do padre que era instigar uma militância em prol da memória sobralense. A memória defendida é a de um passado ilustre guiado pela religiosidade e por “sobralenses ímpares” que empreenderam o progresso da cidade transformando-a no centro econômico, intelectual e cultural da região norte do Ceará, nos moldes do que era produzido pelos intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL, instituição da qual Lira também participou (MELO, 2013, p. 30). Como se o autor quisesse explicitar que esse passado de glórias é de quem se permite conhecê-lo, *Nossa História* é um título que busca trazer a adesão dos leitores, pois Lira considerava ignorantes aqueles que não conheciam a “história de Sobral”.

Podemos perceber essa intenção no próprio conteúdo das colunas e principalmente no seu encerramento. As colunas escritas por Lira tinham uma forma específica. Percebemos que o autor fazia uma organização singular dos textos, que segue a mesma regra em praticamente todas as suas colunas. Essa forma narrativa era o que permitia dar um caráter lógico ao que era dito, através do uso de *códigos culturais*. Optamos pela divisão, segundo a organização do padre, para melhor analisar a forma, bem como para identificar o propósito de cada parte textual.

Cada coluna possui além do título principal (*Nossa História*), um título temático que resumia o que seria encontrado no texto. Por exemplo, “Sobral líder desde o século XVIII”, “Construtores pioneiros de Sobral” ou “Importantes documentos de 1875” etc. Eram títulos curtos, mas de expressiva objetividade, capazes de produzir uma rápida comunicação com o leitor ao declarar antecipadamente sobre o assunto do qual tratava o texto: sobre a cidade no passado, sobre vultos importantes ou sobre a descoberta e apresentação de documentos que contavam a história da cidade. Uma das utilizações mais comuns da coluna por Lira é essa última. Suas constantes pesquisas adensavam seu arquivo e propiciavam um melhor gerenciamento da coluna, que sempre trazia documentos que “comprovavam o passado” defendido pelo padre. Por vezes a transcrição somente podia



bastar para a meta pretendida, com a publicação do conteúdo total do documento somado a pequenos comentários entusiasmados:

Os anúncios dos jornais mostram o fino gosto do sobralense. Vejam só: “Garage Chic de Francisco Gomes. Sobral. Carros de Luxo para passeio e bom para todos os pontos servidos por estrada de rodagem e carroçavel. Preços especiais para viagens à Fortaleza”. Em 1924 já havia carros de passeio que faziam a linha Sobral-Fortaleza!<sup>37</sup>

O corpo do texto pode ser dividido em partes indicadoras de intencionalidades: a primeira parte, de caráter introdutório, comumente disserta sobre a história antiga (grega, romana e egípcia) ou moderna (alemã, francesa e italiana). A segunda parte faz uma ligação com a primeira no sentido de expressar que o evento da história antiga ou moderna, teria algum exemplo a ser seguido. Um modelo disso é o capítulo 195: *A História de Hoje*, em que Lira inicia o texto afirmando que a história não se refere apenas a coisas antigas, mas também a fatos do presente. Para explicar melhor sua tese, logo em seguida ele disserta sobre Alexandre Magno e Hitler:

Alexandre Magno [...] tinha uma preocupação constante: helenizar o mundo, como a única maneira de conservar a cultura de seus antepassados. [...] Hitler, com a segunda guerra mundial nada fez senão quebrar estupidamente a história do povo alemão. [...] Hitler, na Alemanha, vem comprovar a minha tese: aquele que não possui vínculo com a terra, aquele que não se identifica com os costumes, a tradição e história de um povo não pode sentir este mesmo povo [...] Hitler era austríaco. Pouco importava para ele a ruptura com um passado milenar. [...] Temos que ter muito cuidado com aqueles que estão fazendo a história atual. Eles serão os responsáveis pelo extermínio ou pela continuidade de nossa história.<sup>38</sup>

É nesse momento do texto que Lira inicia o diálogo sobre a cidade de Sobral, realizando críticas a acontecimentos recentes, comentando sobre a história. Por vezes, em alguns textos não há uma introdução que relacione os fatos e as personagens da história mundial. O

---

<sup>37</sup> UM RETRATO de Sobral antigo. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. CDXLVII, 1981. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>38</sup> A HISTÓRIA de Hoje. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 195, 1 mar. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

autor apenas apresenta alguns documentos que falem sobre o assunto proposto no subtítulo e realiza alguns comentários.

No entanto, o que nomeamos de terceira parte, sempre está presente em seus textos – quer seja nos livros ou nos escritos do *Correio da Semana*. Apesar de menor em extensão, essas lições possuem forte significação ideológica e podem se localizar em qualquer parte do texto, mas normalmente estão presentes no fim deles, como um tipo de encerramento, uma espécie de “conselho pastoral”, sem conotação religiosa. Trata-se de lições moralistas sobre o respeito pela terra natal e possuem, além disso, um teor de alerta. A identidade deveria ser reconstituída, na visão do autor, a fim de melhor caminhar para um futuro de progresso. As frases afirmam os males que acontecem ao povo que não respeita sua memória, que desconhece sua história, que não valoriza suas tradições. Para Lira o povo que se “desliga de seu passado, é necessariamente absorvido pelas tradições e costumes de uma sociedade inferior”<sup>39</sup> e é, portanto, “dominado por outras mentalidades”,<sup>40</sup> ou seja, “perde a sua individualidade”.<sup>41</sup>

Não tratamos Padre Lira como um simples locutor ou criador de um discurso sobre a superioridade de Sobral, pois entendemos que:

O enunciado é um elo na cadeia de comunicação verbal. Tem fronteiras nítidas, determinadas pela alternância dos sujeitos falantes (dos locutores) [...] O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências (BAKHTIN, 2000, p. 319).

Portanto, Lira é tratado em nossa análise como um “respondente” (BAKHTIN, 2000, p. 290-291), pois não foi o primeiro a tratar sobre a memória de Sobral e nem o primeiro a “defender” a cidade

---

<sup>39</sup> GROAÍRAS A cidade mãe. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 202, 10 maio 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>40</sup> OS MONUMENTOS. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 188, 4 jan. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

<sup>41</sup> A SOLÍDEZ de nossas bases econômicas sociais e intelectuais. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 328, 21 jan. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

contra os “ataques” que deslegitimavam a intenção de sobressair-se em meio a outras cidades do Ceará. Dom José como bispo foi um dos formadores desse discurso e Lira não só pela sua formação e relação direta com o bispo, mas pela sua relação com a cidade, redefiniu e reproduziu esse discurso. Porém, ele não foi o único a inspirar algumas das questões presentes nos escritos de Lira. Segundo Francisco Dênis Melo, a produção literária sobre a história local sobralense teve início com o texto do Cura João Ribeiro Pessoa, denominado *Notícias da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição*, de 1767, publicado na Revista do Instituto do Ceará no ano de 1888.<sup>42</sup> O documento possui conteúdo principalmente religioso, constando notícias sobre o número de capelas, párocos, sacerdotes, visitantes, residentes etc.

Mas, além do Padre João Ribeiro Pessoa houve vários outros padres escritores e todos participaram da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL:

Desde então, “padres-historiadores” como Monsenhor Fortunato Alves Linhares, Dom José Tupinambá da Frota, Monsenhor Vicente Martins da Costa, padre João Mendes Lira e padre Francisco Sadoc de Araújo foram responsáveis pela produção de vasta obra sobre as memórias locais. Todos são unânimes em afirmar as tradições enobrecidas e intelectuais da cidade de Sobral, advindas como consequência dos “colonizadores com ares de nobreza” que fundaram a Vila Real e Distinta de Sobral em 1773 (MELO, 2013, p. 20-21).

Podemos citar primeiramente Monsenhor Linhares<sup>43</sup> que escreveu *Apontamentos para a História e Corografia do município e cidade de Sobral* (1941). Esse texto contém algumas afirmativas sobre a história de Sobral que são evidenciadas em diversas outras obras.<sup>44</sup> O autor argumenta a existência de poucos escravos entre os sobralenses, com predominância da raça branca e pouca mestiçagem. Brancos

---

<sup>42</sup> João Ribeiro Pessoa foi cura e vigário da freguesia de Caiçara, hoje denominada Sobral. O texto foi publicado na revista do Instituto, Ano II, 1888, tomo II, p. 136-143, 147-150.

<sup>43</sup> Monsenhor Fortunato Alves Linhares (1869-1961) nascido em Sobral foi colaborador em jornais como “A Cidade” e “A Ordem” sócio fundador da Academia Sobralense de Letras, em 1922, da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL, em 1943 e sócio correspondente da Revista do Instituto do Ceará.

<sup>44</sup> Monsenhor Linhares também escreveu em 1922 *Notas históricas da cidade de Sobral* em que o conteúdo não difere do texto analisado nesse trabalho (MELO, 2013, p. 102).

esses com procedência “quase exclusivamente” portuguesa. O autor dá grande importância à formação do quadro de intelectuais sobralenses que presavam pela Pátria, pela Religião e pelas Tradições (LINHARES, 1941, p. 236), com citação de nomes como Dom Jerônimo Tomé, Dom José, Padre Ibiapina, Visconde de Saboya, Barão de Sobral, Domingos Olímpio etc. (nomes que estavam em todos os setores).

Sem fugir da regra em se listar os fatores positivos da cidade (chegando a afirmar que não existem loucos, bandidos e grupos armados na cidade), Monsenhor Linhares contribuiu para a construção da ideia de intelectualidade nata: “Sobral, que é a sede do município e da diocese, vem gozando, desde muito tempo, o renome de cidade intelectual, atraindo para os seus colégios alunos de outros municípios e dos estados vizinhos” (LINHARES, 1941, p. 250). É incrível a semelhança que existe entre os escritores que defendem essa ideia sobre Sobral. Monsenhor Linhares inclusive cita o livro *Homens e Vultos de Sobral*, de Monsenhor Vicente Martins<sup>45</sup> e transcreve a mesma lista de senhores que estiveram no cargo de juiz de direito em Sobral. Linhares realiza uma listagem de edifícios públicos e particulares que se faziam notar na cidade, com os respectivos endereços ou proprietários, incluindo informações sobre a construção dos casarões. Além disso, o autor afirma haver minérios na região: “Encontram-se no sub-solo minérios em abundância, aflorando aqui e acolá, mas não explorados: ouro, prata, manganês, ferro, rútila, cobre, gesso, mármore, etc.” (LINHARES, 1941, p. 245). Concluindo, Monsenhor Linhares, defende que Sobral merece o título de ser uma das principais cidades do Estado, justificando “pelas origens ilustres de seus primeiros povoadores, pelas suas artes, atividade comercial, riquezas, cultura, instrução” (LINHARES, 1941, p. 250). Nos escritos de Monsenhor Linhares, já é possível encontrar a expressão Princesa do Norte.

*Homens e Vultos de Sobral* foi editado pela primeira vez em 1941,<sup>46</sup> em comemoração ao primeiro centenário de fundação da

---

<sup>45</sup> Monsenhor Vicente Martins da Costa (1880-1948) nasceu em Fortaleza, foi jornalista, teatrólogo, historiador e genealogista. Foi um dos sócios fundadores da Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL, em 1943 e membro do Instituto do Ceará.

<sup>46</sup> A segunda edição é de 1989.

cidade de Sobral e em homenagem a Dom José pelo 25º aniversário de sua Sagração Episcopal e inauguração da Diocese (1916-1941). Como livro comemorativo, contém informações sobre a cidade e seus concidadãos, dando importância às origens da Fazenda Caiçara além de realizar uma linha evolutiva sobre ela. O foco pousa sobre aspectos culturais, educacionais, comércio, política etc. Monsenhor Vicente Martins ainda faz pequenas biografias de 396 pessoas que são consideradas “vultos de Sobral”. Para nosso trabalho esse livro pode se constituir importante fonte para entendermos a construção do foco sobre a intelectualidade e a cultura de elite dos sobralenses. No capítulo “Instrução e Cultura”, Martins inicia o texto da seguinte maneira: “A cidade de Sobral é uma das mais cultas do Estado”. Uma afirmação segura que é seguida de diversos nomes de “vultos” que contribuíram na ciência, nas letras e nas armas. Dentre a gama de sobrenomes e títulos, encontramos nomes também citados por Lira, como: Dom Jerônimo Tomé, Visconde de Saboya, Barão de Sobral etc. Dessa forma podemos dizer que Padre Mendes Lira fazia parte de um projeto que visava continuar depositando os louros que engrandeciam uma memória construída para elevar o nome da cidade. Podemos indicar a semelhança de composição entre as obras. Os assuntos que são encontrados (tanto nesse livro de Monsenhor Vicente Martins como em praticamente todos os de Padre Lira) se referem à instrução, imprensa, saúde, comércio, indústria, infraestrutura, em que os pontos positivos são evidenciados em demasia.

Outro padre historiador de bastante destaque é Padre Sadoc de Araújo<sup>47</sup> que escreveu *História da cultura sobralense* (1978), dentre outros títulos. Nessa obra é feito um levantamento sobre os momentos mais importantes, festejando os sobralenses ilustres e os símbolos da cultura sobralense. Ele divide seu livro em capítulos intitulados: I - Proprietários da Fazenda Caiçara; II - A medicina antes da Santa Casa; III - Letras, Ciências e Artes; IV - Os passos da educação e V - Comissões Científicas. Nessa obra podemos perceber

---

<sup>47</sup> O religioso Padre Francisco Sadoc de Araújo (1931) nasceu em Sobral, é psicólogo, historiador e serviu à Universidade Estadual Vale do Acaraú como professor e reitor. É membro do Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras e Academia Sobralense de Estudos e Letras – ASEL.

a semelhança entre outras obras da historiografia sobralense. Alguns dos temas são “compartimentados” em blocos que indicam as características de cada um: origem da cidade, medicina, cultura letrada e instrução. Dentro dos capítulos que são organizados não cronologicamente, mas por tema, encontramos subcapítulos dedicados aos sobralenses ilustres como Visconde de Saboya, Domingos Olímpio, Barão de Sobral, Padre Ibiapina, Dom José. Há uma necessidade constante de lembrar essas figuras ilustres, os cidadãos honrados: “Pelo menos, como um mínimo de retribuição, estes vultos exemplares poderão incentivar as novas gerações da terra a se dedicar também às nobres lides da inteligência e da cultura” (ARAÚJO, 1978, p. 9). O autor considera nesse livro o “esforço” dos sobralenses em empreender e desenvolver a educação, saúde, desporto, letras, ciências e artes. No capítulo sobre os proprietários da Fazenda Caiçara, percebe-se claramente a forte influência dos escritos de Dom José, já que há inúmeras referências à obra *História de Sobral*, de 1952. As duas obras referenciadas por Sadoc são: *Notícias da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Caiçara*, de 1767, do Cura João Ribeiro Pessoa e *Memórias Genealógicas*, escrito pelo Capitão-mor José de Xerez Furna Uchoa, que se constitui num relato do orgulho da descendência nobre heráldica do próprio Furna Uchoa.<sup>48</sup> O autor cita inúmeras escolas relacionadas às letras e às artes, tentando demonstrar a enorme efervescência da cultura erudita na cidade: em 1813, “Sobral já possuía sua aula de canto orfeônico”; em 1824, possuía sua 1ª banda de música (ARAÚJO, 1978, p. 81). Não podemos deixar de citar outra obra do mesmo autor que está estreitamente relacionada à defesa de uma nobreza de berço das famílias sobralenses. É a obra genealógica *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú* (1991), em que Sadoc, logo no apêndice tenta provar a constância dos casamentos endogâmicos entre as famílias descendentes dos primeiros grupos de brancos a povoarem a Ribeira do Acaraú. O

---

<sup>48</sup> Uma das obras mais utilizadas na escrita sobralense para afirmar as raízes nobres dos primeiros habitantes da Vila Distinta e Real de Sobral, no entanto, segundo Francisco Dênis Melo, “o que nem D. José nem Sadoc de Araújo comentam em suas referências sobre o Capitão-mor, é que a escrita de sua genealogia foi resultado de uma acusação que o mesmo sofreu de um de seus detratores que o acusou de ter sangue judeu” (MELO, s. d., p. 4).

autor procura demonstrar a afirmação através de um estudo sobre a sua própria ascendência.

Diante dos exemplos desses escritores podemos entender a grande preocupação em relatar os fatos memoráveis e amplificar os nomes dos homens de valor, tudo isso sendo trançado pelos fios que conduzem a uma pretensão de origem real portuguesa. Mas, é possível encontrar a intenção de negar outros grupos que fizeram parte da construção histórica sobralense. Os índios e negros escravos, bem como as famílias sem berço e mestiços são deixados em último plano, ou seja, são praticamente excluídos do processo histórico.

Há um diálogo condizente muito constante nesses textos, bem como nos de Padre Lira, cuja afirmação de um passado distinto confirma o *status* das boas famílias sobralenses através dos estudos genealógicos:

Não resta dúvida que a produção genealógica que conhecemos sobre famílias troncos de Sobral e região, dialoga constantemente entre si, numa operação intertextual em que um primeiro texto desata outros, serve de modelo e exemplo para outras produções semelhantes e cria uma “*comunidade de genealogistas*”, apta a se comunicarem, a se citarem, a se abeberarem mutuamente na mesma fonte (MELO, s. d., p. 2).

O discurso desses autores é extremamente harmônico. Por isso tratamos os escritos de Padre Lira como uma *atitude responsiva ativa* em que Lira concordou com o enunciado anterior (com o que foi produzido anteriormente) e reproduziu-o redefinindo a forma do enunciado, imprimindo-lhe um estilo que define sua individualidade: “Este é também o meu modo de pensar, ao escrever estas páginas. Suscitar dúvidas, abrir discussões, fazer com que aqueles que REALMENTE entendem do assunto, escrevam coisas melhores” (LIRA, 1971a, p. 7).

Nesse sentido, o locutor só termina o seu enunciado quando há uma *compreensão responsiva ativa do outro*, ou seja, quando o enunciado é compreendido e transferido em palavra a outros indivíduos que perpetuarão de alguma forma o que foi dito anteriormente (BAKHTIN, 2000, p. 294). A *atitude responsiva ativa* indica a compreensão do outro, e dessa forma não limita o enunciado à simples

anuência: ele pode ser retomado a partir de posições contrárias. Para exemplificar essa questão temos o texto que Padre Lira escreveu como resposta à *Revista Veja*, sobre os dados que colocavam Sobral como uma das cidades mais pobres do Nordeste:<sup>49</sup> “Não obstante o Malfadado Artigo da *Veja*, Sobral cresce, se desenvolve e se enriquece” e falando sobre a instalação do BEC - Banco do Estado do Ceará afirma que “Se nos oferecem uma casa bancária é porque temos muito a dar [...] capitalista algum negocia com pobre, pois sabe perfeitamente que irá ter prejuízos”.<sup>50</sup> Quando Lira defendia Sobral contra os apelidos<sup>51</sup> ou contra o que se falava de mal sobre a cidade, em certa medida ele acabava expandindo mais um pouco o assunto ao invés de simplesmente finalizá-lo. Porém, mais do que reivindicar, o padre precisava de pessoas que ouvissem suas reclamações e engrossassem o coro.

O enunciado é entendido em Bakhtin com uma unidade da comunicação verbal que pressupõe o outro como membro da comunicação verbal. Percebemos que Lira escrevia em tom de conversa, como um diálogo que ele pretendia travar com os leitores. Ele demonstrava claramente o desejo de ver uma continuação do seu trabalho, não apenas diretamente em sua escrita, mas também nos projetos de educação a fim de permitir que as crianças conhecessem a “história de seu torrão natal”. Lira pretendia através de sua obra, instigar os leitores adotando formas de convencimento, a fim de obter uma réplica do diálogo de sua escrita. Essa “resposta” era entendida por Lira como uma mudança nas atitudes dos sobralenses com relação à cidade, bem como no reconhecimento por parte dos “não sobralenses”, da importância que Sobral tinha dentro do estado.

Em todos os textos o autor se mostra “humilde” com relação ao recebimento de críticas, mas solicita críticas construtivas. Talvez

---

<sup>49</sup> NEM SÓ DE PIB vive o homem? *Revista Veja*, São Paulo, n. 361, p. 88-93, 6 ago. 1975.

<sup>50</sup> A MISSÃO. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 223, 18 out. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>51</sup> Sobral é conhecida como *Princesa do Norte* por ter dominado durante o século XVIII e XIX o comércio de carne de charque na região norte do Ceará, o que permitiu o crescimento econômico. Mas, também é apelidada de *Estados Unidos de Sobral*, expressão utilizada por moradores de outras cidades do Ceará, principalmente da capital Fortaleza, para evidenciar a suposta vaidade dos sobralenses.



estivesse antecipadamente se protegendo de críticas que porventura iriam aparecer em seu trabalho ou mesmo como uma “resposta” às críticas destrutivas sobre Sobral.<sup>52</sup> Essa intenção é encontrada também no corpo de suas obras, bem como estão diluídas nos textos do jornal *Correio da Semana*. Levamos em consideração a afirmação de Bakhtin:

A expressividade de um enunciado é sempre, em menor ou maior grau, uma *resposta*, em outras palavras: manifesta não só sua própria relação com o objeto do enunciado, mas também a relação do locutor com os enunciados do outro (BAKHTIN, 2000, p. 317).

Então, para “resposta”, Lira se cercou de ferramentas necessárias para não imprimir somente um caráter de opinião pessoal aos seus escritos: era importante formalizar documentalmente. O passado era o motim para provar o contrário sobre os ataques a Sobral e seus munícipes. Assim como aprendeu a se defender das injúrias sofridas na mocidade, Padre Lira aprendeu a defender a terra natal, e suas armas foram os documentos históricos.

Os sentimentos de revolta do padre não podem ser mais bem vistos senão através de sua coluna nos periódicos.

Desde o dia que comecei a fazer estas crônicas era minha intenção colocar neste jornal uma presença da história, uma testemunha viva dos acontecimentos que repercutem nos dias atuais e os fatos de hoje que são história.<sup>53</sup>

Os textos de Lira são influenciados fortemente pelo presente e ele considerava que o presente também era História, ou seja, a História é escrita no presente. Suas críticas realizadas através do jornal eram direcionadas de forma a tentar definir o próprio papel na sociedade sobralense. Através de uma escrita defensiva da cidade (e por vezes ofensiva), Padre Lira expunha sua opinião sobre os

---

<sup>52</sup> Não encontramos ainda fontes que tratem das críticas citadas por Lira (apelidos pejorativos como Sobral-Brasil e Estados Unidos de Sobral) ou mesmo de onde eram proferidas e quem as proferiam.

<sup>53</sup> FALARAM O São João e a Cadeia... *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. LXXVI, 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

acontecimentos, se colocando como uma voz carregada de verdade a orientar sobre os rumos sombrios para os quais Sobral caminhava, pois estava deixando de lado sua tradição e sua história.

Consideramos também que a forma de escrita defensiva de Lira era um eco nos escritos sobre a história da cidade. Como vimos, essa vontade de afirmar um passado de glórias não surgiu com Padre Lira. O que perpassa a escrita de todos esses intelectuais sobralenses é a crença numa origem nobre. Claro, que não pretendemos igualá-los, pois há especificidades na escrita de cada um. Porém, não podemos negar que a busca que cada um incrementa em sua obra é a defesa dessa origem nobre, a defesa da cidade e de seus cidadãos ilustres.

# Mecanismos da memória nos escritos de padre Lira

## Comemorar para rememorar

**A**s comemorações são momentos importantes para fazer lembrar os acontecimentos considerados de relevância para a história de uma comunidade, cidade ou país. Esses momentos são o mote para a realização de ações (incluem os atos cívicos, festas, encenação teatral, desfiles e marchas, publicação de obras escritas, imagéticas etc.) que fazem reverência a um passado de glórias, transmitindo memórias. Os rituais de comemoração “[...] são encarnações do passado, atos de memória, mas também tentativas de impor interpretações do passado, formar a memória, e assim construir a identidade social. São, em todos os sentidos, representações coletivas” (BURKE, 2000, p. 43).

Por isso, os atos comemorativos têm o papel preponderante na educação cívica e moral, pois inspiram manifestações empolgadas, reconhecidas como atitudes de amor ao torrão natal. Para exemplificar um pouco esse envolvimento patriótico, citamos as palavras do articulista João Damasceno Vasconcelos após presenciar a sessão cívica realizada em Sobral durante a programação da Semana da Pátria em 1971, como a sensação de retorno ao tempo passado: “O idealismo patriótico que empolgou os nossos homens daquele tempo, infiltrou-se em nossas veias e em nossa sensibilidade, graças àquelas cenas, arrancando-nos ao marasmo do cotidiano, para as emoções excepcionais de amor da Pátria”.<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> DA SEMANA da Pátria. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 16 set. 1971. p. 5.

Por mais que o jornal *Correio da Semana* não realizasse uma edição especial a cada aniversário cidadão, eram publicadas notícias sobre as comemorações. A referência à importância de Sobral era deslançada principalmente em datas relevantes. É possível perceber duas datas que eram recorrentes e exigiam alguma movimentação para festejá-las: 5 de julho, data da elevação da Vila Distinta e Real de Sobral, e 12 de janeiro, aniversário de fundação da cidade de Sobral. Padre Lira revelou-se no jornal justamente em decorrência dos festejos de 129 anos de aniversário de Sobral.<sup>55</sup> Para entender os esforços de rememoração implementados por instituições e intelectuais (nos quais Lira pode ser incluído), focaremos por ora nas edições que tratam das festas cívicas em Sobral.

Ao ler a edição comemorativa do semanário *Correio da Semana* em 12 de janeiro de 1970, percebemos que é lugar comum o discurso de honrar os principais filhos da cidade. Porém, os momentos de festejos, também poderiam vir recheados de meditações sobre o atual estado cidadão, em comparação à ideia construída do passado sobralense. O colunista Lima Aguiar de *Administração, economia e finanças* do *Correio da Semana*, diz o seguinte:

Éramos sim a cidade intelectual de ontem. Produzimos D. Olímpio, Cordeiro de Andrade e outros ilustres escritores. Tivemos inúmeros jornais e outras publicações. Atualmente estamos com uma certa ociosidade. Nêsse campo, porém inteligencia por aqui é virtude que muita gente tem.

O reconhecimento da “ociosidade” vem acompanhado de um sentimento de perda da posição ativa somada à esperança de mudança. Quem seriam os responsáveis pela ociosidade reinante? O momento de comemoração não relembra somente os grandes nomes, mas também pincela os outros indivíduos a fim de demonstrar o

---

<sup>55</sup> A notícia do jornal comenta o lançamento de um “resumo histórico [...] para que os filhos de Sobral conheçam melhor a sua cidade”, de autoria do Padre Lira. Como não foi indicado o título da publicação, acreditamos que seja o livro *Nossa História*, composto por 30 curtos capítulos, que posteriormente veio nomear a coluna do mesmo autor. Colocamos essa hipótese, pois as primeiras colunas do jornal são compostas pelos mesmos textos, seguindo inclusive a mesma ordem dos capítulos do livro. A notícia do lançamento do “resumo histórico” pode ser encontrada em: SOBRAL COMEMOROU festivamente seus 129 anos. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 17 jan. 1970. p. 1.

diferencial. No mesmo número comemorativo, J. Cordeiro Damasceno escreve um texto interessante chamado *Com amor e com respeito*. Configurado como uma carta carinhosa à cidade de Sobral o autor a inicia da seguinte maneira: “NÃO, minha SOBRAL, desta vês não te apontarei o desprezo de muitos de teus filhos. Em festas de aniversário, não se ofertam tristezas”. Parece que as “tristezas” gritavam mais alto, não podendo ser negadas e, mesmo assim, Damasceno, como um filho portador de más notícias, enfileira os problemas da cidade, como um menino choroso ao reclamar no colo da mãe. Dessa forma a comemoração não se caracterizava apenas pelo festejar, mas também pela necessidade de refletir sobre o instante. A carta é direcionada à “mãe”, mas a intenção é de “ferir” alguns “filhos” de Sobral:

Nem sequer deve ser dito que a iniquidade de muitos, posto que prejudicial, não desfigura o amor dos outros que te querem mais progressista e mais elegante e que, embora não queiram êsses filhos, encastelados no egocentrismo ou na incapacidade, não perdes a sobranceira magnanidade das mulheres honestas.

Realizando as devidas críticas e delimitando claramente a diferenciação existente em alguns filhos de Sobral, o convidado J. Oliveira, ao escrever sobre o dia em que “a Princesa se adorna com suas jóias mais preciosas”, homenageia não só os ilustres, mas também os humildes, sem deixar, contudo, de ofertar-lhes o lugar adequado:

Hoje é, pois, o dia dos heróis, o dia dos filhos ilustres de Sobral que por seu saber, por sua erudição honraram o berço natal [...] é bom lembrar, também, aqueles cujos nomes jamais aparecerão nas manchetes de jornais. É oportuno ressaltar que o seu silêncio, a sua luz ofuscada pelo brilho dos grandes astros, merece as homenagens dos sobralenses. Com pequenas pedras se constroem grandes edifícios.<sup>56</sup>

Podemos refletir não somente sobre a posição dos sobralenses diante da cidade, mas também diante do ato comemorativo. Apesar de todas as tentativas de esconder as contradições presentes no cotidiano, as comemorações (que intentam causar o furor cívico) revelam

---

<sup>56</sup> FELIZ ANIVERSÁRIO. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1970. p. 6.

os desvios de forma mais escandalosa. Na mesma edição, o colunista Paulo Aragão, em *Vou te contar*, relembra as comemorações do centenário de Sobral em 1941. Na ocasião, ocorreram conjuntamente o Congresso Eucarístico e a Exposição Industrial-agro-pecuária, eventos de “brilhante afirmação de potência econômica” e 12 missas foram realizadas ao mesmo tempo para encerrar as festividades. Mas, o grande ato calhou de acontecer exatamente numa quarta-feira: dia de jogo do bicho. Paulo Aragão, que esteve presente naquela “inesquecível quarta-feira”, conta o caso das beatas D. Quitéria e D. Firmina, “altamente viciadas nêsse tão combatido tipo de jôgo”, que acompanhando a procissão ajudando nos cânticos da programação, morriam de curiosidade para descobrir qual bicho foi premiado. Apesar de todas as bodegas estarem fechadas em respeito à passagem das procissões e à realização das missas, foram colocadas pequenas lousas em suas paredes com o número do bicho sorteado. E Paulo Aragão finaliza a história da seguinte maneira:

As duas viciadas seguiam nas filas, lado a lado e ao passarem perto de um algarismo de jôgo, e sem traírem a melodia e o ritmo do canto, entenderam-se assim:

Quitéria, você que é  
muito mais alta que eu,  
repara naquela lousa  
qual foi o bicho que deu.

E a outra, sem perder o tom e nem sair da pauta musical, deu pronta resposta à indagação da amiga, começando, todavia, por implorar ao Cristo sacramentado ali presente, perdão para a sua irreverência, no que, de resto, fez muito bem:

Se tal cousa for pecado,  
que me perdoe meu Jesus...

E chegando-se ao ouvido de D. Firmina, completou a trova:

... o bicho que está na lousa  
é a nossa amiga avestruz.

O desvio de atenção obrigava-as a não se comportarem segundo as exigências sociais e mesmo religiosas, no entanto, o sentimento de culpa pela “irreverência” foi vencido pelo pedido de

perdão. O jogo do bicho era indicado como um problema social que afetava principalmente as camadas baixas da sociedade sobralense. Se era uma febre em 1941, no ano de 1973 o jogo do bicho era caso de polícia e tomava conta da cidade, ao ponto de Sobral ser conhecida como a “cidade da jogatina” e o jornal *Correio da Semana* reclamava da inércia das autoridades quanto a coibir tal contravenção.<sup>57</sup>

O texto não assinado *Aniversário da Cidade*, finaliza a edição especial do jornal, comparando as cidades a organismos vivos, em que as células são compostas pelos habitantes. “As cidades, como a gente, são organismos vivos: nascem, crescem, envelhecem, morrem, impõem sua individualidade com a mesma personalidade de qualquer de nós”.<sup>58</sup>

As cidades também seriam aniversariantes, pois, como possuíam vida, poderiam impor a sua individualidade através da personalidade. Agradecendo aos jovens do grupo Câmara Júnior de Sobral que provaram possuir amor pela “já idosa Sobral”, tiveram o trabalho de organizar os festejos. Há semelhança entre esse texto e os escritos de Lira no que se refere ao texto *A evolução Social de Sobral*, publicado em 1971 e republicado em 1972 e 1976, que analisaremos em discussão posterior.

Mas o que seriam as comemorações locais senão resultado, extensão ou eco das comemorações de patriotismo nacional? Tinha como negar o bairrismo exagerado do sobralense? Talvez não, mas era possível justificá-lo: “Já que é proverbial o bairrismo do sobralense [...] Seus efeitos, no entanto são valiosos. Que o sobralense, na oportunidade do 131º aniversário, tenha sentimentos de brasilidade e faça pulsar Sobral em *ritmo de Brasil Grande*”.<sup>59</sup> Existia um movimento maior que regia um “ritmo” específico, musicado em escalas menores? Ou poderíamos supor haver um esforço por encaixar-se nessa sinfonia? A ressonância de instrumentos diversos pode construir uma combinação de sons: ou as especificidades regionais e locais somadas definiriam a pátria. Nas palavras do sobralense Martins de Medeiros:

---

<sup>57</sup> JOGO DO Bicho afronta as autoridades. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 7 abr. 1973. p. 1.

<sup>58</sup> ANIVERSÁRIO DA Cidade. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1970. p. 6.

<sup>59</sup> PARABÉNS SOBRAL. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1972. p. 1.

Não deixemos que um ou outro obstáculo amenize as nossas forças, entibieça a nossa vontade, senão vigorize o nosso *sentimento regionalista, que outra coisa não é, senão uma figuração de nosso amor ao Brasil*; do esforço conjunto pelo elevamento isolado de cada zona, depende o progresso regional, e conseqüentemente, a grandeza nacional<sup>60</sup> (grifo nosso).

Será que defender a “sobralidade” era, em última instância, defender a “brasilidade”? Alguns intelectuais entendiam que o regionalismo era pressuposto fundamental para construção da identidade nacional e que o amor ao torrão natal era parte de um projeto maior de amor ao país. Porém, essa relação deveria ser necessariamente superada pela esperada homogeneização nacional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 63). Ou seja, o regionalismo não seria senão uma etapa a ser ultrapassada, posto que o projeto de nação era o melhor exemplo de progresso. Será que o discurso dos sobralenses emite uma preocupação não sugesta: a preocupação com o local, mais do que um envolvimento com o sentimento nacional? Ou seja, por mais que os discursos indicassem uma tentativa de elevação da pátria, não parece existir uma predisposição de deixar para trás a reverência prestada à Princesa do Norte. Nesse sentido, os feitos sobralenses eram tidos como engrandecedores da pátria.

As características nos discursos sobre Sobral e os sobralenses não partem de sujeitos individuais, mas sim de *sujeitos instituintes* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 62) que articulam signos que estão disseminados no meio social, sendo assim reproduzidos de diversas formas. Portanto, podemos entender que as homenagens feitas para louvar a majestade da Princesa do Norte, foram construídas por vários agentes e que Padre Lira engrossa o coro desses agentes de forma consistente e podemos afirmar, com certa peculiaridade.

Os atos de comemoração (as datas marcantes, os marcos históricos, centenários, aniversários de nascimento ou morte, aniversário de fundação de uma cidade ou publicação de uma obra) são motivos para a escrita, pois são importantes instrumentos de memória. Padre Lira era instigado a escrever em momentos de comemoração, ou melhor, dizendo, de rememoração. Percebemos

---

<sup>60</sup> 131 ANOS de existência. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1972. p. 3.



que é comum a indicação de textos sobre sobralenses ilustres, sobre lugares como praças e instituições, datas comemorativas e os centenários ou mesmo os períodos considerados como auge na história de Sobral. Analisando os principais temas, podemos mapear um número considerável de assuntos que foram motivados por ocasiões especiais.

Depois de Dom José, Domingos Olímpio era o sobralense ilustre mais estudado por Padre Lira, pois era a principal representação da intelectualidade de Sobral. Em carta de 17 de dezembro de 1976, Padre Lira informa sobre os encontros com três dos sete filhos do romancista (Alberto, Maria e Laura) no Rio de Janeiro. Entre almoços e passeios, o padre conseguiu cópias de documentos, entre eles uma autobiografia e um diário de viagem escrito pela segunda esposa de Olímpio, Ana Augusta. Uma das atividades realizadas pelo padre foi visitar o túmulo do reverenciado sobralense, local onde o padre tirou retratos.<sup>61</sup> Essa visita veio a render em julho de 1977 a publicação do texto *Os restos mortais dos que fizeram nossa história* em que ele reclama o estado de conservação dos túmulos de ilustres sobralenses, inclusive o de Domingos Olímpio.

Depois desse encontro, Padre Lira, escreveu exaustivamente sobre Domingos Olímpio durante o ano de 1977, pois contavam 71 anos de falecimento do romancista. Nesse ano o sacerdote produziu seis textos, entre janeiro e março de 1977, para a coluna *Nossa História*, que compõem pelo menos quatro capítulos do livro *A vida e a obra de Domingos Olympio* – lançado em outubro no Rio de Janeiro<sup>62</sup> e em novembro de 1977 em Sobral.<sup>63</sup> Ambos os eventos foram prestigiados por pessoas importantes e intelectuais.

---

<sup>61</sup> PE. LIRA visitou o túmulo de Domingos Olímpio. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 24 dez. 1976. p. 5.

<sup>62</sup> O evento no Rio de Janeiro contou com a presença dos familiares do romancista, do Ministro da Justiça, Dr. José Bonifácio Câmara e do representante do *Governo do Ceará*, Dr. Hermenegildo de Sá Cavalcante. DOMINGOS OLÍMPIO, sua vida e sua obra. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 15 out. 1977. p. 1. Lançado no Rio.

<sup>63</sup> PADRE LIRA em noite de autógrafa. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 5 nov. 1977. p. 1.

Figura 4 – Fotografia do lançamento do livro *A vida e a obra de Domingos Olympio* (1977)



Fonte: Acervo Museu Diocesano de Sobral.

O evento foi realizado na antiga Casa do Ceará, agremiação fundada na década de 1950 para reunir cearenses radicados no Rio de Janeiro que tinham o saudosismo como forte. Posteriormente, em 1963, a Casa do Ceará foi inaugurada em Brasília onde funciona até hoje. Segundo o cratense José Jézer de Oliveira, jornalista e ex-presidente da Casa do Ceará em Brasília, a ideia partiu do médico Deoclécio Dantas, filho de Missão Velha/CE, primeiro presidente do grupo no Rio de Janeiro.<sup>64</sup> Ao fundo é utilizada, muito convenientemente, a imagem de uma jangada para representar a visão romântica sobre o Ceará. Além disso, é possível perceber a proximidade que foi construída por Padre Lira junto à família Olímpio, já que ao seu lado estão os filhos do romancista.

Os momentos comemorativos eram um mote para o padre produzir referências sobre o passado da cidade. Uma das ações comuns na escrita de Lira era se reportar a acontecimentos históricos que tinham relação com o que ocorria no presente. Outro exemplo: por causa da intensidade de chuvas no Ceará, a cheia do Rio Acaraú fez a

<sup>64</sup> Ver o texto *A Casa do Ceará e um pouco de sua História*, de José Jézer de Oliveira. Disponível em: <<http://www.casadoceara50anos.com.br/>>. Acesso em: 3 jun. 2014.

cidade sofrer com enchentes entre 27 de março a 30 de abril de 1974. As notícias nos jornais eram frequentes causando enorme comoção.

Por conta disso, Lira escreveu três colunas relacionadas ao tema de inundações. O capítulo 131 compara as enchentes de 1924 e 1974, maximizando o problema em 1974 com a justificativa de que não havia envolvimento dos dirigentes para resolver a questão, pois eles não amavam a cidade.<sup>65</sup>

Reconhecendo a necessidade de se reportar aos acontecimentos dramáticos ocorridos no momento, Padre Lira dedicou mais duas colunas no jornal a fim de tratar sobre as inundações e as dificuldades sofridas pelos habitantes que, para se salvar das águas muitos subiam nos carnaubais.<sup>66</sup> Em notícia de 01 junho, a Sudec (Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará) fez um levantamento dos prejuízos causados pelas enchentes. O estudo constatou que cerca de 5.800 casas localizadas na área urbana de Sobral estavam em área que sofria risco de enchente do Acaraú, o que significava a quantidade de 25 mil habitantes desabrigados. Enquanto isso, o jornal *Correio da Semana* reclamava da confusão ocorrida no dia 29 de maio na Câmara dos Vereadores que discutiram exacerbadamente, utilizando inclusive palavras de baixo calão: “A sessão ordinária, foi realmente ‘ordinária’ pelo baixo estilo ético e cultural adotado”.<sup>67</sup> A concordância de que os vereadores estavam motivados por “mesquinhos interesses políticos ou mesmo particulares e inconfessáveis”, pode ser percebida na opinião de Padre Lira. Alguns meses antes da “ordinária” sessão, ao criticar os empreendimentos realizados e descaracterização de prédios e praças, o padre escreveu:

A administração pública é impessoal. Nenhum poder público tem o direito de cortar o laço com o passado ou a bem pessoal ou para

<sup>65</sup> AS ENCHENTES do Acaraú de 1924 e 1974. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 13 abr. 1974. p. 3.

<sup>66</sup> Lira fez um documentário sobre as cinco enchentes ocorridas em 1974, do arrombamento do Açude Mocambinho e de dramas contados pelos moradores. AS INUNDAÇÕES de 1974. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 133.2, 27 abr. 1974. Coluna Nossa História, p. 2; UM DOCUMENTÁRIO. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 133.3, 18 maio 1974. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>67</sup> SUDEC FAZ levantamento dos prejuízos em Sobral/Protesto pelo desrespeito. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 1 jun. 1974. p. 1.

adquirir posição elevada que futuramente a história o considerará como assassino da mesma.<sup>68</sup>

A rememoração feita através de ações e textos comemorativos, ainda assim não conseguia esconder os problemas enfrentados pela falta de “zelo” para com a cidade por parte dos políticos e a falta do comportamento intelectual e culto por parte dos cidadãos. Essa era uma questão que precisava ser resolvida para que Sobral voltasse a ser reconhecida definitivamente pelo *status* de Princesa do Norte. *Status* que, como veremos nos próximos capítulos, estava difícil de ser mantido.

## Monumentalizar e personificar a cidade de Sobral

*Você sabe melhor do que ninguém, sábio Kublai,  
que jamais se deve confundir uma cidade com o dis-  
curso que a descreve.  
Contudo, existe uma ligação entre eles.*  
(CALVINO, 1990, p. 59)

Em 08 de setembro de 1973, Lira escreveu em sua coluna semanal um texto intitulado *Os nossos Monumentos*. Nesse texto, enfatizava que: “Temos necessidade urgente de reconstruir historicamente nossa cidade”.<sup>69</sup> Para Lira os monumentos “representam triunfo, mostram valores, traçam coordenadas, dinamizam o presente e excitam a novas conquistas”.<sup>70</sup> Era necessário aumentar a quantidade de monumentos, mas a localização exercia papel preponderante para efetivar a promoção do civismo cidadão. Uma das propostas de Lira era construir diversos monumentos ao longo da Avenida do Arco do Triunfo, pois nela passeavam milhares de alunos diariamente e dessa forma “poderiam muito bem se deparar com a

<sup>68</sup> O ROMPIMENTO com o passado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 135, 9 mar. 1974. Coluna Nossa História, p. 5.

<sup>69</sup> OS NOSSOS MONUMENTOS. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 113, 8 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>70</sup> *Ibidem*.

história local através de vários monumentos”.<sup>71</sup> Esse constante contato entre os transeuntes e a “pedra monumental” era importante, pois teoricamente fixava as intenções de aprendizado e difusão de nomes, rostos e feitos:

A comunicação visual estabelecida entre os passantes e o monumento recorre a uma simbologia cívica própria aos monumentos honoríficos, que une personagem e acontecimento, mas que também se insere em um sistema simbólico mais amplo aos quais correspondem valores históricos idealizados (RIBEIRO, 1999, p. 20).

Os valores idealizados do civismo são alimentados pelo orgulho de fazer parte de um grupo, seja nação, região ou cidade. A intenção didática é instigar os jovens a sentir esse orgulho de fazerem parte do grupo. Nesse sentido é que os símbolos são significativos instrumentos para efetivação de projetos que visam à integração social, porque possuem a qualidade de mecanismo de conhecimento e de comunicação, permitindo assim a possibilidade de um consenso sobre o sentido do mundo social. Ou seja: “a integração *lógica* é a condição da integração *moral*” (BOURDIEU, 2012, p. 10).

Lira considerava que Sobral não possuía “verdadeiros monumentos”, pois estes deveriam ser dedicados aos conterrâneos ilustres como Domingos Olímpio,<sup>72</sup> Maria Tomásia,<sup>73</sup> Visconde de Sabóia,<sup>74</sup> D. Jerônimo Tomé,<sup>75</sup> por exemplo. Ou seja, o padre defendia que o

---

<sup>71</sup> OS NOSSOS MONUMENTOS. Jornal Correio da Semana, Sobral, Cap. 113, 8 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>72</sup> Domingos Olímpio Braga Cavalcanti (1851-1906) nascido em Sobral, foi advogado, diplomata e jornalista. Figura entre um dos mais festejados romancistas brasileiros por sua obra “Luzia-Homem”. É patrono da cadeira nº 8 da Academia Cearense de Letras.

<sup>73</sup> Maria Tomásia Figueira Lima (1826-1902) abolicionista sobralense participou da fundação da Sociedade das Cearenses Libertadoras em 1882, agremiação na qual chegou a ser presidente.

<sup>74</sup> Vicente Cândido Figueira de Sabóia – Visconde de Sabóia – (1836-1909) nascido em Sobral, foi médico da Casa Imperial e Cirurgião da Corte e diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1881-1889). Por alguns anos foi sócio correspondente de várias agremiações como a Academia Cearense de Letras, o Instituto do Ceará, a Real Academia de Medicina de Roma etc., além de ter sido conselheiro da Ordem Médica Brasileira. Escreveu “A reforma do ensino médico do Brasil”.

<sup>75</sup> Dom Jerônimo Tomé da Silva (1849-1924) religioso sobralense foi Bispo de Belém do Pará, professor do Seminário da Prainha e Arcebispo de Salvador. Foi sócio honorário do Instituto do Ceará e patrono da cadeira nº 13 da Academia Cearense de Letras.

monumento não tinha somente o papel de ornamentar, mas sim de educar, portanto, a escolha de quem o monumento representaria era de suma relevância. A eleição feita por Lira nos indica que reconstruir historicamente a cidade significava construir monumentos verdadeiros que faziam referência a sobralenses verdadeiros.

Para Lira, havia a necessidade de concretizar os símbolos de Sobral, pois “é próprio de um povo civilizado e culto deixar gravado na pedra ou no bronze os seus feitos gloriosos”.<sup>76</sup> Os monumentos, seriam aparatos didáticos presentes na cidade aos olhos dos passantes, teriam caráter educativo e não só estético, pois “encarnariam” a história, a honra, o bom exemplo nas formas de pedra com o intuito de replicar o discurso. Algo semelhante à experiência narrada pelo viajante Marco Polo ao visitar a cidade de Tamara:

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes (CALVINO, 1999, p. 18).

Repetem-se locais, datas, nomes, histórias, documentos, acontecimentos a fim de dar forma a uma cidade que foi construída imageticamente como princesa e que talvez não configurasse na prática gestos de realeza.

A instituição de Sobral como sede de um bispado foi um importante passo para um crescimento estrutural na cidade, no que diz respeito às obras arquitetônicas realizadas pelo primeiro bispo, o sobralense José Tupinambá da Frota, ou simplesmente Dom José (1882-1959). Lira o considerava o segundo fundador da cidade (LIRA, 1975, p. 104), pois relacionava o período áureo das grandes fundações arquitetônicas, ao período em que Dom José esteve à frente do bispado. Dentre essas realizações podemos citar a Santa Casa de Misericórdia (1925), o Seminário Diocesano (1925), o Banco Popular de Sobral, o Museu Diocesano Dom José dentre outras obras como estradas, construção de colégios, ordenação de padres e a escrita do

---

<sup>76</sup> OS NOSSOS MONUMENTOS. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 113, 8 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

primeiro livro sobre a história de Sobral (LIRA, 1975, p. 107-108). Dom José foi transformado, portanto, no mito da modernização de Sobral sendo homenageado até hoje em eventos, nomes de ruas, de colégios etc. Ele também foi o responsável pela configuração arquitetônica da cidade e seus prédios se tornaram referência: “Suas obras arquitetônicas foram estrategicamente dispostas na cidade e deixavam simbolizado o poder temporal da Igreja” (ROCHA, 2003, p. 155). Para Lira, D. José estava disposto “a fazer de sua terra natal uma *micro-Roma*” (LIRA, 1976, p. 33).

Lira escrevia na coluna semanal com o ímpeto de proteger as obras de seu admirado bispo já falecido, criticando as autoridades locais com relação à falta de preservação do patrimônio de Sobral e reivindicando o respeito à memória sobralense. Nesse sentido, perguntamo-nos se o padre era “ouvido” da forma como gostaria, pois “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, [...] é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia” (BOURDIEU, 2012, p. 15). Será que ao sacerdote era dispensado algum crédito? Padre Lira reclamava que o problema vivido por Sobral com relação à falta de preservação do patrimônio era devido à falta de sobralenses atuando em cargos de autoridade da cidade:

A conclusão é óbvia: os prédios históricos, os poucos monumentos que poderiam constituir um motivo de orgulho para nós, as tradições históricas, a nossa presença dentro do Estado, o nosso nome, tudo isto e mais alguma coisa pouco fala àqueles que não são filhos de Sobral e exercem os cargos mais importantes de nossa Urbe. Quem pode negar esta verdade? (LIRA, 1971a, p. 110).

O padre atacava os dirigentes constantemente e defendia que os cargos de interesse da cidade estavam nas mãos de não sobralenses. Analisando a lista de prefeitos da cidade entre os anos de 1967 e 1982 não temos senão sobralenses que assumiram esse posto. Além de que todos pertenciam a famílias nobres de Sobral: Prado, Parente e Ferreira Gomes.

Lira relacionava os temas escritos com os acontecimentos contemporâneos de descaracterização da cidade e assumia uma postura de cobrança perante as autoridades a fim de buscar os monumentos que faziam em sua concepção referência a fatos importantes de Sobral.

A justificativa é a de deixar algo valioso para a posteridade: “desta coluna faço um apelo às autoridades no sentido de preservarem o patrimônio histórico de nossa terra. Isto significa um enriquecimento para aqueles que vierem depois de nós” (LIRA, 1971a, p. 26). No entanto, a ideia de transformar a Avenida do Arco do Triunfo em galeria de monumentos nunca foi acatada por nenhum governo sobralense.

A missão do padre não era apenas defender a construção de monumentos, mas apontar que tipo de monumentos deveria ser privilegiado, pois seguia uma ordem intencional. O padre retomou o assunto em texto de 04 de janeiro de 1975, intitulado *Os Monumentos*. Na ocasião Lira exige que seja prestada homenagem devida a Domingos Olímpio, que para o autor “[...] já faz parte do Patrimônio Nacional. Nós, sobralenses, devíamos fazer um monumento a ele na proporção de seu gênio criador, como o povo de Juazeiro fez com o Padre Cícero”.<sup>77</sup>

A necessidade de não somente construir o monumento, mas de construí-lo em seu gigantismo é evidente no discurso de Lira. Mas com isso o padre tem mais uma intenção: glorificar o nome de Sobral como uma cidade culta: “Perpetuar a memória de Domingos Olímpio através de um nobre monumento é eternizar o esforço para elevar Sobral à categoria de cidade intelectual como ele a classificou”.<sup>78</sup> Domingos Olímpio é o nome que melhor pode ser associado a uma representação de intelectualidade. Além disso, Lira aponta uma espécie de dívida que o povo tem com o escritor, por ele ter elevado Sobral nacionalmente através de seu romance *Luzia-Homem*.

Pensar a cidade é vivenciá-la no imaginário e nos sentidos e para sustentar o imaginário de cidade culta é necessário “provar” seu merecimento. As respostas estão no presente, pois os agentes do presente buscam ações no passado para se legitimar. A linguagem mobiliza sentidos e não só a fala ou a escrita. O discurso tem a necessidade de coerência para obter o convencimento. O convencimento de sentidos sobre a cidade é garantido por Lira através de

---

<sup>77</sup> OS MONUMENTOS. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 188, 4 jan. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

<sup>78</sup> OS MONUMENTOS. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 188, 4 jan. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.



transcrições de “documentos de valor histórico” que para ele “comprovavam” o seu discurso: “E para que os leitores não encontrem nestas minhas afirmativas sinais de bairrismo convém citar aqui o que diz o Dr. José Rodrigues da Silva, talvez o maior especialista [...]” (LIRA, 1976, p. 32). Era uma preocupação constante do padre de sempre estar resguardado por especialistas ou documentos que pudessem confirmar sua fala.

No final das contas, o padre estava reclamando Sobral para os sobralenses e distribuindo ideias de como utilizar a cidade ao criticar o mau uso dos lugares públicos. Lira atacava constantemente aqueles que ele considerava como responsáveis por esse distúrbio cidadão:

E agora estou me lembrando da estupidez (é o único termo que encontro para classificar tamanha ousadia) de alguns sobralenses de destruírem aquele teatro [Teatro São João] para em seu lugar construírem uma Prefeitura quando em Sobral há tantos terrenos ociosos. Aliás, eu acho que esta ideia, não partia de sobralenses, mas de dirigentes de Empresas de outras terras aqui radicados, gente absurda que pouco liga quebrar nossas tradições e violar nossos costumes.<sup>79</sup>

Não há como negar o sentimento de revolta do sacerdote nessa passagem. A angústia o consumia, pois aparenta estar tão certo em sua razão que se presta a rebaixar o linguajar para definir aqueles que destroem a tradição e violam os costumes. A denúncia não podia parar, pois a destruição também não descansava.

Em uma coluna de 1973 intitulada *Conhecendo nossa Cidade*, Lira dissertou acerca do crescimento de Sobral. Afirmava que na segunda metade do século XIX os sobrados marcaram um período de força do comércio de Sobral e a diferenciação de estilo desses sobrados evidenciava requinte e independência com relação a outras cidades do Estado, principalmente à Capital. O progresso arquitetônico foi ascendendo até que, segundo o autor, no início do século XX há uma “parada de Sobral na arquitetura”. Essa “parada” é identificada por ele como o início das “cópias” que vinham de Fortaleza. A

---

<sup>79</sup> A EVOLUÇÃO da Praça São João. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 193, 15 fev. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

pouca originalidade e requinte são responsáveis pelo declínio da cidade. Nas palavras do padre, antes disso “A nossa Capital não ditava estilo arquitetônico para nós”. O sacerdote evidencia a superioridade de Sobral diante das outras cidades, afirmando a parada do progresso arquitetônico por decorrência das imitações. A saída indicada por ele para a continuação do desenvolvimento seria “trazer o passado para o presente de modo dinâmico”.<sup>80</sup>

É necessário refletir sobre a questão do progresso tanto relatado por Lira em seus escritos. Há uma positividade colocada como inquestionável dos conceitos de progresso, desenvolvimento e civilidade em sua escrita. Para Lira o progresso era algo natural, pois a antiga Caiçara mantinha pontos favoráveis para que isso acontecesse: um povo trabalhador e intelectual, as condições geográficas adequadas e o assentamento da religião católica com a criação da Diocese em 1915: “Revendo-se a história de Sobral a partir de 1750, isto é, desde as suas nascentes, observa-se um desenvolvimento progressivo que se sedimentou através destes seus dois séculos e meio de existência”.<sup>81</sup> Um “regionalismo de superioridade” está presente na construção da memória sobralense e é perceptível nos escritos de Lira. Porém, havia quem discordasse de sua visão preservacionista e outras ideias coexistiam contrapondo a visão de progresso do sacerdote. No próprio jornal *Correio da Semana* é possível encontrar opiniões divergentes sobre os prédios antigos:

Hoje, falamos do aspecto urbano que se modifica diariamente graças a iniciativa particular. São prédios velhos que cedem lugar a pontos comerciais modernos e bem aparelhados face a nova sistemática comercial. São casarões obsoletos que desaparecem e em seus lugares surgem prédios novos e bonitos, dando uma nova roupagem à nossa urbe<sup>82</sup> (grifo nosso).

<sup>80</sup> CONHECENDO NOSSA cidade. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 112, 10 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>81</sup> A SOLIDEZ das nossas bases econômicas sociais e intelectuais. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 328, 21 jan. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>82</sup> SOBREAL PRESENTE. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 26 jun. 1976. p. 1.

Nesse fragmento de texto podemos entender a disputa que ocorria em Sobral relativa aos usos da cidade. Os prédios antigos nesse discurso ganham outras conotações: são velhos e obsoletos. É necessário que eles desapareçam em nome do progresso, para serem substituídos por prédios modernos, bem aparelhados, novos e bonitos, assim como exige a “nova sistemática comercial”. Esse discurso tinha o interesse de desanuviar a mente de sobralenses residentes em outros locais, “informados por pessoas pessimistas, de que Sobral está se acabando”<sup>83</sup> por não haver crescimento.

Há um conceito que exprime diferença entre os discursos do padre e do artigo sobre a destruição de prédios: a novidade. A passagem do jornal falava em “*nova* sistemática comercial; prédios *novos* e bonitos; *nova* roupagem à nossa urbe”. Nesse discurso, o “novo” tem sentido de pureza, de nascimento, assim como está muito ligado a uma necessidade de esquecer, de substituir o velho (antigo) pelo novo (moderno). E era sobre isso que reclamava o padre. “Novo” para Lira tinha uma conotação pejorativa, justamente porque a novidade encadeava um processo de esquecimento rápido do passado, constituindo-se em algo nocivo para os monumentos e os costumes tradicionais.

Apesar de os dois discursos se confrontarem, eles concordam quando o assunto é a implantação do comércio e da indústria em Sobral. Torna-se necessário problematizar essa questão, pois ela parece ser um ponto importante para entender as mudanças ocorridas na cidade e o contraponto existente no discurso de Lira relativo ao progresso e à preservação. Quando se trata de assuntos como a indústria em Sobral, há uma clara relação com conceitos de crescimento e desenvolvimento. A modernidade, a partir do século XX, é pensada juntamente com o viés econômico e a pedra fundamental de toda sua estrutura é a industrialização ou a mecanização: “Em primeiro lugar, com a economia, o *moderno* é posto em relação não com o *progresso* em geral, mas com o *desenvolvimento* ou, em sentido mais restrito, segundo alguns economistas liberais, com o *crecimento*” (LE GOFF, 2013, p. 184-185).

---

<sup>83</sup> SOBREAL PRESENTE. Jornal Correio da Semana, Sobral, 26 jun. 1976. p. 1.

Essas palavras passam a ser usadas muito intimamente em discursos que pregavam a modernização das cidades através da implantação de fábricas. Quanto mais indústria, maior o desenvolvimento, ou seja, mais moderna é a cidade.

Em obra de Monsenhor Linhares de 1941,<sup>84</sup> já se dá informação da indústria do chapéu de palha de carnaubeira e da exportação para outros estados do Brasil. O autor diz que essa indústria é “praticada na sua totalidade por mulheres e meninas do povo” (LINHARES, 1941, p. 248). Associando essa fonte com o Plano Diretor de 1967-1970, podemos chegar à conclusão de que o trabalho do artesanato em chapéu de palha feito por populares, incluindo crianças, era praticado antes da década de 1940, sendo uma atividade comum nos anos 1960 e com maior rentabilidade, pois a exportação passou a ser feita para o exterior. Em 1941, Linhares indica que a produção era avaliada em 1.500.000 chapéus anualmente. O I Plano Diretor de Sobral nos indica que o número da produção anual em 1967 era de 9.000.000. Dessa forma podemos nos indagar como uma cidade que se envai-dece de ter uma influência na área da instrução, orgulha-se da exportação de artesanato de palha, se ligado a isso há tanta miséria?

Essa apologia à industrialização em Sobral não estava apenas nos discursos jornalísticos e já circundava os discursos de sobralenses anteriormente. Damos o exemplo dos estudos realizados pela UFC para implantação de indústrias em Sobral: *Projeto Sobral* (1964) e a pesquisa sobre *O artesanato de chapéu de palha* (1967).<sup>85</sup> Ambos os estudos concordavam que, apesar de a infraestrutura ser precária, a quantidade de mão-de-obra era importante para a implantação de fábricas. Apesar de esbarrar no transtorno da falta de qualidade dessa mão de obra, os estudos indicavam pontos positivos para investimentos.<sup>86</sup> Citamos aqui o relatório feito pela equipe respon-

---

<sup>84</sup> LINHARES, M. F. A. Apontamentos para a história e corografia do município e cidade de Sobral. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*: Anno LV – 1941. p. 234-251.

<sup>85</sup> Esses dois levantamentos preliminares tratam das condições geográficas e sociais na área de influência de Sobral para identificar as potencialidades e os locais adequados à implantação de fábricas. Ambos os trabalhos foram desenvolvidos através do Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial e o Instituto de Antropologia.

<sup>86</sup> O Projeto Sobral indicava que era necessário um treinamento e preparo do pessoal que não era qualificado. (PROJETO SOBRAL, 1964, p. 60).

sável pela pesquisa sociocultural do *Projeto Sobral*, dirigida e supervisionada pelo Prof. Thomaz Pompeu Sobrinho:

Ao lado do tradicional existe na cidade a consciência de sua capacidade autodesenvolvimentista. [...] As observações da equipe durante a pesquisa corroboraram êsse pensamento. Não só em conversas informais com pessoas de destaque ouvimos afirmativas otimistas sôbre o auto-desenvolvimento de Sobral, como também em reunião num dos clubes de serviço, quando o orador expressando o sentimento de seus companheiros, disse que receberiam de braços abertos os trabalhos do Instituto de Antropologia e, posteriormente, o Projeto Asimow,<sup>87</sup> mas frisando, no momento, que êles haveriam de desenvolver-se com ou sem o Projeto, ou melhor, com ou sem ajuda de fora.<sup>88</sup>

Pelo que parece, os sobralenses alimentavam intenções “desenvolvimentistas” há mais tempo, pois o estudo foi realizado em 1964. Essas intenções poderiam explicar a “esperança no progresso” da cidade presente também na década de 1970? Mas, levando em consideração todos os discursos analisados até então, há uma associação de palavras como modernidade, indústria, desenvolvimento e progresso de forma absolutamente imediata: se Sobral possui mais fábricas, logo é moderna. Parece uma sentença lógica, mas nem sempre condizia com o que era vivido pela população.

Se levarmos em consideração que não somente Sobral, mas outras cidades de médio porte do Ceará, como Crato e Juazeiro do Norte, nesse mesmo período, experimentaram o crescimento substancial nas décadas de setenta, oitenta e noventa, podemos compreender o surto industrial que elas tiveram acompanhado de problemas sociais e ambientais relevantes. Isso ocorreu, pois:

Com as mudanças ocorridas no âmbito da economia, da política e na esfera social, as cidades médias são evocadas como atrativas para investimentos que aproveitam vantagens comparativas em um meio

---

<sup>87</sup> Projeto Asimow, segundo o relatório do Instituto de Antropologia, era um projeto que visava a implantação de indústrias e para tanto solicitava estudos de caso locais (PROJETO SOBRAL, 1964, p. 65). O convênio para realização do projeto foi feito entre SUDENE, CODEF, UFC, BNB E Universidade da Califórnia. A referência nominal é prestada ao norte-americano Morris Asimow (ou Asimov), que foi o coordenador do projeto e chefe de Departamento de Engenharia da Universidade da Califórnia. Em 1964 foi considerado cidadão cearense.

<sup>88</sup> (PROJETO SOBRAL, 1964, p. 83).

onde muitas das condições necessárias à produção são encontradas. Alia-se a isso o apelo ao imaginário que a propaga como espaço urbano propício a uma melhor qualidade de vida em contraponto à grande metrópole (AMORA; COSTA, 2007, p. 346).

Os investimentos em setores da economia urbana se voltam para as cidades que não são mais vistas apenas como polos agrícolas. Dessa maneira, Sobral, Crato e Juazeiro do Norte passam a ter uma injeção de incentivos no comércio, indústria e serviços, além de receber constantemente grandes contingentes populacionais provenientes da zona rural e de cidades menores. O que ocorreu foi que estas cidades passaram a reproduzir “na sua organização espacial, os problemas comuns às grandes cidades, como falta de infraestrutura básica e de habitação, crescimento do setor informal e do desemprego, ocupação de áreas de risco e proliferação de favelas” (AMORA; COSTA, 2007, p. 365). As mudanças foram drásticas, trazendo uma mudança considerável na forma de viver nessas cidades, com alterações no perfil econômico, social e político, interferindo consequentemente no perfil cultural das mesmas.

O semanário local na década de 1970 dava notícias de que os sobralenses estavam despertando pela manhã sendo obrigados a suportar “o impacto de um intolerável mau cheiro”. Depois de abertas algumas fossas e verificados os bueiros, chegou-se à conclusão de que o fedor de detritos era proveniente da Fábrica Companhia Industrial de Algodão e Óleo – CIDAO. O centro comercial, por exemplo, em alguns momentos do dia era envolvido por nuvem de fumaça e gases.<sup>89</sup> A poluição tornou-se assunto sério a ponto de a SEMA (Secretaria Especial do Meio Ambiente), em 1976, ocupar-se no estudo de projetos a fim de controlar a poluição atmosférica causada por uma das fábricas de óleo de mamona instaladas em Sobral. Segundo o chefe da SEMA na época Paulo Nogueira Neto, Sobral já possuía até uma associação de alérgicos.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> PODRIDÃO HORRÍVEL! *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 14 ago. 1976. p. 1.

<sup>90</sup> BRASÍLIA ESTUDA medidas para a poluição em Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 21 ago. 1976. p. 1.

A esperança de autodesenvolvimento, como foi indicada em 1964, não parecia ter rendido bons frutos na década posterior, já que muitos outros problemas estruturais e sociais podiam ser notados em Sobral durante a década de 1970. Quando ocorria falta de iluminação pública nos subúrbios era a oportunidade propícia para a ação de “amigos do alheio” ou ladrões,<sup>91</sup> que agiam também durante o dia, em pleno centro comercial.<sup>92</sup> Aliás, estar no centro comercial já era complicado, pois havia um barulho tremendo de caixas amplificadoras emitindo músicas e chamadas dos vendedores das lojas que disputavam os clientes na “base do grito”.<sup>93</sup> Sobral, afinal de contas, era uma metrópole e não uma província: atestava no jornal um cidadão indignado. No entanto, como defender uma cidade que mantinha “ares de província”, já que: “Não é raro vermos em plena luz do dia animais perambulando pela via pública, estragando os jardins das praças e pondo em perigo a vida de pedestres, em virtude do transito de carros”?<sup>94</sup> Para frequentar o Mercado Público precisava ter estômago, pois o mau cheiro era forte, além do lixo que se espalhava pelo chão. À direita do Mercado, nos restaurantes populares, as pessoas contribuíam para o mau cheiro e sujeira, jogando os restos de comida e lixo nas calçadas.<sup>95</sup>

Passando pelas ruas, viam-se nas residências, igrejas, prédios públicos e casas comerciais, muitos cartazes de políticos, propagandas e até mesmo palavrões pichados nos muros com a intenção de ofender algum desafeto.<sup>96</sup> Em período de carnaval, somavam-se as pichações feitas por jovens de blocos de carnaval.<sup>97</sup> O corte de árvores na cidade era feito com tal “falta de zelo” pela Coelce e pela Teleceará,<sup>98</sup> que a falta de sombra permitia que o sol castigasse

---

<sup>91</sup> ESCURIDÃO VEM facilitando a ação de ladrões. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 ago. 1972. p. 6.

<sup>92</sup> TRÊS CASAS comerciais arrombadas ao meio dia no Centro. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 8 abr. 1972. p. 1.

<sup>93</sup> SOBRAL, CIDADE do barulho. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 6 nov. 1971. p. 1.

<sup>94</sup> PRINCESA... *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 19 ago. 1972. p. 3.

<sup>95</sup> A SUJEIRA do mercado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 19 jun. 1976. p. 6.

<sup>96</sup> PROPAGANDAS NEGATIVAS. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 2 ago. 1975. p. 1.

<sup>97</sup> POBREZA É isto... *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 13 jan. 1979. p. 1.

<sup>98</sup> VIOLÊNCIA E descaso. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 9 ago. 1975. p. 6.

ainda mais os transeuntes. As árvores eram “sacrificadas” com o pretexto de melhorar a iluminação pública e o telefone, que eram inclusive assuntos frequentes no jornal, não pela qualidade, mas justamente por serem serviços ausentes no cotidiano.

Além disso, a revolta contra os dirigentes políticos ganhava as páginas do jornal principalmente em épocas de eleição:

Verificamos o que estamos vendo em Sobral: jardins, bem poucos e estes totalmente abandonados, ressequidos, deixando a mais desolada das impressões. Cidade imunda, já sem operários encarregados de limpeza pública, com escombros de construções lançados na via pública, com a tolerância CULPÁVEL da prefeitura que não proíbe ou não tem força para reagir aos infratores. Cidade às escuras, porque a prefeitura não providencia com prontidão nas ruas e avenidas a mudança de suas instalações [...] Mas enquanto isto, os politiqueiros sobralenses, coveiros do progresso, continuam em comícios políticos.<sup>99</sup>

A população pobre amedrontava a sociedade sobralense com os boatos do fim do mundo, da morte de Madalena Rabi, conhecida como noiva de Cristo<sup>100</sup> e até da existência de vampiros que circulavam a periferia de Sobral em carros pretos em busca do sangue de criancinhas.<sup>101</sup> Sem falar na prática ilegal do jogo do bicho que era a diversão das camadas populares e desqualificava as autoridades que não conseguiam coibir o “bicho” nos botecos.<sup>102</sup> Até ir para outra cidade era um suplício, pois as dificuldades de transporte entre Sobral e Fortaleza eram fato. Sem falar no mau cheiro sentido nas proximidades dos acessos a Sobral: quem vinha de Fortaleza ou do Maranhão enfrentava o odor de carniça do curtume e do Matadouro Público.<sup>103</sup>

Aqueles que reclamavam através do jornal *Correio da Semana* concordavam que os problemas enfrentados em Sobral, tinham como foco a chegada constante de imigrantes.

<sup>99</sup> CIDADE ABANDONADA. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 23 set. 1972, p. 1.

<sup>100</sup> CRENDICE POPULAR. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 10 jul. 1971. p. 1.

<sup>101</sup> VAMPIROS E cismos em Sobral?! *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 25 set. 1971. p. 6

<sup>102</sup> JORNAL CORREIO da Semana, Sobral, 18 abr. 1970. Coluna Administração, Economia e Finanças. p. 6; O JOGO do bicho afronta autoridades. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 7 abr. 1973. p. 1.

<sup>103</sup> PRINCESA... *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 19 ago. 1972. p. 3.



A partir de 1960 verificou-se um aumento vertiginoso do crescimento demográfico decorrente de migrações para as cidades. Termos advindos da biologia e da medicina eram bastante difundidos. Nessa prática é comum associações entre as cidades e as estruturas biológicas ou relacionar problemas urbanos a doenças. A noção de inchamento urbano, por exemplo, era claramente uma definição da cidade como organismo doente: “O inchamento expressa a concentração crescente de pobres na cidade e tem seu sintoma mais visível na expansão de moradias precárias” (GUNN; CORREIA, 2001, p. 248). A chegada de retirantes em Sobral nos períodos de estiagem continuava a acontecer e o alvoroço dos comerciantes e da sociedade sobralense permanecia sendo notado, pois a mendicância e os saques eram comuns nesses períodos.<sup>104</sup>

Através do *I Plano Diretor de Sobral (1967-1970)* é possível refletir sobre a preocupação que a administração pública teve na identificação de problemas mais alarmantes evidenciados em Sobral. Esse diagnóstico foi encomendado pelo prefeito Jerônimo Medeiros Prado, com a intenção de propor projetos que visavam combater ou mesmo extinguir esses problemas, mas também evidenciava a diferença na forma de governar a cidade. A grande discussão para o planejamento urbano eram os fatores habitação e população. De 1940 a 1960 o aumento populacional total da cidade, segundo o *I Plano Diretor*, foi de 66%. Enquanto o crescimento populacional na área rural foi de 33%, o da área urbana foi de 141%. Segundo o *I Plano Diretor*, a cidade era considerada como um atrativo em primeiro estágio, pois a intenção era um futuro deslocamento para grandes metrópoles como Fortaleza. A ocupação desordenada de espaços como os terrenos às margens da estrada de ferro, da estrada de rodagem ou mesmo do rio Acaraú e de lagoas, era uma realidade. Conforme zoneamento tipológico de habitação realizado para o *I Plano Diretor*, temos a grande maioria de habitações presentes na Zona de Marginalização,<sup>105</sup> também conhecida como “Coroa Marginal” ou “Região Extra-Trilhos”.

<sup>104</sup> ESTIAGEM LEVA famintos ao saque. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 11 abr. 1970. p. 1.

<sup>105</sup> SOBRAL. Prefeitura Municipal. *I Plano Diretor de Sobral: 1967-1970*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1967, Capítulo III: Setor de Urbanismo e Infraestrutura, p. 12.

Tabela 1 – Zoneamento tipológico de habitações de Sobral

<b>Tipologia</b>	<b>Unidades</b>	<b>Porcentagem</b>
Zona Comercial e Residencial	690	9,1%
Zona de Transição (casas de classe alta e média)	1.324	17,4%
Zona de Habitações Populares	740	9,7%
Zona de Marginalização	4.846	63,8%
<b>Total</b>	<b>7.600</b>	<b>100%</b>

Fonte: I Plano Diretor de Sobral (1967-1970).

A Zona de Marginalização era muito parecida com a Zona de Habitações Populares: sem esgoto, pavimentação, saneamento básico ou assistência sanitária. Por exemplo, a coleta de lixo não era realizada nos subúrbios “onde o carro coletor não apanha o lixo das residências e os detritos são atirados na própria rua ou terrenos vazios”.<sup>106</sup> Apesar de a coleta de lixo ser feita na região central, esta também possuía residências paupérrimas e cobria as zonas Comercial, Residencial e de Transição.

Reunindo as casas precárias que se distribuem nas três Zonas com as existentes na Zona de Marginalização, pode-se afirmar, com boa margem de segurança, que SOBRAL possui 5.173 habitações em condições precárias; em bôa parte êste número é constituído de mocambos.<sup>107</sup>

Esse número corresponde a 68% da quantidade total de habitações na cidade, ocupando consideráveis 80% do espaço urbano. Além

<sup>106</sup> LIMPEZA PÚBLICA, *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 9 dez. 1971. p. 1.

<sup>107</sup> SOBRAL. Prefeitura Municipal. *I Plano Diretor de Sobral: 1967-1970*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1967. Capítulo III: Setor de Urbanismo e Infraestrutura, p. 12.

dos problemas estruturais, 33% dessas unidades habitacionais<sup>108</sup> sofriam com os alagamentos periódicos do Rio Acaraú.<sup>109</sup>

Em *De Caiçara a Sobral*, Lira escreveu: “As cidades são como as pessoas, nascem, crescem, se desenvolvem, permanecem em estado de estagnação e por fim morrem” (LIRA, 1971a, p. 109). Podemos extrair dessa frase um fator importante para nossa discussão: Lira utilizou uma *metáfora funcional* proveniente de analogias biológicas e para ele, as cidades se desenvolvem como um ser humano. Horacio E. Caride nos orienta que as associações entre as cidades e os seres vivos são antigas e serviam para explicar a dinâmica das cidades e propor mudanças em sua configuração (CARIDE, 2001, p. 45). A comparação com o corpo humano é feita por Lira em seus escritos, quase que dando forma e vida à Princesa do Norte:

A pequena Caiçara [...] transformou-se em uma graciosa menina moça, fazendo inveja a todas as suas irmãs. Descrevendo uma brilhante trajetória tornou-se adulta com mais garbo ainda em 12 de Janeiro de 1841. Liderando toda a Região Centro-Norte, de maneira acentuada no setor educacional, tornou-se Princesa. Sem se preocupar com as críticas daqueles que não conhecem a sua história, continua iluminando, aquecendo e abrigando a todos os que procuram a sua influência (LIRA, 1976, p. 47, grifo nosso).

12 de janeiro de 1841 é a data de elevação da Vila Distinta e Real de Sobral à categoria de cidade, que passou a ser chamada de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú (em homenagem à Princesa Januária, irmã de Dom Pedro II). O nome Sobral seria adotado em 1842. “A pequena Caiçara” (metaforicamente indicando um estágio infantil do início da cidade como Fazenda Caiçara) transformara-se em moça e chegara à vida adulta quando reconhecida como cidade. A “graciosa menina moça” é quem faz “inveja às irmãs”, mas também é a que educadamente acolhe as irmãs invejosas que precisam de sua

<sup>108</sup> A Zona de Marginalização ocupava o total de 65% e a Zona de Habitações Populares total de 15%. Zona Comercial e Residencial ocupava o total de 10% e a Zona de Transição ocupava apenas 8% da área urbana de Sobral nesse período.

<sup>109</sup> Em 1973, por exemplo, a cheia do Rio Acaraú expulsou diversas famílias que residiam em suas proximidades e continuava ameaçando tantas outras: INUNDAÇÕES E DESABAMENTOS em Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 14 abr. 1973. p. 6.

influência. As irmãs seriam as outras cidades do estado do Ceará? Nesse sentido, a inveja poderia ser vista nas críticas que Sobral levava. Lira acreditava que as piadas e os apelidos sobre a cidade eram fruto de ignorância com relação à história. Em texto da coluna *Nossa História*, o padre rende homenagem à Sobral que comemorava na ocasião 137 anos de aniversário da elevação à cidade:

Sobral – quanto mais tu és vítima dos ignorantes da história e te chamam de “Estados Unidos de Sobral”, Sobral-Brasil, mais eu te quero porque cada dia mais tu te firmas com o teu parque industrial e tua vida sócio-cultural. Só se fala (ironicamente) de quem se tem inveja.<sup>110</sup>

O processo de personificação transforma a cidade em sujeito da ação. Através do uso de adjetivos de associação com o ser humano, ela pode ser capaz de ter sentimentos e de causá-los. A utilização de termos que personificam cidades é algo comum. Por exemplo, o município de Crato é conhecido como Princesa do Cariri ou Princesa do Sul do Ceará (VIANA, 2011, p. 61).

Mas, pelo que percebemos na leitura do jornal *Correio da Semana*, a fórmula era usada de maneira frequente, embora fosse mais intensa quando em momentos de comemoração. Sobral torna-se mãe de sua população, vira musa dos poemas que exaltam o amor e homenageiam a aniversariante. Vamos nos deter, por enquanto, à poesia *Ave Sobral*, publicada em 1970 no jornal *Correio da Semana*<sup>111</sup> e republicada em 1973 no Álbum do Bicentenário da Vila (MELO, 2013, p. 216), de autoria da poetisa Dinorah Thomaz Ramos:<sup>112</sup>

#### AVE SOBRAL

Majestosa e heráldica cidade,  
De uma estirpe real, nobre Princesa,  
Repousada ao sopé da Meruoca,  
*Tonta de sol, soberba de beleza.*

<sup>110</sup> 1841 – SOBRAL – 1978. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 327, 14 jan. 1978. Coluna *Nossa História*, p. 2.

<sup>111</sup> AVE SOBRAL. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1970. p. 3.

<sup>112</sup> Dinorah Thomaz Ramos, além de poetisa foi professora, juíza e vereadora em Sobral, era frequentadora assídua da ASEL (MELO, 2013, p. 217).

Lá das serras a brisa perfumada,  
Vem, à noitinha, sussurrar fagueira,  
*Aos teus ouvidos*, sedutoras falas,  
No estalitar dos leques das palmeiras.

O rio Acaraú banha-te os *flancos*,  
Que a volúpia do sol-senhor do espaço,  
Requeima com os ardores dos *seus beijos*,  
Incendendo de luz o *teu regaço* (grifo nosso).

No poema, Sobral ganha não apenas adjetivos de realeza, a autora desenha os contornos (até sensuais) da princesa notabilizando partes do corpo, como ouvidos, flancos, regaço, pés e boca. Dando asas à imaginação, pode-se sonhar com uma bela moça descansando solenemente enquanto é cortejada pela natureza. Continuando o poema:

No entanto, minha *velha Caiçara*,  
*Nem sempre foste tu, quem hoje és*,  
Somente o amor, que tudo pode e vence,  
Fez de ti uma princesa, osculando-te os *pés* (grifo nosso).

Nesse trecho, Dinorah Ramos associa a Fazenda Caiçara ao estágio de velhice. Mas, a superação parece o foco, pois o amor transformou a velha Caiçara em Princesa ao afagar de beijos seus pés. Existiriam outros sentidos para a palavra “velha”? O termo era comumente utilizado quando se mencionava a Fazenda. Como que querendo negar atual semelhança com a fazenda de gado, o próprio Hino de Sobral<sup>113</sup> reproduz essa relação diferenciada entre Caiçara e Sobral:

Nasceu Sobral entre sobreiros verdejantes  
À margem esquerda do lendário Acaraú  
*Velha Caiçara, com suas vacas ruminantes*  
Oh! Meu Sobral, quão altaneira foste tu!  
[...]  
Filhos ilustres construíram tua grandeza  
Que te oferece galardão excepcional  
E a natureza te emprestou tanta beleza  
Que te levou a ser Princesa, oh! Meu Sobral! (grifo nosso).

<sup>113</sup> Letra de José Esmeraldino de Vasconcelos e melodia de Antônio Gondim, composição do final do século XIX (MELO, 2013, p. 210).

O Hino também evidencia a superação da Fazenda no trato de vacas, como mais uma forma de legitimar a cidade a partir do trabalho dos filhos ilustres e da natureza que levaram Sobral ao patamar de Princesa. Voltemos para o poema de Dinorah Ramos cheio de romantismo, pois a Princesa, como em todo conto de fadas, precisa de um Príncipe:

Alguém que já morreu, um grande Príncipe,  
De ti se enamorou perdidamente,  
E empenhando os seus bens, doou-te tudo,  
Nos arroubos viris de um amor nascente.

Para dar-te o saber, criou colégios,  
E da fé, as centelhas mais divinas,  
Fez reviver em Igrejas e Hospitais,  
Seminários, Abrigos e Oficinas.

*Êste Príncipe da Igreja, soberano,  
Que na frente te pôs coroa real,  
O teu nome ilustrou, e deu-te um cétro,  
– Foi D. José – o Bispo de Sobral (grifo nosso).*

Dinorah reforça a ideia do amor que garantiu a posição de Princesa, neste caso o amor ativo do Príncipe da Igreja, o amor através de ações, que na construção de cada instituição materializava os símbolos de realeza.

Se para Lira a cidade é um organismo humano, logo o seu crescimento será natural, como é o de um organismo vivo saudável. A “menina moça” só ganha o *status* de princesa quando demonstra ter dinamismo bastante para desenvolver-se a partir de suas condições físicas. Mas, o padre não poderia admitir uma “princesa desmemoriada”, logo se mostra necessária a ligação com o passado.

Apesar da fórmula idealizada, algumas vezes a Princesa era demonstrada de forma menos pomposa: havia momentos em que a cidade como símbolo ficava “presa na rede psicológica de esperanças frustradas” (SCHORSKE, 2000, p. 61). O cidadão Francisco Oliveira de Moraes em 1972 reclamou no jornal da podridão sentida na entrada da cidade e exigia uma resolução. Para arrematar as críticas, escreveu o seguinte:

Desta maneira, as pessoas que transitam por nossa cidade, vindo de Fortaleza ou de Teresina, levam a impressão, não de uma princesa limpa, perfumada [...]. Mas levam consigo, a desagradável impressão de uma cidade suja, de uma princesa fedorenta, sem nenhuma noção de higiene<sup>114</sup> (grifo nosso).

Além de “fedorenta”, há quem dissesse que Sobral estava “mal vestida”: “Noticiamos em uma de nossas edições anteriores o desejo do governo municipal de manter a cidade limpa neste fim de ano, para que a “princesa” se apresente com uma “roupa” nova aos que lhe visitarão neste natal”<sup>115</sup> (grifo nosso). O pedido para limpeza da cidade com a colaboração de todos os habitantes foi noticiada no *Correio da Semana* em 09 de dezembro de 1972,<sup>116</sup> porém, na véspera de Natal, a cidade continuava suja, com lixo nas calçadas e acúmulo maior em determinados locais, inclusive vias públicas.

Em 1975, José Clodoveu Arruda Filho, referiu-se à forte incidência de raios solares que castigavam a população com o calor intenso e verificando que Sobral quase não possuía arborização, alertou da necessidade de “vestir Sobral”: “Urge que o Poder Público se volte para a quase-completa nudez da cidade e, para ela, providencie um vestido amenizador, confeccionado de robustas e viçosas árvores [...]. Vamos vestir Sobral”<sup>117</sup> (grifo nosso).

Por vezes, Sobral é diretamente colocada como responsável pela falta de zelo: “a princesa está indiferente aos festejos natalinos”<sup>118</sup> (grifo nosso). A *princesa* está indiferente quer dizer a *população* está indiferente. Quando a cidade, no discurso torna-se capaz de praticar uma ação, ela perde o seu elemento de materialidade ao representar os habitantes da cidade em suas atitudes (PEREIRA, 2001, p. 275). Quando ela adquire vida – capacidade de agir e de sentir como uma pessoa de carne, osso e alma – a palavra enfrenta necessariamente um vazio conceitual e dessa forma está sujeita a elogios

<sup>114</sup> PRINCESA... *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 19 ago. 1972. p. 3.

<sup>115</sup> LIMPEZA DA cidade é dever de todos que a habitam. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 23 dez. 1972. p. 6.

<sup>116</sup> LIMPEZA PÚBLICA. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 9 dez. 1972. p. 1.

<sup>117</sup> SOBREAL DESNUDA. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 15 nov. 1975. p. 2.

<sup>118</sup> POBRE SOBREAL. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 20 dez. 1975. p. 1.

ou críticas por seus atos (PEREIRA, 2001, p. 276). A Princesa do Norte aparecia no cotidiano suja, fedida, malvestida ou até mesmo nua, embora em dias de comemorações solenes, ostentasse a luz da beleza e erguesse o cetro acima das irmãs. O que acontecia com a Princesa? Para Lira a resposta era evidente: a perda das raízes ou o desligamento com o passado poderiam ocasionar a morte da urbe:

Observamos a morte de uma cidade quando deixa de haver continuidade entre o passado e o presente, isto é, quando dá-se a ruptura entre passado e presente fazendo surgir novas modalidades de vida, de costumes, de manifestações intelectuais e sociais inteiramente diferentes que apagam e sepultam o passado (LIRA, 1971a, p. 109).

Há que se refletir sobre a defesa de um progresso para cidade: que tipo de progresso Lira queria para Sobral? Parece-nos que a ligação, uma continuidade com o passado é de extrema importância para o sacerdote:

Um povo que sabe trazer o passado para o presente de modo dinâmico encontrará sempre um novo caminho para o seu desenvolvimento.<sup>119</sup> Um povo que se esquece de seu passado começa a ficar desfibrado, perde a continuidade de suas culturas, é envolvido pelos costumes de outra gente.<sup>120</sup>

O retorno às origens é evidenciado nos escritos de Lira como a chave para realizar um desenvolvimento adequado. O progresso pautado no passado é possível? Lira parecia acreditar nisso. Mas, essa é uma contradição muito presente em diversos movimentos históricos. Como Le Goff aponta, a modernidade pode se expressar com as “cores do passado”, camuflando-se e retirando o que lhe interessa sobre o que é antigo. O autor cita os movimentos renascentistas do século XVI e a *moda retrô* vista na atualidade (LE GOFF, 2013, p. 162). Podemos acrescentar como exemplo o movimento *vintage*: termo que não se refere apenas à moda, mas sim a um estilo

<sup>119</sup> CONHECENDO NOSSA cidade. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 112, 10 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>120</sup> A EVOLUÇÃO da Praça São João. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 193, 15 fev. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.



de vida (englobando formas retrógradas de vestir, decorar, consumir e se expressar) que valoriza demasiadamente estilos de vida de épocas passadas, porém sem abrir mão do conforto fornecido pelas tecnologias atuais. Entendendo o produto não somente em sua materialidade, mas sim em sua capacidade de acumular significados sociais, os objetos bem como as práticas sociais que correspondem a uma época específica, garantem nostalgia, legitimidade e autenticidade, ativando lembranças e afetividades (OLIVEIRA, 2012, p. 8). Refletindo sobre a necessidade de “retorno”, Le Goff nos orienta ainda sobre as duas formas de progresso:

O combate entre “antigo” e “moderno” será menos o combate entre o passado e o presente, a tradição e a novidade, do que o contraste entre duas formas de progresso: o do eterno retorno, circular, que põe a Antiguidade nos píncaros e o progresso por evolução retilínea, linear, que privilegia o que se desvia da antiguidade (LE GOFF, 2013, p. 166).

Esse “retorno”, no discurso de Lira, tem um caráter socorrista, de resgate do que há de melhor no passado, em que as ruínas são supervalorizadas fazendo crescer o prestígio sobre a forma como se tratava a memória. Claro que o movimento de retorno também é excludente, já que direciona o olhar para o que se quer ver.

## **Comparar para legitimar: “Sobral na História do Ceará”**

A história de Sobral era vista por Lira como uma evolução e, portanto, a metáfora usada para explicar o crescimento da cidade como ao crescimento de um ser humano se encaixava comodamente. Assim como se diferenciavam as pessoas da cidade, Padre Lira pretendia também diferenciar as cidades. Para analisar o discurso de diferenciação entre as cidades utilizaremos principalmente o livro *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina*, lançado em 1976; porém nos deteremos à primeira parte do livro: *Sobral na História do Ceará*. Cruzaremos com outras fontes como artigos publicados no jornal *Correio da Semana*.

A leitura do livro causa a impressão de que a motivação para escrita tenha sido a inquietação de Lira com relação aos apelidos

pejorativos sobre a cidade. Os ataques contra os que “falavam mal” de Sobral são constantes durante toda a escrita e o padre se mostra novamente como defensor de Sobral. Para Lira aquele que criticava Sobral, não conhecia sua história, seu passado, não reconhecia os feitos de seus filhos ilustres e conseqüentemente assumia uma “posição de pseudo analista, de pseudo crítico, de pseudo historiador” (LIRA, 1976, p. 7). Para justificar seu discurso, o padre fala da “personalidade criadora”,<sup>121</sup> conceito segundo o qual admite existirem pessoas diferenciadas que fazem a História. Apesar de não admitir diretamente que considera os sobralenses ilustres como personalidades criadoras, Lira diz que não se pode negar o seu espírito empreendedor que possibilitou a transformação da Fazenda Caiçara em Sobral, ou seja, em Princesa do Norte.

Além disso, Padre Lira faz uma comparação entre Sobral, Fortaleza e Crato no século XIX, que ele define como “Um Confronto Histórico” (LIRA, 1976, p. 17). Sua escrita nesse sentido é pautada em listar os pontos negativos das outras cidades, evidenciando os pontos positivos de sua cidade: “Sobral, a este tempo, tinha algo de mais elegância, de mais nobreza do que Fortaleza” (LIRA, 1976, p. 21). Transcrições de livros e documentos de escritores que passaram por Sobral são utilizados no tal confronto. Temas como moradia, salubridade, educação, comércio, asseio, a presença da Igreja Católica, de teatros etc., são apresentados como essenciais na elevação da importância de Sobral nessas comparações.

Já que a intenção de Lira nessa obra era comparar para legitimar, ele busca não somente tratar as cidades no final do século XIX, mas adentra em questões que podiam ser vistas como motivos para continuar reverenciando a cidade sobralense, mesmo na segunda metade do século XX. O garbo do título dispensa comentários: *Os quatro grandes acontecimentos que internacionalizaram Sobral*. O que seria *internacionalizar* uma cidade? Aparentemente, seria ter o nome da cidade evidenciado fora dos limites regionais:

---

<sup>121</sup> Segundo Y. Kosminski autor de “O professor Toynbee e sua filosofia da História – A vida desmente o mito”, a personalidade criadora é aquela que tem a responsabilidade por mudar os rumos da história. São os chamados sobre-humanos, gênios, super-homens ou seres humanos privilegiados.

“Os sobralenses têm orgulho de criar divisas para o Ceará e para o Brasil procurando sempre mais se integrarem na vida sócio-econômica do seu Estado” (LIRA, 1976, p. 34). Ao afirmar que Sobral procurava se integrar à vida do Ceará, o padre está tentando negar as acusações feitas por aqueles que ele ataca constantemente no livro: acusações de que Sobral distanciava das outras cidades do estado, com a pretensão de ser superior.

Os quatro “grandes acontecimentos” são: O Eclipse Total do Sol, analisado em Sobral no ano de 1919; a descoberta do Kalazar pelo Dr. Tomás Aragão em 1956; a criação do Museu Diocesano Dom José e eleição de Sobral como a Capital do Chapéu de Palha.

Incontestavelmente, Lira dá maior atenção ao primeiro acontecimento. Não somente pelo fato em si, mas pela vinculação direta ao nome do físico Albert Einstein, que provou a Teoria da Relatividade a partir das observações feitas por sua equipe em Sobral e pela escolha da cidade de Sobral entre tantas outras no mundo. A repetição do tema é recorrente em obras e nas colunas do jornal *Correio da Semana*. Em *Sobral na História do Ceará*, Lira cita o Eclipse Total no capítulo referente aos grandes acontecimentos e dedica mais um capítulo intitulado *A Luz tem Peso – Importante resultado a que chegaram os sábios ingleses que vieram observar o Eclipse de Sobral* (LIRA, 1976, p. 35-36). Esse capítulo é constituído por uma transcrição da Distamar-Boletim, fundada e dirigida por Alberto Amaral – organizador e detentor à época de vários documentos históricos sobre Sobral –, publicada no ano de 1931, em Recife-PE. A matéria da Distamar-Boletim, por sua vez foi transcrita do Rio Jornal, do Rio de Janeiro, datada de 1919.

Para afastar as possíveis críticas dos descrentes, o padre aponta a fonte inicial: “Se algum estudioso do assunto duvidar destas anotações pode consultar um antigo periódico do Rio de Janeiro intitulado Rio-Jornal” (LIRA, 1979, p. 36). Havia a necessidade de ligação com outros textos que precisam ser replicados e envoltos de verdade para que houvesse uma legitimação. Como afirma Foucault:

É que as margens de um livro jamais são nítidas, nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede (FOUCAULT, 2013, p. 28).

A obra precisa de remissões a outras obras a fim de validar seu conteúdo, autenticar cada linha escrita. É preciso questionar a forma de elaboração da obra para compreender o campo complexo de discursos que se entrelaçam nela. Lira aparenta ter direcionado esse livro justamente para os críticos de Sobral, pois o número de referências é grande: os ataques e defesas são constantes em todas as páginas. Talvez como uma forma de defesa não só do nome de Sobral, mas de si mesmo. Além disso, há nesse livro uma ausência de termos acrescidos do pronome possessivo em expressões como “nossa terra” – mas que são usados vastamente em outras obras. Seria um indício de que o público-alvo nessa obra era outro que não os sobralenses? A defesa da cidade através de comparações acentuadas, não parece ter ocorrido tão somente para afirmar seu amor pela terra natal. Ao comparar Fortaleza e Sobral, por exemplo, Lira conclui após longas transcrições de Renato Braga (*História da Comissão Científica de Exploração*) e Antônio Bezerra (*Notas de Viagem*):

O leitor poderá, agora, após a descrição das duas cidades feitas não só por dois autores abalizados, mas sobretudo desapaixoados, tirar uma conclusão muito lógica: Sobral, na segunda metade do século passado nada devia a Fortaleza em cultura, em arte, em educação e em urbanismo (LIRA, 1976, p. 24).

Acreditamos que Lira procurava demonstrar que não escrevia motivado apenas pela paixão, mas sim pela razão, ao evidenciar uma pesquisa documental, instaurando assim seu papel de intelectual. Mas também que, independente da paixão pela cidade, era incontestável a superioridade de Sobral, já que ela havia sido reconhecida por intelectuais sem ligação aparente com a cidade.

Para reforçar sua posição, Lira publicou em 1979 um livro chamado *O Eclipse Total do Sol – visto e observado em Sobral no dia 29 de maio de 1919 – Uma homenagem ao Gênio de Einstein*. Como ele mesmo define, essa obra é um “documentário”, ou seja, uma junção e organização de documentos relativos ao episódio do Eclipse, para comemorar o centenário de nascimento de Albert Einstein. Nos textos que foram escritos por Lira percebeu-se o orgulho latente do padre quando se tratava sobre a escolha da cidade para realizar as observações:

É como se a natureza tivesse escolhido Sobral para esta grande demonstração científica e os astrônomos do mundo inteiro, numa antevisão do que representaria este notável acontecimento ratificaram o veredito das leis do Universo (LIRA, 1979, p. 7).

Uma escolha que não poderia ter sido mais adequada, uma vez que a própria natureza, através das leis do universo, designou o local. Decisão mostrada como provida de um caráter superior à própria inteligência humana que bastou concordar com o que já estava previsto. Essa escolha e a efetivação dos experimentos, na visão do padre, incorporaram Sobral “ao gigantesco desenvolvimento da ciência” que foi capaz de associar a figura de Einstein à Sobral: “Einstein e Sobral estarão sempre unidos” (LIRA, 1979, p. 7-8).

É nesse livro que Padre Lira se coloca como um pesquisador profissional ao relatar a busca por um “documento autêntico” acerca do assunto, afirmando circular em vários locais de guarda de acervos documentais, como a Redação do jornal *Correio da Semana* e o Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal.<sup>122</sup> Ao encontrar jornais antigos do ano de 1918 e 1919, no jornal da Diocese, Lira se colocou voluntariamente para colecioná-los e “restaurá-los”. O resultado foi a organização do “documentário” citado, em que foi eleito como “documento autêntico” um artigo de título *Comissões Científicas*, datado de 17 de maio de 1919, do jornal *Correio da Semana*. A matéria fala da chegada do grupo composto por ingleses e brasileiros, poucos dias antes do dia oficial do eclipse (29 de maio de 1919).

O segundo acontecimento destacado por Padre Lira foi a descoberta do Kalazar (Leishmaniose Visceral) pelo médico sobralense Dr. Tomás Aragão, no ano de 1956. Para Lira, Sobral ganhou projeção internacional no ramo da medicina depois dessa descoberta, comentando sobre as inúmeras visitas de médicos renomados a Sobral para aprender a sintomatologia do Kalazar com o Dr. Tomás no Posto de Sobral. Além disso, Lira lembra sobre os artigos que foram

---

<sup>122</sup> Inclusive o autor faz sérias críticas ao estado de conservação dos documentos que fazem parte das coleções do Arquivo Público que estavam depositadas numa Serraria situada à Antiga Rua da Gangorra. O padre ainda tece elogios ao Redator do *Correio da Semana* por guardar tão bem os jornais que faziam parte de seu acervo do periódico (LIRA, 1979, p. 9).

publicados em revistas e livros especializados, que citaram o nome de Sobral e de Dr. Tomás.

Destacamos aqui o Museu Diocesano Dom José, como o terceiro “acontecimento” proposto por Lira. O primeiro bispo de Sobral não apenas deu nome ao museu, mas foi também o grande responsável pela formação de grande parte do acervo que reuniu por mais de trinta anos. Segundo o estatuto do museu, sua fundação é de 29 de março de 1951. Porém a inauguração oficial ocorreu em 10 de março de 1971, pois com a morte de Dom José em 1959, o Museu ficou fechado durante anos. A reabertura foi possível depois de grande mobilização intelectual e política, na qual pesou bastante a iniciativa e articulação de Raimundo Girão, então Secretário de Cultura do Estado do Ceará e membro do Instituto do Ceará. Os motivos elencados para a reabertura foram a necessidade de tornar público o acervo de “antiguidades coletadas pelo saudoso Bispo Conde Dom José Tupinambá da Frota”<sup>123</sup> e o retorno que daria à cidade através do grande potencial turístico que a instituição possuía. O discurso era reforçado ainda pela hierarquia de importância do Museu e do acervo para a nação. É citado no jornal *Correio da Semana* ao longo dos anos 70 que o Museu Dom José era o 3º maior museu do Brasil nas palavras de Gustavo Barroso, fundador e diretor do Museu Histórico Nacional nos anos de 1922 a 1930 e 1932 a 1959 (MAGALHÃES, 2006, p. 13).

Presente em muitos dos escritos de Lira, o Museu Dom José é um tema especialmente recorrente. Apesar das referências serem quase sempre as mesmas, Lira procurava mostrar o Museu não apenas como algo de que os sobralenses devessem se orgulhar, mas como um importante depositário do acervo que comprovava o passado diferencial da cidade. Por ser uma das criações do Bispo Dom José, o Museu já tinha ares de monumento histórico. Para Lira, o Museu era “a expressão viva dos costumes, da tradição, da economia, da religiosidade e da vida social de Sobral e de toda a Zona Norte do Estado” (LIRA, 1976, p. 33).

---

<sup>123</sup> INAUGURADO O museu Dom José. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 13 mar. 1971. p. 1.

No capítulo 340 da coluna *Nossa História*, Lira escreveu um texto dedicado ao *Museu Diocesano de Sobral*.<sup>124</sup> Seguindo o mesmo método de comparação, desta vez Lira comparava o Museu de Sobral ao Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. A partir do catálogo da exposição *Artistas e Artífices do Brasil* (realizada em novembro de 1977, a qual reuniu 71 colecionadores que emprestaram 240 peças barrocas para compor a exposição), o padre procurou comparar algumas das peças com as existentes no Museu Dom José. Lira vai mais longe ao afirmar que além do Museu de Sobral possuir todas as obras do catálogo, teria acervo suficiente para compor mais três exposições parecidas:

Acredito que, se os organizadores desta exposição tivessem conhecido a coleção de imagens existentes no Museu de Sobral ficariam estupefatos e emocionados e jamais organizariam qualquer outra exposição de Barroco sem olhar primeiro o nosso acervo.<sup>125</sup>

Padre Lira tenta patentear o acervo do Museu Dom José como extremamente importante não só pela quantidade, qualidade, estado de conservação, mas também pela certificação de que as peças do Museu Diocesano têm “muito mais valor histórico”. Isso seria de grande valia, pois a comparação feita pelo padre era uma forma de elevar o valor da coleção e instituí-la como a evidência da superioridade sobralense. Mas, a comparação era feita também de forma positiva, elevando a Princesa do Norte como representante do estado do Ceará, que, com toda sua riqueza, podia chegar ao nível de outros estados: “Isto vem provar que o Ceará, a Ribeira do Acaraú no fim do século XVII e durante todo o século XVIII estavam em idênticas condições a Minas, S. Paulo, Bahia e Pernambuco”.<sup>126</sup>

Finalmente, o quarto “acontecimento” era relacionado ao Artesanato de Chapéu de Palha. Conhecida como a Capital Brasileira do Chapéu de Palha, Sobral exportava chapéus para diversos locais

---

<sup>124</sup> O MUSEU Diocesano de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 340, 15 abr. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>125</sup> *Ibidem*.

<sup>126</sup> *Ibidem*.

do Brasil e do mundo e conseqüentemente levava o nome da cidade no comércio. Essa era a principal ocupação dos núcleos populacionais de baixa renda residentes ou não em Sobral. Desempenhada principalmente por mulheres e seus filhos,<sup>127</sup> essa atividade não conseguia sanar a falta de conforto, de higiene e de educação das famílias dos artesãos.<sup>128</sup> Dos 46 municípios que realizavam artesanato de chapéu de palha ou comércio da matéria-prima, 19 dos municípios vizinhos à Sobral viviam quase exclusivamente desse trabalho.<sup>129</sup> Apesar da quantidade de municípios envolvidos, Sobral era a única cidade que possuía firmas exportadoras e que realizava um comércio realmente lucrativo. A expansão do comércio do chapéu de palha iniciou em 1960 e em 1967 já existiam 36 firmas exportadoras em Sobral.<sup>130</sup> Em 1967 os artesãos eram cerca de 40.000 (quarenta mil) só na cidade de Sobral que, segundo o Censo Demográfico de 1970, possuía o total de 102.295 mil habitantes. Mulheres e crianças compunham alarmantes 94% da mão de obra total e viviam em sua grande maioria na Zona de Marginalização da cidade,<sup>131</sup> com precárias condições de moradia.<sup>132</sup> Segundo o I Plano Diretor de Sobral, as famílias que dependiam do artesanato de palha tinham de produzir muitas peças para receberem um valor que mal dava para o sustento da família. Imperava entre as famílias

---

<sup>127</sup> “Desde sete anos, os menores que, antes desta idade, já estavam iniciados na aprendizagem do trançado, começam a produzir os primeiros chapéus e contribuir para o orçamento da família”. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *O artesanato do chapéu de palha na área de influência de Sobral*. Fortaleza: UFC, 1967. p. 26.

<sup>128</sup> SOBRAL. Prefeitura Municipal. *I Plano Diretor de Sobral: 1967-1970*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1967, Capítulo III: Setor de Urbanismo e Infraestrutura, p. 12.

<sup>129</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *O artesanato do chapéu de palha na área de influência de Sobral*. Fortaleza: UFC, 1967. p. 22.

<sup>130</sup> *Ibidem*. Cit. p. 42.

<sup>131</sup> SOBRAL. Prefeitura Municipal. *I Plano Diretor de Sobral: 1967-1970*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1967, Capítulo III: Setor de Urbanismo e Infraestrutura, p. 12-13.

<sup>132</sup> Em épocas de chuva as “feiteiras” costumavam abandonar o artesanato, assumindo temporariamente a atividade agricultora. As casas sem estrutura molhavam ou deixavam úmidas as palhas ou os chapéus e para evitar um prejuízo total, os produtos eram às vezes vendidos pela metade do preço. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *O artesanato do chapéu de palha na área de influência de Sobral*. Fortaleza: UFC, 1967. p. 35.



de artesãos o baixo nível de renda per capita e o alto índice de analfabetismo. Em sua maioria eram pessoas que vinham de cidades nos arredores de Sobral, viviam em condições precárias de saúde, moradia e higiene. O estudo realizado em 1967 indicava “grande pobreza, miséria mesmo, reinante entre os artesãos”.<sup>133</sup> O *slogan* de Capital do Chapéu de Palha escondia a real situação em que se encontravam essas pessoas.

A comparação com outras cidades de grande porte como a capital, por exemplo, confere ao discurso de Lira uma postura de defesa. Padre Lira compara Sobral aos outros centros com o intuito de igualar ou mesmo de superar suas características. Dessa forma, ele reagia às provocações feitas aos sobralenses, ou podemos afirmar que ele “comprava a briga”. Segundo Janaína Amado “por trás desta atitude ufanista”, esconde-se uma ilusão de ótica, que alimenta também o discurso da timidez e da desvalorização de si, pois ambas as atitudes são baseadas na mitificação do “estrangeiro”: “exatamente por ser superpoderoso, ele só pode ser temido ou atacado” (AMADO, 1990, p. 14).

Padre Lira emprega-se de armas para ter sucesso em sua cruzada e junta uma gama de documentos históricos que confirmam sua posição e endossam sua escrita. Como exemplo, colocamos uma série de artigos em que Sobral é explicitada na opinião de Pimentel Gomes,<sup>134</sup> Humberto Campos<sup>135</sup> e Antonio Bezerra.<sup>136</sup> Intelectuais gabaritados e que, portanto, dificultariam qualquer refutação acerca do assunto. Nesses textos, Padre Lira explica primeiramente quem é o intelectual, creditando importância à sua opinião: “Pimentel Gomes - um dos mais ilustres conhecedores da Geografia e História do Ceará”. Mas, para dar maior confiabilidade ao seu discurso, era necessário aumentar o prestígio através das

---

<sup>133</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. *O artesanato do chapéu de palha na área de influência de Sobral*. Fortaleza: UFC, 1967. p. 49.

<sup>134</sup> SOBRAL NA opinião de Pimentel Gomes. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. LXVIII, 19 ago. 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>135</sup> SOBRAL NA opinião de Humberto Campos. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 105 e 144, 30 jun. 1973 e 3 ago. 1974. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>136</sup> SOBRAL NA opinião de A. Bezerra. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 239, 7 jan. 1976. Coluna Nossa História, p. 3.

palavras de outros intelectuais. Padre Lira, assim o faz: “Mas, quem foi Antônio Bezerra para merecer tanto crédito? A resposta é dada por outro não menos culto historiador Raimundo Girão”. E este, por sua vez, faz referência a Rodrigues de Carvalho:

ANTONIO BEZERRA – Homem algum, entre nós, foi tão presente aos fatos cívicos e intelectuais do seu tempo. Bem o disse o escritor paraibano-cearense, Rodrigues de Carvalho: “No Ceará é figura obrigatória em tudo que seja manifestação de inteligência o conhecido literato Antônio Bezerra de Menezes. Investigador tenaz, idólatra das coisas de sua terra e amante das belas letras.

Através de muitas vozes é encerrada a autoridade atribuída a Antônio Bezerra, concedendo, portanto, valiosa importância a sua opinião, pois, para Lira, o intelectual “dizia simplesmente a verdade”. Claro que as opiniões citadas por Lira são inteiramente desprovidas de qualquer crítica ou impressão negativa a respeito de Sobral e seus habitantes. Mas, não poderia ser diferente, pois é assim que servem como escudo ao combativo padre para rebater os comentários desditosos relativos ao bairrismo sobralense. É plausível que demonstramos os usos e abusos realizados por Lira, na utilização exacerbada de expressões e citações que justificavam seu discurso. A mais repetida citação utilizada pelo padre foi justamente os comentários realizados por Antônio Bezerra sobre uma visita a Sobral. Transcrevemos algumas passagens provenientes do livro *Notas de Viagem*, de Antônio Bezerra que são utilizadas por Lira de forma abusiva e evidenciadas em letras garrafais:

Eu tinha ansiedade em ver a cidade e por isso saímos logo a percorrê-la por todos os lados [...]. Dominava-me agradável impressão, pois que a EXCEÇÃO DE CAMPINAS, EM S. PAULO, NÃO TINHA AINDA VISTO OUTRA CIDADE CENTRAL QUE SE EQUIPARASSE A ESTA EM EDIFICAÇÃO, EM TAMANHO, EM ASSEIO. [...] É notável o asseio das ruas e praças, donde se conclui que a Câmara cuida seriamente do bem-estar da localidade. Que diferença a esse respeito das demais cidades e vilas (LIRA, 1976, p. 22, 28).

A citação foi usada para comparar Sobral em relação à Fortaleza e Crato: “Antônio Bezerra, sem preconceito algum, traça assim o verdadeiro perfil de Sobral” (LIRA, 1976, p. 22). Os comentários de

Antônio Bezerra eram usados sempre que necessário e encontrados em textos da coluna *Nossa História*.<sup>137</sup> Por vezes ele foi capaz de repetir a mesma citação no mesmo livro, para certificar-se talvez que a mensagem fincou raiz. Assim como o padre evidenciava os pontos positivos de Sobral, fazia questão de apresentar os pontos negativos das outras cidades. Sempre que possível Lira utilizava os escritos de Renato Braga do livro *História da Comissão Científica de Exploração* para destacar os contrastes: “Fortaleza em 1859, não passava de uma cidadezinha de 15 a 16 mil moradores”. No “confronto histórico” proposto por Lira, Fortaleza sempre levava a pior.

## **Educar as “forças vivas” da futura Sobral: “Sobral dentro da área dos Estudos Sociais”**

A devoção à pátria pressupõe o conhecimento de sua história, de sua origem. A necessidade de buscar os antecedentes históricos é criar realidades perfeitas, cheias de luta, valentia, honra e trabalho. Para tanto, a ajuda de poetas, historiadores, educadores etc. foi de extrema importância. São eles que tomam para si a função de construir nações e inspirar espíritos de nacionalidade. O *culto do eu* ou “Culto del yo”, expressão de Marcel Detienne, para explicar a fundação da nação francesa, que encarnou “a sí misma en su historia y en sus grandes historiadores” (DETIENNE, 2005, p. 122). Esse culto é um exercício com regras bem demarcadas, onde é preciso mergulhar na própria gênese para extrair a seiva que alimenta as raízes da tradição. Obviamente, quando as raízes da tradição não existem, as construções memorialísticas são utilizadas como artimanhas para garantir os discursos de autoridade e de valor. Lembremos que, segundo Maurice Barrès, uma nação é fundada a partir de cemitérios e do ensino de história (DETIENNE, 2005, p. 123) e que dessa forma podemos refletir que os mortos nunca estarão inteiramente enterrados enquanto forem lembrados. Segundo esse

---

<sup>137</sup> O QUE ANTÔNIO Bezerra disse de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 97, 5 maio 1973. Coluna Nossa História, p. 2; SOBRAL NA opinião de A. Bezerra. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 239, 7 jan. 1976. p. 3; SOBRAL E Fortaleza. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 21 fev. 1976. p. 2.

pensamento, o ensino da história que faz lembrar os heróis e os ilustres do passado se mostra necessário para o sucesso do empreendimento de memória. Padre Lira acreditava que os ignorantes eram aqueles que desconheciam a história e o conhecimento permitia a realização de atos de amor que objetivavam o bom desenvolvimento da cidade.

Para entender esse pensamento de Lira, analisamos os textos de introdução e apresentação de seus livros. Seleccionamos quatro pequenos textos que são todos assinados, datados e direcionados na forma de uma carta em que os destinatários, por assim dizer, são diversos: os sobralenses que amam a cidade e pretendem *conhecer* mais sobre sua história; aqueles que se “encontram apáticos” nas palavras do autor, que não *conhecem* a história de Sobral e, portanto, não conseguem amá-la como deveriam; os turistas ou aqueles que criticam Sobral e os sobralenses que não *conhecem* de fato sua história; as professoras e os alunos do município de Sobral que precisam *conhecer* mais sobre a memória da cidade. As derivações da palavra “conhecer” são exaustivamente repetidas pelo autor, pois a repetição é uma tática da memória para se educar. Para que a cidade definitivamente exista no coração dos pequenos sobralenses, era necessário instigar a sede pelo conhecimento, pois para Lira “ninguém jamais ama aquilo que não conhece”,<sup>138</sup> pois o conhecimento da história é o que dá acesso ao amor, ou o que dá motivos para amar.

Nesse sentido, Padre Lira entendia que, para criar um espírito patriótico, era necessário estudar história e conhecer as raízes para nutrir-se do vigor que elas têm:

O passado histórico é uma fonte de energia, é um despertar de energia, é uma força impulsionadora. O conhecimento gera o amor, faz aparecer dedicação. Quando todos os sobralenses souberem a história de sua terra, as lutas de seus filhos, os triunfos de suas conquistas uma nova fase despertará na Princesa do Norte.<sup>139</sup>

<sup>138</sup> O NOSSO legado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 94, 7 abr. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>139</sup> CONHECENDO NOSSA cidade. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 112, 10 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

Para o autor era primordial e quase vital estudar história, constituindo-se esta como uma energia que impulsiona o ser humano. Nesse sentido, é dada à história a incumbência de transformar as pessoas, que, ao tornarem-se mais amorosas e envolvidas pelo exemplo dos ancestrais, tomarão para si o quinhão de inaugurar um novo momento histórico para Sobral. O padre era bastante incisivo quanto à ignorância da história: “Viver sem história é viver sem perspectivas”.<sup>140</sup> E viver sem perspectivas era o mesmo que regredir: “Um povo que desconhece sua história fatalmente regredirá”.<sup>141</sup> Entende-se aqui que regredir não tem o mesmo sentido de retornar. A ideia de retorno ao passado, indicada de forma expansiva no discurso de Padre Lira, tem o sentido de conhecimento das raízes. Por mais que pudéssemos acreditar que para ele o passado parecia mais interessante, por que esse passado era “pintado” com cores ternas, não podemos negar que Lira ansiava por uma mudança no presente, lógico a partir dos ensinamentos do passado. A palavra regressão pode ser interpretada como a ruína da tradição que vem acompanhada da inserção de culturas estranhas à cultura sobralense. Ou seja, um povo regride culturalmente e intelectualmente quando permite ser “invadido” por novidades que o farão “esquecer” de seu passado. Regressão, portanto, tem um sentido negativo no discurso de Lira. Tradição é visto como algo que remete a uma época feliz, áurea, de grandes acontecimentos positivos. A preocupação do padre era com o rumo incerto que o futuro estava tomando, por isso, se agarrava tão fortemente aos avisos messiânicos de evocação do passado, carregados de alertas.

Além do mais, o retorno ao passado ou o conhecimento da história, no pensamento de Lira, é a primeira etapa para readquirir o elo temporal, permitindo a continuação do passado sem mais rupturas. A herança da tradição busca converter-se em representação, vinculativa e compulsiva, da “verdade”:

---

<sup>140</sup> SOBRAL EM 1928. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 105, 14 jul. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>141</sup> A HISTÓRIA da eletrificação de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 194, 22 jan. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

A verdade apela para a tradição, a tradição identifica-se com a verdade, pondo-se como garantia de crenças, enunciados, visões do mundo, comportamentos cuja persistência parece torná-los inatacáveis, e quanto mais eles remontam a épocas remotas mais reclamam um direito quase automático à legitimação (PRANDI, 1997, p. 165).

Apesar da relação forte entre verdade e tradição, não podemos deixar de levar em consideração que alguns pensamentos são “postos à prova” e refutados enquanto verdade. A dificuldade de aceitação de novos tipos de pensamento pode ser conflituosa, e uma das primeiras formas de negação é o discurso da tradição. Ou seja, se algo não mantém traços da tradição, logo não é verdadeiro, não é factível. Porém, a história nos mostra constantemente que as tradições podem ser deixadas, pois passam a existir outras verdades, que são posteriormente também transformadas em tradições.<sup>142</sup>

Mas, Padre Lira não reconhecia todas as mudanças como necessárias para o desenvolvimento da cidade e acreditava que os sobralenses não se comportavam da maneira que ele julgava ser a mais correta: “Sobral continua sendo uma terra de contrastes. Ao lado de grandes realizações se constata apatia e indiferência para com coisas que deviam ser conservadas” (LIRA, 1971b, p. 52). O amor pela terra moldaria os pequenos cidadãos que fariam do torrão natal local privilegiado de desenvolvimento. E nesse sentido, nada mais lógico do que criar livros didáticos para ensinar as crianças através da Educação Moral e Cívica.

*Sobral Dentro da Área de Estudos Sociais* é o exemplo desse tipo de empreendimento capitaneado por Padre Lira. Segundo Lira sua motivação para publicar um livro era: “o desejo de ver minha terra conhecida cada vez mais, sobretudo pelas crianças que serão as forças vivas de nossa futura Sobral” (LIRA, 1988b, p. 3). Mas, o padre sobralense não era o único a pensar da mesma forma.

Após o Golpe de 64, houve amplas campanhas de elaboração de uma história que tinha como características o “ufanismo, o culto aos heróis e aos mitos, com uma conotação patriótica em busca de

---

<sup>142</sup> As mudanças de pensamento podem ocorrer por diversos motivos: por imposição (uso do poder coercivo), pelo avanço nas descobertas científicas e filosóficas que transformam a maneira de agir e pensar da humanidade, e pelas próprias mudanças históricas das sociedades.

um passado conectado com o presente capaz de oferecer às pessoas um futuro identitário em torno da nação” (MELO, 2006, p. 94). Egberto Melo afirma que, entre 1964 e 1972, as escolas tiveram a importante função de elaboração da cultura cívica nacionalista que deveria ser ampliada para toda a sociedade, a fim de manter a ordem através da segurança e do desenvolvimento nacional (MELO, 2006, p. 141). Em 1969, foi elaborado o Decreto-lei nº 869/69 que implantou como obrigatório em todos os níveis de ensino e regulamentou a Educação Moral e Cívica. A implantação da Educação Moral e Cívica já vinha sendo discutida anteriormente, mas só teve sua implantação autorizada como disciplina depois da decretação do AI-5 e a ascensão da Junta Militar que assumiu o governo nacional depois do derrame sofrido pelo então presidente Costa e Silva. Sua substituição se deu em 31 de agosto de 1969 e, no mesmo ano, a Junta Militar passou a reprimir e pressionar o Conselho Federal de Educação com cassação e exoneração de muitos profissionais que não concordavam com o rumo das mudanças (FILGUEIRAS, 2006, p. 49).

No governo do presidente Médici, em 1970, foi formado um conselho cívico entre Governo Federal, empresários e meios de comunicação, que realizaram campanhas de incentivo à lealdade nacional. Em 1971 houve a Lei de Reforma da Educação (Lei 5.692/71) formulada a partir da racionalidade educacional que vigorava nos Estados Unidos.<sup>143</sup> Essa lei exaltava a educação técnico-profissional, dando menor (ou nenhuma) relevância às disciplinas consideradas não técnicas:

As disciplinas não-técnicas, como História, Geografia, Filosofia, destinadas prioritariamente à formação geral do aluno – no sentido de conhecimento em termos dos aspectos sociais, culturais, políticos da realidade em que vive – têm sua carga horária diminuída para dar lugar às disciplinas consideradas técnicas. Em meio a esta orientação vemos surgir Estudos Sociais – juntamente com Comunicação e Expressão de Ciências – como componente do Núcleo Comum do primeiro e segundo grau (HÖFLING, 1981, p. 21).

---

<sup>143</sup> Os Estudos Sociais já existiam nos programas de ensino norte-americano desde o século XVIII, mas foi instituído por Roosevelt, dentro do projeto político New Deal, depois das eleições de 1932. A partir de então, os Estudos Sociais passaram a ser adotados em todas as escolas norte-americanas (HÖFLING, 1981, p. 22).

Além disso, a Lei 5.692/71 foi a responsável por fixar as Diretrizes e Bases para os ensinos de 1º e 2º graus, reafirmando assim a introdução da Educação Moral e Cívica nos currículos de todas as escolas (FILGUEIRAS, 2006, p. 50). A intenção era formar o caráter do brasileiro e prepará-lo para o exercício de “cidadania democrática” através do “exercício consciente” dessa cidadania, fortalecendo assim os valores morais próprios da nacionalidade.<sup>144</sup> Essa nova política educacional era sustentada pelo tripé ideológico da Segurança Nacional, Teoria do Capital Humano e pensamento cristão conservador (MELO, 2006, p. 95). Para tal fim era necessário o culto à Pátria através dos símbolos, instituições e vultos, a religiosidade, a obediência e a lealdade. Na prática, as disciplinas de Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil (OSPB) deveriam ser ministradas:

No 1º grau, as disciplinas de História e Geografia deveriam ser ensinadas de modo articulado, dentro da matéria de ensino de Estudos Sociais, que incluindo as disciplinas de EMC e OSPB formavam a área de Ciências Humanas (FILGUEIRAS, 2006, p. 53).

Os livros didáticos, cartilhas ou manuais didáticos passaram a ser publicados de forma expansiva, em sua maioria sem qualidade: “o atraente mercado da produção do livro didático está descomprometido com a boa qualidade e com os riscos que o consumidor pode estar correndo ao adquirir um produto de má qualidade” (KILSZTAJN, 1987, p. 69). As editoras passaram a se esforçar por atender a demanda que a reformulação educacional exigia. O livro didático passou a ter um papel considerável no ensino, transformando-se no único intermediário entre professor e aluno. Dessa forma, as editoras entenderam a importância que eles possuíam e: “A indústria do livro começava a modificar suas formas de venda - surgia a figura do representante da editora” (FILGUEIRAS, 2006, p. 98) que distribuía os livros didáticos de forma gratuita para os professores e a equipe da escola, a qual não fazia uma avaliação mais acurada do material a ser

---

<sup>144</sup> Decreto nº 68.065, de 14 de janeiro de 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-68065-14-janeiro-1971-409991-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 7 jun. 2015.



utilizado. O mercado era promissor e muitas pessoas passaram a escrever esses livros e a interpretar os programas de disciplina de diferentes maneiras: educadores de modo geral, religiosos, membros do Exército e autores que profissionalizariam o mercado editorial didático (FILGUEIRAS, 2006, p. 102-103).

Ao realizarmos esse breve esboço, refletiremos sobre o livro de Padre Lira *Sobral Dentro da Área de Estudos Sociais*. Todas as obras do padre possuíam um caráter didático. Mas, esse livro é o único que possui uma linguagem infantil juntamente com a inclusão de personagens fictícios, diálogos e ilustrações. Uma pequena cartilha direcionada a crianças, para uso em aulas de Estudos Sociais. Ainda não sabemos quando foi lançada a primeira edição,<sup>145</sup> pois trabalhamos com o único exemplar encontrado no acervo do Museu Diocesano Dom José, do ano de 1988 que foi impressa como 9º edição, revisada. Infelizmente, não tivemos acesso às outras edições, caso contrário poderíamos realizar uma importante análise das mudanças que o livro sofreu nessas nove publicações ao tentar adequar-se às normas, como o próprio padre faz questão de esclarecer que a obra “continua sendo *Ensaio de Estudos Sociais* segundo as normas das novas Diretrizes do ensino” (LIRA, 1988b, p. 3). A normatização dos livros didáticos ficava a cargo do Conselho Federal de Educação (CFE) e da Comissão Nacional de Moral e Civismo (CNMC), órgãos responsáveis pelo controle da disciplina, por avaliar e aprovar os livros que seriam utilizados na disciplina de Educação Moral e Cívica (FILGUEIRAS, 2006, p. 3). Era fato que, apesar de todo o interesse de controlar os livros didáticos que eram utilizados, nem todos aqueles que eram usados nas salas de aula, tinham a aprovação dos órgãos responsáveis, ou seja, a fiscalização não conseguia acompanhar o mercado editorial que estava em ritmo acelerado. O resultado foi a publicação de livros sem o parecer de controle que normalmente era fixado no início das obras. Era questionável o controle

---

<sup>145</sup> Em suas memórias, Lira afirma que esse foi o seu terceiro livro a ser publicado em 1973, logo supomos que a primeira publicação tenha saído nesse ano, pois ele havia lançado outros dois: *De Caiçara a Sobral e Nossa História*, ambos em 1971. Porém, no final do mesmo livro de memórias, há uma lista de obras do autor em que a cartilha conta como: “1973 e 1975 (4ª edição)” (LIRA, 2002, p. 59, 63). Na apresentação da nona edição, o autor se utiliza do mesmo texto de apresentação da 6ª edição, que data de 1981 (LIRA, 1988b, p. 3).

pretendido sobre as publicações didáticas, pois havia alguns livros que, mesmo sem conter o parecer de controle, “eram publicados sem a aprovação da CNMC e outros conseguiam modificar definições ou até suprimir certos conteúdos, se diferenciando assim dos programas oficiais” (FILGUEIRAS, 2006, p. 77). Os programas curriculares oficiais eram programas educacionais considerados como a prévia que deveria guiar as aulas práticas em sala. O currículo escrito “oficializa e justifica as intenções básicas da escolarização em determinado contexto histórico” e sempre era realizado de forma conflituosa, pois era organizado tanto pela Comissão Especial para a Educação Moral e Cívica do Conselho Federal de Educação (CFE), quanto pela Comissão Nacional de Moral e Civismo (CNMC), que estavam em intensa disputa (FILGUEIRAS, 2006, p. 78). Mas, pelo visto essa disputa não interferia no mercado editorial, pois os livros didáticos continuavam sendo publicados em larga escala.

Diferente dos didáticos analisados nas pesquisas de Filgueiras (2006), de Kilsztajn (1987) e de Höfling (1981), a obra de Padre Lira é modesta, curta e simples. Acreditamos que o livro em questão tenha sido totalmente confeccionado por Padre Lira, no que diz respeito às ilustrações de capa e da parte interna. De todas as suas publicações, essa é praticamente a única que possui desenhos, excetuando algumas obras que contêm mapas, fotografias e esquemas de árvores genealógicas. A diferença é que nessa obra, as ilustrações são mais simples e constantes em praticamente todas as páginas, funcionando como um apoio didático aos textos. Intercalando textos, ilustração e exercícios para cada capítulo, a cartilha seguia o padrão dos livros didáticos lançados nos fins de 1970 e início de 1980. A nona edição da cartilha possui 31 páginas, uma carta de apresentação escrita pelo padre e direcionada às professoras<sup>146</sup> e outra aos alunos.<sup>147</sup> Além disso, é possível encontrar um mapa da cidade de Sobral desenhado e assinado por Padre Lira como anexo na capa final.

A capa é muito significativa para nossa análise, pois aponta a mesma divisão utilizada pelo padre em seu primeiro livro *De Caiçara*

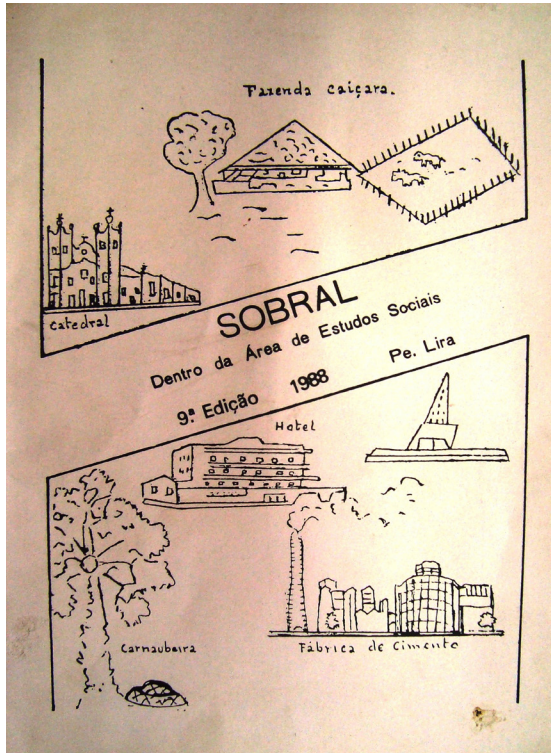
---

<sup>146</sup> Carta datada de janeiro de 1981 (LIRA, 1988b, p. 3).

<sup>147</sup> Carta datada de janeiro de 1988 (LIRA, 1988b, p. 5).

à *Sobral* (1971), em que optou pelo fracionamento da história da cidade como a história da Fazenda Caiçara e de Sobral Moderno.

Figura 5 – Capa da Cartilha Sobral dentro da área dos Estudos Sociais (1988)



Fonte: Acervo Museu Diocesano de Sobral.

Observamos na faixa acima a representação da Fazenda Caiçara, com os bois, lembrando as charqueadas que alavancaram o comércio e permitiram que a fazenda virasse cidade. Além da fazenda, há o desenho da Catedral sobralense representando a Diocese de Sobral, grande impulsionadora das construções mais relevantes da cidade. Abaixo podemos encontrar alguns dos motivos que Lira apontava para a modernização de Sobral como cidade: o antigo Hotel Municipal de Sobral; a Fábrica de Cimento; apesar de

não possuir legenda, o desenho pode indicar o monumento antigo da BR 222, que representa as estradas que ligam Sobral a outras cidades do Ceará, Pará, Piauí e Maranhão; finalmente a carnaubeira e, pousado sobre suas raízes, o famoso chapéu de palha exportado de Sobral. Os títulos que orientam minimamente os desenhos são escritos à mão e a letra coincide com a caligrafia encontrada em alguns manuscritos de Padre Lira, o que nos indica que os desenhos eram de sua autoria também.

A simplicidade da obra não condiz com a riqueza de conteúdo e conselhos que constantemente são encontrados em suas páginas. A carga ideológica é muito forte. E é a partir da capa que o padre aponta o que o pequeno sobralense deveria fixar como importante na cidade: o passado histórico, representado pela Fazenda Caiçara; a religião, retratada pela catedral; o desenvolvimento, representado pelo hotel, pela fábrica e pela rodovia e o comércio atrelado às belezas naturais, indicados pela carnaubeira e pelo chapéu.

O índice é importante, pois nos mostra o que foi priorizado pelo autor na construção da cartilha e nos indica o modo de apresentação dos conteúdos. São ao todo 20 capítulos pequenos, que dividimos por tipo de abordagem: sobre a cidade e sua geografia,<sup>148</sup> sobre o passado de tradição,<sup>149</sup> sobre os cidadãos ilustres,<sup>150</sup> sobre a religiosidade<sup>151</sup> e sobre o desenvolvimento da cidade.<sup>152</sup> No índice, que se encontra no final do livro, ainda é possível encontrar um de seus conselhos morais, arrematando o objetivo geral da publicação: “Cresça sem diminuir os outros. Promova sem paternalismo e ame com elevação”:

---

<sup>148</sup> Cap. I: Localização de Sobral, p. 7; Cap. II: Cidades vizinhas, Sobral, população e superfície, p. 10; Cap. III: O clima de Sobral, p. 12; Cap. VII: Principais acidentes de Sobral e do município, p. 15; Cap. IX: Os pontos turísticos de Sobral, p. 17; Cap. XIII: As ruas e bairros de minha terra, p. 22; Cap. XX: Alguns dados sobre Sobral, p. 29.

<sup>149</sup> Cap. IV: Origem de Sobral, p. 12; Cap. V: Porque minha cidade se chamou Sobral, p. 13; Cap. VI: A fundação da cidade de Sobral, p. 14; Cap. XVIII: As nossas tradições, p. 26; Cap. XIX: O nosso folclore, p. 27.

<sup>150</sup> Cap. VIII: Filhos ilustres de Sobral, p. 16; Cap. XVI: Aqueles que nos governam, p. 25.

<sup>151</sup> Cap. XII: Religião, p. 21.

<sup>152</sup> Cap. X: Os símbolos de Sobral, p. 18; Cap. XI: Os meios de comunicação em Sobral, p. 20; Cap. XIV: A instrução, p. 23; Cap. XV: Comércio e Indústria, p. 24; Cap. XVII: Os meios de transporte, p. 26.

Figura 6 – Índice da Cartilha Sobral dentro da área dos Estudos Sociais (1988)

ÍNDICE		Pág.
APRESENTAÇÃO		
Cap.	I – Localização de Sobral	3
Cap.	II – Cidades vizinhas – Sobral – População Superfície	7 10
Cap.	III – O clima de Sobral	
Cap.	IV – Origem de Sobral	12
Cap.	V – Porque minha cidade se chamou Sobral	12
Cap.	VI – A fundação da cidade de Sobral	13
Cap.	VII – Principais acidentes de Sobral e do Município	14
Cap.	VIII – Filhos ilustres de Sobral	15
Cap.	IX – Os pontos turísticos de Sobral	16
Cap.	X – Os símbolos de Sobral	17
Cap.	XI – Os meios de comunicação em Sobral	18
Cap.	XII – Religião	20
Cap.	XIII – As ruas e bairros de minha terra	21
Cap.	XIV – A instrução	22
Cap.	XV – Comércio e Indústria	23
Cap.	XVI – Aqueles que nos governam	24
Cap.	XVII – Os meios de transporte	25
Cap.	XVIII – As nossas tradições	26
Cap.	XIX – O nosso folclore	27
Cap.	XX – Alguns dados sobre Sobral	29

Mapa da cidade de Sobral 3ª capa

Cresça sem diminuir os outros.  
Promova sem paternalismo e  
Ame com elevação.

- 31 -

Fonte: Acervo Museu Diocesano de Sobral.

Os tópicos sobre o passado de Sobral, sua localização geográfica e o desenvolvimento da cidade são priorizados. O índice segue a ordem cronológica aplicada por Lira em outras obras, respeitando o tempo cronológico e a missão de orientar os sobralenses. O índice começa pela localização e pelas características climáticas e geográficas, passando pela fundação da Fazenda Caiçara, depois pela criação da cidade e mudança de nomes. É dada importância aos ilustres e aos símbolos, entrando na discussão sobre o desenvolvimento através dos meios de comunicação, das

estradas, da educação, do comércio e da indústria, finalizando com o que ele propunha como retorno ao passado através das tradições e do folclore.

Como é de costume encontrar conselhos indicadores de moral nos textos da coluna *Nossa História*, percebemos também na cartilha a existência de conselhos relacionados ao respeito que se devia ter pelas autoridades e da responsabilidade com o crescimento da cidade: “Nossa cidade, porém, continua crescendo. Conta hoje com 150.000 habitantes. Você é um destes habitantes. Trabalhe por sua cidade, queira bem a ela” (LIRA, 1988b, p. 30). O autor tenta inserir a ideia de integração, colocando para os jovens a responsabilidade de desenvolver a cidade conjuntamente. Lira se utiliza dos conceitos de civismo, de renúncia pessoal e ação coletiva, elaborados como primordiais nos currículos oficiais da EMC. Era necessário demonstrar o amor pela terra através das ações em não destruir as árvores, conservar bem os transportes, ser religioso, amoroso com os progenitores<sup>153</sup> e estudioso,<sup>154</sup> respeitar os pais e professores. O cidadão de bem, que sabia viver em sociedade, respeitando as leis vigentes, era proporcionalmente equiparado ao bom filho, estudante esforçado e temente a Deus, que, demonstrando fidelidade à Igreja Católica e aos pais, poderia por tabela ser fiel à pátria. Enfim, era necessário ser um bom sobralense e um bom brasileiro. As mensagens tinham a intenção de exprimir o senso de patriotismo, incutindo o respeito pelas autoridades, o dever e a responsabilidade em relação à cidade, sua manutenção bem como seu crescimento. Mas, além disso, insinuar que quem não agisse segundo a ordem estaria excluído do coletivo.

Lira não era o único a pensar dessa forma. Vários livros de EMC seguiam os mesmos padrões e tinham as mesmas intenções:

---

<sup>153</sup> “Toda criança deve possuir uma Religião – saber suas orações, o modo como deve se comportar na Igreja e viver bem. Jesus Cristo nosso Fundador ensinou que devemos amar o próximo, honrar os pais, não maltratar ninguém e querer bem aos nossos pais” (LIRA, 1988b, p. 21).

<sup>154</sup> “Procure aprender muito, estudar bem suas lições para quando você terminar seus estudos poder ensinar aos outros. Uma cidade só pode melhorar se todas as crianças souberem ler e escrever corretamente” (LIRA, 1988b, p. 23).

Um dos assuntos mais tratados nos livros é a necessidade da participação do educando na família, na comunidade, na escola. Uma das obrigações do cidadão era trabalhar pelo bem comum, pelo bem de todos. Em parte dos livros publicados em 1970, o cidadão é alguém que coopera com a Pátria, é capaz e útil. Ser cidadão era fundamentalmente participar do trabalho pelo engrandecimento do Brasil (FILGUEIRAS, 2006, p. 141).

Se todos devessem trabalhar em prol do desenvolvimento nacional, no caso da obra de Lira no desenvolvimento cidadão, era preciso sentir-se parte desse desenvolvimento, ter a nação e a cidade como algo próprio. Percebemos em todos os textos do livrinho de Lira expressões com o uso de pronomes possessivos: *seu* município, *nossa* cidade, *sua* terra, *nossos* antepassados etc.<sup>155</sup> Além disso, foram incorporados no decorrer da cartilha nomes de “filhos ilustres” que serviam de exemplo às crianças. Levamos em consideração o que escreveu o professor Filgueira Sampaio,<sup>156</sup> na cartilha didática *História do Ceará*, sobre a importância do estudo biográfico no ensino infantil: “sabe-se que é bem acentuado na criança o instinto de imitação”. Ou seja, se era da natureza das crianças imitar, a educação tinha o compromisso de apresentar a elas os bons exemplos, para que “possam aquilatar o caráter e o trabalho dos nossos antepassados” (SAMPAIO, s.d, p. 8). Seguindo a mesma ideia, Padre Lira apresenta na cartilha os nomes dos sobralenses a serem “imitados”: João da Costa Carneiro Sá, Padre Ibiapina, Maria Tomásia, Padre João Ribeiro, Visconde de Saboia etc. Embora Lira afirme que, “o homem que mais trabalhou por esta terra foi o Bispo D. José Tupinambá da Frota” (LIRA, 1988b, p. 17), o nome de Antônio Rodrigues Magalhães, fundador da Fazenda Caiçara que deu início ao povoado que gerou Sobral, é citado oito vezes no decorrer da cartilha. Também o padre dedicou-lhe dois exercícios.<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup> Contamos em 30 páginas, uma repetição exaustiva de 60 expressões como as citadas.

<sup>156</sup> Filgueira Sampaio (1915-1994) foi também diretor do centro educacional Instituto Valdemar Falcão, em Fortaleza/CE, jornalista militante e membro da ACI (Associação Cearense da Imprensa) e do corpo redatorial do jornal católico “O Nordeste”. Publicou alguns livros didáticos.

<sup>157</sup> Os exercícios contam com perguntas sobre quem foi Antônio Rodrigues Magalhães e com quem casou-se. Capítulos III e IV, p. 12-13.

Inclusive, ao folhear o álbum de fotografias de Lira, presente no acervo do Museu Diocesano Dom José, encontramos uma fotografia de uma homenagem feita por Padre Lira a Antônio Rodrigues Magalhães, através de um busto inaugurado em 1973. Como podemos analisar na fotografia, Padre Lira está ao lado do monumento e rodeado de jovens. Não é possível encontrar a presença de autoridades nessa imagem. Mesmo que não tenhamos encontrado outras fotos do momento, não podemos descartar a presença de autoridades durante a inauguração, já que a existência do carro com alto-falantes indica que o evento foi organizado para não passar despercebido. Porém, é de se pensar que para Lira era relevante ter uma fotografia junto aos jovens alunos, pois ter a participação da juventude em uma festa cívica seria o ápice de seu trabalho como professor.

Figura 7 – Fotografia da inauguração do busto em homenagem a Antônio Rodrigues Magalhães (1973). Na placa lê-se a seguinte inscrição: “Antônio Rodrigues Magalhães. Fundador de Sobral. Homenagem de Padre Lira - 1973”



Fonte: Acervo Museu Diocesano de Sobral.

O ensino cívico deveria extrapolar os muros das escolas (MELO, 2006, p. 95) e ganhar não somente as praças, mas as casas e quiçá os corações. Nesse sentido a construção de monumentos, como já



vimos, seria de total relevância para o ensino de História que ultrapassava a sala de aula.

Analisando os exercícios propostos, é possível detectar a não existência de espaço na própria cartilha para resposta, o que nos faz acreditar que o livro se tratava de uma publicação não consumível. Juliana Miranda Filgueiras explica que os livros não consumíveis começaram a ser publicados principalmente nas décadas de 1980 e 1990:

Esses livros começam a ser produzidos para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), implantado em 1985, com o fim do Regime Militar. Os livros não poderiam ser consumíveis, pois seriam distribuídos gratuitamente às escolas e utilizados por outros alunos nos anos posteriores (FILGUEIRAS, 2006, p. 110).

Os livros consumíveis foram produzidos em fins de 1970, início de 1980 e tinham como principal característica a existência de espaço para resolução de respostas. Os exercícios eram compostos por testes de marcar e frases com lacunas a serem preenchidas (FILGUEIRAS, 2006, p. 110). Já os livros não consumíveis, são identificados através do tipo de exercício que eles propõem: trata-se de perguntas que exigem uma resposta escrita, mas objetiva que deve ser respondida no próprio caderno do aluno, evitando assim que o livro didático sofra algum tipo de intervenção que impossibilitasse o uso por outros alunos. Perguntamo-nos se as edições anteriores da cartilha *Sobral Dentro da Área dos Estudos Sociais* seguiam as características referentes ao período, ou seja, se eram consumíveis, qual a configuração delas, como os temas eram apresentados, como eram os exercícios ou quando foi modificada para não consumíveis. Como só tivemos acesso à nona edição, não poderemos responder a essas indagações.

Mesmo assim, os exercícios dessa edição são interessantes para entender um pouco da construção da obra. Por exemplo, no capítulo X relacionado aos símbolos nacionais, após reproduzir o hino e a bandeira da cidade, Padre Lira propõe o seguinte exercício: “1) Desenhar a bandeira de Sobral com todas as suas cores. 2) Decorar uma estrofe do hino de Sobral”. Abaixo das questões existe a

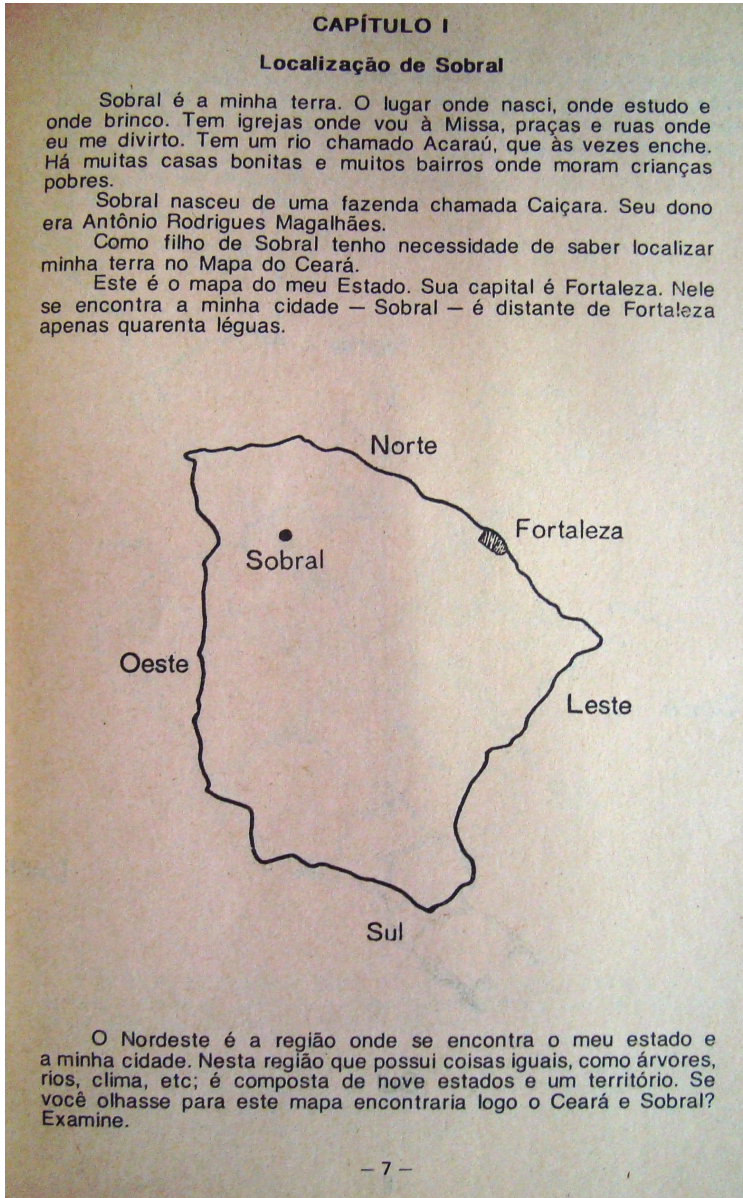
bandeira já desenhada, mas que não pode ser pintada, já que o exercício é desenhar, ou seja, copiar a bandeira do livro e pintar o seu próprio desenho. O segundo exercício é mais interessante: decorar uma estrofe do hino, algo de grande importância, pois como o padre explicou no início do capítulo: “Assim como quem não sabe cantar o Hino Nacional não demonstra ser brasileiro, do mesmo modo quem não conhece o hino de Sobral, não demonstra querer bem a ela” (LIRA, 1988b, p. 18-19). Dessa maneira, ter parte do hino decorado era uma prova inicial do carinho pela cidade.

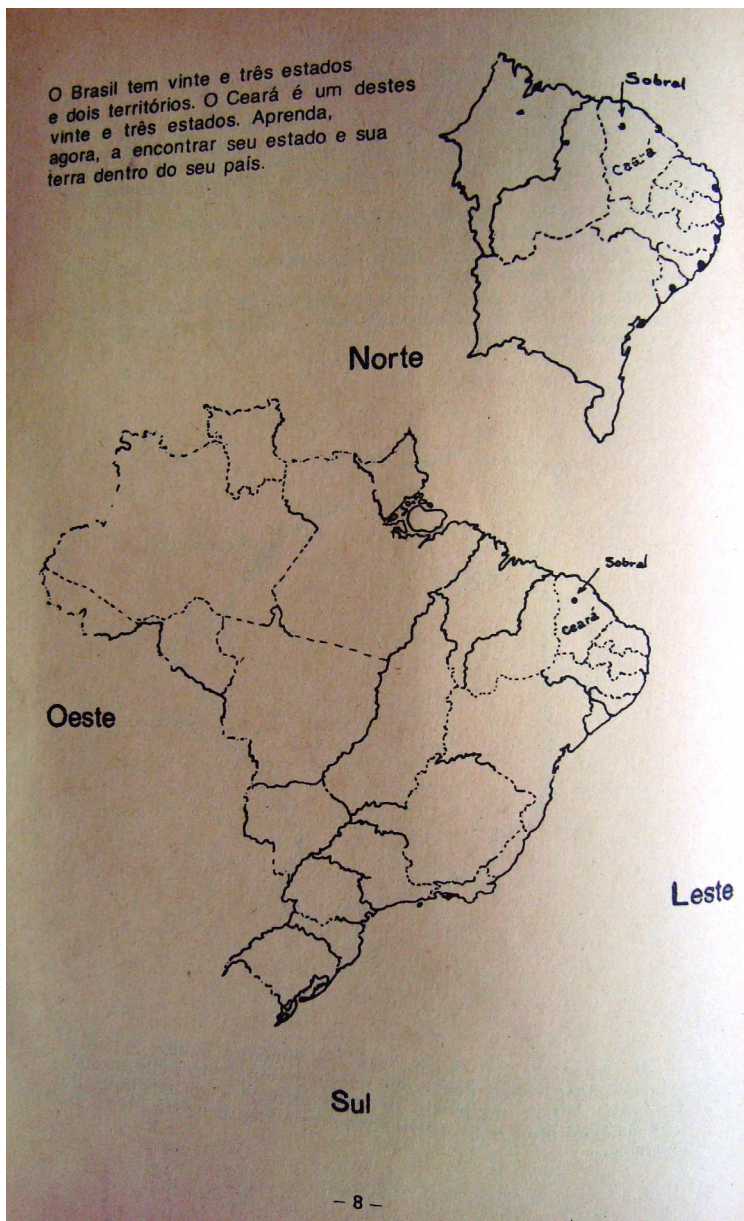
Além dos conselhos característicos, algo que chama a atenção são os diálogos de personagens fictícios no livro didático de Lira. O padre utilizou para esse livro o tom de conversa, como se ele, Lira, tivesse a oportunidade de “falar” com cada um dos pequenos leitores. Essa tática também dá a impressão de o leitor estar sendo sempre “chamado” para o assunto, de ser parte de tudo o que se dizia. Ao tratar sobre o clima de Sobral, Lira escreveu o seguinte: “Você já notou que Sobral além de ser uma cidade de clima quente tem poucas árvores? Se você quiser bem sua terra plante todos os anos uma árvore e não maltrate as que existem” (LIRA, 1988b, p. 12).

Os exercícios propostos por Lira não possuem um nível de dificuldade muito grande. São questões aparentemente simples e bem relacionadas em sua maioria com o assunto apresentado nos capítulos. Mas, toda essa simplicidade deve ser vista com certa desconfiança. Isso porque as questões, assim como os textos, são altamente ideológicas. Detalharemos o capítulo primeiro da cartilha, para compreender melhor essa questão.

O capítulo trata sobre a localização de Sobral. Lira inicia o texto afirmando: “Sobral é minha terra”. Situando a criança como alguém que nasceu em Sobral e dessa forma, “como filho de Sobral tenho necessidade de saber localizar minha terra no Mapa do Ceará”. O autor apresenta o mapa do estado do Ceará, do Nordeste e do Brasil e pede que o aluno se esforce para encontrar o Ceará e Sobral da região nordestina e nacional.

Figura 8 – Páginas da Cartilha Sobral dentro da área dos Estudos Sociais (1988)

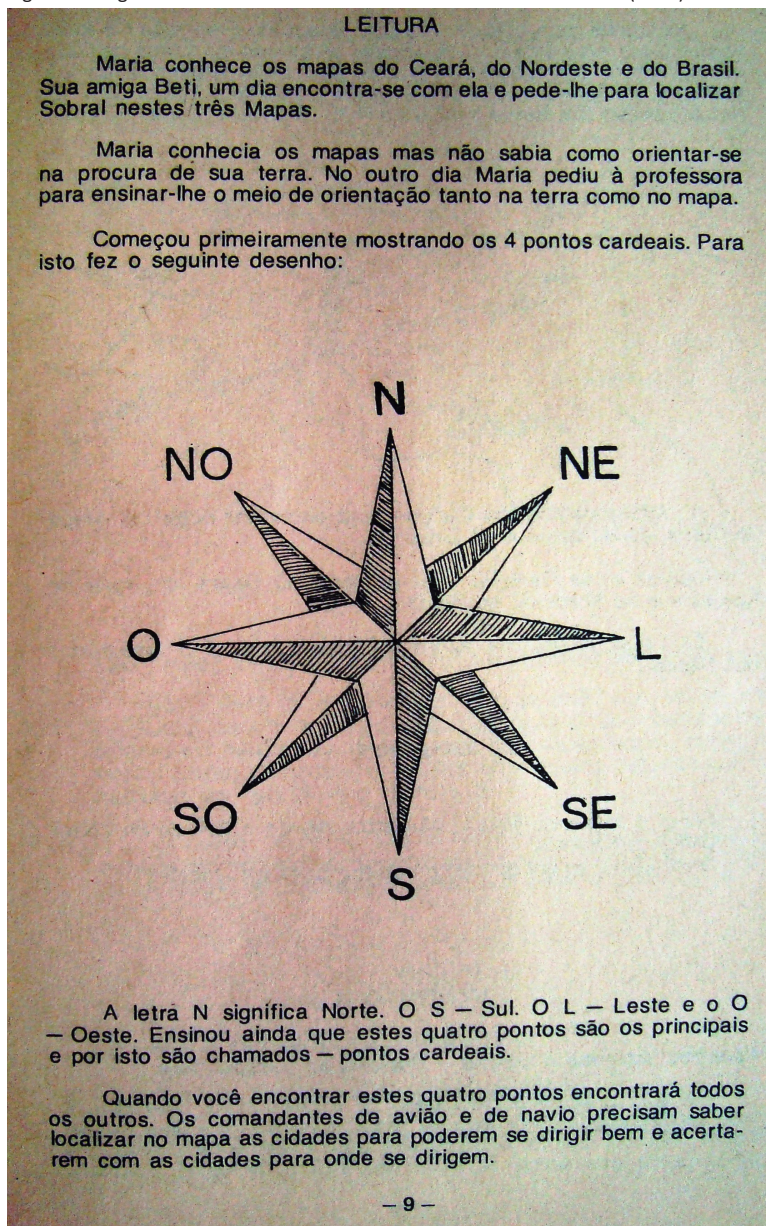




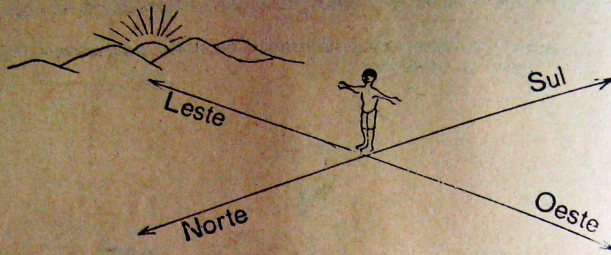
Fonte: Acervo Museu Diocesano de Sobral.

A obsessão por localizar Sobral é estendida numa *leitura complementar* oferecida no mesmo capítulo. É interessante certificar-se que a metodologia de *leitura complementar* é utilizada por Lira apenas nesse capítulo, o que nos faz acreditar que esse capítulo se constituía como um dos mais importantes do livro didático, não só por ser o primeiro, mas por ser o único a possuir uma extensão explicativa, reforçando a fixação do tema. Nesse texto é inserida a metodologia que utiliza personagens fictícios inserindo-os em diversas situações comuns do cotidiano, demonstrando que em qualquer momento se pode aprender sobre a “sua terra”. O foco principal dessa *leitura complementar* é a fixação do que foi dito no início do capítulo. A personagem Beti pede à amiga Maria que localize Sobral nos mapas do Ceará, do Nordeste e do Brasil. Maria não sabe e, na escola, pede à professora que explique como localizar-se. A professora fala sobre os pontos cardeais e ensina a forma básica de identificá-los. Os desenhos mostram de forma didática como a criança deve aplicar esses conhecimentos.

Figura 9 – Páginas da Cartilha Sobral dentro da área dos Estudos Sociais (1988)



Mas onde está o Norte e o Sul, perguntou Francisca? É fácil, respondeu a professora. Você abrindo os braços em forma de Cruz e colocando o braço direito estendido para onde nasce o Sol, você encontra o 1º ponto — LESTE. O braço esquerdo marcará OESTE. Nesta posição sua frente indicará o NORTE e suas costas o SUL.



A professora chamou Carlene para encontrar Sobral no Mapa do Ceará, do Nordeste e do Brasil.

Sobral, disse Carlene, fica no Norte do Ceará, no Norte do Nordeste e no Nordeste do Brasil.

Está aqui, professora, apontou Carlene, para os lugares certos nos Mapas.

### EXERCÍCIO

- 1 — Fazer o Mapa do Brasil colocando apenas o Estado do Ceará e a Cidade de Sobral.
- 2 — Dizer como se encontram os quatro pontos cardeais.

## CAPÍTULO II

### Cidades vizinhas a Sobral — População — Superfície

Este é o Mapa do Município de minha cidade. Município é uma região, isto é, uma área de terra governada por uma cidade. Nesta região há outras localidades com o nome de Distrito. Há ainda povoações, serras, serrotes, rios, açudes, florestas e animais.

O exercício solicitado no final do capítulo é incrivelmente interessante: “1) Fazer o Mapa do Brasil colocando *apenas* o Estado do Ceará e a Cidade de Sobral” (grifo nosso). Indicar *apenas* o que interessa, pois o importante não era saber os nomes das capitais do Brasil ou das outras regiões brasileiras. O principal objetivo era que a criança soubesse localizar Sobral no estado e no país. E, além disso, demarcar os limites construindo as fronteiras entre Sobral e as outras localidades, fronteiras que não eram propriamente demarcadas com a ponta do lápis ao desenhar um mapa, mas sim as fronteiras de pensamento, de sentimento e de afirmação do que é ser sobralense. Os leitores são convidados a pensar o mundo externo a partir da cidade de Sobral. Os exercícios induziam o pensamento de que tudo girava em torno dela e valorizando-a em demasia, era fácil desvalorizar os outros locais.

No decorrer do texto, são inseridas outras personagens como a Francisca e a Carlene, que estabelecem junto com a professora, uma dinâmica própria de sala de aula, na intenção de trazer para mais próxima da realidade vivida pelos alunos dentro da escola. Lira era um professor e sabia muito bem como funcionava essa dinâmica escolar. Ao inserir o diálogo de personagens, há uma continuidade da sensação de diálogo entre autor e leitor, pois o autor se coloca no papel de narrador, fazendo inclusive, algumas observações sobre as atitudes e pensamentos dos personagens. O papel da professora é importante nos diálogos dessa cartilha, pois ela direciona os alunos, assim como o narrador direciona os leitores. Às vezes os papéis se confundem e temos o narrador se colocando como o mestre: “Você, talvez, não saiba o que quer dizer a palavra Sobral - o belo nome de sua terra. Vou lhe ensinar. Preste bem atenção”. Mas, o narrador também indica o que os leitores devem perguntar à professora: “Você, meu caro aluno, deveria pedir a sua Professora para, durante um mês, visitar, por exemplo, as fábricas da cidade” (LIRA, 1988b, p. 30). Ou mesmo como a professora deveria encaminhar sua aula: “A professora deve explicar que atualmente há também filhos ilustres em Sobral e citar alguns” (LIRA, 1988b, p. 17). O mais interessante é que a professora nunca tem um nome nos diálogos e nunca está representada no plural. Essa é uma estratégia que ajuda as crianças leitoras para que possam se visualizar naquelas situações e imaginar que aquela Professora citada no livro é a professora que lhes ensina na realidade.



O uso de personagens que direcionam os pequenos leitores era utilizado por outros escritores de livros didáticos. Filgueiras analisa alguns livros didáticos em sua dissertação e em um deles, por exemplo, os personagens escolhidos são os escoteiros, justamente “por agirem sempre com respeito à Moral e ao Civismo e por ser considerada uma instituição extra-escolar” (FILGUEIRAS, 2006, p. 110). É importante ter em mente que essa escolha é substancial para ajudar a criar os exemplos adequados, aqueles nos quais os alunos possam se espelhar facilmente. No livro de Lira, todas as crianças são bastante educadas, participam ativamente das aulas e têm uma ótima relação familiar. Esse último ponto é conveniente, pois mostra que o bom comportamento do aluno, depende muito da educação que ele recebe em casa, já que “a família é entendida como uma das instituições fundamentais para a formação moral dos jovens. Ela é considerada o fundamento da sociedade, pois esta nada mais seria que um agrupamento de famílias” (FILGUEIRAS, 2006, p. 169). Logo, se o jovem se relaciona bem com sua família, ele terá um bom relacionamento social fora de sua casa.

No capítulo XVI - *Aqueles que nos governam*, Lira dá considerável atenção ao respeito que os leitores deviam aos seus pais. Após citar autoridades (como o bispo, o prefeito, o vigário, o delegado e a professora), o autor afirma que a primeira autoridade que merece todo o respeito é a paterna e materna. O autor aconselha que as crianças não façam caretas aos pais e não os desobedeçam: “Um aluno desobediente jamais poderá dar alegria aos Pais e nunca será um bom cidadão amante de sua pátria” (LIRA, 1988b, p. 25). Os personagens de Lira são sempre apoiados e escutam os ensinamentos do pai, da mãe e dos avós. Estes por sua vez, são sempre bem informados e estão prontos para atender as solicitações dos filhos e netos. Os diálogos familiares são seguidos de atividades comuns que o narrador faz questão de enfatizar: depois da conversa os personagens foram dormir, foram almoçar, foram brincar etc. O padre criou diálogos em que se pode visualizar a família inteira aprendendo junta e partilhando conhecimento, em qualquer horário do dia.

A intenção dos estudos sobre Educação Moral e Cívica era resgatar os valores familiares e combater o que se entendia como decadência da família, que afetava diretamente a vida em sociedade. Assim “a maioria dos livros didáticos apresentam um padrão

de família moderna, que eles denominam monogâmica e conjugal: o pai, a mãe e os filhos” (FILGUEIRAS, 2006, p. 169).

Além do padrão familiar pai-mãe-filhos, Lira acrescenta as figuras dos avós como participantes da educação infantil, no sentido de serem os responsáveis pela ligação com o passado. No capítulo XIX, as personagens Maria e José estão empolgadas, pois aprenderam na escola sobre folclore e querem mostrar à família o que sabem. A mãe fica muito feliz e diz que brincava de algumas dessas brincadeiras. “Sentada numa cadeira a vovó escutava, calada, a conversa entre a filha e os netos. Depois disse: - Ah meninos, no meu tempo também se brincava muito disto. Ainda me lembro de duas cantigas”. Maria e José dão total atenção à avó pedindo para que cante e perguntam: “Vovó, a senhora ainda sabe mais alguma coisa?” E a avó continua falando numa “conversa bem animada” (LIRA, 1988b, p. 28-29) sobre suas memórias de menina. O papel da avó na cartilha é extremamente importante, pois representa o que o padre indica como a necessidade de retorno às raízes. A avó seria o vínculo com essas raízes, a testemunha viva de um tempo que se foi e precisa ser conhecido pelas novas gerações.

Outro intelectual que se esforçou bastante em prol do conhecimento da memória cearense foi Eusébio de Sousa (1883-1947), que também publicou obras para o público infantil.<sup>158</sup> Em 1935 ele criou um personagem chamado Vovô Ceará, que ganhou um programa dominical da Ceará Rádio Clube “que pretendia divulgar e incentivar, entre os ouvintes mirins das primeiras séries escolares, o gosto pela História local” (HOLANDA, 2004, p. 30). Assim como Lira, Eusébio de Sousa, no início do século XX, já considerava que “o próprio cearense deveria conhecer, por intermédio da História, o seu passado valoroso para enxergar em si a sua pujança” (HOLANDA, 2004, p. 25). O Vovô Ceará, no caso, seria o representante da História, aquele que permitiria o acesso das crianças a esse passado, de forma que

---

<sup>158</sup> Eusébio de Sousa publicou em 1913 o *Catecismo constitucional do estado do Ceará*, para uso nas escolas públicas cearenses. No ano de 1935, publicou a comédia *Tiro infantil*, um resumo didático da história do Ceará para a Ceará Rádio Clube. No mesmo ano teve o artigo *Um quadro histórico*, publicado no segundo tomo do Boletim do Museu Histórico do Estado e reproduzido em mil exemplares para distribuição em escolas públicas (HOLANDA, 2004, p. 29-31).

elas pudessem deixar de lado a impressão de que História era uma “matéria árida e desinteressante” (HOLANDA, 2004, p. 31). Além do mais, a figura dos avós é sugestiva, pois permite que a criança faça relações lógicas do que é aprendido sobre o respeito aos mais velhos: já que esses representam a memória do passado, esta também deve ser respeitada.

Ser católica é outra característica relevante da família que ilustra a moral e os bons costumes. Lira, por exemplo, pressupõe que os leitores já são católicos logo no início do capítulo sobre religião: “Sobral possui várias Igrejas Católicas como a Igreja da Sé e a do Patrocínio onde talvez seu Papai e sua Mamãe se batizaram e se casaram. Numa destas Igrejas certamente você se batizou também”. O capítulo é nomeado *Religião*, no singular, logo, no decorrer do texto, não há qualquer menção a nenhuma outra religião que não a católica e reforça que “toda criança deve possuir uma Religião” (LIRA, 1988b, p. 21).

Assim era a família perfeita a ser assimilada pelas crianças sobralenses como o modelo ideal de família. Porém, é importante acrescentar que esse tipo de abordagem era absolutamente comum nos livros didáticos do período, pois criavam uma ilusão de harmonia, não somente familiar, mas da sociedade como um todo, reforçando padrões de comportamento: “Essa realidade sempre harmônica e equilibrada é trabalhada a nível de discurso, como se a mera declaração de determinados princípios e pretensões configurasse a realidade tal como se pretende” (HÖFLING, 1981, p. 226).

Dessa maneira, são dissimuladas a realidade social, as disputas e desigualdades, as mazelas e os problemas que o país ou a cidade enfrentavam. Não podemos deixar de analisar a forma como Padre Lira abordou o trabalho das chapeleiras no capítulo *Comércio e Indústria*. Considerado como a mais importante para Sobral, a indústria do Chapéu de Palha é valorizada através do comércio que era estabelecido com outros estados e países. O padre, portanto, pergunta ao leitor: “Você já viu uma mulher fazendo chapéu de palha? Será que você sabe fazer chapéu de palha ou pensa que este trabalho é apenas para pessoas pobres?” (LIRA, 1988b, p. 24). A realidade devia ser bastante gritante, pois é clara a tensão que existe sobre esse assunto. Como se pergunta a crianças se elas sabem fazer

chapéu de palha? Porém, o que mais nos chama a atenção é a pergunta sobre a impressão que as crianças têm de que este trabalho é para gente pobre. Se a criança sabe fazer um chapéu, ela passaria a não se sentir tão excluída já que a última pergunta insinua que nem todos são pobres. Possivelmente havia vergonha em confirmar a realização de uma tarefa como essa. Mas, em contrapartida, a pergunta também propõe que se a criança não sabe fazer e ainda pensa dessa forma, então ela não sabe de muita coisa. A proposta do padre é que as crianças devessem se orgulhar, pois o produto que saía das mãos que trançavam, estava viajando o mundo, mesmo que o lucro real não chegasse a essas mesmas mãos.

Um pouco de tensão também aparece nos diálogos da família da menina Luisa, mesmo que disfarçados, digamos assim, de uma dose de diplomacia. Ela é sobralense, mas não conhece muito sobre a cidade, pois ainda é pequena. Porém, Luisa é muito esperta e curiosa, quando possui qualquer dúvida, sempre pergunta aos pais e sempre é prontamente atendida.

Ao passar em frente ao Museu Diocesano Dom José, Luisa lê num cartaz: “Visite o Museu - o ponto turístico mais importante de Sobral”. Como Luisa não sabe o que é um ponto turístico, sua mãe lhe dá a seguinte explicação: “É um lugar onde a terra nos mostra coisas lindas, prédios onde estão guardados objetos pertencentes aos nossos antepassados”. Depois de listar os exemplos de pontos turísticos em Sobral, a mãe se prontifica a levar Luisa ao museu, pois “uma boa sobralense deve conhecer todos os lugares importantes de sua terra” (LIRA, 1988b, p. 17). Conclusão que não se restringia à Luisa, claro, era direcionada às crianças leitoras, até porque um dos exercícios desse mesmo capítulo era dizer onde se localizava o Museu Diocesano e a intenção era de que o aluno visitasse o museu para responder à questão.

Lira coloca a personagem Luisa em situações que exigem um conhecimento prévio que ela não possui sobre a cidade. E, significativamente a insere numa contraposição com outra personagem que é sua amiga, a fortalezense Elisabeth, que manifesta muito conhecimento sobre Fortaleza. As duas demonstram interesse constante em mostrar para a outra, o que sua terra tem de melhor, através de passeios e conversas amigáveis. Enquanto Luisa diz: “Minha terra é

muito bonita” e Elisabeth dispara: “Eu também sei tudo da minha cidade”, os pais tiram as dúvidas que uma ou outra possuem sobre Sobral, mas tudo num clima amigavelmente respeitoso.

Em outro capítulo, a mãe de Luisa repreende a menina pelo desconhecimento das coisas da terra. Luisa pergunta a mãe qual rua ficava próxima à Igreja de São Francisco. Ela se referia à Av. Dom José, uma das principais avenidas da cidade. A mãe responde o seguinte: “Olhe, minha filha, para que você não passe mais por esta vergonha, vou lhe dizer as principais ruas, avenidas, praças e bairros de Sobral” (LIRA, 1988b, p. 22). Era inadmissível que Luisa não conhecesse logo a Av. Dom José, pois conhecer a cidade e sua história era tarefa que deveria ser feita a todo custo e principalmente na primeira infância. Padre Lira acreditava que o esforço para ensinar os jovens a amar a terra era válido, pois as pequenas “forças vivas” podiam tornar-se mais do que cidadãos: talvez sobralenses ilustres?

# Os sentidos do passado ou o passado sentido

## Uma missão contra a ruptura do passado

**P**ara Koselleck as palavras experiência e expectativa não nos transmitem uma realidade histórica. Elas são categorias formais de conhecimento “capazes de fundamentar a possibilidade de uma história” (KOSELLECK, 2006, p. 306). Esses termos se excluem, são diferentes e ao mesmo tempo se complementam. Analisando os textos de Lira encontramos relações com o tempo. Ao buscar no passado tons positivos de um progresso específico, Lira projeta o desejo de avanço e desenvolvimento para um futuro, demonstrando as expectativas de ascensão cidadina, porém mantendo uma ligação com o passado: “Quando o passado é trazido para o presente de modo vibrante aponta sempre novos rumos para o futuro”.<sup>159</sup> Como afirmou Koselleck “experiência e expectativa são duas categorias [...] que entrelaçam passado e futuro”, mas que não são os tempos em si (KOSELLECK, 2006, p. 308). A escrita de Lira não se constituía somente como uma escrita do passado: a partir de situações e interesses vividos no presente, ele apontava a necessidade de pensar o futuro. Mas um futuro específico, que tem nos moldes da experiência de um pretense passado de glórias, a

---

<sup>159</sup> CONHECENDO NOSSA cidade. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 112, 10 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

expectativa de um futuro que retome essas glórias não evidenciadas no presente, como afirma o padre:

Todas as vezes que fazemos do passado uma “vivência criadora de tal modo que a História seja uma vida presente e vamos à alma do povo onde há o sopro humano das civilizações” temos assegurado a nossa ascensão. Mas para tanto é necessário conhecer-se História e infelizmente aqueles que nos dirigem prescindem desta força.<sup>160</sup>

Podemos depreender que existiam disputas quando o assunto era a configuração da cidade ou mesmo as ações políticas que foram, pelo visto, desaprovadas como projeto de progresso sugerido pelo padre. Talvez as formas de lidar com a cidade pelos administradores não condissessem com o sentido de progresso ansiado pelo sacerdote. Quais os sentidos da palavra progresso? Há uma mudança de sentido dependendo do sujeito e sua posição social? Caso sim, “progresso” poderia ter uma relação diferente para os administradores e para o padre. Como podemos identificar se o termo “progresso” se constitui como conceito ou simplesmente como palavra?

Portanto, podemos inferir que Lira acreditava no progresso que partisse do passado, estruturado numa tradição que honrasse a memória dos que empreenderam ações de crescimento cidadão, numa relação de ascensão. Parece, nesse sentido uma noção diferente da ideia de progresso ligado somente à novidade e atualidade. Não podemos afirmar que se trata de uma modificação totalmente contrária, já que a palavra ainda possui uma noção de positividade. Mas “progresso” parece funcionar de uma maneira diferenciada na escrita de Padre Lira. Havia disputas com relação à cidade e elas estão relacionadas a razões do presente, já que “a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar” (MENESES, 1992, p. 11). Por isso, não devemos negar que Lira era um homem de seu tempo. Era o presente que guiava sua escrita, por mais que ele denotasse valor incomensurável ao tempo passado.

---

<sup>160</sup> SOBRAL DE 1870. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 116, 6 out. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

Logo, podemos descrever da escrita do sacerdote relações fortes com o presente vivido por ele, quando este nomeou “Sobral Moderna”, criou um marco a partir do ano de 1971, data da publicação de seu primeiro livro *De Caiçara a Sobral*. E podemos mesmo entender que a experiência não coincide por completo com o tempo que passou, posto que no caso da escrita de Lira, ele selecionou o que era relevante para os interesses do presente. Assim como a expectativa não será totalmente produto da experiência, Lira adicionou itens ao horizonte de expectativas que partiram do momento vivido por ele. Soma-se que o futuro nem sempre parte de experiências do passado, ele pode se modificar no decorrer do tempo. Mas para Lira, a História era um processo linear, uma ligação com as raízes denotando uma ideia de superação, pois para ele era importante “sobretudo a transmissão dos valores, dos conhecimentos, do heroísmo, das vitórias, dos ideais, dos fracassos, da tenacidade, do espírito de luta de um povo a outr[o], de uma geração a outra” (LIRA, 1976, p. 27).

A ideia era melhorar e aprender com os erros, mas principalmente continuar os acertos em escala crescente. Parece-nos que Lira considerava não haver, podemos dizer assim, um respeito à ordem natural da história, ou seja, não havia mais traços do passado no presente. Para o sacerdote quando há a “quebra” de continuidade, há um declínio. E ele mesmo evidenciava as rupturas quando realizava as demarcações temporais ou quando reclamava de prioridades que não eram mais as “de antes”. A escrita, para ele, era o meio encontrado para escapar da desintegração. Escrevendo as memórias de Sobral, intentava-se superar o esquecimento. Mesmo que o discurso falasse sobre preservação, resgate ou tentativa de ressuscitar o passado, não ficava senão na tentativa da ação.

A escrita do padre demarcava o presente e o passado de forma a entendermos que havia diferenças entre os tempos, ou seja, havia inegavelmente rupturas e tensões necessárias para a delimitação temporal. Dessa forma, através da nomeação dos “mortos” é que Lira definia o lugar do presente, que é o contrário daquilo que já foi. Mesmo que não fosse necessário nomear o presente, vimos que o padre chamava de “Sobral Moderna”: expressão controversa na escrita de Padre Lira, pois possuía tanto sentido positivo, quanto negativo.



Sua reprovação com relação aos acontecimentos atuais na cidade possivelmente partia da surpresa que ele tinha ao não encontrar ligação com um passado brilhante que ele defendia. Isso ocorria, pois “expectativas baseadas em experiências não surpreendem quando acontecem. Só pode surpreender aquilo que não é esperado” (KOSELLECK, 2006, p. 313). Lira, como crente numa memória de superioridade sobralense, não esperava o que se via no presente e por vezes não aceitava a “realidade” em que se encontrava a cidade: “Sobral possui *apenas* um jornal semanário - CORREIO DA SEMANA [...] Nossa terra possui *apenas* 4 tipografias. *Somente* 4 livrarias distribuindo livros didáticos, científicos e culturais” (LIRA, 1971, p. 100, grifo nosso). Parecia demonstrar uma insatisfação pela existência de tão poucos símbolos de elevação intelectual. Ora, se não existiam muitos espaços de distribuição de livros, como se podia defender Sobral como uma cidade de cultura intelectual? Havia um receio de não conseguir sustentar a afirmação na prática. No campo do discurso, era reforçada a imagem de Sobral intelectual, mas quando os dados apareciam e não se podia negá-los (ou mesmo inventá-los simplesmente), o sacerdote não tinha outra saída senão admitir a contradição, justificando-a através da ruptura com o passado, da falta de amor pela terra, da perda de autonomia dos sobralenses dentro da própria cidade e da falta de conhecimento.

É necessário ainda refletir sobre a ideia de tempo que Lira possuía. Para tanto elegemos a primeira de suas obras, *De Caiçara a Sobral* (pois possui uma escrita sobre uma extensão temporal maior) dialogando com o método de regimes de historicidade, proposto por François Hartog. O regime de historicidade é um instrumento de análise para fazer História, dessa forma ele interpreta a experiência europeia em três grandes regimes de historicidade: o regime antigo, o regime moderno (ou futurista) e o regime presentista. Sabendo que podem existir vários regimes de historicidade num mesmo período e local, associamos a escrita de Lira e sua noção de tempo aos regimes antigo e moderno.

O passado serve para mostrar o progresso e a História pode ser vista como continuidade desse progresso. O padre reconhecia as rupturas como uma perda das raízes, uma cisão do progresso. No entanto, percebemos que a ideia de continuidade e progressão está

presente no discurso de Lira quando se refere ao passado, ao presente e ao futuro.

Um povo que sabe trazer o passado para o presente de modo dinâmico encontrará sempre um novo caminho para o seu desenvolvimento.<sup>161</sup>  
Um povo que se esquece de seu passado começa a ficar desfibrado, perde a continuidade de suas culturas, é envolvido pelos costumes de outra gente.<sup>162</sup>

A cidade, segundo Lira, podia morrer ao perder suas raízes. Era o medo do diferente, do novo. Há que se refletir sobre a defesa de um progresso para a cidade: que tipo de progresso Lira ansiava para Sobral?

Na modernidade, a aceleração do tempo foi responsável pela desagregação entre passado, presente e futuro: as três dimensões do tempo foram definidas. A velocidade do presente fez com que as pessoas passassem a experimentar mais frequentemente um sentimento de perda com relação ao passado, surgindo assim o dito “amor pelo tempo que se localiza antes de nós”. Isso foi importante para a explosão de diversas práticas compensatórias – obras escritas, ritos cívicos, construção de monumentos, instituição de datas comemorativas e de heróis que representavam o ideal vigente – que tinham o objetivo de registrar o que se esvaía com rapidez nunca vista, trazendo novidades que causavam surpresa e espanto (KOSELLECK, 2013, p. 202-203). Segundo Padre Lira, “quando um povo se desliga do seu passado histórico buscando novas formas de vida que chegam a agravar o seu patrimônio cultural facilmente começará a definhir”.<sup>163</sup> Era o que ele achava das novidades que destruíam as marcas do tempo pretérito. Manifestações como essas justificavam uma noção de que o presente era equivalente a um “tempo de decadência” e que havia a necessidade de “reconstruir um passado” que se perdia.

---

<sup>161</sup> CONHECENDO NOSSA cidade. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 112, 10 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>162</sup> A EVOLUÇÃO da Praça São João. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 193, 15 fev. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

<sup>163</sup> SOBRAL EM 1927. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 258, 26 jun. 1976. Coluna Nossa História, p. 2.

Padre Lira parecia preocupado com essas questões: o presente não agradava por completo; faltava algo do passado que não era mais evidenciado e o que esperar do futuro? O futuro não possuía contornos claros. O período denotava a própria descontinuidade das experiências vividas. Mas, o sacerdote acreditava que a exemplaridade do passado poderia guiar os caminhos para o futuro: “Um povo cresce quando permanece unido ao seu passado, procurando desenvolver o patrimônio sócio cultural deixado por seus antepassados”.<sup>164</sup> Diante disso, Lira tratava a História como redentora dos erros do presente ou mesmo como “salvadora” do futuro: “Viver sem história é viver sem perspectivas”.<sup>165</sup> História, portanto, tinha um sentido de integração social.

Arnold Toynbee<sup>166</sup> acreditava que a maioria das civilizações passaria por duas fases de decadência: o *declínio* e a *desagregação*. A primeira fase seria manifestada através de ações externas (natureza, justiça divina, destruição por outras civilizações) que culminariam na falência da autodeterminação. A *desagregação*, por sua vez, se caracterizaria por duas rupturas: a cisão no corpo social e a cisão na alma. Le Goff explica que a primeira cisão, segundo o pensamento de Toynbee, se definia pelo “aparecimento de minorias dominantes”. Porém, de maior gravidade seria a segunda cisão relativa à alma, caracterizada por religiões do isolamento, filosofias do abandono, deserção, espírito de promiscuidade etc. “Tudo isto conduz à uniformidade, que é para Toynbee o último grau da decadência” (LE GOFF, 2013, p. 366-368). Sabendo que Lira tinha alguma leitura de Toynbee, refletimos se há alguma sugestão da noção de *desagregação* nos escritos do sacerdote. Será que as novas formas de viver não fariam parte da cisão no corpo ou na alma? Ele indica em sua escrita, frases que podem não confirmar, mas abrem espaço

---

<sup>164</sup> SOBRAL EM 1887. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 254, 29 maio 1976. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>165</sup> SOBRAL EM 1928. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 105, 14 jul. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>166</sup> Arnold Toynbee foi autor de *A study of history*, série de 6 livros publicada entre os anos de 1934 e 1939. Padre Lira teve acesso ao pensamento de Toynbee através do livro *O professor Toynbee e sua Filosofia da História – A vida desmente o mito*, de Y. Kosminki, datado de 1967, estava presente em sua biblioteca particular, hoje acervo do NEDHIS – UVA, em Sobral/CE.

à reflexão: “Um povo que se desliga de seu passado, é necessariamente absorvido pelas tradições e costumes de uma sociedade inferior”.<sup>167</sup> Ou seja, por causa da ruptura com o passado – que pode ser entendido como uma ruptura com a memória e com as práticas tradicionais – um povo pode ser absorvido, envolvido por práticas de uma sociedade inferior.

Para o sacerdote, a evolução de uma cidade é conseguida com dedicação e amor, sentimentos que são gerados pela entrega às coisas do espírito. O que seriam as coisas do espírito? Padre Lira acreditava que com a valorização do espírito (sobrepondo-se ao poder matéria), um povo se mantém íntegro, mesmo em período de guerra.<sup>168</sup> A força do espírito seria, portanto, a única capaz de vencer as armas, as injustiças econômicas e o próprio tempo, pois conservava a juventude vigorosa do homem. Logo, o poder do espírito seria mais duradouro em comparação com a força bruta. Delimitando o que ele entendia como ruptura temporal e natureza de elevação de espírito, Lira acreditava que: “Sobral, no século passado, viveu mais do espírito do que da matéria”.<sup>169</sup> Essa era uma diferença forte entre o tempo passado e presente de Sobral. Em outro texto, Lira faz menção ao espírito de civismo: “Um povo sem história, sem amor às tradições, sem espírito de civismo, é um povo fadado a perder todas as suas posições políticas, sociais, religiosas”.<sup>170</sup>

Em viagem ao Rio de Janeiro, Lira presenciou a destruição de um prédio antigo para evitar o aterramento da Lagoa Rodrigues Freitas, pois iam ser construídos novos edifícios. Após o seu retorno, Padre Lira alertou: a crise estava chegando a Sobral. A seu ver a prefeitura de Sobral estava “imitando” o exemplo do Rio de Janeiro ao destruir as heranças do passado:

---

<sup>167</sup> A HISTÓRIA de hoje. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 195, 1 mar. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>168</sup> SOBREAL DE 1870. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 116, 6 out. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>169</sup> *Ibidem*.

<sup>170</sup> O APARECIMENTO e desaparecimento das lideranças. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 343, 6 maio 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

Estamos enquadrados, realmente numa sociedade de consumo. Tudo está a serviço da economia até mesmo a educação. Os colégios atuais não dão mais a seus alunos uma base humanística. [...] É o progresso destruindo tudo, acabando com o homem.<sup>171</sup>

A ideia de progresso aqui possui tom pejorativo. O padre modificava em alguns escritos a sua opinião sobre a ideia de progresso. Isso pode ser levado em consideração já que o discurso de progresso parecia ser a principal justificativa para a “destruição”: “Para evitarem os comentários abrem a “boca no mundo” dizendo que o progresso está exigindo, que a política não tem condições de vigiar determinados lugares”.<sup>172</sup> A palavra ganha então contornos de “vontade superior”, não dominada pelos homens, mas dominadora dos homens. O autor já tinha percebido que as modificações físicas em nome do progresso (chamados por ele de “empreendimentos iconoclastas” ou “libelo do extermínio”) não eram “fenômenos” apenas presenciados em Sobral:

Em Fortaleza está havendo o mesmo desastre histórico. Os iconoclastas da História estão pouco a pouco acabando com o Patrimônio da Capital e isto em nome do progresso como se todo desenvolvimento do presente não dependesse das experiências dos nossos antepassados.<sup>173</sup>

O que significaria a expressão “iconoclastas da História”? Iconoclastas são pessoas que destroem imagens religiosas e monumentos, que não respeitam tradições ou preceitos morais. Seguindo essa definição, um iconoclasta da História seria um destruidor da História, pois, ao hostilizar expressões tão caras, ele ajuda a desestabilizar o elo com o passado.

Padre Lira se colocava numa guerra contra os tais iconoclastas, deflagrando ataques constantes, chegando a nomear seus “alvos”

---

<sup>171</sup> A CRISE está chegando a Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 190, 18 jan. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

<sup>172</sup> AS TESTEMUNHAS do passado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 124, 6 dez. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>173</sup> O ROMPIMENTO com o passado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 135, 9 mar. 1974. Coluna Nossa História, p. 5.

com outras expressões igualmente pejorativas e irônicas: um era “progressista”, outro era “muito pra frente”. Para o sacerdote, eram desconhecedores da História, despossuídos de inteligência e de bom senso. E nessa leva de iconoclastas da história estavam inclusos “não sobralenses”, “novos ricos” e “estranhos”.<sup>174</sup>

## Sobralenses, sobralenses ilustres e estranhos

Como já foi dito, Padre Lira acreditava que a morte de uma cidade ocorria quando havia uma ruptura entre passado e presente, uma descontinuidade de tempo que permitiria o surgimento de novas “modalidades de vida, de costumes, de manifestações intelectuais e sociais inteiramente diferentes que sepultam o passado” (LIRA, 1971a, p. 109). No capítulo *A evolução social de Sobral*, presente no livro *De Caiçara a Sobral*, Lira dissertou sobre as modificações ocorridas na sociedade sobralense que, para ele, contribuíram de forma negativa para o crescimento da cidade.

Lira parecia concordar que as civilizações tendem a marchar rumo à decadência por permitir a miscigenação sanguínea. A mistura de sangue, evidenciada na escrita de Padre Lira pela perda das evocações históricas e da hegemonia da cidade, ocorreu, segundo ele, com a introdução de pessoas provenientes de cidades localizadas nos arredores de Sobral. Para o sacerdote, os povos que vinham de outros lugares traziam consigo não só a pobreza e o analfabetismo, mas traziam principalmente a possibilidade de miscigenação. Possibilidade essa que vinha cheia de perigos. Essa mistura de sangue a partir dos casamentos ocorridos entre as famílias sobralenses e os estranhos (como eram chamados por Lira) fez minguar aos poucos o sentimento de amor à terra, que precisava ser inerente a qualquer sobralense.

Citamos aqui o texto *Famílias Endogâmicas do Vale do Acaraú*, publicado na Revista do Instituto do Ceará no ano de 1972, escrito

---

<sup>174</sup> AS TESTEMUNHAS do passado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 124, 6 dez. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

pelo também sobralense José Fernando da Ponte. O autor fala sobre as mesmas questões que Lira trata, basicamente no mesmo período. O diferencial é que Fernando da Ponte é mais enfático ao afirmar que as famílias do Vale do Acaraú têm o costume de realizar casamentos entre os próprios familiares a fim de evitar a miscigenação:

As chamadas “boas famílias”, ciosas de seu nome, procuravam manter o status social e a tradição familiar, conservando o hábito de casar as filhas com os primos e aparentados ou, pelo menos, com os descendentes de famílias amigas e pertencentes ao mesmo nível social, sendo as uniões dos jovens, via de regra, previamente ajustadas entre os respectivos pais.<sup>175</sup>

Através de um estudo genealógico, Fernando da Ponte tentou mostrar que as famílias tradicionais de Sobral tinham essa prática como algo comum. Ele se detém em determinados ramos das famílias Carrasco, Ferreira da Ponte, Ribeiro da Silva que tiveram casamentos com os Ferreira Gomes, os Gomes Parente e os Frota. O autor se detém, mesmo que de forma rápida, aos motivos pelos quais houve transformações na estrutura das antigas famílias do Ceará. Segundo ele, o aumento do acesso ao estudo, o surgimento da imprensa, o melhoramento do transporte e as ideias liberais surgidas depois da Revolução Industrial, foram os responsáveis por quebrar o que ele chama de “velhos tabus” e “tradições seculares”. O nivelamento social veio permitir então a “entrada” de pessoas de origem humilde ou de “moral duvidosa” nas tradicionais famílias do Vale do Acaraú. Porém, há a ressalva de que os novos membros da elite “eram credenciados por um razoável nível educacional e econômico”,<sup>176</sup> que lhes permitia adentrar nas camadas sociais abastadas através da convivência ou do casamento. Quem eram os “novos membros da elite”? E quem eram os estranhos?

Os povos que vinham “de fora” apareciam na escrita de Lira como sendo os responsáveis por uma verdadeira invasão na cidade:

---

<sup>175</sup> PONTE, J. F. da. Famílias Endogâmicas do Vale do Acaraú. *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo de 1972. p. 97-102. CD-ROM, n. 2.

<sup>176</sup> *Ibidem*.

De repente apareceram os novos ricos, surgidos da inflação, muitas vezes sem a instrução devida. Adquiriram terras, construíram grandes firmas. Dos bairros passaram para dentro da cidade; introduziram-se no comércio, casaram-se entre as principais famílias da cidade, ganharam a política e, assim, perdemos as nossas evocações históricas e até a hegemonia da cidade (LIRA, 1971a, p. 110).

Invasão essa promovida não somente pelo uso dos espaços públicos, mas pela participação do comércio, pela constituição de casa-mentos e pelas possíveis decisões políticas sobre a cidade. Segundo Lira, eles não possuíam uma instrução devida, mas conseguiam adentrar nos espaços públicos e privados: “sendo elegante possuir-se em casa uma biblioteca [os novos ricos] vão à livraria e encomendam um metro ou dois de livros”.<sup>177</sup> Podemos pensar que os “novos ricos” tomaram o lugar dos “antigos ricos”, substituindo-os no jogo de poder e retirando sua autonomia. Valorizar o passado exacerbadamente passava a ter um tom de negação do poder exercido na cidade por pessoas que não faziam parte dos grupos tradicionais. Para Lira: “Toda vez que perde a sua individualidade através da constante imigração e a consequente miscigenação entra necessariamente em colapso social, moral, intelectual e histórico”.<sup>178</sup>

Mas o que permitia a existência deste e daquele senão a oposição ideológica entre os dois, oposição que vai muito mais além de registros de nascimento ou divisões territoriais? “Ser de fora” é simples motivo para escárnio? Se o outro nos constrói – pois é a partir do outro que há um reconhecimento de si – ele também nos divide, pois o estrangeiro faz vacilar as certezas: ele “é aquele que interroga, com sua própria existência, as normas, os usos e costumes da sociedade que o ‘acolhe’” (ENRIQUEZ, 2004, p. 47 e 57). Façamos, portanto, o papel do estrangeiro quanto a interrogar: seria possível aceitar um estrangeiro como “igual”? Isso depende de quem é e o que faz o estrangeiro. Essas questões respondidas por si só já definirão qual decisão tomar diante da posição dualista do estrangeiro

<sup>177</sup> O ROMPIMENTO com o passado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 135, 9 mar. 1974. Coluna Nossa História, p. 5.

<sup>178</sup> A NOSSA transformação social. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 347, 10 jun. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.



no pensamento tradicional: “Será aceito, adulado ou então morto e devorado” (ENRIQUEZ, 2004, p. 54). Atentemos para os elogios que Padre Lira teceu a Gabaglia:

Giocomo Raja Gabaglia, grande matemático, veio como coordenador de uma das sub-comissões. Quando a Comissão Científica [Comissão Científica de Exploração, conhecida como Comissão das Borboletas] veio estudar a nossa região, Raja Gabaglia não resistiu ao fascínio da mulher sobralense. Casou-se em Sobral fazendo com que a família sobralense participasse da descendência dos Gabaglias no Brasil.<sup>179</sup>

É de se pensar que não se constituía grave ultraje o casamento com pessoas “de fora”, desde que respeitadas algumas condições. E nesse caso, o caminho escolhido foi o da “adulação”. Raja Gabaglia não era simplesmente um forasteiro, era um cientista e mais, participava de empreendimento científico com honra imperial. Era sim um estrangeiro, mas não um estranho. E, além disso, o que podemos entender a partir do fragmento de texto é que a aceitação do outro não partiu da família sobralense, mas sim dos Gabaglia que permitiram a entrada da moça sobralense. Por que não o contrário? A “fascinante mulher” não poderia ter como atrativo somente a beleza. A dita cuja era D. Maria da Natividade, irmã de José Júlio de Albuquerque e Barros, futuro Barão de Sobral, portanto, bem nascida.

Dessa forma, a conclusão do enlace é mais sutil na escrita de Lira: se a família dos Gabaglia aceita a sobralense é porque seus encantos e prendas mereciam ser destacados. Afinal de contas, é de uma sobralense que estamos falando! É claro que, para Lira, o casamento significou mais do que uma união de famílias: “Assim selou-se a nossa união com a Comissão Científica de Exploração e a nossa participação na família Raja Gabaglia do Brasil”.<sup>180</sup> A miscigenação não era bem quista entre os sobralenses. Mas, se para consagrar respingos de glória ao nome de Sobral, era necessário aceitar enlaçar-se a um estrangeiro: que seja! Reinventa-se o sentido da relação instituída entre cidadãos e

<sup>179</sup> A COMISSÃO científica de exploração. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 236, 24 jan. 1976. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>180</sup> A COMISSÃO científica de exploração. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 236, 24 jan. 1976. Coluna Nossa História, p. 2.

estrangeiros, driblam-se as regras e eleva-se o nome da cidade. Como bem diz Marcel Detienne: “Nada es imposible para la autoctonia; basta con saber que ella se fabrica, se chapucea, que está hecha de remiendos y fragmentos” (DETIENNE, 2005, p. 54). Dá-se um jeito quando há intenções maiores. Tudo pelo torrão natal.

Para entranhar a noção de herança lusitana, era valorizada, como mecanismo de diferenciação, a importância nominal. Uma figura que merece destaque é o sobralense Padre Antônio da Silva Fialho (1800-1872), que em 1836 foi empossado como professor de Gramática Latina na Vila de Sobral e lecionava também, como professor particular de português, francês e aritmética. Filho de português, Padre Fialho, como era mais conhecido, tinha o costume de dar nomes estrangeiros aos seus alunos.<sup>181</sup> Para denotar ligação com raízes portuguesas, meninos sobralenses, tinham os sobrenomes trocados por intervenção de Padre Fialho (ARAÚJO, 1978, p. 133).

Curiosa mania essa de Padre Fialho, que lembra inclusive o trabalho realizado pelo personagem fictício Félix Ventura, em *O vendedor de passados*, romance de José Eduardo Agualusa.<sup>182</sup> Os clientes de Félix faziam parte de “toda uma classe, a nova burguesia” e a natureza de seus serviços era construir um passado digno e diferenciado para eles:

Eram empresários, ministros, fazendeiros, camanguistas, gerais, gente, enfim, com o futuro assegurado. Falta a essas pessoas um bom passado, ancestrais ilustres, pergaminhos. Resumindo: um nome que ressoe a nobreza e a cultura. Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes uma árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo (AGUALUSA, 2004, p. 17).

Trata-se, sobretudo da sofisticação de “vender um sonho” de passado nobre, ilustre. Na literatura brasileira podemos citar o caso da nova nobreza da República da Bruzundanga, criação de Lima

<sup>181</sup> O PADRE Fialho. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. LXXIV, 30 set. 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>182</sup> AGUALUSA, J. E. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

Barreto, no romance *Os Bruzundangas*, de 1922.<sup>183</sup> Barreto diferencia os tipos de nobreza presentes em sua obra. A nobreza doutoral é composta por aqueles que se dão ao luxo de ganhar muito, trabalhando pouco, simplesmente por terem um canudo de papel com fita e carimbo. A outra nobreza bruzundanguense é chamada de nobreza de palpite, cuja “improvisação de títulos se dá através das formas as mais estranhas”. Lima Barreto dá o exemplo do cidadão de Bruzundanga chamado desde criança Ricardo Silva da Conceição, sem berço, sem nome grande, que:

Um belo dia, mete-se em especulações felizes e enriquece. Não sendo doutor, julga o seu nome muito vulgar. Cogita mudá-lo de modo a parecer mais nobre. Muda o nome e passa a chamar-se: Ricardo Silva de la Concepción (BARRETO, 2004, p. 38).

Mas, para a nobreza de palpite, não basta somente o nome, o título e o suposto parentesco nobiliário. As provas documentais, mesmo que forjadas, serão a entrada para o grupo seletivo de Bruzundanga, reconhecido entre seus membros que bradam os títulos uns dos outros em apresentações e homenagens. Barreto, ironicamente explica que um marquês se faz apenas com uma árvore genealógica e um pouco de criatividade para sobrenomes. Conta o caso do rapaz que sai de Bruzundanga com alguns francos no bolso e ao se deleitar com damas alegres, recebe o título de uma das moças que por vinte francos e os nomes dos seus pais torna-o marquês:

À vista de tão poderoso documento, o cidadão que partira da Bruzundanga simplesmente chamando-se Carlos Chavantes (é uma hipótese), voltou da estranha com o altíssimo título de marquês de Libreville (BARRETO, 2004, p. 39).

E o rapaz, embasbacado com o que recebe em mãos, é o primeiro a acreditar na mentira. Consideramos esses exemplos literários para refletir sobre a ação realizada por Padre Fialho e compreender que um passado, um nome e um título podem ofertar privilégios distintos. Enquanto Padre Fialho se detinha a ofertar aos

---

<sup>183</sup> BARRETO, L. *Os Bruzundangas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

seus alunos nomes e apelidos lusitanos, Félix Ventura, por exemplo, expandia seus negócios ofertando-lhes rostos, histórias de família, lembranças de infância. Por fim um passado que tivesse como ser comprovado documentalmente, assim como fazia a nobreza de palpite de Bruzundanga. Todavia, mesmo se detendo apenas nos nomes, as intervenções realizadas por Padre Fialho serviram como um reforço para a afirmação ilustre de algumas famílias em Sobral. O jornalista Lustosa da Costa cita alguns exemplos dos “feitos” de Fialho, como um “empreendimento aristocrático”:

Antonio Rodrigues de Aguiar foi rebatizado como Antonio *Montalverne*, Miguel da Frota Ponte, como Miguel *Cialdini*, Manuel Lima da Rocha, Manuel *Vergniaud*, José Severiano Vasconcelos, José Severiano *Morel*, Luiz Januário Nogueira, Luiz Januário *Lamartine*, João Augusto Maravalho, João *Scaligero*, Raimundo da Costa Gondim, Raimundo *Donizetti* (COSTA, 2003, p. 138, grifo nosso).

É importante citar que os alunos de Padre Fialho eram em sua maioria filhos da elite local, portanto, a questão não é somente criar uma ascendência nobre, mas também reafirmar a posição de que eles já desfrutavam. Portanto, “a importância existia, o que foi produzido pelo padre foi um novo valor agregado ao sentido já consagrado” (MELO, s. d., p. 10). Alguns desses sobrenomes até hoje são reconhecidos como tradicionais em Sobral:

Os “donos” desses novos nomes realmente constituíram novas famílias que em Sobral se transformaram em “símbolo de glória” porque portadores de um passado enobrecido, caso da família Montalverne que se transformou em “lugar de memória” na cidade de Sobral” (MELO, s. d., p. 13).

Enfim, sangue, casamento e sobrenome, eram motivos para diferenciar os sobralenses, mas o que dizer dos outros: os indesejáveis?

Padre Lira defendia o controle do fluxo migratório com a finalidade de evitar que os imigrantes destruíssem as bases históricas do local que os recebeu. Eles eram a raiz da desordem na cidade. Para Lira a sociedade de consumo era a grande responsável pela insurgência de diversos deslocamentos de pessoas impulsionadas pela busca incessante de dinheiro e de “*status social*”:

Aplicando esta teoria à nossa terra, lamentavelmente conclui-se que os movimentos migratórios internos acabaram por nos despersonalizar. Nós sobralenses não soubemos controlar as correntes migratórias que da década de 60 se localizaram em todos os bairros da cidade, ganharam o centro e chegaram a tomar os nossos postos-chaves sem possuírem a “sobralidade”<sup>184</sup> necessária para gerarem líderes que nos colocassem em posição de destaque no cenário sócio-econômico-religioso e político do Estado.<sup>185</sup>

Segundo os dados do *Censo Demográfico Geral do IBGE*, o crescimento populacional de Sobral teve um salto de 72.511 para 102.295 entre 1960 e 1970. Um aumento significativo de 29.784 pessoas. Em 1960, entre as 13.000 famílias registradas existiam 3.218 não nativos (equivalente a 4,4% da população total). Já em 1970, eram 5.106 não nativos distribuídos entre 18.133 famílias (aproximadamente 5% do total). A maioria de não nativos era proveniente de zonas urbanas (3.441) em comparação com os que vinham de zonas rurais (1.665). Segundo o Censo de 1970, havia 19 estrangeiros na cidade.<sup>186</sup>

Relacionando os dados do IBGE com o *I Plano Diretor de Sobral (1967-1970)*, podemos perceber quais eram os contornos de Sobral no momento de escrita do padre. Segundo o *I Plano Diretor*, Sobral vinha aumentando a população de forma considerável desde 1940: da década de 40 à de 60, o aumento foi de 66% (com maior índice na zona urbana, com aumento de 141% contra 33% na rural). Ou seja, a migração era um fenômeno comum em Sobral e os problemas estruturais da cidade já vinham sendo escancarados. Em 1940 Sobral já possuía desigualdades sociais e desordenamento urbano: as calçadas estavam em péssimas condições, existia lixo espalhado nas ruas do centro, os subúrbios aumentavam em número e enfrentavam a capacidade do

---

<sup>184</sup> Parsival Barroso criou o neologismo “sobralização”, presente no livro *O Cearense* (1969) e depois surgiu o termo “sobralidade” (MELO, 2013, p. 37-38). “Sobralidade” não é um termo muito utilizado por Padre Lira, mas em 1971, já se podia ler a expressão nas páginas do *Correio da Semana* (*Jornal Correio da Semana. Comêço de Conversa*. Texto de Anahid Andrade, de 04 de dezembro de 1971, p. 3). Nilson Almino de Freitas problematiza o termo “sobralidade triunfante” em sua pesquisa realizada em 2000 (FREITAS, 2000).

<sup>185</sup> A NOSSA transformação social. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 347, 10 jun. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>186</sup> Desse total, onze homens e oito mulheres (7 norte-americanos, 3 portugueses, 2 sírios, 1 alemão, 1 libanês e 5 não declarados).

poder público; a energia elétrica não tinha qualidade e a população sofria com dificuldades na distribuição do abastecimento de água (FERREIRA, 2010, p. 41-42).

Para Lira, esse crescimento populacional e habitacional desordenado era um fator de disfunção social e moral. Em *A Evolução Social de Sobral*, Lira dissertou:

Quando Sobral começou a liderar a Zona Norte do Estado, quando nossos colégios começaram a atrair os jovens da Região, quando nossas indústrias começaram a funcionar, quando a inflação começou a despertar a atenção no sentido de que nesta cidade se poderia ganhar dinheiro com facilidade, imediatamente apareceram núcleos populacionais constituídos de adventícios de quase todas as cidades da zona norte. [...] todos os Municípios vizinhos *se fixaram aqui em diferentes bairros com seus costumes, com suas tradições e com seu analfabetismo* (LIRA, 1971a, p. 109, grifo nosso).

Segundo o *Censo Demográfico do Ceará de 1970*, Sobral tinha o total de 11.098 não naturais residentes na zona urbana. Desse total, 6.491 eram procedentes de outras cidades, enquanto 4.604 vinham da zona rural. Lira considerava as pessoas que vinham de outras áreas para Sobral diferentes e não melhores do que os sobralenses: “A este tempo começou a baixar o nível cultural do povo” (LIRA, 1971a, p. 110). Acreditamos na importância de fazermos um contraponto com a principal ocupação desses núcleos populacionais que era a produção de chapéus de palha. Essa atividade, de baixa renda, era desempenhada principalmente por mulheres e crianças, e não conseguia sanar a falta de conforto, de higiene e de educação das famílias.<sup>187</sup> Indiferente a essa situação, o padre considerava o artesanato de chapéu de palha um dos *Quatro grandes acontecimentos que internacionalizaram Sobral*.<sup>188</sup> Sobral era conhecida como a “Capital do Chapéu de Palha”, pois liderava a produção e distribuição de chapéus para outros estados do Brasil e países como

<sup>187</sup> SOBRAL. Prefeitura Municipal. *I Plano Diretor de Sobral: 1967-1970*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1967. Capítulo III: Setor de Urbanismo e Infraestrutura, p. 12.

<sup>188</sup> Esses acontecimentos são: o Eclipse Total do Sol observado em Sobral para comprovar a Teoria da Relatividade de Einstein (1919); a descoberta do Kalazar (Leishmaniose Visceral) em Sobral pelo Dr. Tomás Aragão em 1956; o Museu Diocesano D. José e o Artesanato de Chapéu de Palha.

Espanha, México, Canadá, Japão, França etc. Lira considerava que essa atividade “assegura o pão nosso de cada dia” daqueles que vivem desse trabalho (LIRA, 1976, p. 33).

Segundo os dados do Censo do IBGE de 1970, os residentes e não naturais de Sobral vinham de vários estados do Brasil. A maioria deles vinha de outras cidades do Ceará (19.685) e de outros estados como Piauí (303), Maranhão (196) e Pernambuco (123).<sup>189</sup> Se considerarmos o tempo de moradia desses indivíduos, chegamos aos seguintes dados: 7.776 moravam em Sobral há 11 anos ou mais; 3.967 eram moradores fixos entre 6 e 10 anos; 2.855 residiam há menos de 1 ano em Sobral. Percebemos que muitos fixaram residência em Sobral e não estavam “só de passagem”. Nesse sentido, essas pessoas foram se integrando à dinâmica da cidade e constituindo famílias através de uniões e casamentos com sobralenses. Lira considerava perigosa essa “miscigenação”, como ele mesmo diz, pois ela ganhava mais espaços da vida social da cidade:

De repente apareceram os novos ricos, surgidos da inflação, muitas vezes sem a instrução devida. Adquiriram terras. Construíram grandes firmas. Dos bairros passaram para dentro da cidade; introduziram-se no comércio, casaram-se entre as principais famílias da cidade, ganharam a política e, assim, perdemos as nossas evocações históricas e até a hegemonia da cidade (LIRA, 1971a, p. 109).

Para Lira, Sobral atraía os estranhos como a um ímã, por ser um polo comercial desenvolvendo atividades com várias cidades da região norte do Ceará, mas também pelo fato de tratar Sobral como um ponto focal em seu discurso. Para ele, o magnetismo da cidade traria bem mais do que somente trocas comerciais. Podemos interpretar na escrita de Lira certo medo do contato, o medo do Outro que traz consigo novas formas de viver que não condiziam com a que era supostamente vivida pelos sobralenses. Esse medo, no final das contas, estava associado ao temor de submeter-se à uma possível hibridação com o diferente.

Podemos refletir a relação com o Outro, a partir do texto escrito por Lira e intitulado *A Evolução Social de Sobral*. Esse tema

---

<sup>189</sup> Censo Demográfico do Ceará – 1970. IBGE: Série Regional, v. I – Tomo VII, p. 267-278.

parecia ser de grande valia, o que explica em parte sua repetição. Mas, além disso, podemos refletir sobre seu forte apelo ideológico existente, que diz respeito à grande massa de pessoas que anualmente se deslocavam para Sobral. Lira os chamava de estranhos. Mas quem eram os estranhos? Quem eram os Outros?

O termo “estranho” possui maior significação no discurso de Lira do que a palavra “estrangeiro”. O estrangeiro é quem possui outra nacionalidade ou naturalidade e que não goza de alguns direitos cidadãos. O forasteiro aquele que vem de outro lugar e que desconhece as normas do local onde se encontra, pode ser um estrangeiro, mas não dispõe de grande apreço. Porém o estranho é mais do que estrangeiro, ele é o forasteiro indesejado. O estranho é, além disso, o incomum, o que age contra a ordem, contra o bom senso. É o esquivo, portanto repreensível por ser inclinado ao comportamento impróprio. Para tanto, podemos entender melhor a posição de Padre Lira sobre a definição do estranho em sua escrita quando ele afirma que:

Não estou condenando a ascensão de pessoas “não sobralenses” a postos de comando da cidade. O que é necessário é a vinculação dos chefes a terra, às suas necessidades, ao seu desenvolvimento, ao seu passado.<sup>190</sup>

Quando o padre utiliza a expressão “não sobralense”, ele está se referindo ao estrangeiro, não ao estranho. Lira afirma que não se opõe à ascensão do estrangeiro, no entanto, é perceptível a mágoa presente com relação à falta de sobralenses nos cargos importantes da cidade.

Além do mais, o padre demonstra sua intenção de incluir um contrato social: os estrangeiros podem até estar em postos de comando, mas devem seguir as tradições sobralenses, ligarem-se à terra para a qual trabalham, devem deixar para trás qualquer característica que os diferencie do sobralense. A exigência da vinculação dos “não sobralenses” às tradições era a principal condição: de serem e se comportarem como os sobralenses (natos, de preferência). “Se [pelo] menos aqueles que nos governam, embora não sendo sobralenses,

---

<sup>190</sup> A NOSSA transformação social. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 347, 10 jun. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.



tivessem um pouco mais de afinidade com esta cidade, uma vez que é ela que lhes dá o sustento e uma vida fácil”.<sup>191</sup> Nessa passagem, Lira utiliza o não sobralense com o sentido de estranho, pois a falta de afinidade não permitia que eles assimilassem a tal “sobralidade”. Mas será que eram não nascidos ou o padre os definia como não sobralenses, pois suas ações negavam a origem?

Padre Lira reclamava que o poder político de Sobral estava nas mãos de não sobralenses. Ocorria em Sobral uma forte disputa política de famílias tradicionais que detinham o poder revezando, mesmo a contragosto, o cargo de líder municipal. Os Prado e os Barreto tiveram representantes nesse cargo do ano de 1963 a 1993.<sup>192</sup> A rivalidade dessas famílias era tão forte que ultrapassava as discussões políticas e a disputa rendeu inclusive um “racha” na Câmara dos Vereadores no ano de 1968, depois de um desentendimento ocorrido durante a sessão entre Cesário Barreto Lima (que foi prefeito entre 1963 e 1966) e o presidente da Câmara José da Mata, partidário do então prefeito Jerônimo Medeiros Prado. Após a retirada de José da Mata e de seus apoiadores do recinto, Cesário Barreto e os vereadores a seu mando fecharam a Câmara. A intenção era de impedir que os “pradistas” cumprissem o expediente, sendo possível a perda de seus mandatos. Isso obrigou os “expulsos” a derrubar a porta do prédio da Câmara a marretadas. Todos os envolvidos faziam parte do mesmo partido que era dividido em duas facções: ARENA I e ARENA II. A disputa foi noticiada diariamente no jornal *Correio da Semana* e nas rádios *Educadora Nordeste* e *Tupinambá*, portanto não era nenhum segredo para a população sobralense. É importante, frisar que o jornal e a Rádio Tupinambá<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> O QUE ESTÃO fazendo com nossos Prédios. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 138, 22 jun. 1974. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>192</sup> Assumiram a prefeitura nesse período: Cesário Barreto Lima (1963-1966); Jerônimo Medeiros Prado (1966-1971); Joaquim Barreto Lima – Quinca (1971-1972); José Parente Prado (1972-1977); José Euclides Ferreira Gomes Júnior (1977-1983); Joaquim Barreto Lima (1983-1989); José Parente Prado (1989-1993) e Francisco Ricardo Barreto Dias (1993-1994).

<sup>193</sup> Antiga *Rádio Difusora Princesa do Norte* era dirigida por Padre Palhano, protegido de Dom José que foi prefeito dos anos de 1959 a 1962 e deputado federal em 1962. Padre Palhano era contra os Barreto e os Monte, pois foi o responsável por “derrubar” Chico Monte do poder em Sobral, além de ganhar o desafeto de Cesário Barreto quando não cumpriu um acordo de oferecer-lhe um cargo político pela ajuda dispensada na campanha para prefeito. Cesário Barreto recolheu

eram ligados a membros da Igreja Católica, partidários dos Prado e faziam as críticas sem citar os nomes nas matérias, com a desculpa de serem “neutros”.

É interessante refletir sobre essa luta pelo poder evidenciada em Sobral e buscar compreender as críticas feitas aos políticos. Possivelmente, Lira reclamava da administração pública por entender que os esforços eram gastos mais nas rixas políticas do que no desenvolvimento da cidade. E, de certa forma, por não colocarem Sobral em primeiro plano, não poderiam ser considerados sobralenses de verdade. Em comparação com os administradores que assumiram em 1870, o padre afirma o seguinte:

Todos eles eram empenhados no desenvolvimento, no progresso, na grandeza de Sobral. A cidade estava acima de qualquer partidarismo e ambição. Atualmente muitos dos nossos administradores preferem o olvido da História a renunciar a uma vida cômoda que os emolumentos dos cargos lhes trazem e se esquecem que devem prestar contas ao povo que os elegeu.<sup>194</sup>

O prefeito que assumiu em 1973 foi José Parente Prado nascido no distrito de Jordão, Sobral, o Vice-Prefeito foi Dr. Edison de Andrade, nascido em Massapê. Na Câmara de vereadores, dez eram de Sobral e sete eram “de fora” (Forquilha, Jaibaras, Ipueiras, Olho D’água, Taperuaba e Cariri). Os juízes eram de Fortaleza e Caucaia; os gerentes de Bancos eram de Fortaleza, Minas Gerais, Alagoas e o Bispo no momento era D. Valfrido Teixeira Vieira, nascido na Bahia. Padre Lira faz questão de indicar o local de nascimento de todos os principais dirigentes das instituições de Sobral em seu livro de *Caiçara a Sobral*, posicionando a lista de dirigentes, coincidentemente, no capítulo anterior ao que trata sobre a *Evolução Social de Sobral*, o qual afirma que os “estranhos” tomaram o poder da cidade.

Ecos dessas reclamações podem ser vistos nos escritos do jornalista e memorialista Lustosa da Costa, que também fez referência

---

documentos sobre o desempenho do padre enquanto prefeito, aproveitando a ausência da proteção de Dom José, falecido em 1959, e a proximidade familiar com militares do alto escalão, conseguindo assim a cassação e a prisão de Padre Palhano em 1964.

<sup>194</sup> SOBRAL EM 1870. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 116, 6 out. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

aos “novos ricos” em um texto redigido para comemorar o bicentário de Sobral em 1973:

Por sua vez, a inflexível tendência para fixação em estratos sociais cedeu lugar ao desgosto e à mágoa de membros de famílias tradicionais, *em face do aparecimento de novos ricos provenientes do Jaibara, de Massapê, dos fornecimentos da seca, do comércio em geral, os quais se apoderaram da cidade e, até, de seu comando político*. Tais acontecimentos deixaram melancólicos os que de lá emigraram e traumatizaram os que, ficando, não tiveram condições de acompanhar as mudanças sofridas por Sobral (COSTA, 1982, p. 123, grifo nosso).

Para Lustosa da Costa, o que justificava as tais “queixas sobralenses” era a mobilidade social que retirava o *status* de famílias tradicionais, o que podia ser verificado nos investimentos únicos na indústria em Sobral realizados por “grupos de fora” (COSTA, 1982, p. 134). Segundo pesquisa realizada em 1964, no *Projeto Sobral*, não havia atitude contra a implantação de fábricas e sim uma expectativa por parte dos sobralenses. Todavia, os redatores do relatório alertaram os investidores para que tivessem atenção redobrada ao inserir um empreendimento industrial em Sobral, “pois qualquer falha nos seus resultados poderá forcejar alguns subgrupos a assumirem aquela atitude [contrária] através da opinião facilmente generalizável de que a indústria boa para a terra é a familiar”.<sup>195</sup>

Em artigo do *Nossa História* de 14 de dezembro de 1974,<sup>196</sup> Lira dissertou sobre os empreendimentos que confirmavam ser Sobral uma cidade desenvolvida. É privilegiado no discurso o setor industrial, mas o padre afirmava que as empresas Incassa (indústria de beneficiamento de castanha de caju), Lassa (usina de pasteurização) e CIDAIO foram vendidas para *grupos estrangeiros* - “o que não deveria ter sido feito”, em sua opinião. Além disso, demonstrava ter preocupação sobre o destino das outras empresas, em comentários que pareciam tentar servir de aviso aos leitores: “Oxalá ela [Fábrica de Tecidos Ernesto Deocleciano] não seja vendida a

<sup>195</sup> PROJETO Sobral. Plano Geral: relatório da primeira etapa. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1964. p. 84.

<sup>196</sup> A HISTÓRIA do presente. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 185, 14 dez. 1974. Coluna Nossa História, p. 2.

*Grupos Econômicos estrangeiros* que consomem as nossas divisas” (grifo nosso), enfatizando por sua vez as dificuldades que seriam enfrentadas pela população que não receberia o “retorno” em produtos: “Acredito que no dia em que esta Fábrica [Cosmac] passar para *Grupos Econômicos alienígenas* nós sobralenses além de não termos mais acesso a ela só poderemos comprar material de construção de modo racionado como é o caso de nosso cimento<sup>197</sup> (grifo nosso)”. Atentamos para a ênfase que o autor dava para a expressão *grupos econômicos* sempre associando-os com palavras como *estrangeiro* e *alienígena*, deixando clara a impressão de não serem bem vindos em Sobral.

A recusa do então diretor presidente da Capasa (sobralense) diante da proposta de venda da empresa, o qual respondeu que não queria virar empregado de um desses grupos “estrangeiros”, é indicada por Lira como uma “resposta que todo industrial sobralense devia dar àqueles que desejam comprar aquilo que é nosso e depois nos negar a compra de seu produto”. A “queixa sobralense”, portanto, parecia ir além das discussões sobre o uso das divisas, da matéria-prima ou mesmo sobre a falta de acesso aos produtos fabricados. Era uma questão de honra não submeter-se aos mandos de estrangeiros. É antes de tudo a defesa do poder – não só do desenvolvimento industrial, mas em todos os âmbitos – para que seja mantido em mãos de filhos *Nascidos da Terra*, pois, estes têm, além da relação de sangue (espécie de garantia racial), a noção tradicional de enraizamento. O bem-nascido é “enraizado” (DETIENNE, 2005, p. 49) e dessa forma é o autêntico cidadão. O *Nascido da Terra* possui antes de tudo a função de alicerçar a cidade (DETIENNE, 2005, p. 39). Era inadmissível, nesse sentido, entregar essa obrigação a *outros*, que por sua vez fizessem o papel de patrões, sob o risco de admitir uma inversão dos valores: os cidadãos *Nascidos na Terra* como empregados dos Estrangeiros.

É necessário entender que está intrínseco no discurso que indica o outro, ao mesmo tempo, o mecanismo de identificação de si

---

<sup>197</sup> A referência é sobre a Fábrica de Cimento Portland, que segundo Lira produzia cerca de 6.000 sacos por dia, dos quais 5.500 sacos eram vendidos para a capital, ficando em Sobral um número que ele considerava ínfimo.

mesmo. Ou seja, apontando o Outro, Padre Lira fixa uma ideia de quem é o sobralense. Os Outros eram, segundo Lira, homens e mulheres que buscavam ganhar dinheiro de forma fácil e que se dirigiam a Sobral levando costumes e tradições diferentes, já que a maioria era analfabeta. Para o padre, os estranhos formavam os “núcleos populacionais constituídos de adventícios de quase todas as cidades da zona norte” (LIRA, 1971a, p. 109). Ele chegou a citar algumas dessas cidades: Meruoca, Groaíras, Reriutaba, Patriarca, Frecheirinha, Tianguá, Santana, Coreau, Cariré, Camocim, Alcântaras, Mocambo etc. Demarcamos no mapa os municípios citados por Lira e percebemos que são na maioria cidades que fazem divisa ou que se situam ao redor de Sobral (Ver gráfico 1 - mapa dos limites municipais e distritais da Macrorregião de Sobral).

Gostaríamos de considerar as condições em que viviam essas pessoas nos distritos de Sobral e nos demais municípios. Padre Gonçalo de Pinho Gomes, sacerdote há 11 anos da paróquia de Aracatiaçu, distrito de Sobral, em 1975 fez o seguinte apelo: *Queremos participar do progresso*. Denunciando, não pela primeira vez, as omissões e indiferença dos poderes públicos no que se refere aos distritos, Padre Gonçalo reclamava da falta de energia elétrica, já que a fiação elétrica passava pelas cidades, sem, contudo agraciá-las. Na educação se via um retrocesso já que as professoras primárias de Aracatiaçu e Taperuaba, por exemplo, recebiam “um salário irrisório de Cr\$ 40,00 e ainda estão com 8 meses de atraso”. Outras dificuldades eram enfrentadas na área da saúde e estradas. Padre Gonçalo indaga:

Será que o povo dos distritos não tem direito ao progresso? [...] Afinal de contas, somos sobralenses também. Somos parcelas vivas deste grande município. Queremos luz contínua, queremos melhores escolas, queremos assistência médica, queremos estradas conservadas, queremos participar do progresso.<sup>198</sup>

Os problemas sofridos pela população nos distritos estendiam-se como vimos para a cidade. O IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) realizou em 1975 uma pesquisa com o intuito de

<sup>198</sup> QUEREMOS PARTICIPAR do progresso. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 11 out. 1975. p. 2.

avaliar o índice geral de pobreza no país e chegou-se à conclusão que as cinco cidades mais pobres do Brasil estavam localizadas nas regiões Norte e Nordeste: Parnaíba (PI), Mossoró (RN), Santarém (PA), Juazeiro do Norte e Sobral (CE).<sup>199</sup>

Para Lira estava claro que o desenvolvimento do passado de glórias da cidade foi interrompido pela “invasão” desses estranhos que baixaram o nível cultural do povo de Sobral. A miscigenação acarretada com os casamentos entre membros das famílias mais importantes da cidade, fez com que os estranhos se tornassem os novos ricos e tivessem não só uma ascensão social, mas também política. Isso viria a ser a principal discussão do padre: a perda das evocações históricas, a ruptura com o passado de glórias que não representava nada para os estranhos. A indiferença era o que dominava e isso incomodava o padre, que acreditava que o indiferentismo daqueles que não são filhos da terra causaria, portanto, um declínio no desenvolvimento de Sobral. O sentimento de invasão evidenciado pelo discurso de Lira e de outros cidadãos relaciona-se bem com o *complexo de intrusão*: “o qual expressa o temor, e até a angústia, de quem vê seu eu-pele perfurado e suas defesas maltratadas” (ENRIQUEZ, 2004, p. 56).

O estranho se revestia, portanto, de outros significados que iam muito além das diferenças territoriais. Já que a cidade era tratada por Lira como um organismo vivo, os indesejáveis “corpos estranhos” traziam a “doença” e podiam ocasionar a morte do organismo. Poderiam ser considerados como “parasitas do organismo social” (BARROS, 2007, p. 31). Impuros não somente pela questão do sangue, por não serem sobralenses, mas também pelos hábitos que traziam consigo.

Os estranhos também “ganharam” os principais espaços da cidade, adquiriram terras, construíram firmas (LIRA, 1971a, p. 110), desprenderam-se das periferias e adentraram o centro da cidade, as casas das famílias. Eles transformaram a cidade ao ponto de reverter à condição de estrangeiros os próprios sobralenses e imprimir o título de “terra estranha” ao solo natal:

---

<sup>199</sup> NEM SÓ DE PIB vive o homem? *Revista Veja*, São Paulo, n. 361, p. 88-93, 6 ago. 1975.

Perdemos as nossas evocações históricas e até a hegemonia da cidade *ficando como estrangeiros dentro de nossa casa*<sup>200</sup> (grifo nosso).

*Quase diria que estou em terra estranha* avistando os nossos prédios históricos sem brilho, sem pintura, sem tratamento, entregues a iconoclastas, verdadeiros devastadores da história [...]. *Estamos realmente cativos*, pois perdemos as nossas lideranças! Somos uma sociedade de consumo. Dificilmente encontramos, à frente de instituições, agremiações sócio-culturais, estabelecimentos de ensino ou em quaisquer entidades sobralenses natos<sup>201</sup> (grifo nosso).

Mas podemos perceber ainda que havia uma diferenciação entre o que Lira considerava como sobralense e sobralense nato ou ilustre. Relacionando o capítulo *A evolução social de Sobral* com outro escrito por Lira na coluna *Nossa História* em 1973, com o título *Grandes Sobralenses*, podemos indicar essa importante diferenciação entre os nascidos em Sobral. Esse sentimento potencial de amor ao torrão natal, de que ele tanto falava, poderia ser ampliado a partir do trabalho em prol do crescimento da cidade. Essa responsabilidade cívica era o que diferenciava os sobralenses nascidos daqueles sobralenses ilustres. Quem eram os sobralenses natos e por que eram considerados ilustres?

De acordo com Michel de Certeau, o discurso que constrói a imagem do santo necessita de elementos semânticos que estão ligados à origem nobre (origem como vocação através das virtudes) e à metáfora do sangue que santifica, sendo relevante para tanto a produção de genealogias (CERTEAU, 2011, p. 297-298). Percebemos algumas semelhanças nos discursos do padre quando se refere aos heróis da cidade, que são os “eleitos” não só pela ligação com o solo e o sangue, mas principalmente pelas virtudes. O discurso da virtude está para além da significação moral e constitui mesmo unidades de base capazes de fornecer modelos sociais. Portanto, servem como exemplo para a comunidade. Como Lira tinha um interesse declaradamente pedagógico em suas obras, a virtude se

---

<sup>200</sup> A EVOLUÇÃO social de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 40, 22 jan. 1972. Coluna *Nossa História*, p. 2.

<sup>201</sup> SOBRAL ONTEM e hoje. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 345, 20 maio 1978. Coluna *Nossa História*, p. 2.

encaixava perfeitamente na indicação de personagens que serviriam como exemplo a ser seguido pelos jovens sobralenses. As virtudes definiriam, além do sangue e da origem nobre, quem entraria para o panteão dos sobralenses ilustres.

Voltando ao texto *A Evolução Social de Sobral* que foi publicado três vezes, optamos por realizar análise comparativa entre eles. As duas primeiras publicações são de 1971, em dois veículos de comunicação: no jornal *Correio da Semana* e no livro *De Caiçara a Sobral*. O mesmo texto foi publicado novamente um ano depois no jornal *Correio da Semana* com uma versão revisada e ampliada. Além do curto tempo entre as publicações atentamos para a configuração do texto, suas modificações e permanências. O título permanece o mesmo e nas três publicações as palavras que mais aparecem são *estranho* e *ruptura*. Mas, se comparamos os textos de 1971, percebemos algumas frases, palavras ou expressões que foram suprimidas pelo autor. Como exemplo, expomos a retirada da frase que expunha uma generalização dos municípios que adentravam a cidade de Sobral. Na primeira edição Padre Lira escreveu: “Homens e mulheres de Meruoca, de Groaíras, [...], de Mocambo e *enfim de todos os Municípios vizinhos*” (LIRA, 1971a, p. 109, grifo nosso). Na segunda e terceira edição do texto ele opta por um simples “etc.”: “Homens e mulheres de Meruoca, de Groaíras, [...], de Mocambo, etc.”.<sup>202</sup> Quais os motivos para tal modificação na escrita? “Etc.” é uma abreviação da expressão latina *et cetera*, que significa “e assim por diante”, “e o restante”, “e outras coisas mais”, no sentido de acrescentar sem explicitar, sem dar exatidão. A opção de utilizar o “etc.”, sem sombras de dúvidas dá maior “leveza” ao texto, afirmando existirem mais itens na lista de cidades, mas sem apontar “todos os municípios vizinhos”.

Na terceira edição percebemos um aumento do corpo do texto. Ele expande a discussão sobre a ruptura com o passado e coloca perguntas aos leitores que são bastante interessantes:

---

<sup>202</sup> A EVOLUÇÃO social de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. XXXV, 11 dez. 1971. Coluna Nossa História, p. 2.



E nossa cidade conserva a ligação com o passado? As novas modalidades de vida, de costumes, de manifestações intelectuais continuam o dinamismo do passado, a incentivar as novas gerações no amor e desenvolvimento da terra? Será que existe uma Sobral nova divorciada da Sobral de Domingos Olímpio, de Joaquim Ribeiro, do Padre Ibiapina, de João Tomé, do Dr. José Sabóia e de um D. José Tupinambá?<sup>203</sup>

A reflexão de Padre Lira buscava convidar os leitores a pensar sobre as modificações que estava sofrendo a cidade, mudanças que não eram vistas por ele como positivas, pois traziam uma ruptura com um passado. O que permitiria conservar uma “ligação com o passado”? Ele tenta indicar o caminho de retorno ao passado através de parágrafos que só são encontrados no texto do ano de 1972. Lira fala sobre o trabalho do Presidente Médici:

Quando o presidente Médici começou a fazer o Brasil dos brasileiros, quando obrigou os estrangeiros a respeitarem as nossas tradições, imediatamente começamos a crescer, o gigante acordou: vieram as duzentas milhas, a transamazônica deixou o mundo estupefato, a educação tomou novos rumos: em pouco tempo somos um[a] Nação respeitada.<sup>204</sup>

O Brasil estava vivendo o “milagre brasileiro” que durou pouco tempo, mas que se encaixava no discurso de Lira de retomada de Sobral para os sobralenses. A admiração de Lira pelo governo do general Emílio Garrastazu Médici é inegável, admitindo inclusive que “O grande Presidente fez o País aprender sua história, pois é conhecendo, é do conhecimento que vem o amor”.<sup>205</sup> Padre Lira parecia reproduzir o discurso das propagandas demagógicas do governo repressivo de Médici que repetia “Brasil - ame-o ou deixe-o”. Os projetos implementados por Médici durante seu governo, iniciado em 1969, citados rapidamente pelo padre, foram o I PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), o PIN (Programa de Integração Nacional) e o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Tanto a expansão

---

<sup>203</sup> A EVOLUÇÃO social de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 40, 22 jan. 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>204</sup> *Ibidem*.

<sup>205</sup> *Ibidem*.

do mar territorial para 200 milhas, quanto a construção da rodovia Transamazônica, são indicadas por Lira como “resposta” aos estrangeiros com relação ao desenvolvimento do país.

A diferenciação do sobralense perante o outro, o estranho, o estrangeiro, seria importante para afirmar a posição de Sobral em um âmbito maior. Para tanto os sobralenses deveriam retomar os feitos do passado e através do respeito à memória, continuar o trabalho iniciado pelos grandes heróis. Esse esforço de continuação, de retomada, seria ainda uma forma de evitar a ruptura com o passado, evidenciado pelo sentimento de “nostalgia da grandeza perdida” (CATROGA, 2005, p. 7).

O amor e o orgulho de ser sobralense faria retornar o passado áureo, retomaria o poder e permitiria alcançar uma posição elevada dentro do estado cearense: “Talvez seja este o único caminho que poderíamos tomar para que Sobral pudesse parar novamente na política e na administração do Estado”.<sup>206</sup>

Ao ilustre era acrescido o mérito pelas ações: ele glorifica o nome do local, presenteando-o de louros; ele que “faz” a história. Isso seria o que diferenciava o ilustre do resto da população nascida em Sobral. Lira apontava uma semelhança de pensamento com a ideia de “personalidade criadora” proposta no livro *O professor Toynbee e sua filosofia da História – A vida desmente o mito*, de Y. Kosminski. Reproduzimos aqui a citação escolhida por Lira para explicar a natureza da personalidade que cria. Segundo Kosminski:

Nem todos os indivíduos são capazes de fazer a história. Quem faz realmente a história é a “personalidade criadora”, a única que realiza coisas consideradas como milagres pelas pessoas comuns. Toynbee chama essa elite de “sobre-humanos”, “gênios”, “super-homem” e “seres humanos privilegiados”. Sua experiência íntima é a fonte de sua energia criadora (LIRA, 1976, p. 5).

Lira negava associar os sobralenses com os adjetivos listados, mas afirmava a necessidade de reconhecimento do espírito diferenciado e empreendedor dos caiçarenses e seus descendentes. Mas

---

<sup>206</sup> A EVOLUÇÃO social de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 40, 22 jan. 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

podemos relacionar a ideia de “personalidade criadora” ao que Lira imaginava sobre os sobralenses ilustres. Era o que, além do sangue, imprimia maior respeito e valorização aos nomes replicados pelo padre. Seriam os “filhos dedicados ao Brasil” (LIRA, 1976, p. 6). A personalização das evocações históricas era “um modo de dar rosto a um entendimento épico da história pátria”, acompanhado das festas cívicas (celebrações de datas e fatos), que teriam o fim de lutar contra um sentimento de decadência (CATROGA, 2005, p. 126-127). Os personagens da história são criados e cultuados para a função pedagógico-cívica, ou seja, para servirem de exemplo às “pessoas comuns”.

Porém, a questão não se colocava apenas sob a ótica de ser ou não ser sobralense. A sociedade de consumo incomodava Lira. Também lhe causava preocupação, pois alimentava um “novo modo de vida”, em que o homem se desumaniza deixando os valores espirituais em segundo plano, passando a desrespeitar normas de ética, lições da História e “tudo o que o passado lhe deixou como herança”.

## O sangue, o corpo e o túmulo

*O sangue é o lugar em que fazem consistir  
a singularidade,  
ou superioridade de uns a outros;  
naquele licor é o donde consideram como ocultas,  
e invisíveis todas as razões de diferenças;  
ali puseram o assento da Nobreza,  
e dali a fazem sair como de uma fonte original,  
e composta de infinitas distinções, qualidades,  
graus e quilates.<sup>207</sup>*

Marcel Detienne afirmou que uma nação é feita com “muertos, Ancestros e Historiadores”, pois são eles “que nos enseñan la grandeza

---

<sup>207</sup> MATIAS, A. *Reflexões sobre a vaidade dos homens e carta sobre a fortuna*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005. p. 164. (Coleção Pensamento Português).

de nuestra historia” (DETIENNE, 2005, p. 123). Na coluna *Nossa História*, Lira escreveu um texto no mínimo curioso. Com o título *Os restos mortais dos que fizeram nossa história*,<sup>208</sup> o texto disserta sobre os sobralenses ilustres falecidos e sepultados longe da cidade natal. Nesse texto Lira fala sobre a importância de possuir os restos mortais dos grandes nomes em seus locais de origem. Tratando esse tipo de ação como um ato de patriotismo, exemplifica os casos de traslado dos corpos de Napoleão Bonaparte e de Dom Pedro II que morreram afastados de sua terra, mas que foram posteriormente “repatriados”. Indicando uma dívida de gratidão dos vivos para com os mortos (que supostamente gostariam de ser sepultados em seus locais de origem) o padre trata de listar os filhos de Sobral que estão espalhados em terras estranhas.

Essa é uma fonte bastante rica e dela podemos refletir sobre a diversidade das ações de memória. Dessa forma, indicamos a dissecação das ideias relativas à importância do sangue, que indica os sobralenses verdadeiramente natos a partir de suas ações em vida; a relevância da presença do corpo que abençoa o local de origem no ato de consumação do ciclo da vida e a construção do túmulo como monumento com o fim de perpetuar uma memória vinculada ao nome do falecido, constituindo uma fixação de representações que se desejava para o presente. Ele indicava a necessidade do culto cívico aos heróis (CATROGA, 2005, p. 118).

## **A importância do sangue e da virtude**

Padre Lira acreditava que “o sangue dos mártires é semente de novos trabalhadores, a lembrança daqueles que engrandeceram nossa terra será sempre um incentivo ao dinamismo, ao progresso”.<sup>209</sup> Portanto, o sangue era fator essencial para a continuação de certos valores evidenciados como importantes. No entanto, não levaremos em consideração apenas a pretensão de pureza de sangue, mas também

---

<sup>208</sup> OS RESTOS mortais dos que fizeram nossa história. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 307, 2 jul. 1977. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>209</sup> GRANDES SOBRALENSSES. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 125, 15 dez. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

a metáfora que existe do sangue que se derrama pela terra natal. Isso era o que diferenciava os sobralenses dos sobralenses ilustres: o trabalho que se teve em vida para engrandecer o nome da cidade, a luta pelo bom progresso do torrão natal. O sangue exemplar e virtuoso desses sobralenses natos era o que incentivaria os jovens sobralenses a traçarem novos rumos de continuidade do passado. Sangue e corpo nesse sentido teriam um papel preponderante na reconstrução de uma memória supostamente ameaçada pelo esquecimento.

O sangue é um símbolo forte para a afirmação de “famílias nobres”. Sobral é conhecido pela enorme gama de produções genealógicas sobre diversas famílias tradicionais da cidade. E é através da construção de árvores genealógicas que se repete o exercício de reconstrução da tradição da “nobreza brasileira” que se configura como um culto a uma elite unida pelos laços consanguíneos, que acentua sua distinção dos demais grupos sociais (ABREU, 1996, p. 201). Levando em consideração a questão do sangue que enobrece e as ações reconhecidas que coroam de louros os heróis, se fazia importante a seleção de nomes enquadrados nesses critérios que poderiam fazer cumprir, mesmo em morte, o dever de memória. Segundo Gilberto Freyre, “O homem morto ainda é, de certo modo, homem social” (BATISTA, 2002, p. 21). Esse “homem social”, no caso, continuaria servindo à sua terra natal, dispondo de seu nome e sua ligação de sangue, suas obras em vida constituindo-se como exemplo a ser seguido: o culto não era direcionado apenas ao indivíduo, mas também às suas realizações terrenas. Seguindo essa lógica, Lira selecionou três dos quais não poderiam ser deixados no abandono em terras estranhas:

Sobral, certamente, ganharia muito se construísse pelo menos três mausoléus para abrigar as urnas funerárias de três dos seus maiores filhos. O exemplo dos Maiores impulsionaria, sem dúvida, o ideal dos nossos jovens: – Visconde de Sabóia, Domingos Olímpio e D. Jerônimo.<sup>210</sup>

Por que esses indivíduos e não outros? Segundo Peter Burke “algumas pessoas são mais, digamos assim, *mitogênicas* do que

---

<sup>210</sup> OS RESTOS mortais dos que fizeram nossa História. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 307, 2 jul. 1977. Coluna Nossa História, p. 2.

outras” e pode-se acrescentar características de qualidade que muitas vezes não existiam na pessoa (BURKE, 2000, p. 46). Mas, coloquemos foco sobre o processo de escolha feito por Lira ou na sua *percepção de enquadramento*: Visconde de Sabóia (Vicente Cândido Figueira de Saboya) foi médico cirurgião, diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e escritor. Está enterrado em Petrópolis-RJ; Domingos Olímpio, foi escritor do romance *Luzia Homem*, drama que se passa no período da seca de 1877 entre trabalhadores das obras de construção da Cadeia Pública de Sobral, é patrono da cadeia nº 8 da Academia Cearense de Letras. Encontra-se sepultado na cidade do Rio de Janeiro-RJ; e Dom Jerônimo Tomé, foi Bispo de Belém do Pará, Arcebispo de Salvador e professor do Seminário da Prainha. Seus restos mortais estão presentes numa sepultura situada em Salvador-BA.

Interessante perceber que os mesmos nomes são citados por Filgueira Sampaio no livro *História do Ceará* como os representantes de Sobral no capítulo *Filhos ilustres do Ceará* (SAMPAIO, s.d., p. 109, 117). Além de Olímpio, D. Jerônimo e Visconde de Sabóia, estava D. José Tupinambá da Frota, único da lista sepultado em Sobral.

O *enquadramento* tem o intuito de impressionar as pessoas e deve-se levar em consideração também a conveniência da escolha para as articulações da memória. Esses três homens tinham forte relação com o meio intelectual e exerceram grande influência na construção de uma memória edificante: eles eram o que Nietzsche ironicamente chamava de *raras pessoas* (NIETZSCHE, 2003, p. 22). Considerados como realizadores de grandes obras que puderam levar o nome da cidade de Sobral além dos limites regionais.

A fim de conseguir a concordância da população com relação à insistência das destruições realizadas pelos novos ricos, Lira oferecia um “diagnóstico” do que foi a cidade em seu auge. Alguns períodos, para ele, foram de extrema importância histórica. Ele dedicou vários capítulos de sua coluna para tratar de Sobral no fim do século XIX e início do século XX, finalizando na década de 30, considerada por ele uma “excelente época”.<sup>211</sup> Sempre na tentativa de mostrar o

---

<sup>211</sup> O NOSSO mundo social em 1929. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 222, 11 out. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

que era Sobral nesse período, Lira repete os títulos dos textos, pontuando os anos mais significativos: “Sobral em 1887”, “Sobral em 1927”, “Sobral de 1929 a 1930”. Datas marcantes para o sacerdote, pois dialogavam perfeitamente com as intenções de mostrar a superioridade das ações realizadas em nome do “bom progresso” sobralense, evidenciando as construções arquitetônicas, a vida teatral, religiosa e intelectual. Segundo o sacerdote a questão era simples: os sobralenses do passado eram desprovidos de qualquer atitude individualista e todos os seus esforços eram unicamente para engrandecer o nome de Sobral através do lema “desenvolvimento”. Ora, as gerações de 1875 e 1926, para Lira tinham:

[...] espírito de luta, de idealismo, de grandes empreendimentos e uma vontade férrea, quase uma obsessão de tornar grande nossa cidade. Eram homens desinteressados que davam grande parte do seu tempo para o desenvolvimento da terra.<sup>212</sup>

Para entendermos como Lira realizou essa classificação dos sobralenses ilustres, vejamos o texto intitulado *Grandes Sobralenses*, em que o padre faz uma divisão cronológica do período em que, na opinião dele, Sobral produziu mais filhos ilustres. Esse período seria dos anos 1870 a 1880 e de 1920 a 1930. Ele afirmava que “A geração de 1926 tinha muita coisa parecida com a de 1875”<sup>213</sup> e acreditava que existiam semelhanças entre as épocas com relação à realização de empreendimentos marcados pelo espírito de amor à terra natal e pelo idealismo. Segundo ele, os homens dessa época, prestavam grande parte de seu tempo em prol do desenvolvimento da cidade.

Fizemos uma relação dos nomes que mais aparecem em seus textos, tentando verificar a data de nascimento e morte dos citados, encaixando-os nos recortes temporais feitos por Lira. Chegamos à construção do seguinte quadro:

---

<sup>212</sup> O HISTÓRICO ano de 1926 para Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 122, 24 nov. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>213</sup> *Ibidem*.

Tabela 2 – Filhos Ilustres de Sobral segundo Pe. Lira

<b>FILHOS ILUSTRES DE SOBRAL</b>	
<b>1870 a 1880</b>	<b>1920 a 1930</b>
Padre Ibiapina (1806-1883)	Dom José Tupinambá (1892-1959)
Maria Tomásia (1826-1902)	
<b>Visconde de Saboya</b> (1835-1909)	
<b>Dom Jerônimo Tomé</b> (1849-1924)	
<b>Domingos Olímpio</b> (1851-1906)	
Barão de Sobral (1841-1878)	

Fonte: Elaborada pela autora.

Podemos perceber a existência dos nomes dos três eleitos na primeira coluna, além do desequilíbrio quantitativo entre os dois períodos. Por que essa discrepância? A necessidade de incluir o admirado Bispo Dom José era imperiosa, já que seus feitos incontestavelmente não poderiam passar despercebidos. Além disso, pode se fazer entender que o padre intencionava apontar a diminuição dos sobralenses ilustres e que isso denotava mais uma prova da ruptura com o passado.

Um texto de 1973 nos ajuda a compreender melhor essa questão. Sob o título de *Sobral de 1870*, período de existência quantitativa de sobralenses ilustres segundo Lira. Baseado no *Anuário do Ceará de 1870* no qual foram publicados os nomes dos representantes de cargos públicos e políticos, Lira reproduziu a lista de nomes que compuseram a Câmara Municipal de Sobral e dando maior atenção por participarem também da Comissão de Obras contra as Secas: Senhor Tenente Coronel Jerônimo José Figueira de Melo, Domingos José Pinto Braga Júnior e Francisco Marçal de Oliveira Gondim. Para Padre Lira esses três personagens entraram para



a História não pelo fato de ocuparem cargos políticos, mas sim pela “grandeza de espírito, pelo valor pessoal e pela dedicação à terra”.<sup>214</sup> Segundo Lira é na excepcionalidade que surgem os heróis, ou seja, nas dificuldades que exigem a coragem para enfrentá-las. Da mesma forma, Lira aponta os fatores que propiciaram o desaparecimento de líderes: a falta de amor à terra, a destruição das tradições, o “divórcio” com o passado (destruindo os laços existentes entre os homens e suas origens), o descuido dos próprios heróis em preparar seus sucessores, as transformações bruscas ocorridas na sociedade e a miscigenação.<sup>215</sup> Em outro texto, Lira lamenta o desaparecimento das lideranças sobralenses e assevera: “Acredito que, com a morte de D. José em 1959, foi encerrada a grande e valorosa *safrá de lideranças* que Sobral produziu desde a segunda metade do século XIX até a primeira etapa do atual”.<sup>216</sup> Dessa maneira, explica-se a existência solitária de D. José no *enquadramento* dos sobralenses ilustres.

Já que todo processo narrativo é seletivo, da mesma maneira funcionará o processo de construção do conjunto de heróis, que necessariamente excluirá a ação de outras pessoas, além de excluir os “tropeços” da vida dos “eleitos”, sobressaindo suas práticas virtuosas. Elizabeth Jelin nos orienta:

Resaltar ciertos rasgos como señales de heroísmo implica silenciar otros rasgos, especialmente los errores y malos pasos de los que son definidos como héroes y deben aparecer *imaculados* en esta historia (JELIN, 2002, p. 40).

Nesse sentido, os três ilustres citados faziam parte de uma categorização seletiva realizada por Lira. Essa categorização justificaria a escolha, bem como a importância da proposta de traslado de seus restos mortais. Porém, a ação de possibilitar aos ancestrais, o

---

<sup>214</sup> SOBRAL DE 1870. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 116, 6 out. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>215</sup> O APARECIMENTO e desaparecimento das lideranças. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 343, 6 maio 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

<sup>216</sup> CONDECORAÇÕES A sobralenses ilustres. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 344.2, 17 jun. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

descanso na terra que os alimentou, vai muito além do simples “retorno à terra natal”.

## **A presença numinosa e o monumento exemplar**

*No silêncio de uma urna depositam os homens as suas memórias,  
para com a fé dos mármoreos fazerem seus nomes imortais:  
querem que a sumptuosidade do túmulo sirva de ins-  
pirar veneração,  
como se fossem relíquias as suas cinzas,  
e que corra por conta dos jaspes a continuação do respeito.  
Que frívolo cuidado! Esse triste resto daquilo, que foi homem,  
já parece um ídolo colocado em um breve, mas  
soberbo domicílio,  
que a vaidade edificou para habitação de uma cinza fria,  
e desta declara a inscrição o nome, e a grandeza.  
A vaidade até se estende a enriquecer de adornos o  
mesmo pobre horror da sepultura.<sup>217</sup>*

Intentamos colocar em questão o tratamento que se ministra aos mortos. Veremos que não é um tratamento simples, demanda esforços e imaginação. E isso explica o fato da escolha minuciosa dos “mortos adequados”. Mas como representar um corpo sem vida? Os rituais cívicos tentam dar “vida aos mortos”, manipulando-os em datas comemorativas tal como peças num jogo de xadrez. Não esqueçamos que a sociedade é movida pelo desejo de imortalidade e, portanto, é inaceitável que os seus membros mais devotos, aqueles que melhor encarnam o espírito de afirmação dessa sociedade, possam vir a desaparecer ou cair no esquecimento (CATROGA, 1999, p. 11). Cada um tem sua função na relação entre mortos e vivos. A materialidade do corpo é importante para essa reflexão, pois o corpo passa a ser revestido de áurea, transmutando-se em relíquia sagrada

---

<sup>217</sup> MATIAS, A. *Reflexões sobre a vaidade dos homens e carta sobre a fortuna*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005. p. 41. (Coleção Pensamento Português).

através dos rituais. Esses rituais são repletos de sentidos de dissimulação da alteridade (a morte ou a não vida), negociando a sua representação com o intuito de imprimir a ela um caráter positivo:

[...] os ritos funerários – comportamentos complexos que espelham os afectos mais profundos e, supostamente, guiam o defunto no seu destino *post-mortem* – têm como objectivo fundamental agregar o duplo e superar o trauma e a desordem que toda a morte provoca nos sobreviventes (CATROGA, 1999, p. 12).

Por isso, o ritual funerário, ou o último rito de passagem, é uma prática libertadora da presença do cadáver. O corpo do herói se transforma em prova concreta da existência do mito e consequentemente reforça uma memória: o eterno torna-se palpável (DETIENNE, 2005, p. 128). E a sepultura, mais do que um lugar de descanso do corpo, se constitui em local da “presença numinosa”, já que está dentro do cemitério que é, por excelência, um lugar de “reprodução simbólica do universo social e das suas expectativas metafísicas” (CATROGA, 1999, p. 13). Através de símbolos, os cemitérios evocam o passado e perpetuam a recordação, sendo, portanto, locais monumentais ou lugares de memória (CATROGA, 1999, p. 20). Podemos citar as formas de divisão dos espaços no Cemitério São João Batista, em Fortaleza, em que os primeiros e mais artisticamente adornados mausoléus podem ser vistos na entrada principal do cemitério, enquanto os mais simples túmulos foram postos mais afastados. Essa divisão mostra que mesmo depois da morte, os indivíduos eram tratados conforme seu *status* social. Portanto, o cemitério pode ser visto como uma extensão das disparidades entre ricos e pobres, um lugar para os vivos, talvez mais do que para os mortos, ou seja, um espaço de exclusão e de conflito (BATISTA, 2002, p. 12).

A importância da presença do corpo na terra pátria se constituía como uma prática comum, pois servia de instrumento para qualquer país que desejasse construir um imaginário de nação a partir dos rituais. No caso do Brasil, citamos aqui o traslado dos restos mortais de D. Pedro I, culminando com as comemorações relativas ao Sesquicentenário de Proclamação da Independência do Brasil em 1972, uma das maiores festas populares da ditadura militar brasileira (CORDEIRO, 2009, p. 87). Para explicar o processo

desse traslado é importante falar sobre as ações anteriores que permitiram tal realização.

No ano de 1951, iniciaram-se os primeiros movimentos para construção de um local a fim de abrigar os despojos da família imperial. Em 07 de setembro de 1952, foi inaugurado o Cenotáfio (próximo ao Museu Paulista e ao Riacho do Ipiranga), que em 1959 fora convertido em Capela Imperial, através de decreto expedido pelo então prefeito de São Paulo, Ademar de Barros. O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo estava envolvido nas comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo em 1954. Segundo o planejamento para a festa cívica, constava a publicação de edições comemorativas, cunhagem de medalhas, congressos e exposições de caráter histórico, mas o ato primordial foi o traslado dos restos mortais da primeira imperatriz Maria Leopoldina Josefa Carolina. Os despojos de Dona Leopoldina, chegaram a São Paulo em 12 de outubro de 1954,<sup>218</sup> onde ficaram expostos para visita no Panteão, situado sob o Monumento da Independência.

Em maio de 1971, pouco antes das festas de comemoração dos 150 anos da Proclamação da Independência, instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, IHGB e o Itamaraty, organizaram-se para realizar o processo de transferência, através de um acordo com o governo Português para a concessão dos restos mortais do 1º imperador. Somente em agosto de 1971, o presidente de Portugal, concordou em conceder o corpo, com a condição explícita de que o coração permanecesse na cidade do Porto (respeitando o desejo do próprio imperador expressado em testamento). O presidente do Brasil na época, Emilio Garrastazu Médici, esteve envolvido nos acordos de forma direta, informando amplamente por rádio, TV e jornais sobre a vinda dos restos do herói na comemoração do Sesquicentenário da Independência do Brasil. As comemorações foram realizadas também em Portugal, uma vez que havia uma relação diplomática entre os dois países, envolvidos num plano de consolidação de uma Comunidade Luso-Brasileira. Além disso, Portugal tinha o interesse de demonstrar a

---

<sup>218</sup> Antes os despojos se encontravam no Convento Santo Antônio, no Largo Carioca, no Rio de Janeiro.

excelência da ex-colônia minimizando assim as lutas pela independência das Colônias portuguesas no continente africano (CATROGA, 2005, p. 140-141).

O governo nacional pensou na organização do traslado buscando exaltar os significados existentes em todo o ritual simbólico. O corpo seguiu o trajeto de 4.500 milhas (o mesmo percorrido por Cabral) e veio escoltado por representantes da Marinha Portuguesa e cerca de 800 homens chefiados pelo Almirante Carlos Auto Andrade, acompanhados por uma ampla cobertura da imprensa e um grupo de representantes do governo português. Em 22 de abril de 1972 ocorreu a chegada dos restos de D. Pedro I à Baía da Guanabara, no Rio de Janeiro. A escolta foi garantida pelo Exército Nacional até o Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo. A cerimônia consistiu de ampla presença das Forças Armadas e da solenidade de entrega dos restos mortais pelo presidente de Portugal para o presidente do Brasil. A cerimônia foi acompanhada por uma multidão de cerca de 10 mil pessoas e foi televisionada.<sup>219</sup> Os restos mortais seguiram em peregrinação por todas as capitais antes de chegar ao local de “descanso”. Depois de seguir o mesmo caminho feito por D. Pedro I no dia da Proclamação da Independência, o caixão finalmente chegou à Capela Imperial, no Monumento da Independência, no dia 7 de setembro de 1972. Enquanto inúmeras homenagens eram prestadas, filas eram formadas pela população para ver os despojos do Imperador. Somente em 1982 foram trasladados os restos mortais da segunda imperatriz do Brasil, D. Amélia<sup>220</sup> para a Capela Imperial na cidade de São Paulo.

O ato de traslado dos restos mortais dos heróis foi amplamente utilizado pelo Governo Militar a fim de instigar um sentimento nacionalista. Alguns dos objetivos do evento eram despertar o sentimento cívico, ressaltar os feitos e cultuar a memória dos vultos da Independência, dessa forma “Despertar no povo o amor

---

<sup>219</sup> Segundo Janaína Martins Cordeiro: “[...] o Sesquicentenário da Independência pode ser considerado como uma ocasião importante para se observar a adesão e o consentimento social com relação ao regime” (CORDEIRO, 2009, p. 87).

<sup>220</sup> Anteriormente os restos mortais da imperatriz D. Amélia estavam em Portugal.

pelo passado, ligando-o ao presente, e preparando-o para a consolidação de uma fé nos destinos do país”.<sup>221</sup>

Os restos do Imperador, de D. Leopoldina e de José Bonifácio de Andrada e Silva passaram por Fortaleza e ficaram expostos para a apreciação pública na sede do Instituto do Ceará entre os dias 09 de 11 de julho de 1972,<sup>222</sup> sob forte vigilância da guarda de honra. Em discurso pronunciado na recepção da urna funerária, o então governador do Ceará César Cals de Oliveira Filho exaltou o acontecimento que em sua opinião só seria possível por causa da Revolução de 1964.<sup>223</sup>

Dentro da vasta programação<sup>224</sup> que foi organizada pela Comissão Estadual do Sesquicentenário de Independência do Brasil, presidida pelo secretário de cultura do Ceará em exercício, Ernando Uchoa Lima, havia mais um grande evento: o traslado dos despojos sepulcrais do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, ocorrido no dia 18 de julho do mesmo ano. Mesmo que tenha sido um pouco ofuscado pela figura do imperador, houve uma tentativa de vinculação dos dois nomes. As homenagens não eram direcionadas somente ao Imperador, mas também ao ex-presidente, “em uma tentativa de colocar o marechal ao lado do imperador no *Panthéon* dos heróis nacionais” (CORDEIRO, 2009, p. 88). No Ceará foi forte a participação do Instituto do Ceará nas ações de transferência dos

---

<sup>221</sup> PROGRAMAÇÃO GERAL. Dom Pedro I e o Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo Especial de 1972 – Comemorativo do Sesquicentenário de Independência do Brasil. Série Programação Geral, p. 251. CD-ROM n. 2.

<sup>222</sup> PROGRAMAÇÃO GERAL. Dom Pedro I e o Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo Especial de 1972 – Comemorativo do Sesquicentenário de Independência do Brasil. Série Programação Geral, p. 260. CD-ROM n. 2.

<sup>223</sup> Discurso pronunciado a 09 de julho de 1972 por Governador César Cals de Oliveira Filho: Honra aos despojos imperiais. IN: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo Especial de 1972 – Comemorativo do Sesquicentenário de Independência do Brasil. Série Documentários, p. 175-177. CD-ROM n. 2.

<sup>224</sup> As comemorações ocorreram de abril a setembro do ano de 1972. Intentava-se a ampla divulgação das falas do presidente Médici em rádios, TVs e carros de som. Hinos, badalar dos sinos e canhões deveriam ser ouvidos durante as festividades, além do hasteamento do pavilhão nacional nas escolas, praças e repartições públicas. Foram inúmeras as palestras, acompanhadas da obrigatoriedade de enfeitar as cidades de verde e amarelo (foram distribuídas bandeiras, fitas verde e amarelo, panfletos com hinos e com dados biográficos dos vultos da Independência).

despojos Castelo Branco.<sup>225</sup> O complexo sepulcral foi anexado ao Palácio da Abolição e depois dos festejos, visitas ao mausoléu de Castelo Branco eram realizadas como atividade cívica no calendário letivo das escolas públicas de Fortaleza (MELO, 2006, p. 105).

Como vimos essa não era uma prática incomum e podia ser realizada mesmo em níveis regionais. Citamos ainda os rituais cívicos de chegada dos despojos de General Sampaio à cidade de Fortaleza (vindos do Rio de Janeiro) no ano de 1871. As homenagens realizadas circularam em torno do herói cearense e seus despojos foram considerados como “sagradas relíquias” (BATISTA, 2002, p. 113). Henrique Batista disserta sobre os rituais que contaram com uma programação especial: presença de representantes políticos e militares, construção de mausoléu, longo cortejo pelas ruas, banda de música, cerimônia fúnebre e salva de canhões. Era além de tudo uma encenação do poder nas ruas da cidade (BATISTA, 2002, p. 114).

Como vimos, os ritos tiveram participação popular, foram propagandeados por um forte esquema idealizado e postos em prática por instituições que organizaram os atos cívicos de homenagem aos mortos. Isso porque, o rito só tem sentido quando há interação e consenso entre os agentes do drama encenado. Ou seja, é necessário haver uma organização de signos capazes de gerar uma eficácia simbólica que sustentará a importância do espetáculo dentro de um *horizonte de crença* coletivo (CATROGA, 1999). Além da presença material do herói, da sacralização do espaço (CATROGA, 2005) e da organização simbólica, era imperioso o ato de apontar, pois “no gesto sumariador de apontar conclui-se o ato da recordação dos locais de memória” (ASSMANN, 2011, p. 344).

O ato de apontar é realizado por Lira em seu texto no jornal. Ao citar os sobralenses ilustres sepultados na terra natal, o padre indica os locais onde podem ser encontrados seus restos mortais: “Sobral guarda a urna funerária do Senador Paula Pessoa em um minúsculo mausoléu debaixo da torre direita da Catedral”. Ao falar de Dom José Tupinambá da Frota, por exemplo, Lira escreve:

---

<sup>225</sup> Ata de reunião de 20 de julho de 1972. *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo de 1972. Série Atas das Sessões, p. 333. CD-ROM n. 2.

Na Catedral está sepultado um dos mais insignes sobralenses. Ele fez a História e preservou a história. Na lápide que cobre a sua sepultura lê-se o seguinte: *Hic jacet Josephus – Primus Episcopus Sobralensis. 10-09-1892. 25-9-1959. Ad pedes Domini Requiescat.*<sup>226</sup>

Não apenas através da indicação do local que se refere o ato de apontar os lugares de memória, mas também através da inscrição na pedra que permite alicerçar o diferencial do lugar e firmar uma memória que se desejava para o morto.

A inscrição que reveste de escrita o local, de modo a elucidá-lo, pode vir em auxílio dessa recordação. Sua forma básica é a inscrição sepulcral com seus imutáveis “aqui jaz”, *hic jacet, pos tamum*. Uma escrita como essa não apenas não pode ser desvinculada de um local específico, mas ela mesma é o símbolo de fixidez espacial (ASSMANN, 2011, p. 344).

Nesse sentido, a nomeação e identificação do ausente na pedra, selaria a relevância do local, já que a inscrição é um símbolo de fixidez espacial, mas, além disso, pretende tirar do esquecimento o evocado, a fim de renovar seu rosto e identidade (CATROGA, 1999, p. 18). Lira entendia que o local do túmulo era importante, mas, além disso, a presença dos restos mortais dos heróis concederia áurea a esse local. O amor e a fidelidade pela terra natal guiariam os pensamentos do filho da terra que, “agradecido por sua existência” (NIETZSCHE, 2003, p. 25), fincaria o pé no chão, enraizando-se mais ao venerar os heróis do passado. E como um fechamento do ciclo da vida, a terra que deu a vida seria presenteada com o corpo e este por sua vez teria o privilégio do retorno às origens. O sepultamento no lugar de origem daria aos maiores sobralenses, mesmo depois da morte, a missão de continuarem o trabalho que supostamente tiveram em vida: o de perpetuar o amor e o engrandecimento da terra natal. Destaque-se que evocação dos mortos para tal fim nada mais é do que um ato de *re-presentificação* da imagem purificada dos evocados que servirão de exemplo. É através do exercício de idealização da personalidade e exaltação de suas qualidades, somando-se a uma maquiagem dos seus defeitos, que o defunto é edificado

<sup>226</sup> “Aqui reside João. Primeiro Bispo Sobralense. 10-09-1892. 25-9-1959. Aos pés do Senhor”.



como modelo a serviço das práticas identitárias dos grupos (CATROGA, 1999, p. 31). Diante do desejo de eternidade daquilo que representa cada um dos falecidos e “perante a incompreensibilidade do morrer, a memória emerge como protesto compensatório” (CATROGA, 1999, p. 15). Ou seja, o falecido posto como herói garante a imortalidade do que ele passará a representar a partir dos atos de honra que carregam o seu nome, como um ato final de gratidão ao solo, entregando-lhes tudo: a vida e a morte.

Mas, para o padre, a presença do herói seria evidenciada com maior furor, através da construção do monumento: este garantiria uma fixação do ato de apontar, ou seja, uma maior possibilidade de semear a memória. A homenagem permitiria indicar não só o local de jazido, mas sua importância e o que se desejava representar a partir dele. Ou seja, o passado em si não é fundamental nesse discurso, mas o que se faz dele a favor do presente. As necessidades do tempo presente é que indicam os atos realizados com relação ao passado. “Um local - está claro - só conserva lembranças quando as pessoas se preocupam em mantê-las” (ASSMANN, 2011, p. 347).

Mas o que se “enterra” no túmulo dos “imortais”? O corpo ou o ato praticado pelo homem? A carne ou a ideia do que foi o homem? Nesse caso, as duas coisas eram importantes. O trabalho simbólico realizado pelos cultuadores cívicos

necessitava *conservar* os vestígios do corpo, dissimulando a inevitabilidade do seu aniquilamento, de modo a dar credibilidade à revivência ritual do defunto e à sua celebração paradigmática, horizonte de crença necessário à construção do céu da memória (CATROGA, 1999, p. 36).

O túmulo/monumento pode existir sem o corpo do herói. A carne, pelo contrário, é avidamente devorada pela terra e sem um local demarcado, perde sua razão de existir no mundo. Mas, ao ser embalsamada ou colocada sob a pedra, a carne ganha a capacidade de “servir” a algum propósito e o túmulo/monumento, por sua vez, ganha reforço em seu significado simplesmente pela presença dos restos mortais. Uma das funções do túmulo como repositório do que foi carne viva é devorar e digerir o cadáver. Mas, por outro lado, ele é constituído de uma sobreposição de *significantes* (signos

de distinção e identificação do morto como a vestimenta do cadáver, o caixão, a pedra tumular, o epitáfio, a estatuária, a fotografia etc.) com a intenção de criar uma aceitação da incorruptibilidade do corpo, bem como de demarcar o lugar social ao qual pertencia o morto (CATROGA, 1999, p. 15).

E para o ato de “enterrar” (equivalente ao ato de esquecer) era importante a instituição do túmulo indicando a presença do corpo, informando quem era o “imortal”, negando assim o processo de esquecimento. Levemos em consideração que “[...] a memória e o esquecimento são, portanto, irmãos siameses filhos da fugacidade do tempo, pelo que, para se conhecer uma vida ou uma sociedade, será importante recordar como não se esquecer do esquecido” (CATROGA, 1999, p. 32).

Lembrar como não se esquecer: ação a todo momento posta como orientação básica nos escritos de Padre Lira. Segundo Le Goff os monumentos têm duas especificidades. Eles podem funcionar como obra comemorativa (de arquitetura ou de escultura) e como monumento funerário intencionando perpetuar determinada recordação mesmo depois da morte: “O *monumento* tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos” (LE GOFF, 2013, p. 486). Sabendo que os monumentos túmulos tinham a função de perpetuação da memória, Lira considerava um ultraje os jazigos dos grandes homens sobralenses estarem “esquecidos de tudo e de todos”, escondidos e principalmente: quase indistinguíveis dos túmulos dos demais.

Como afirma Assmann: “Quando não se podem mais visitar os túmulos [...] então também a memória do local se dissolve com eles” (ASSMANN, 2011, p. 348). Portanto, era necessária a existência dos monumentos sepulcrais para perpetuação da memória, através não somente da inscrição na pedra, mas da construção do monumento que indicaria um exemplo a ser seguido, “como lembrete e advertência [...], como um ponto de partida para pensamentos e ação. Todos os monumentos trazem tacitamente a inscrição: Lembre-se e pense” (BATISTA, 2002, p. 106). A exemplaridade seria o grande mote para a efetivação de um projeto pedagógico

proposto por Padre Lira. Lembramos que a presença dos restos mortais e a construção do monumento sepulcral eram uma forma de materializar esse projeto.

A tradição e a postura antiquária (claramente evidenciada nos escritos de Padre Lira) ajudaram a estabelecer um interesse diferenciado sobre o que era tido como passado: “os restos materiais de sua existência e o seu culto quase devocional poderiam atestar a existência efetiva deste passado e deste modo impor-se pela sua existência material ao legado da palavra escrita” (GUIMARÃES, 2008, p. 40). Portanto, a capacidade de se constituir através da materialidade permitiria maior adesão do que a palavra escrita (mesmo que dela ainda se utilizasse) criando certa hierarquia com relação aos objetos materiais que serviriam de testemunho do passado. A escrita é abstrata. Os incrédulos, assim como o apóstolo São Tomé, precisavam ver para crer. E o gosto específico pelo passado era incentivado através da referência e da áurea creditada ao objeto material. Melhor dizendo, era pela sua tangibilidade que “o passado parecia possível de ser verdadeiramente acessado” (GUIMARÃES, 2008, p. 40). O monumento, em toda sua pompa, permite a leitura tangível da história que se quer contar sobre o passado e sobre o morto.

As representações coletivas e simbólicas do passado dependem da existência de representantes para garantir sua estabilidade e continuidade (CHARTIER, 2010, p. 50). O que Howard Becker intitularia de *empreendedores morais* e Elizabeth Jelin prefere chamar de *empreendedores da memória* (JELIN, 2002, p. 48). Para Jelin o empreendedor é aquele que se envolve pessoalmente em seus projetos (podemos mesmo dizer apaixonadamente) e tem a necessidade de envolver outras pessoas, pois sua tarefa tem sentido como coletividade e não como individualidade. Ele sugere a prática coletiva da recordação. Lira usa a expressão *Nossa História*, denotando um caráter de coletividade a ela. Isso porque o agente da memória através do pronome *nós* “lança olhar para além da vida individual estranha e passageira e sente a si mesmo como espírito da casa, da espécie, da cidade” (NIETZSCHE, 2003, p. 26). O empreendedor da memória convida à participação coletiva, senão seu esforço seria em vão, sua fala não teria eco. Dessa forma, acreditamos que Padre Lira, tomou para si o esforço de lembrar o que se fazia esquecer numa

cidade que estava em constante mudança. Ele se colocou como representante para defender a memória de Sobral.

## **O amor à antiguidade e o apetite oral pelo passado**

Mas, os túmulos são mudos. Os monumentos e as inscrições ajudam, mas não efetivam o sentimento que se deseja extrair dos vivos. Os túmulos, portanto, só poderiam “falar” se houvesse uma memória conservada que ajudaria a mediar os ensinamentos que os mortos teriam para os vivos. De acordo com Barrès, para a construção de uma consciência nacional é imprescindível um elemento “mais inconsciente”. Esse elemento, que deveria trabalhar conjuntamente com todos os outros esforços, é composto por bons sentimentos, pela paixão que têm o poder de envolver, de seduzir através da empatia que sugere sentimentos de pertença, de amor pelo sagrado, auxiliando fortemente a construção nacional (DETIENNE, 2005, p. 127). Ou seja, as experiências “inconscientes” podem ser utilizadas para ampliarem o sucesso de projetos racionais de desenvolvimento do patriotismo, já que ser patriota é ser sensível aos símbolos. O respeito é construído a partir da emoção que se sente ao vislumbrar a bandeira, ao escutar o hino, ao visitar o túmulo do herói.

Lira parecia saber que para desenvolver um “diálogo” entre vivos e mortos, era preciso ter maior sensibilidade ou mesmo como ele diz: um “paladar histórico”. A valorização do sangue e do corpo, acompanhada da edificação de um mausoléu, monumentalizaria uma forma de visão sobre o passado que passaria necessariamente por um “apetite oral” (BANN, 1994, p. 143). O “amor à antiguidade” é tido assim como uma experiência sensorial: o prazer de degustar, de sentir o através do envelhecimento, o sabor diferenciado. Atentamos para a sensibilidade antiquária analisada por Stephen Bann, que mostra ser essa prática formada na passagem do século XVIII para o século XIX (BANN, 1994, p. 140).

Mas estamos falando de cadáveres, portanto como podemos conceber tal relação com o paladar? O trabalho do antiquário, o amante do passado, é importante para entendermos os mecanismos

de valorização da memória que se utiliza de “rótulos evocativos” para incrementar os fragmentos do passado:

Com certeza, está claro que a necessidade de Fausset em ornar seus achados fragmentários com estes rótulos evocativos, provocando repulsa ou prazer, dizem-nos menos sobre os próprios objetos do que sobre sua própria força de motivação (BANN, 1994, p. 142).

A força de motivação (arte de apontar, de rotular, de tornar visível), para o amor ou ódio, o prazer ou a repulsa, é importante para entendermos que essas práticas seguem nuances mais fortes do que o valor (superior ou inferior) do próprio fragmento do passado. Nesse sentido, Lira criou “rótulos evocativos” para os restos mortais dos sobralenses, a fim de transformar a sensação de repugnância sentida pelo cadáver em prazer de reverenciar o corpo do herói. Mas, ele mesmo tinha a consciência de que para tanto não bastava o ato de valorização. Era necessário ter “apetite histórico”: “Não sei se o nosso povo já possui o *paladar histórico* para saborear este alimento cultural, alimento aliás, próprio dos povos elevados” (grifo nosso).<sup>227</sup> Na opinião de Lira, o povo sobralense não estava envolvido o bastante para entender a importância e a necessidade da construção de monumentos aos heróis e da sua presença no solo de origem. O envolvimento é o conceito que mais está adequado à experiência de sentidos que é própria do antiquário (BANN, 1994, p. 148), pois o sentido é completamente simbólico e não é imediatamente inteligível. É preciso envolver-se nessa teia de sensibilidades para envolver-se com as simbologias. Segundo Nietzsche:

O homem envolve-se com um cheiro de mofo; através da mania anti-quária, ele consegue mesmo reduzir uma disposição mais significativa, uma necessidade nobre, a uma sede insaciável por novidade, ou, mais corretamente, por antiguidade, e por tudo e por cada coisa; frequentemente ele desce tão baixo que acaba por ficar satisfeito com qualquer migalha de alimento e devora com prazer mesmo a poeira de minúcias bibliográficas (NIETZSCHE, 2003, p. 28-29).

<sup>227</sup> OS RESTOS mortais dos que fizeram nossa história. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 307, 2 jul. 1977. Coluna Nossa História, p. 2.

O envolvimento implacável do antiquário é criticado por Nietzsche que aponta o que Stephen Bann chama de perigo do antiquário que é a ação de fetichizar o fragmento em detrimento do todo (BANN, 1994, p. 150). Isso ocorre, pois o antiquário tem o olhar restrito pelo envolvimento: vê o próximo e o isolado, maximizando o pequeno, amplificando seus valores. Dessa forma ele não somente olha para trás com fidelidade, mas também exige a fidelidade dos outros (NIETZSCHE, 2003, p. 26-28).

O alimento cultural, segundo Padre Lira, só seria digerido de forma adequada com o aprimoramento de um paladar específico, que diferenciaria os cultos dos incultos. Essa experiência sensorial era um dos dispositivos simbólicos<sup>228</sup> fundamentais para ajudar a enfrentar o luto relativo ao passado. Luto que não era sofrido por todos. Dessa maneira, Lira admitia que nem todos os sobralenses possuíam a capacidade de degustação de uma especiaria cultural. As exigências impostas pelo autor sobre uma postura diferenciada com relação às coisas do passado estavam presentes no que ele escrevia. E não tinha a ver apenas com o aprimoramento sensorial, mas principalmente com o sentimento que se tinha sobre o passado da cidade. O amor ao passado podia ser entendido também como amor à memória da cidade.

Porém, não afirmamos que Padre Lira era um antiquário. Antes, confirmamos que são perceptíveis certas ideias próprias do pensamento antiquário em seus escritos. Segundo Manoel Luiz Salgado Guimarães, a noção de quem era o “amante das coisas do passado” partia de um estereótipo do colecionista que se arrastava desde o século XVIII, configurando-o como um:

Erudito desprovido de um sentido mais contemporâneo para sua atividade colecionista, alheio às questões centrais de seu tempo e devotando ao passado culto religioso, sacralizando os seus objetos pelo próprio fato de trazerem em si inscritas as marcas de um tempo passado e distante como que um signo suficiente para o seu valor (GUIMARÃES, 2008, p. 43).

---

<sup>228</sup> A experiência sensorial podia partir tanto do paladar, quanto do olfato, do tato e da visão. Para tanto ver além de Guimarães, os exemplos sobre a experiência relativa à visão e ao olfato no trabalho de Bann e no muito citado romance histórico de Scott.

Deste modo não poderíamos encaixar Padre Lira nessa definição uma vez que o “amor pelo passado” que ele indicava era motivado principalmente por questões do presente. Mesmo denotando alto valor aos “tempos de ouro” de Sobral, a insatisfação com a dita ruptura com o passado, não nos permite destacá-lo como alheio ao tempo presente. Na constituição da própria História como disciplina (organizando-se através de debates, do estabelecimento de seus objetos e objetivos, regras e métodos) foram incorporados métodos da tradição antiquária no pensamento relativo ao passado (GUIMARÃES, 2008, p. 73). Dessa maneira, por mais que Lira não possa ser “definido” como um historiador antiquário, não podemos negar que ele absorveu muito da inclinação antiquária.

# É preciso enxergar criticamente as cidades

*“Nada se conserva, nada se guarda,  
repetia, aflito, Gustavo Barroso.  
Medo indefinido da perda, do esfumaçamento na morte.  
As construções dos homens se es-  
vaindo na esteira do progresso.  
Os nomes das ruas mudando a cada passo.  
Tradição! Tradição!  
Tradição como antídoto à mudança que tudo desfigurava.  
Repúdio às novidades, ode ao antigo!”.*  
(ABREU, 1996, p. 199)

**Q**uantos caminhos e descaminhos, quantos problemas e problematizações são enfrentados por um pesquisador? Tantos quantos forem possíveis para que seu trabalho faça algum sentido. As questões que tenho hoje comigo são outras. Contento-me com a tentativa de responder as primeiras que fizeram surgir essas outras. É necessário vivenciar Sobral em suas contradições para entender que as disputas pelo espaço da cidade, como utilizá-lo, para quê e para quem, ainda estão presentes em seu cotidiano de maneira muito forte. Por isso, atentamos ao leitor que todas essas disputas pela cidade, pela sua memória podem ser facilmente vistas em todas as cidades que desejemos analisar com mais profundidade. É uma questão temporal e abrange qualquer espaço territorial. Sobral, cidade dita moderna, mas nem tanto, guarda consigo tantas incongruências quanto se pode imaginar e assim segue cantando a Princesa do Norte



sua nobreza carcomida pelo tempo e renovada pelo esforço dos “bons filhos”. Denis Melo descreve Sobral como uma “invenção da razão e do coração” (MELO, 2013, p. 410), pois a cidade se mostra em toda sua inconstância e evanescência. Ela nos obriga a percebê-la, por mais que não a compreendamos por completo, pois o misto de sentimentos, sensações e discursos nos confundem a cabeça e os sentidos. Lembremos sempre: “a história nunca é escrita sem amor ou ódio” (RODRIGUES, 1981, p. 31). Ela entende as relações entre os dois sentimentos, pois a partir deles é que surgem todas as ações humanas que compõem a história. Tanto os discursos de amor incondicional, quanto os discursos de ódio e zombaria se “ativam” entre si. E é preciso sempre desconfiar das ações de “amor incondicional” dos “bons elementos”: elas tentam esconder as outras facetas do jogo social que não se quer mostrar, mas que, no entanto, estarão sempre à disposição para quem quiser ver.

Mas, será que para Lira, Sobral era de difícil compreensão? Acreditamos que de maneira alguma. Para o sacerdote, Sobral era simplesmente a nobre e heráldica cidade intelectual da região norte do Ceará. A base principal de sua formação, construída a partir do respeito pelas tradições sobralenses, fez com que Lira se tornasse um seguidor ferrenho e dedicado. Sobral era vilipendiada por aqueles que não entendiam a realeza proposta na expressão “Princesa” e para Lira, os ataques partiam de pessoas que definitivamente desconheciam a história nobre da cidade. Sua fé nas ações empreendedoras dos filhos ilustres o enchia de certezas e esperanças. Era necessário fazer compreender a memória da cidade. Por isso tomou para si a missão de apontar os erros, encontrar as provas e iluminar as mentes.

Através da construção de seu acervo procurou mostrar-se também como um filho ilustre. E por que não? Segundo sua teoria os filhos ilustres seriam aqueles que lutavam em prol do desenvolvimento intelectual, cultural e estrutural da cidade. Lira foi um deles. Em todo seu esforço batalhou para defender a terra natal. Teve sua morte lamentada e registrada em livro, seu acervo protegido e posto à consulta pública e ganhou sala em sua homenagem no seu tão adorado Museu Dom José. O mesmo casarão onde ele residiu e de onde um dia foi expulso; depois da morte, ele retorna com os louros

batalhados durante a vida inteira. Consideramos os impasses de sua vida (chamados por ele de injustiças) que alimentaram ressentimentos e foram exteriorizados na velhice em suas escritas autobiográficas. Entendemos assim que a memória é composta por sentimentos que maximizam ou minimizam ações e acontecimentos. Por isso não é possível encontrar neutralidade nos escritos de Padre Lira, este que se mostrou decisivamente claro em suas opiniões e incisivo em seus ataques: era preciso continuar as glórias do passado e retomar o progresso respeitoso pelas tradições.

Na década de 1970 e 1980 a cidade vivia o caos na concepção de Lira. As práticas eram outras e a sociedade ansiava por acompanhar as mudanças exigidas pela modernidade. A cidade vivia em meio à sujeira, ao descaso político e às constantes alterações e demolições de prédios históricos. Para um padre tradicional como era Lira, essas eram questões urgentes e precisavam ser sanadas. A Princesa do Norte não podia perder o *status* de realeza. Defendê-la era preciso. Encontrar culpados também. O êxodo rural multiplicava os barracos à beira do Rio Acaraú e famílias pobres enchiam as ruas e becos de Sobral. Eram em seu discurso chamados de “estranhos”, pois vagavam a “enfear” o centro histórico, a propagar seu analfabetismo e falta de bons modos. Mais do que isso, traziam o diferente, o desconhecido, assustando e potencializando os diversos problemas sociais. O padre atacava também os dirigentes que não eram filhos verdadeiros de Sobral, acusando-os de não ter amor suficiente para gerir a cidade. Pejorativamente chamando-os de “novos ricos”, Padre Lira mostrou todo o desprezo que possuía por essas pessoas, que em sua visão, enriqueceram à custa de casamentos com membros das famílias tradicionais, assim sugando toda a nobreza que não lhes vinha “de berço”. Reclamar Sobral para os sobralenses natos era um imperativo na escrita do sacerdote.

Padre Lira também se envolvia em discussões que iam além das relações sociais sobralenses: iam para além dos limites fronteiriços. Ser sobralense era diferente de ser fortalezense, ou seja, era melhor. E mais, Sobral era melhor do que as outras cidades do Ceará. Procurando “provar” através de documentos históricos que no passado Sobral usufruía de riqueza maior, sendo mais evoluída do que Fortaleza e Crato, o sacerdote buscou mostrar o quanto o sobralense

tinha para se orgulhar. Era uma questão estratégica minorar alguns para fazer brilhar ainda mais a Princesa.

Instigar o desejo por continuar o trabalho exercido pelos sobralenses ilustres do passado era o principal foco na batalha pela memória encetada por Padre Lira. Dessa maneira, era de grande importância que todos participassem do processo de reconhecimento do valor que o passado tinha. Educar os menores e fazê-los crescer sabendo desse valor era um dos projetos do padre. Ele acreditava que, através do ensino da história local, mediada pela educação moral e cívica, era possível encaminhar os jovens a se tornarem cidadãos prontos a trabalhar em prol do torrão natal. O Museu Diocesano Dom José se enquadrava muito bem em seu discurso, pois era através dos objetos valiosos expostos em seu acervo que os aprendizes comprovariam seus estudos. A materialidade do passado era uma das principais questões para se fazer cumprir com as exigências de um projeto educador cívico. Por isso, Padre Lira reclamava o retorno dos restos mortais de sobralenses ilustres que se encontravam em terras estranhas. Os corpos físicos dos heróis, na visão de Lira, instigariam a coragem dos mais jovens para a luta pelos interesses cívicos. Alimentar-se desse banquete era encher-se de iluminação e de consciência cívica, compreendendo as ações dos ilustres e assumindo para si o mesmo exemplo, o mesmo caminho e as mesmas batalhas. O cidadão ideal, para o padre, era aquele envolvido com a virtude do desinteresse, pensando no coletivo mais do que no individual, evitando agir somente em interesse próprio.

Não entendemos a pesquisa que o leitor tem em mãos como um ponto final nos estudos sobre o trabalho de Padre Lira. Adoramos que fosse apenas um início, já que reconhecemos as limitações que cada pesquisador necessariamente possui. Apontamos a grande variedade de temas que podem ser abordados através dos arquivos de Padre Lira em diversas áreas de conhecimento. Nossa análise se constitui como mais uma contribuição aos estudos sobre a memória de Sobral, procurando tomar os discursos dos agentes aqui trabalhados em toda sua complexidade de interesses e levando em consideração seu lugar social. Também tivemos a preocupação no trato com as fontes que foram lidas a partir de problematizações próprias do exercício historiográfico.

Nosso interesse não foi realizar uma biografia do padre, mas sim esmiuçar as palavras e os sentidos delas em seus escritos autobiográficos. Para tanto foi necessário compreender o caminho que foi seguido pelo menino Eduardo, para se tornar o escritor Padre Lira, mas principalmente como e o quê o autor escolheu contar sobre sua história de vida. Lembremos que o papel do historiador é sistematizar memórias através de mecanismos teóricos e metodológicos que consideram as diversas possibilidades que as fontes podem nos oferecer. Analisamos a escrita de Padre Lira tentando encontrar a multiplicidade existente em sua personalidade, o que ele tentava esconder (pois, todos nós escondemos algo) e o que ele ansiava tornar público. Não esqueçamos ainda que as memórias de vida de alguém sempre estarão presas numa rede de outras memórias e interesses, pois a memória é um emaranhado de múltiplas vivências e experiências que são tanto individuais quanto coletivas, e elas sempre serão pautadas no presente. Quem lembra, realiza um exercício de pensamento com a consciência do hoje e não com a cabeça que tinha anos atrás: “a recordação é, pois, um trabalho de organização de fragmentos, reunião de pedaços de pessoas e de coisas, pedaços da própria pessoa que boiam no passado confuso e articulação de tudo criando com ele um *mondo novo*” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 202). Quem lembra organiza os cacos da própria vida, mas o historiador (se não quiser cair em armadilhas que impõem uma “verdade” sobre o passado) deve se esforçar para perceber as falhas nas junções dos cacos, desorganizando-os e reunindo-os novamente. O resultado do mosaico poderá ser diferente do esperado, e não será isso o mais interessante?

Claro que as lembranças de Lira nos causaram bastante dúvida e receio. Afinal, como lidar com a acidez deste homem, com sua “verdade” incontestável, com essas lembranças tão doloridas? Porém, não podemos deixar de levar em consideração que o ofício do historiador é um ato de violência contra as memórias. Nós precisamos deflorá-las, destrinchá-las para enfim, com “as armas dos conceitos, do pensamento e da razão”, gestar a História (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 206). Não existe lado bom ou mau, assim como não existe exercício de reflexão crítica sem a violação dos limites internos da memória. Sem isso nunca poderíamos descobrir as dife-

renças e os rasgos escondidos nos discursos. Por isso o ofício do historiador é definitivamente um parto difícil.

Como vimos, Padre Lira era essa figura multifacetada, mas acima de tudo contestadora. Incansável crítico das novidades e da falta de “zelo” pelo passado, Padre Lira escolheu ser o paladino de Sobral, defensor da história sobralense e propagador de sua memória. E como todo defensor estrênuo foi também mal compreendido por muitos. Tal qual Dom Quixote, via gigantes aterrorizantes devoradores da história, onde os outros viam simples construções modernas e novidades instigantes.

# Bibliografia

ABREU, R. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.

AGUALUSA, J. E. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Rio de Janeiro: Cortez, 2009.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *Nos destinos de fronteiras: história, espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Violar memórias e gestar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História*. Bauru: Edusc, 2007. p. 199-209.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. *O morto vestido para um ato inaugural: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular*. São Paulo: Intermeios, 2013.

AMADO, J. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, M. A. da (Org.). *República em migalhas: história regional e local*. São Paulo: Marco Zero/MCT/CNPq, 1990. p. 7-15.

AMBIEL, V. do C. *Estudos de arqueologia forense aplicados aos remanescentes humanos dos primeiros imperadores do Brasil depositados no monumento à Independência*. 2013. 253 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-27032013-173516/es.php>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

- AMORA, Z. B.; COSTA, M. C. L. Olhando o mar do sertão: as lógicas das cidades médias no Ceará. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 343-378.
- ANDRADE, C. D. de. Cerâmica. In: ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2010a. p. 288.
- ANDRADE, C. D. de. Indicações. In: ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2010b. p. 45.
- ANSART, P. As humilhações políticas. In: MARSON, I.; NAXARA, M. (Org.). *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: Edufu, 2005.
- ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas/SP: Unicamp, 2001. p. 15-36.
- ARAUJO, F. S. de. *História da cultura sobralense*. Sobral: Imprensa Universitária do Ceará, 1978.
- ARAUJO, F. S. de. *Raízes portuguesas do Vale do Acaraú*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1991.
- ARTIÉRES, P. Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.
- ASSMANN, A. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas/SP: Unicamp, 2011.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins fontes, 2000.
- BANN, S. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. Tradução de Flávia Villas Boas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994.
- BARRETO, L. *Os Bruzundangas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.
- BARROS, J. D´A. *Cidade e história*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- BATISTA, H. S. de A. *Assim na morte como na vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e Desporto, 2002. (Coleção Outras Histórias, v. 14).

BATISTA, P. V. P. *Arquivo de si e do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892-1938)*. 2014. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

BORGES, J. L. Funes, o memorioso. In: BORGES, J. L. *Prosa completa*. Barcelona: Bruguera, 1979. v. 1. p. 477-484.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 183-191.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: Papirus, 1996.

BRASIL. Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 13 set. 1969.

BRASIL. Decreto nº 68.065, de 14 de janeiro de 1971. Regulamenta o Decreto-lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 15 de jan. 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-68065-14-janeiro-1971-409991-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 7 jun. 2015.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 12 ago. 1971.

BURKE, P. História como memória social. In: BURKE, P. *Variedades de história cultural*. São Paulo/Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.



BURKE, P. (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

CÂNDIDO, M. M. D. *Imagens de vida, trabalho e arte: coleção de imaginária do Museu Diocesano Dom José (Sobral/CE)*. 1997. (Monografia em Licenciatura Plena em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1997.

CALVINO, Í. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARIDE, H. E. O polvo, a mancha e a megalópole. O urbanismo como representação. Buenos Aires, 1927-1989. In: BRESCIANI, M. S. (Org.). *Palavras da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 41-75.

CATROGA, F. Ainda será a história mestra da vida? In: RIOS, K. S.; FILHO, E. F. (Org.). *Em tempo: história, memória, educação*. Fortaleza: imprensa universitária, 2008. p. 9-38.

CATROGA, F. *Memória, história e historiografia*. Lisboa: Quarteto, 2001.

CATROGA, F. *Nação, mito e rito: religião civil e comemoracionismo*. Fortaleza: Edições Nudoc/Museu do Ceará, 2005.

CATROGA, F. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal, 1756-1911*. Coimbra: Livraria Minerva, 1999.

CATROGA, F. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva, 1999.

CERTEAU, M. de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CERTEAU, M. de. A operação histórica. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (Org.). *História: novos problemas*. 4. ed. Rio de Janeiro, 1995.

CHARTIER, R. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CORDEIRO, J. M. Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 43, p. 85-104, jan./jun. 2009.

COSTA, L. da. *Sobral do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 1982.

COSTA, L. da. *Sobral: cidade das cenas fortes*. Rio de Janeiro: São Paulo: Fortaleza: ABC, 2003.

- COSTA, E. M. L. da. *Sociabilidade e cultura das elites sobralenses: 1880-1930*. Fortaleza: Secult, 2011.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DETIENNE, M. *Cómo ser autóctono: del puro ateniense al francés de raigambre*. Argentina: Fondo de Cultura Econômica, 2005.
- DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: USP, 2009.
- NEVES, F. de C. Estranhos na Belle Époque: a multidão como sujeito político (Fortaleza, 1877-1915). *Trajetos*, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 113-138, 2005.
- ECO, U. *Construir o inimigo e outros escritos ocasionais*. Portugal: Gradiva, 2011. p. 7-35.
- ENRIQUEZ, E. O outro, semelhante ou inimigo? In: NOVAES, A. (Org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 45-60.
- FARGE, A. *O sabor do arquivo*. São Paulo: USP, 2009.
- FERRO, M. La biographie, cette handicapée del ´histoire. *Le Magazine Littéraire*, França, n. 264, abril, 1989.
- FERRO, M. *O ressentimento na História*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- FERREIRA, L. de M. *Memória social, imaginário e representação no Álbum do Centenário de Sobral - 1941*. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2010.
- FILGUEIRAS, J. M. *A Educação Moral e Cívica e sua produção didática: 1969-1993*. 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em <[http://www.sapientia.pucsp.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3301](http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3301)>. Acesso em: 6 jan. 2015.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- FREITAS, N. A. de. *O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral*. 2005. 297 f. Tese (Doutorado em Sociologia) -

Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

FREITAS, N. A. de. *Sobral: opulência e tradição*. Sobral: Edições UVA, 2000.

GIBRAN, K. G. *O precursor*. Rio de Janeiro: ACIG, S/d.

GOMES, Â. de C. (Org.). *Escrita de si: escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUIMARÃES, M. L. S. Reinventando a tradição: sobre antiquariado e escrita da história. In: RIOS, K. S.; FILHO, E. F. (Org.). *Em tempo: história, memória, educação*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2008. p. 39-79.

GUIMARÃES, M. L. S.; RAMOS, F. R. L. (Org.). *Futuro do pretérito: escrita da história e história do museu*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica, 2010.

GUNN, P.; CORREIA, T. de B. O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade. In: BRESCIANI, M. S. (Org.). *Palavras da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 227-260.

HAGUETE, T. M. F. As elites sobralenses na década de 40. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, v. 105, ano CV, 1991.

HAROCHE, C. Elementos para uma antropologia política do ressentimento: laços emocionais e processos políticos. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas/SP: Unicamp, 2001. p. 333-349.

HARTOG, F. Tempos do mundo, história, escrita da história. In: GUIMARÃES, M. L. S. (Org.). *Estudos sobre a escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

HÖFLING, E. de M. *A concepção de cidadania veiculada em livros didáticos de estudos sociais do primeiro grau*. 1981. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1981. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000086136&opt=1>>. Acesso em: 6 jan. 2015.

HOLANDA, C. R. *A construção do templo da história: Eusébio de Sousa e o Museu Histórico do Ceará (1932-1942)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2004. (Coleção Outras Histórias, 28).

JELIN, E. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI Editores S/A., 2002.

KHÉDE, S. S. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática S.A., 1990. (Série Princípios).

KILSZTAJN, I. A. B. *História e memória nos manuais didáticos*. 1987. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1987. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtl\\_s000017979&opt=4](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtl_s000017979&opt=4)>. Acesso em: 6 jan. 2015.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: para uma semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC/Rio, 2006.

KOSELLECK, R. História como conceito mestre moderno. In: KOSELLECK, R. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 185-225. (Coleção História e Historiografia).

LE GOFF, J. *História e memória*. 13. ed. Campinas/SP: Unicamp, 2013.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LUCA, T. R de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/128629778/de-luca-tania-regina-historia-dos-nos-e-por-meio-dos-periodicos#scribd>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

MAGALHÃES, A. M. *Culto da saudade na casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura e Desporto, 2006.

MARQUES, T. C. S. Frágeis e perigosos: a repercussão internacional da violência contra estrangeiros durante o golpe de 1973 no Chile. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 182-198, jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/13327>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

MARTINS, V. *Homens e vultos de Sobral*. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC/Stylus Comunicações, 1989.

MATIAS, A. *Reflexões sobre a vaidade dos homens e carta sobre a fortuna*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005. (Coleção Pensamento Português).

MELO, F. D. *Identidades genealógicas*: Sobral para sempre. s/d. Disponível em: <[http://www.ce.anpuh.org/1342406344\\_ARQUIVO\\_Identidadesgenealogicas.pdf](http://www.ce.anpuh.org/1342406344_ARQUIVO_Identidadesgenealogicas.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2015.

MELO, F. D. *Os intelectuais da Academia Sobralense de Estudos e Letras - ASEL - e a invenção da cidade letrada (1943-1973)*. 2013. 432 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

MELO, F. D. et al. Livros, leituras e produção de significados do historiador Padre João Mendes Lira. *Caderno de Resumos do XIII Enepet*, 2014. Disponível em: <<http://www.portalpet.feis.unesp.br/media/grupos/pet-computacaoufcg-campinagrande/atividades/xiii-eneper/artigos/Resumo%20Enepet.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2015.

MELO, F. E de. *A cultura cívica na educação cearense (1963-1973)*: na tapeçaria da história, entre o livro da professora e os festejos à pátria e ao progresso. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

MENESES, U. T. B. de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.

MENESES, U. T. B. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, p. 89-103, 1998. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/dyGW7>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

NIETZSCHE, F. W. *Segunda consideração intempestiva*: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. (Conexões, 20).

- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NUNES, D. F.; MAUAD, A. M. Discurso sobre a morte consumada: monumento aos Pracinhas. In: KNAUSS, P. (Org.). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. p.73-92.
- OLIVEIRA, A. A. R. de. *Juntar, separar, mostrar: memória e escrita da história do Museu do Ceará (1932-1976)*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secult, 2009. (Coleção Outras Histórias, 53).
- OLIVEIRA, J. J. de. *A Casa do Ceará e um pouco de sua História*. Disponível em: <<http://www.casadoceara50anos.com.br/>>. Acesso em: 3 jun. 2014.
- OLIVEIRA, V. B. de. O consumo retrô: valorizando o passado, evocando emoções. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO E MERCADO, 2., 2012, São Paulo, *Anais...* São Paulo: Universidade Mackenzie, 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/13065796-O-consumo-retro-valorizando-o-passado-evocando-emocoes.html>>. Acesso em: 7 maio 2015.
- PEREIRA, P. C. X. Cidade: sobre a importância de novos meios de falar e de pensar as cidades. In: BRESCIANI, M. S. (Org.). *Palavras da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 261-284.
- PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- PINHEIRO, F. J. O processo de romanização do Ceará. In: SOUSA, S. (Org.). *História do Ceará*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1997.
- PRANDI, C. Tradições. In: *Enciclopédia Einaudi*. Direção de Ruggiero Romano. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1997. v. 36.
- PRIORE, M. D. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Revista Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 7-16, jul./dez. 2009. Disponível em: <[http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/topoi19/topoi%2019%20-%202001%20artigo%201.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi19/topoi%2019%20-%202001%20artigo%201.pdf)>. Acesso em: 11 maio 2015.
- PROST, A. Os tempos da História. In: PROST, A. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 95-114.

RAMOS, F. R. L. *O fato e a fábula: o Ceará na escrita da História*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012.

RAMOS, F. R. L.; SILVA FILHO, A. L. M. (Org.). *Cultura e memória: os usos do passado na escrita da História*. Fortaleza: NDC-UFC/Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

RAMOS, F. R. L.; SILVA FILHO, A. L. M. (Org.). *Museu do Ceará 75 anos*. Fortaleza: Associação Amigos do Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2007. (Coleção Memória do Museu do Ceará, v. 2).

REVEL, J. A biografia como problema historiográfico. In: REVEL, J. *História e Historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: UFPR, 2010. p. 235-248.

RIBEIRO, M. E. de B. Memória em bronze: estátua equestre de D. Pedro I. In: KNAUSS, P. (Org.). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. p. 15-28.

RIVIÈRE D'ARC, H. Linguagem internacional e técnica sobre a cidade: qual o consenso com a linguagem popular? Exemplos nas cidades brasileiras e mexicanas. In: BRESCIANE, M. S. (Org.). *Palavras da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 305-316.

ROCHA, H. *O lado esquerdo do Rio*. São Paulo: Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo; Sobral: Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabogosa, 2003.

RODRIGUES, J. H. A tradição, a memória e a história. In: RODRIGUES, J. H. *Filosofia e História*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 29-48.

SAMPAIO, F. *História do Ceará*. São Paulo: Editora do Brasil S/A.

SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHORSKE, C. E. A ideia de cidade no pensamento europeu: de Voltaire a Spengler. In: SCHORSKE, C. E. *Pensando com a história: indagações na passagem para o modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCOTT, W. *O antiquário*. Lisboa: Livraria Romano Torres, 1964.

SILVA, A. C. R. da. Espaço para um museu nômade: discursos no Museu do Ceará. *Embornal: Revista Eletrônica da Associação Nacional de História*, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 2010. Disponível em: <[http://www.ce.anpuh.org/embornal2/Ana\\_Carolina.pdf](http://www.ce.anpuh.org/embornal2/Ana_Carolina.pdf)>. Acesso em: 9 maio 2015.

SILVA FILHO, A. L. M. *Fortaleza: imagens da Cidade*. 2. ed. Fortaleza: Museu do Ceará Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2004.

STALYBRASS, P. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SOARES, J. T. *Os caminhos de Dom José*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2004.

SOARES, J. T. (Org.). *Padre Lira: eternamente sacerdote*. Sobral: Edições UVA, 2005a.

SOARES, J. T.; SOARES, M. N. M. (Org.). *Sobral de Dom José*. Sobral: Edições UVA, 2005b.

SÓFOCLES. *Édipo Rei-Antígona*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

TANNO, J. L. Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda dos registros de si. *Revista Patrimônio e Memória*, v. 3, n. 1, p. 110-120, 2007. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/46>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

VIANA, J. Í. B. *O instituto cultural do Cariri e o centenário do Crato: memória, escrita da história e representações da cidade*. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

WOLFF, F. Quem é bárbaro? In: NOVAES, A. (Org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 19-43.

## **Jornal Correio da Semana (1970-1979)**

131 ANOS de existência. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1972. p. 3.



1841 - SOBRAL - 1978. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 327, 14 jan. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

A COMISSÃO científica de exploração. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 236, 24 jan. 1976. Coluna Nossa História, p. 2.

A CRISE está chegando a Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 190, 18 jan. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

A EVOLUÇÃO da Praça São João. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 193, 15 fev. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

A EVOLUÇÃO da Praça São João. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 193, 15 fev. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

A EVOLUÇÃO social de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 40, 22 jan. 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

A EVOLUÇÃO social de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. XXXV, 11 dez. 1971. Coluna Nossa História, p. 2.

A HISTÓRIA da eletrificação de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 194, 22 jan. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

A HISTÓRIA de hoje. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 195, 1 mar. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

A HISTÓRIA do presente. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 185, 14 dez. 1974. Coluna Nossa História, p. 2.

A MISSÃO. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 223, 18 out. 1975. Coluna Nossa História, p. 2.

A NOSSA transformação social. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 347, 10 jun. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

A SOLIDEZ das nossas bases econômicas sociais e intelectuais. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 328, 21 jan. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

A SUJEIRA do mercado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 19 jun. 1976. p. 6.

A VIDA de D. José no Colégio Pio Americano e na Universidade Gregoriana de Roma. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 203, 17 maio 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

ANIVERSÁRIO DA Cidade. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1970. p. 6.

AS ENCHENTES do Acaraú de 1924 e 1974. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 13 abr. 1974. p. 3.

AS INUNDAÇÕES de 1974. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 133.2, 27 abr. 1974. Coluna Nossa História, p. 2.

AS TESTEMUNHAS do passado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 124, 6 dez. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

AVE SOBRAL. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1970. p. 3.

BRASÍLIA ESTUDA medidas para a poluição em Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 21 ago. 1976. p. 1.

CIDADE ABANDONADA. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 23 set. 1972, p. 1.

CONDECORAÇÕES A sobralenses ilustres. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 344.2, 17 jun. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

CONHECENDO NOSSA cidade. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 112, 10 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

CRENDICE POPULAR. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 10 jul. 1971. p. 1.

D. JOSÉ e a História. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 206, 21 jun. 1975. p. 3. Coluna Nossa História, p. 3. C.

DA SEMANA da Pátria. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 16 set. 1971. p. 5.

DOMINGOS OLÍMPIO, sua vida e sua obra. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 15 out. 1977. p. 1.

ESCURIDÃO VEM facilitando a ação de ladrões. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 ago. 1972. p. 6.

ESTIAGEM LEVA famintos ao saque. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 11 abr. 1970. p. 1.

FALARAM O São João e a Cadeia... *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. LXXVI, 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

- FELIZ Aniversário. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1970. p. 6.
- GRANDES SOBRALENSES. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Coluna Nossa História. Cap. 125, 15 dez. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.
- GROÁIRAS A cidade mãe. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Coluna Nossa História. Cap. 202, 10 maio 1975. Coluna Nossa História, p. 2.
- HISTÓRIA DE Sobral em 10 minutos. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. XLVIII, 5 fev. 1972. Coluna Nossa História.
- INAUGURADO O Museu Dom José. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 13 mar. 1971. p. 1.
- INUNDAÇÕES E DESABAMENTOS em Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 14 abr. 1973. p. 6.
- JORNAL CORREIO da Semana, Sobral, 18 abr. 1970. Coluna Administração, Economia e Finanças, p. 6.
- LIMPEZA DA cidade é dever de todos que a habitam. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 23 dez. 1972. p. 6.
- LIMPEZA PÚBLICA. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 9 dez. 1971. p. 1.
- MINHA PROMOÇÃO ao episcopado (extraído da autobiografia de D. José). *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 187, 28 dez. 1974. Coluna Nossa História, p. 3.
- O APARECIMENTO e desaparecimento das lideranças. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 343, 6 maio 1978. Coluna Nossa História, p. 2.
- O HISTÓRICO ano de 1926 para Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 122, 24 nov. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.
- O JOGO DO bicho afronta autoridades. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 7 abr. 1973. p. 1.
- O LIVRO inédito de D. José (sua autobiografia). *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 184, 7 dez. 1974. Coluna Nossa História, p. 2.
- O MUSEU Diocesano de Sobral *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 340, 15 abr. 1978. Coluna Nossa História, p. 2.
- O NOSSO legado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 94, 7 abr. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

O NOSSO mundo social em 1929. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 222, 11 out. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

O PADRE Fialho. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. LXXIV, 30 set. 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

O QUE ANTÔNIO Bezerra disse de Sobral. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 97, 5 maio 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

O QUE ESTÃO fazendo com nossos prédios. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 138, 22 jun. 1974. Coluna Nossa História, p. 2.

O ROMPIMENTO com o passado. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 135, 9 mar. 1974. Coluna Nossa História, p. 5.

OS MONUMENTOS. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 188, 4 jan. 1975. Coluna Nossa História, p. 3.

OS NOSSOS monumentos. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 113, 8 set. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

OS RESTOS mortais dos que fizeram nossa História. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 307, 2 jul. 1977. Coluna Nossa História, p. 2.

PADRE LIRA em noite de autógrafo *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 5 nov. 1977. p. 1.

PARABÉNS SOBRAL. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 12 jan. 1972. p. 1.

PE. LIRA visitou o túmulo de Domingos Olímpio. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 24 dez. 1976. p. 5.

POBRE SOBRAL. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 20 dez. 1975. p. 1.

POBREZA É isto... *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 13 jan. 1979. p. 1.

PODRIDÃO HORRÍVEL! *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 14 ago. 1976. p. 1.

PRINCESA... *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 19 ago. 1972. p. 3.

PROPAGANDAS NEGATIVAS. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 2 ago. 1975. p. 1.

QUEREMOS PARTICIPAR do progresso. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 11 out. 1975. p. 2.

SOBRAL COMEMOROU festivamente seus 129 anos. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 17 jan. 1970. p. 1.

SOBRAL DE 1870. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 116, 6 out. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

SOBRAL DESNUDA. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 15 nov. 1975. p. 2.

SOBRAL EM 1887. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 254, 29 maio 1976. Coluna Nossa História, p. 2.

SOBRAL EM 1927. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 258, 26 jun. 1976. Coluna Nossa História, p. 2.

SOBRAL EM 1928. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 105, 14 jul. 1973. Coluna Nossa História, p. 2.

SOBRAL NA opinião de A. Bezerra. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 239, 7 jan. 1976. p. 3.

SOBRAL E Fortaleza. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 21 fev. 1976. p. 2.

SOBRAL NA opinião de Humberto Campos *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 105 e 144, 30 jun. 1973 e 3 ago. 1974. p. 2.

SOBRAL NA opinião de Pimentel Gomes. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. LXVIII, 19 ago. 1972. Coluna Nossa História, p. 2.

SOBRAL, CIDADE do barulho. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 6 nov. 1971. p. 1.

SOBRAL ONTEM e hoje. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 345, 20 maio 1978. Coluna Nossa História, p. 2.

SOBRAL PRESENTE. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 26 jun. 1976. p. 1.

SUDEC FAZ levantamento dos prejuízos em Sobral/Protesto pelo desrespeito. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 1 jun. 1974. p. 1.

TRÊS CASAS comerciais arrombadas ao meio dia no Centro. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 8 abr. 1972. p. 1.

UM DOCUMENTÁRIO. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. 133.3, 18 maio 1974. Coluna Nossa História, p. 2.

UM RETRATO de Sobral antigo. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, Cap. CDXLVII, 1981. Coluna Nossa História, p. 2.

VAMPIROS E cismos em Sobral?! *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 25 set. 1971. p. 6.

VIOLÊNCIA E descaso. *Jornal Correio da Semana*, Sobral, 9 ago. 1975. p. 6.

## **Livros de João Mendes Lira**

LIRA, J. M. *A vida e obra de Dom José Tupinambá da Frota - primeiro bispo de Sobral: 1882-1982*. Centenário de seu nascimento. Sobral/CE: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

LIRA, J. M. *De Caiçara a Sobral*. Sobral/CE: [s. n.], 1971a.

LIRA, J. M. *História do abrigo Sagrado Coração de Jesus - Construído por D. José Tupinambá da Frota para a velhice desamparada* (uma outra face de D. José Tupinambá da Frota). Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1988a.

LIRA, J. M. *O eclipse total do sol: visto e observado em Sobral no dia 29 de maio de 1919: uma homenagem ao Gênio de Einstein*. Sobral/CE: [s. n.], 1979.

LIRA, J. M. *O livro inédito de Dom José Tupinambá da Frota - 1º Bispo de Sobral*. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1991.

LIRA, J. M. *O meu encontro com a vida e com a morte*. Sobral/CE: Sobral Gráfica Ltda., 2002.

LIRA, J. M. *Nossa História*. Sobral/CE: [s. n.], 1971b.

LIRA, J. M. *Sobral dentro da área dos Estudos Sociais*. 8. ed. Sobral/CE: [s. n.], 1988b.

LIRA, J. M. *Sobral na História do Ceará e a Personalidade do Padre Ibiapina*. Sobral/CE, [s. n.], 1976.

LIRA, J. M. *Sobral sua história documental e a personalidade de D. José*. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

LIRA, J. M. *Subsídios para a história política e eclesiástica do Ceará*. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1984.

LIRA, J. M. *Uma visão sócio-histórico e cultural dos vinte e cinco anos de existência da Faculdade de Filosofia Dom José, de Sobral*. Rio de Janeiro: Cia Brasileira de Artes Gráficas, 1986.

LIRA, J. M. *Vida e obra de Domingos Olympio*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1977.

## Impressos e digitais

ATA DA REUNIÃO de 20 de julho de 1972. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Tomo de 1972. Série Atas das Sessões. CD-ROM n. 2.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. Conselho Estadual de Educação do Ceará. *Parecer nº 337/87 do Conselho de Educação do Ceará*.

CENSO DEMOGRÁFICO DO CEARÁ - 1960. IBGE: Série Regional, v. I - Tomo IV.

CENSO DEMOGRÁFICO DO CEARÁ - 1970. IBGE: Série Regional, v. I - Tomo VII.

DISCURSO PRONUNCIADO a 09 de julho de 1972 por Governador César Cals de Oliveira Filho: Honra aos despojos imperiais. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Tomo Especial, p. 175-177, 1972. Comemorativo do Sesquicentenário de Independência do Brasil. CD-ROM n. 2. (Série Documentários).

LINHARES, M. F. A. Apontamentos para a história e corografia do município e cidade de Sobral. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*, Fortaleza, Anno LV, p. 234-251, 194.

MONTALBO, A. de. Dom Pedro I à luz do Sesquicentenário. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Tomo Especial, p. 161-154, 1972. (Comemorativo do Sesquicentenário de Independência do Brasil. CD-ROM n. 2. (Série Programação Geral).

NEM SÓ DE PIB vive o homem? *Revista Veja*, São Paulo, n. 361, p. 88-93, 6 ago. 1975. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 20 out. 2014.

PESSOA, J. R. Notícias da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Caissara. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Tomo II, Ano II, p. 136-143, 147-150, 1888. CD-ROM n. 1.

PONTE, J. F. da. Famílias endogâmicas do Vale do Acaraú. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Tomo de 1972, p. 97-102. CD-ROM n. 2.

PROGRAMAÇÃO GERAL. Dom Pedro I e o Instituto do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Tomo Especial de 1972. Comemorativo do Sesquicentenário de Independência do Brasil. CD-ROM n. 2. (Série Programação Geral).

PROJETO Sobral. *Plano geral*: relatório da primeira etapa. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1964.

SOARES, J. T. (Org.). *Padre Lira*: eternamente sacerdote. Sobral: Edições UVA, 2005a

SOBRAL. Prefeitura Municipal. *I Plano Diretor de Sobral*: 1967-1970. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1967.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. O artesanato do chapéu de palha na área de influência de Sobral. Fortaleza: UFC, 1967.

VII RECENSEAMENTO GERAL - 1960.

VIII RECENSEAMENTO GERAL - 1970.



# A autora

## **Ana Carolina Rodrigues da Silva**

Nasceu em Fortaleza (CE) em 1985. É licenciada em História (2013) e mestre em História Social (2015) pela Universidade Federal do Ceará. Trabalhou como educadora e conservadora de acervos museológicos na Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, Museu do Ceará e Sobrado Dr. José Lourenço (2008-2013). Foi pesquisadora e colaboradora em diversas obras, dentre elas *A Televisão no Ceará (1959-1966)*, de Gilmar de Carvalho (2010), *Almanaque Juazeiro 100 anos*, Jornal O Povo e Fundação Demócrito Rocha (2011), *Escritos sobre Antônio Conselheiro e a Matriz de Quixeramobim*, de Ismael Pordeus (Coleção Outras Histórias, v. 65, 2011) e *As artes de Zenon Barreto - traços, cores e formas*, de Estrigas (Coleção Outras Histórias, v. 66, 2012).



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará – UFC  
Av. da Universidade, 2932 – fundos – Benfica  
Fone: (85) 3366.7485 / 7486  
CEP: 60020-181 – Fortaleza – Ceará  
[imprensa.ufc@pradm.ufc.br](mailto:imprensa.ufc@pradm.ufc.br)



**Os livros** que compõem esta coleção são oriundos de monografias, dissertações e teses feitas no âmbito do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e premiadas na Semana de Humanidades. Além de incentivar as produções discentes, espera-se com isso divulgar trabalhos de pesquisa primorosos que atentem para questões da sociedade contemporânea.

Com isso, a universidade cumpre seu papel de ser propulsora do conhecimento e de contribuir para a divulgação científica que tem um papel fundamental na construção de uma sociedade mais democrática e transparente.

